

ITAMAR ZUQUETO SERRA NETO

**A INFLUÊNCIA DO PROCEDIMENTO SEQUÊNCIA DIDÁTICA NO
APRENDIZADO DA CONFIGURAÇÃO GENÉRICA DA RESENHA ACADÊMICA E
NO USO DA PARÁFRASE**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2012

**Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV**

T

S487i
2012

Serra Neto, Itamar Zuqueto, 1975-

A influência do procedimento sequência didática no
aprendizado da configuração genética da resenha acadêmica
e no uso da paráfrase / Itamar Zuqueto Serra Neto.

– Viçosa, MG, 2012.

xv, 149f. : il. (algumas col.) ; 29cm. + CD-ROM

Inclui anexos.

Contém CD-ROM com anexos 9 e 10.

Orientador: Adriana da Silva.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f. 127-132.

1. Elaboração de resenhas. 2. Ensino. 3. Paráfrase.
4. Língua portuguesa - Gênero. I. Universidade Federal de
Viçosa. II. Título.

CDD 22. ed. 808.066

ITAMAR ZUQUETO SERRA NETO

**A INFLUÊNCIA DO PROCEDIMENTO SEQUÊNCIA DIDÁTICA NO
APRENDIZADO DA CONFIGURAÇÃO GENÉRICA DA RESENHA ACADÊMICA E
NO USO DA PARÁFRASE**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 29 de março de 2012.

Antônio Luiz Assunção

Cristiane Cataldi dos Santos Paes

Adriana da Silva
(Orientadora)

Dedico este trabalho ao meu Deus, à minha esposa, aos meus mestres, familiares e amigos por fazerem parte da minha vida e de minha formação.

AGRADECIMENTOS

A meu Deus, Senhor da vida, do possível e até do impossível, por ter estado ao meu lado e me ajudado a concluir esta importante etapa de minha vida.

Aos meus pais biológicos, Itamar Fonseca Serra e Vitória Zuqueto Serra, por terem sido os instrumentos por meio dos quais Deus me trouxe ao mundo.

À minha avó, Sebastiana Fonseca Serra, por ter assumido, com muita dificuldade e luta, a responsabilidade pela minha criação e escolarização básica.

À minha tia, Luzia de Oliveira Serra, por ter me ensinado a importância de seguir a Jesus Cristo.

À minha esposa, Mízia Santos Vieira Serra, pelo amor, companheirismo e dedicação em todos os momentos da minha vida nestes sete anos em que estamos casados.

Aos irmãos e amigos da Igreja Adventista do Sétimo Dia de Marabá, Altamira e Viçosa pelas orações, apoio e amizade.

À minha orientadora, Profa. Dra. Adriana da Silva, pela cuidadosa orientação de meu trabalho, por ter acreditado em minha capacidade, pelas constantes palavras de apoio e motivação, pela paciência, pela atenção, por ter me ensinado a aprender e por ter me feito ir muito mais longe do que imaginei que pudesse.

Às Professoras Ana Maria Ferreira Barcelos, Wânia Terezinha Ladeira, Mônica Santos de Souza Melo e Maria Carmen Aires Gomes, pelos valiosos ensinamentos e pela amizade.

À Professora Cristiane Cataldi e ao Professor Antônio Luiz Assunção pelas valiosas sugestões oferecidas a este trabalho.

À Professora Mônica Moreira pela revisão e valiosos comentários oferecidos a este trabalho.

Ao Coordenador do Mestrado, Professor Gerson Luiz Roani, pelas palavras de incentivo e de motivação.

À Adriana Santana, Secretária do Programa de Pós-Graduação em Letras, pela atenção, presteza, competência e amizade.

A Douglas, Fernando, Enzo, Ádini, Rosália, Rosimi, Gisele, Rosany, Suelen, Marta, Elaine, Renan, Leonardo, meus colegas do Mestrado, pela amizade, pelas sugestões dadas aos meus trabalhos, pelas risadas e também pela agradável convivência.

A todos os meus professores da educação básica e do SENAI de Marabá, especialmente a Raimunda Mota, Maria Belarmina, Lita, Arlete, Joel Taveiro, Marlene,

Luzania, Cesar, Miguel, Socorro, Nanete, Murilo, Olavo, Carvalho, Clesio, Estanislau, Amoras e Eurlene, pela dedicação, amizade e competência, mesmo não dispendo das melhores condições para realizarem seu trabalho.

A todos os meus professores do Curso de Letras da Universidade Federal do Pará, Campus de Marabá, especialmente a Gilson Penalva, Austria Brito, Nilsa Brito, Vânia Galvão, Tânia Pantoja e Eliane Machado, pelos valiosos ensinamentos.

A todos os colegas de trabalho do Campus Universitário da Universidade Federal do Pará em Altamira, especialmente a João Jesus, Cesar, Antonia, Ivonete, Paulo Lucas, Luciano, Bayma, Fernando, Raquel, Paulo Jorge, Miguel, Rainério, Djair, Plácido, Warlivan, Rogério, Roberta, Carmen, Rosinaldo, Juliete, Alcione, Mário, Irlanda, Creusa, Ana, Lineide, Nega, Raimundo Pires, Geremias, Iselino e Fábio, pela acolhida e amizade oferecida desde que iniciei minha atividade docente na Faculdade de Letras.

À Universidade Federal do Pará, por haver concedido o apoio financeiro.

Aos alunos que participaram deste estudo, pela dedicação, pelo envolvimento com o trabalho, por permitirem a análise e divulgação dos dados e por terem contribuído para que eu pudesse ver com maior profundidade o processo de ensino-aprendizagem da escrita acadêmica.

À Universidade Federal de Viçosa, por ter feito parte de minha vida nestes dois anos.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS	viii
LISTA DE TABELAS	x
LISTA DE FIGURAS	xi
RESUMO	xiii
ABSTRACT	xv
1 INTRODUÇÃO	01
2 REFERENCIAL TEÓRICO	09
2.1 Gênero	11
2.2 Algumas considerações sobre a perspectiva de Swales quanto aos gêneros textuais	14
2.2.1 Algumas considerações sobre o modelo CARS e sua utilização nesta pesquisa..	20
2.3 Algumas considerações sobre a perspectiva da Escola de Genebra quanto aos gêneros textuais	24
2.4 Retextualização	26
2.5 Paráfrase	28
2.5.1 Considerações sobre intertextualidade e paráfrase na constituição da autoria..	36
3 CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DOS ASPECTOS METODOLÓGICOS	40
3.1 Os participantes do estudo realizado	41
3.2 Considerações sobre o procedimento SD	42
3.3 Instrumentos de coleta de dados	47
3.3.1 O questionário de sondagem	47
3.3.2 Apresentação do texto de partida	48
3.3.3 O questionário de compreensão	48
3.3.4 A primeira produção da resenha	49
3.3.5 A produção final da resenha	49
3.4 Procedimentos de análise dos dados	50
3.4.1 A análise dos dados do questionário de sondagem	50
3.4.2 A análise dos dados do questionário de compreensão	50
3.4.3 A análise das primeiras produções	51
3.4.4 A análise das segundas produções	53
3.5 Análise comparativa das produções textuais	54
4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS	55

4.1	Questionário de sondagem	55
4.2	Questionário de compreensão	64
4.3	Ocorrências de movimentos retóricos na primeira e última versões das resenhas.	70
4.4	Ocorrências de paráfrase na primeira e última versões das resenhas	75
5	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	80
5.1	Resultados do questionário de sondagem a respeito da escrita do gênero resenha	80
5.2	Resultados do questionário de compreensão	84
5.3	Análise comparativa das ocorrências de movimentos retóricos detectados na primeira e última versões das resenhas dos participantes	88
5.3.1	Movimento 1 - Apresentar o objeto (artigo)	88
5.3.2	Movimento 2 - Descrever o objeto (artigo)	93
5.3.3	Movimento 03 - Avaliar o objeto (artigo)	94
5.3.4	Movimento 04 - Recomendar ou não recomendar o objeto (artigo)	97
5.3.5	Comparação das duas versões das produções textuais dos participantes	99
5.4	Análise comparativa das ocorrências de paráfrase detectadas na primeira e última versão das resenhas produzidas pelos participantes	104
5.4.1	Cópia	106
5.4.1.01	Cópia sem referência ao autor (1. CSRA)	106
5.4.1.02	Cópia com referência ao autor (2. CCRA)	107
5.4.2	Transcrição com referência ao autor (TCRA)	108
5.4.3	Paráfrase	109
5.4.3.01	Sem referência ao autor (1. PSRA)	110
5.4.3.02	Com referência ao autor (2. PCRA)	111
5.4.3.03	Com substituição lexical e sem referência ao autor (3. PCSLSRA)	113
5.4.3.04	Com substituição lexical e com referência ao autor (4. PCSLCRA)	114
5.4.3.05	Com substituição lexical, modificação sintática e sem referência ao autor (5. PSLMSSRA)	115
5.4.3.06	Com substituição lexical, modificação sintática e com referência ao autor (6. PSLMSCRA)	116
5.4.3.07	Com reconstrução textual, utilizando as próprias palavras e sem referência ao autor (7. PCRTXSRA)	118
5.4.3.08	Com reconstrução textual, utilizando as próprias palavras e com referência ao autor (8. PCRTXCRA)	119

5.4.3.09 Comparação das duas versões de produções textuais dos participantes	120
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
6.1. Considerações para futuras pesquisas	125
REFERÊNCIAS	127
ANEXOS	133
ANEXO 01 – Termo Consciente de Consentimento	134
ANEXO 02 – Questionário de sondagem	135
ANEXO 03 – Texto de partida	136
ANEXO 04 – Questionário de compreensão	139
ANEXO 05 – Tabela de contagem de ocorrências dos movimentos retóricos	143
ANEXO 06 – Configuração genérica da resenha acadêmica de artigo	144
ANEXO 07 – Tabela de contagem de ocorrências das paráfrases	145
ANEXO 08 – Cronograma de realização das atividades da Sequência Didática	146
ANEXO 09 – RESENHAS EM CD-ROM (ANÁLISE DOS MOVIMENTOS RETÓRICOS NAS DUAS VERSÕES)	148
ANEXO 10 – RESENHAS EM CD-ROM (ANÁLISE DAS PARÁFRASES NAS DUAS VERSÕES)	149

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Exemplo de cópia	31
Quadro 02 - Exemplo de falsa paráfrase	32
Quadro 03 - Exemplo de transcrição com referência ao autor	32
Quadro 04 - Exemplo de paráfrase com referência ao autor	32
Quadro 05 - Exemplo de paráfrase sem referência ao autor	33
Quadro 06 - Exemplo de paráfrase com substituição lexical e com referência ao autor	33
Quadro 07 - Exemplo de paráfrase com substituição lexical e sem referência ao autor	34
Quadro 08 - Exemplo de paráfrase com substituição lexical, modificação sintática e com referência ao autor	34
Quadro 09 - Exemplo de paráfrase com substituição lexical, modificação sintática e sem referência ao autor	34
Quadro 10 - Exemplo de paráfrase com reconstrução textual e com referência ao autor	35
Quadro 11 - Exemplo de paráfrase com reconstrução textual e sem referência ao autor	35
Quadro 12 - Categorização usada para analisar cópias, transcrições e paráfrases	52
Quadro 13 - Evolução do Movimento 01 exemplificada com trechos das produções dos participantes	89
Quadro 14 - Exemplo da realização do movimento 01 nas duas versões da resenha de um participante	91
Quadro 15 - Exemplo da realização do movimento 01 nas duas versões da resenha de um participante	92
Quadro 16 - Evolução do movimento 02 exemplificada com trechos das produções dos participantes	93
Quadro 17 - Evolução do movimento 03 exemplificada com trechos das produções dos participantes	95
Quadro 18 - Exemplo da realização do movimento 03 nas duas versões da resenha de um participante	97
Quadro 19 - Evolução do movimento 04 exemplificada com trechos de produções dos participantes	98

Quadro 20 - Exemplo da realização do movimento 04 nas duas versões da resenha de um participante	99
Quadro 21 - Comparação das duas versões das produções textuais de um dos participantes	101
Quadro 22 - Exemplo de cópia sem referência	106
Quadro 23 - Exemplo de cópia com referência autoral	107
Quadro 24 - Exemplo do procedimento transcrição	108
Quadro 25 - Exemplo de transcrição nas produções de um participante	109
Quadro 26 - Exemplo de paráfrase sem referência ao autor	110
Quadro 27 - Exemplo de paráfrase com referência ao autor	112
Quadro 28 - Exemplo de uso da paráfrase com substituição lexical e sem referência autoral	114
Quadro 29 - Exemplo de paráfrase com substituição lexical, modificação sintática e sem referência ao autor	116
.....	
Quadro 30 - Exemplo de paráfrase com substituição lexical, modificação sintática e com referência	117
Quadro 31 - Exemplo de paráfrase com reconstrução e sem referência	118
.....	
Quadro 32 - Exemplos de paráfrase com reconstrução textual e com referência autoral	119
Quadro 33 - Comparação das duas produções de P02 quanto ao uso da paráfrase ...	121

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Modelo elaborado para orientar a análise e a escrita de resenhas	23
Tabela 02 - Questão 05 do questionário de sondagem	59
Tabela 03 - Contagem de ocorrências dos movimentos retóricos nas duas versões das resenhas	143
Tabela 04 - Configuração genérica da resenha acadêmica de artigo	144
Tabela 05 - Contagem de ocorrências das paráfrases nas duas versões da resenha.	145

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Modelo CARS para introduções de artigos de pesquisa (SWALES, 1990, p. 141)	21
Figura 02 - Primeira questão do questionário de sondagem	55
Figura 03 - Segunda questão do questionário de sondagem	56
Figura 04 - Questão 03 do questionário de sondagem (Primeira parte)	57
Figura 05 - Questão 03 do questionário de sondagem (Segunda parte)	57
Figura 06 - Questão 04: A primeira disciplina e nível de ensino em que escreveram resenha	58
Figura 07 - Questão 06 do questionário de sondagem	60
Figura 08 - Questão 07 do questionário de sondagem	60
Figura 09 - Respostas da questão 08 do questionário de sondagem	61
Figura 10 - Respostas da questão 09 do questionário de sondagem	62
Figura 11 - Respostas da Questão 10 (Primeira parte) do questionário de sondagem	63
Figura 12 - Respostas da questão 10 (Segunda parte) do questionário de sondagem	63
Figura 13 - Respostas da questão 01 do questionário de compreensão	64
Figura 14 - Respostas da questão 02 do questionário de compreensão	65
Figura 15 - Respostas da questão 03 do questionário de compreensão	65
Figura 16 - Respostas da questão 04 do questionário de compreensão	66
Figura 17 - Respostas da questão 05 do questionário de compreensão	66
Figura 18 - Respostas da questão 06 do questionário de compreensão	67
Figura 19 - Respostas da questão 07 do questionário de compreensão	68
Figura 20 - Respostas da questão 08 do questionário de compreensão	68
Figura 21 - Respostas da questão 09 do questionário de compreensão	69
Figura 22 - Respostas da questão 10 do questionário de compreensão	69
Figura 23 - Quantificação das respostas dadas ao questionário de compreensão ...	70
Figura 24 - Ocorrências de movimentos retóricos nas duas versões da resenha	71
Figura 25 - Passos usados para realizar o movimento 01 nas duas versões da resenha	72

Figura 26 - Passos usados para realizar o movimento 02 nas duas versões da resenha	72
Figura 27 - Passos usados para realizar o movimento 03 nas duas versões da resenha	73
Figura 28 - Passos usados para realizar o movimento 04 nas duas versões da resenha	74
Figura 29 - As ocorrências de movimentos retóricos nas duas versões da resenha ..	74
Figura 30 - Ocorrências de cópia e transcrição nas duas versões da resenha	76
Figura 31 - Ocorrências de paráfrase com e sem referência autoral nas duas versões da resenha	76
Figura 32 - As paráfrases com substituição lexical e modificação sintática nas duas versões das resenhas	77
Figura 33 - As paráfrases com reconstrução textual nas duas versões das resenhas	78
Figura 34 - Gráfico comparativo das paráfrases utilizadas nas duas produções	79

RESUMO

SERRA NETO, Itamar Zuqueto, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, março de 2012. **A influência do procedimento sequência didática no aprendizado da configuração genérica da resenha acadêmica e no uso da paráfrase.** Orientadora: Adriana da Silva.

A presente pesquisa, que se caracterizou como um trabalho qualitativo, de natureza interventiva, pretendeu contribuir e dar continuidade aos estudos desenvolvidos no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa, realizados sob a coordenação da professora Dra. Adriana da Silva. Ela está inserida na linha de pesquisa “Linguística Aplicada: ensino e aprendizagem de língua materna e estrangeira” e se apoia em pressupostos teóricos oriundos da Linguística Aplicada, da Linguística Textual e do Interacionismo Sociodiscursivo. Integra um projeto mais amplo, intitulado “**Retextualização e ensino de língua materna**”, coordenado por essa Docente, que o desenvolve, tendo em vista contribuir para melhorar o processo de didatização dos gêneros que são lidos e escritos na academia. As atividades de ensino e pesquisa foram realizadas com uma turma da disciplina Português Instrumental, com 44 alunos iniciantes em cursos de graduação, de uma Universidade Federal do interior de Minas Gerais. O objetivo principal foi buscar compreender como a retextualização de um artigo em resenha é influenciada pelo procedimento Sequência Didática (SD) em três aspectos: 1) no aprendizado da configuração genérica de uma resenha acadêmica, manifesto no uso dos movimentos retóricos que a configuram por alunos iniciantes em práticas de letramento acadêmico; 2) no desenvolvimento da atividade de compreensão do texto resenhado e 3) na aprendizagem e utilização de uma estratégia de formulação textual: a paráfrase. Antes e durante a realização da SD, foram ministradas oficinas de compreensão de artigos científicos, visando minimizar possíveis dificuldades dos alunos na leitura desse gênero. Os resultados obtidos com a análise dos dados apontaram que o procedimento SD foi favorável ao aprendizado da escrita da resenha, tendo em vista que os alunos pesquisados acrescentaram, na versão final de suas resenhas, movimentos retóricos ausentes nas suas primeiras produções. Foi também favorável ao uso adequado da paráfrase, pois houve significativa ampliação no uso do tipo de paráfrase com reconstrução textual e com referência autoral, acompanhada de uma significativa diminuição nas paráfrases sem referência autoral. Houve também diminuição significativa do

recurso da cópia na versão final da resenha após a realização da SD. A atividade de compreensão do texto-fonte realizada pelos participantes também foi favorecida pela SD, visto que os mesmos demonstraram tê-lo compreendido melhor após os seus módulos.

ABSTRACT

SERRA NETO, Itamar Zuqueto, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, March, 2012. **The influence of didactic sequence procedure in the learning process of academic review and in the use of paraphrase.** Adviser: Adriana da Silva.

The present research is a qualitative work, with interventional nature, and intended to contribute e to continue some studies developed in the Letters Post-Graduate Program in Federal University of Viçosa, coordinated by Professor Dr. Adriana da Silva. It is linked to the research line “Applied Linguistics: teaching and learning of native and foreign language” and is based in theoretical assumptions from Applied Linguistics, Textual Linguistics and *Sociodiscursive Interactionism*. This work is part of a wider project entitled “Retextualization and teaching of native language”, coordinated by this Professor to help to improve the process of teaching textual genres which are read and written in university. The teaching and research activities were developed with a class of Portuguese for Specific Purpose (Português Instrumental), with a group of 44 students starting their graduation courses in a Federal University in Minas Gerais, Brazil. The main purpose was trying to comprehend how the retextualization of a scientific article into a review is influenced by a *didactic sequence* (DS) in three aspects: 1) in the learning of how an academic review is composed shown through specific rhetoric moves used by students who are starting to participate in academic literacy practices; 2) in the development of the reviewed text comprehension activity and 3) in the learning and use of a writing strategy: paraphrase. Before and during the DS, workshops of scientific articles comprehension were executed to reduce possible students’ difficulties in reading this kind of genre. The results obtained through data analysis indicated the DS procedure was favorable to the learning of review writing, considering that the students observed added rhetoric moves in the final version of their reviews which did not have appeared in the first one. The DS procedure was also favorable to the appropriate paraphrase use, because there was an important increase in the use of paraphrase with textual reconstruction and authorial reference. Besides, there was a decrease in copy procedure in the final version of the students’ review, after the DS. The source text comprehension activity performed by the research attendants was favored by the DS also, because they demonstrated to have comprehended this text better after the DS modules.

1 INTRODUÇÃO

As práticas sociais em todas as esferas de atuação humana são mediadas pela linguagem. Ela é a ferramenta usada na construção, descrição e divulgação de todas as ciências. (GERALDI, 2003). Essa mediação propiciada pela linguagem na realização das ações humanas é feita pelos sujeitos por meio da utilização que fazem de instrumentos semióticos complexos: os gêneros orais e escritos. (SCHNEUWLY, 2004). Para agir adequadamente em qualquer contexto social, o homem necessita de contato, bem como de conhecimento adequado dos gêneros dos quais dispõe para realizar sua ação de forma efetiva. (BRONCKART, 1999; SCHNEUWLY, 2004). Quando se leva em consideração o seu papel na atividade humana, não é difícil compreender a razão da grande relevância que a pesquisa sobre os Gêneros tem recebido atualmente nas ciências humanas que se ocupam do estudo da linguagem e do desenvolvimento humano. (BRONCKART, 2006).

Alguns desses gêneros de texto são aprendidos de forma natural, através do contato direto e diário dos sujeitos com eles, no contexto das práticas sociais em que se inserem em seu processo de desenvolvimento, todavia, há outros que necessitam de ensino sistemático, tendo em vista o fato de não fazerem parte do cotidiano dos que tentam se inserir nas práticas sociais que estes mediam e regulam. (BAKHTIN, 2001; SCHNEUWLY; DOLZ, 2004). É o caso dos gêneros acadêmicos, usados para documentar, sintetizar, sistematizar, criticar, avaliar e difundir o conhecimento produzido na esfera científica de atividade humana.

Um dos grandes campos de pesquisa, que vem sendo investigado atualmente no âmbito dos estudos linguísticos do texto e do discurso e também no contexto do programa de pesquisa de uma ciência integrada do Humano: o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), refere-se ao estudo dos gêneros orais/escritos bem como do seu processo de ensino e aprendizagem. (MARCUSCHI, 2002, 2008; KOCH, 2004; KOCH; ELIAS, 2010, 2011; SCHNEUWLY; DOLZ, 2004). Um dos aspectos desta questão que tem ocupado a mente dos estudiosos nos últimos anos diz respeito aos gêneros textuais usados na documentação do processo de leitura, consulta e compreensão de textos acadêmicos. (MACHADO, 1998, 2002; MACHADO et al., 2004, 2009; KLEIMAN, 1989a; THEREZO, 2001, 2006; MATENCIO; SILVA, [s.d.]; GONÇALVES, 2007).

Autores que discutem e se preocupam com o ensino da metodologia do trabalho científico (SEVERINO, 2007; FLICK, 2009; GIBBS, 2009; BOOTH; COLOMB; WILLIAMS, 2008; MACHADO et al., 2004) argumentam em favor da prática da produção

de textos usados para a documentação do aprendizado como um meio de o aluno de graduação, iniciante na “arte da pesquisa”, desenvolver uma compreensão mais crítica do material que estuda, bem como de sua prática de leitura e produção de textos da esfera acadêmica, por meio de um automonitoramento e registro sistemático de seu diálogo com os autores que estuda, mediado pelos textos que lê em seu processo de formação inicial, propiciada pela elaboração de esquemas, anotações corridas, esquemáticas, bem como de outros gêneros acadêmicos, tais como o memorial, voltados para a finalidade de documentar a atividade de estudo.

Dentre os gêneros mais usados por estudantes de graduação na prática da documentação pessoal de seu estudo e pesquisa, destacam-se ainda a escrita de diários, memoriais, relatórios e diferentes tipos de resumos, tais como: os simples, os descritivos e os críticos (THEREZO, 2006), por exemplo. Os dois últimos tipos de resumo são também bastante solicitados por docentes que atuam na educação superior para fins avaliativos. Eles servem como instrumento para avaliar a capacidade que os discentes têm para compreender, criticar e questionar o conteúdo dos textos lidos durante as aulas.

Nesse contexto, a resenha acadêmica se destaca por ser o gênero de texto preferido pelos professores como ferramenta de avaliação. Neste trabalho, entende-se por resenha acadêmica um gênero textual elaborado com a finalidade de apresentar, descrever, avaliar e recomendar ou não a leitura de um trabalho acadêmico escrito (artigo, ensaio, dissertação, tese, livro ou capítulo de livro). Essa definição de resenha apoia-se em Machado et al. (2004) e em Motta-Roth e Hendges (2010).

Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004) afirmam que uma resenha é um gênero textual em que se apresentam informações sobre o contexto e a temática abordada pela obra resenhada, seguida de uma delimitação e apresentação dos seus objetivos e de uma descrição de sua estrutura. Após realizadas essas etapas, o resenhador expõe sua apreciação sobre o objeto, comentando seus aspectos positivos e negativos. O último elemento presente em uma resenha é a sua conclusão. Nesta, o autor explicita e ou reafirma sua posição sobre o trabalho resenhado. Motta-Roth e Hendges (2010), que, em nosso entender, possuem uma visão aproximada da de Machado e suas colaboradoras, definem resenha como um gênero textual que

é usado na academia para avaliar – elogiar ou criticar – o resultado da produção intelectual em uma área do conhecimento. Esse produto intelectual pode ter a forma, por exemplo, de um livro, um filme, uma exposição de

pinturas, um CD de música, um *software* de computador e é avaliado sob o ponto de vista da ciência naquela disciplina. (2010, p. 27).

Um dos motivos que leva os docentes a preferirem a resenha refere-se ao fato de este ser um gênero em que se descreve, resume, avalia e recomenda ou não o texto estudado para leitura. Numa única produção textual solicitada, os professores podem avaliar a compreensão e a capacidade dos alunos de opinarem sobre o objeto resenhado.

Nesse sentido, a pesquisa aqui apresentada ocupou-se do ensino e da análise da retextualização¹ desse gênero de texto feita por alunos iniciantes em cursos de graduação, antes e após a realização de uma Sequência Didática (SD). A resenha consiste em um gênero básico e extremamente importante para pesquisadores experientes e iniciantes, pois auxilia, como já foi dito, no desenvolvimento da capacidade de leitura crítica e de escrita acadêmica, motivo que levou a sua escolha como objeto de ensino e de pesquisa deste trabalho.

Muitos estudiosos e professores de língua materna argumentam que a escrita de resenhas e outros tipos de resumos resultante de atividades de retextualização de gêneros escritos que circulam na academia, bem orientada e conduzida em sala de aula, pode contribuir positivamente para o desenvolvimento da atividade de compreensão, crítica e produção textual dos estudantes. (MACHADO, 2002). Além de contribuir em vários outros aspectos do processo de letramento acadêmico.

Anna Rachel Machado aborda a importância do ensino da escrita desses gêneros como um modo de seus autores documentarem suas leituras e aprimorarem suas habilidades de compreensão e crítica textual, como já citado. (MACHADO, 1998, 2002). Machado, ao discutir a necessidade de repensar, de modo mais amplo, a questão do conceito de resumo e suas implicações para o ensino da produção desse gênero, afirma que trabalhos em Linguística Textual nos anos 80 preocuparam-se com o ensino da sumarização, considerada como uma habilidade importante a ser adquirida no aprendizado da escrita de diferentes tipos de resumo, tendo em vista que a maioria deles consiste em uma sumarização do texto fonte ou de trechos dele. Tais trabalhos pensavam a questão da importância do ensino da escrita destes

¹ Nossa definição de retextualização encontra sua filiação teórica em Dell'Isola (2007). A atividade de retextualização é definida neste trabalho como o processo de transformação de um gênero textual em outro gênero textual. (DELL'ISOLA, 2007). O sujeito neste processo pode transformar um gênero escrito em um gênero oral, um gênero oral em gênero escrito (MARCUSCHI, 2001), um gênero escrito em outro gênero escrito (DELL'ISOLA, 2007), um gênero oral em outro gênero oral, ou até mesmo uma versão do mesmo gênero oral/escrito para outra versão deste mesmo gênero oral/escrito. (MARCUSCHI, 2001). Quando esta retextualização de uma versão para outra do mesmo gênero ocorre em gêneros escritos, a atividade pode receber o nome de reescrita ou refacção (SIMÕES, 2009). A retextualização pode ser entendida também como uma espécie de tradução do conteúdo de um texto através da escrita de outro texto. (TRAVAGLIA, 1993). Já Matencio; Silva [s.d.] a definem como processo de escrita de um texto com auxílio de outros textos.

gêneros acadêmicos levando em conta, segundo a autora, os aspectos ligados ao plano textual, não considerando de modo adequado a relação destes com o contexto de produção e circulação do gênero de texto ensinado. Em gêneros como a resenha, todavia, a sumarização é apenas parte do trabalho de retextualização do texto fonte que resulta em sua produção.

A autora afirma que, ao centrar sua atenção no processo de sumarização, os trabalhos desse período contribuíram para que outros aspectos importantes e que interferem na escrita desses gêneros textuais fossem colocados em segundo plano na agenda de pesquisa sobre a questão. A estudiosa propôs em seu artigo (MACHADO, 2002) que os estudiosos do texto, bem como professores de língua materna, revisitassem o conceito de resumo, tendo em vista sua abrangência que prevê a existência de diferentes realizações concretas desse gênero quando ele é materializado em textos (a resenha é, com toda certeza, também um gênero que possui diferentes realizações), incluindo em sua definição aspectos do processamento textual não contemplados adequadamente nas abordagens anteriores do ensino deste gênero textual, tais como: a sua finalidade, o suporte em que se materializa, o público para quem ele está sendo escrito e o espaço institucional em que circula. As mesmas considerações de Machado sobre o conceito de resumo podem ser adaptadas e usadas para o de resenha. Estes são aspectos importantes que devem ser trabalhados no ensino de língua materna com fins específicos na academia, para desenvolver as práticas de letramento acadêmico dos alunos no que diz respeito a propiciar a eles mecanismos para construir representações menos artificiais dos gêneros que deverão produzir no contexto acadêmico. (MARINHO, 2010).

Há consenso na academia, segundo os especialistas, como se pode perceber pela exposição anteriormente realizada, no que se refere à importância da elaboração de textos que são usados para documentar a atividade de leitura e pesquisa na Universidade², visto que os problemas de compreensão e produção textuais enfrentados por alunos iniciantes são motivos constantes de preocupação para professores de diferentes disciplinas. Esta preocupação por parte dos profissionais de ensino, todavia, nem sempre resulta em ações efetivas que contribuam para encontrar alternativas que visam à resolução desses problemas. Ainda há necessidade de realização de mais estudos empíricos que discutam sobre como estudantes iniciantes desenvolvem e aprendem sobre tal atividade nos primeiros semestres de um curso

² Conferir os trabalhos de Kleiman (1989a, 1989b, 1992, 2006) sobre leitura; Machado (1998) sobre o diário de leituras; Machado et al. (2009) sobre ensino dos gêneros textuais; Severino (2007), Salomon (2004), Medeiros (2008), Köche, Boff e Pavani (2008), Booth, Colomb e Williams (2008) sobre metodologia da pesquisa; Motta-Rott e Hendges (2010) sobre produção textual na Universidade e o de Marinho (2010) sobre as práticas de letramento acadêmico.

de graduação. Sabe-se pouco no Brasil sobre as práticas de escrita desses gêneros (MARINHO, 2010) desenvolvidas por esses estudantes no começo de suas vidas acadêmicas.

Um dos problemas que preocupam os profissionais de ensino, no que se refere à produção textual na Universidade, realizada por alunos iniciantes na graduação, diz respeito à utilização que fazem das fontes de pesquisa que consultam. Pode-se perceber que esses estudantes possuem dificuldade em fazer uso adequado das ideias contidas nos materiais que leem. Nas retextualizações que fazem de trechos ou da íntegra dos textos que consultam durante a realização de suas atividades de escrita acadêmica, revelam suas dificuldades em parafrasear, ou seja, dizer com suas palavras o conteúdo do texto-fonte respeitando-se os direitos autorais. O desconhecimento que possuem do comportamento social relacionado com a escrita dos gêneros acadêmicos, que interfere também no uso das estratégias textuais discursivas de produção de sentido, contribui para uma produção malsucedida desses textos que pode conter cópias de trechos das fontes consultadas e ou também paráfrases pouco elaboradas em que as vozes dos seus autores são apagadas e a autoria das ideias passa a ser assumida irregularmente pelos alunos como sua.

Anna Rachel Machado e suas colaboradoras, em seus livros intitulados **Resenha** (2004) e **Linguagem e Educação** (2009), dialogam com outros autores e também com professores de língua materna preocupados com a busca de soluções para os problemas enfrentados por seus alunos, na defesa de ações pedagógicas planejadas que visem melhorar o processo de didatização da escrita do gênero resenha, bem como de outros gêneros acadêmicos, assim como ampliar pesquisas que permitiriam criar as bases para que essa melhoria aconteça.

Pode-se questionar também sobre o pequeno número existente em várias universidades brasileiras de ações que visem o ensino sistemático desses gêneros³. O aprendizado da resenha e de outros gêneros acadêmicos é, muitas vezes, feito de modo intuitivo e com muito esforço pelos alunos, sem a orientação adequada dos seus professores, tendo em vista o fato de haver uma crença na existência, por parte dos docentes de diferentes disciplinas, de uma competência geral para a produção textual que os discentes teoricamente já dominariam, uma vez que, segundo a tal crença, eles a teriam adquirido no ensino básico. Percebe-se a

³ O próprio autor deste trabalho leciona em um Campus Universitário em que a produção e a compreensão textual na academia não constituem objeto de ensino nos seus cursos de Biologia, Agronomia e Pedagogia, uma vez que, em suas grades curriculares, a disciplina Metodologia do Trabalho Científico foca mais a discussão dos métodos de pesquisa do que propriamente a escrita e a compreensão textual acadêmica, diferentemente do que se faz na disciplina Português Instrumental e/ou Leitura e Produção Textual, ministrada apenas para cursos de Letras, que também possuem a Metodologia em sua grade.

existência de uma lacuna no conhecimento em torno da questão da escrita acadêmica e seu ensino-aprendizagem na Universidade. Marinho (2010) afirma o mesmo em seu trabalho quando diz que, no Brasil, ainda há poucas pesquisas a respeito do assunto.

Esse quadro tem melhorado, pois o número de trabalhos de pesquisa a respeito da produção de gêneros textuais acadêmicos tem crescido nos programas de Pós-Graduação no Brasil nos últimos anos; contudo esse esforço ainda necessita ser ampliado em diversas frentes, conforme argumentou Anna Rachel em conferência apresentada no segundo Congresso Internacional de Linguagem e Interação na UNISINOS, em 2010, ocasião na qual ela apresentou o estado atual bem como as reflexões mais recentes do Interacionismo Sociodiscursivo⁴ no país em torno da questão do trabalho em sua conexão com a interação verbal no exercício da docência. Neste trabalho, se entende que se faz necessário repensar os métodos utilizados no trabalho pedagógico de didatização dos gêneros acadêmicos, partindo dos pressupostos da Linguística Aplicada, fundamentada no aporte teórico de uma teoria Interacionista Sociodiscursiva da linguagem e do desenvolvimento humano.

A atividade de retextualização, mediada por meio do trabalho com Sequências Didáticas (SDs), pode se tornar um meio eficiente para viabilizar o processo de ensino aprendizagem da compreensão e da escrita de gêneros textuais acadêmicos. Dentre os trabalhos de pesquisa existentes sobre a questão do ensino dos gêneros acadêmicos⁵, há relatos de estudos que confirmam a eficácia da retextualização tanto como processo de produção quanto como ferramenta de didatização de diversos gêneros textuais orais e escritos mediada pelas SDs, como, por exemplo, o estudo realizado por Portugal (2010) no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFV. O trabalho dessa pesquisadora, desenvolvido na perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo, ao qual este trabalho também se filia, discutiu a influência da intertextualidade no processo de retextualização da resenha acadêmica mediada pela Sequência Didática. A estudiosa buscou, em seu trabalho, apresentar uma visão panorâmica de como os alunos do Ensino Superior apropriavam-se do discurso alheio na produção e retextualização da resenha.

⁴ De acordo com Machado: “Podemos dizer que o ISD começou a se delinear a partir de 1980, com a constituição de um grupo de pesquisadores na Unidade de Didática de Línguas da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Genebra, como Bernard Scheneuwly, Daniel Bain, Joaquim Dolz, Itziar Plazaola e outros que, sob a coordenação de Jean-Paul Bronckart, voltou-se para um amplo programa de pesquisa comum. Tomando Vigotsky como fonte de referência maior, no campo do desenvolvimento, e Bakhtin, no campo da linguagem, esses pesquisadores posicionaram-se a favor da reunificação da Psicologia, atribuindo-lhe uma dimensão social, com a finalidade de esclarecer as condições de emergência e do funcionamento do pensamento consciente humano. Atualmente, essa posição se expandiu, chegando Bronckart a dizer que se trata de um projeto de construção de uma ciência do Humano integrada” (GUIMARÃES; MACHADO; COUTINHO, 2007, p. 09).

⁵ Por exemplo, os trabalhos de Dell’Isola (2007), Marcuschi (2001), Matêncio e Silva [s.d.] e Simões (2009).

O interesse do presente trabalho, por outro lado, consistiu em buscar compreender como a retextualização, entendida tanto como processo de produção textual, quanto como estratégia de ensino, é influenciada pelo procedimento Sequência Didática (SD) em três aspectos: 1) no aprendizado da configuração genérica de uma resenha acadêmica, manifesto no uso dos movimentos retóricos que a configuram, presentes em textos produzidos por alunos iniciantes em práticas de letramento acadêmico; 2) no desenvolvimento da atividade de compreensão do texto resenhado e 3) na utilização e aprendizagem de uma estratégia de formulação textual: a paráfrase⁶, realizada pelos discentes na atividade de retextualização do gênero de texto que constituiu objeto de ensino durante a realização desta pesquisa.

As questões de pesquisa de que se ocupou este estudo foram: Como os alunos iniciantes matriculados no primeiro semestre de um curso de graduação produzem resenhas acadêmicas antes da oferta de ensino desse gênero na Universidade? Que conhecimento e contato tiveram com esse gênero antes de chegarem à Universidade? Como esse conhecimento influencia a escrita que fazem desse gênero antes de receberem ensino sistemático do mesmo na graduação? Ao escreverem uma resenha pela primeira vez⁷ em um curso de graduação, eles utilizam paráfrases na atividade de retextualização que fazem dos textos que estão lendo para resenhar? Que tipos de paráfrase usados por esses alunos são mais predominantes em sua atividade de escrita de resenhas acadêmicas? Como o procedimento Sequência Didática pode influenciar no uso da paráfrase feito pelos estudantes participantes da turma pesquisada, bem como no aprendizado das capacidades necessárias para a

⁶ A paráfrase, definida como uma atividade de formulação textual (RIBEIRO, 2001; KOCH, 2007; KOCH ET al. 2007; MEDEIROS, 2008; GARCIA, 1985; FUCHS, 1985), é uma estratégia bastante usada na escrita de resenhas e outros textos acadêmicos com o propósito de produzir outro texto que relate o conteúdo do original com outras palavras. Tal processo pode ser realizado pelos sujeitos em uma atividade de retextualização com o propósito de reduzir ou ampliar o modo de apresentação das informações de um texto lido por ele. Pode servir a inúmeros objetivos e propósitos comunicativos. Tendo em vista sua importância na produção textual acadêmica, este estudo defende que se faz necessário refletir sobre sua utilização, na escrita da resenha, bem como sobre seu ensino e aprendizado e uso em atividades de retextualização realizadas para o ensino desse gênero mediadas por Modelos Didáticos. É bom não esquecer, embora os gêneros orais não sejam foco deste trabalho, que a paráfrase é uma atividade de formulação que pode ser usada não apenas na produção escrita. Ela é uma atividade usada amplamente pelas pessoas para retextualizar tanto textos orais quanto escritos.

⁷ A questão, ao interrogar sobre a primeira vez que os participantes escreveram uma resenha em curso de graduação, não nega, como uma leitura rápida de seu enunciado poderia sugerir, a existência da possibilidade de os mesmos já haverem escrito ou tentado escrever esse gênero antes da sua chegada na Universidade, mas pressupõe que essa seja bastante diferente das que os alunos tenham realizado anteriormente no ensino fundamental e médio. A atividade de escrita por parte dos sujeitos no início de um curso de graduação possui aspectos que a distinguem da sua realização na educação básica, tal como, por exemplo, o “artificialismo ou fetichismo” comum nas práticas de letramento do ensino básico, como definiu Geraldí (2003), que caracterizam as atividades com texto nas escolas. Analisar as primeiras produções de alunos de graduação pode auxiliar no conhecimento sobre como sua escolarização influenciou suas habilidades de escrita, não apenas nos aspectos delimitados na questão, mas em vários outros que ela não contemplou.

retextualização de textos acadêmicos em resenhas? Como a SD influencia o processo de compreensão do texto resenhado desenvolvido pelos participantes?

Com todos esses questionamentos, pretendeu-se compreender o processo de produção textual dos alunos antes e depois da realização das atividades pedagógicas realizadas na classe pesquisada.

A presente pesquisa, que se caracterizou como um trabalho qualitativo de natureza interventiva, pretendeu, ao buscar responder as questões postas acima, contribuir e dar continuidade aos estudos desenvolvidos no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa, realizados sob a coordenação da professora Dra. Adriana da Silva. Ela está inserida na linha de pesquisa “Linguística Aplicada: ensino e aprendizagem de língua materna e estrangeira” e se apoia em pressupostos teóricos oriundos da Linguística Aplicada, Linguística Textual e, como já dito anteriormente, do Interacionismo Sociodiscursivo. Integra um projeto mais amplo, intitulado “Retextualização e Ensino de Língua Materna”, coordenado por essa Docente, que, levando em conta as dificuldades dos alunos ingressantes na esfera acadêmica, desenvolveu-o tendo em vista contribuir para melhorar o processo de didatização dos gêneros que são lidos, escritos e que circulam na academia. O objetivo geral do projeto ao qual este estudo se vincula consiste em estudar a relação entre modelos didáticos, atividades de retextualização e fenômenos de textualização na escrita acadêmica de alunos da graduação.

Este trabalho está organizado em seis capítulos. Neste primeiro, apresentou-se uma introdução e breve contextualização do assunto discutido no trabalho. No capítulo seguinte, apresenta-se o referencial teórico que norteou as atividades de ensino efetuadas durante a pesquisa bem como a análise dos dados coletados e discussão dos resultados obtidos. O terceiro capítulo contém uma apresentação de considerações a respeito dos aspectos metodológicos deste estudo. No quarto capítulo, são apresentados os resultados obtidos na análise dos dados apurados durante a realização da pesquisa. No quinto capítulo, é realizada a discussão dos resultados obtidos. O sexto e último capítulo discorre sobre as considerações finais do estudo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Um exame da literatura que se ocupa da reflexão sobre o ensino de gêneros textuais revela que tanto na educação básica, quanto no ensino superior tem ficado evidente a dificuldade por parte dos alunos em escrever textos. Há um descompasso entre o desempenho de atividades comunicativas executadas na modalidade oral em relação às realizadas na modalidade escrita. (SILVA, 2009). Os alunos que chegam à graduação possuem dificuldades com a realização de atividades escritas nas quais o docente apresenta um texto, como um artigo acadêmico, por exemplo, e solicita-lhes que o retextualizem para uma resenha.

Estas dificuldades ocorrem, na maioria das vezes, devido à falta de contato dos alunos com os gêneros acadêmicos escritos e de ensino sistemático desses em muitos cursos de graduação. Esses problemas podem decorrer também de práticas inadequadas e utilização de procedimentos didáticos ineficazes para seu ensino. Mesmo não sendo o foco deste estudo, é bom lembrar que as dificuldades desses sujeitos referentes à produção de textos não se limitam aos gêneros escritos (embora eles sejam os que mais desafiam os estudantes) tendo em vista que há muitos alunos que não tiveram contato com gêneros orais da esfera acadêmica também, tais como: a conferência, o seminário, a palestra. Muitos graduandos iniciantes ficam simplesmente apavorados quando se veem obrigados a preparar e apresentar um seminário acadêmico.

Neste capítulo, apresenta-se o referencial teórico que orientou o planejamento das ações de ensino e pesquisa encaminhadas aos participantes deste estudo e que norteou também as reflexões e discussões feitas sobre os dados coletados durante a sua realização. O interesse motivador deste trabalho consistiu em buscar contribuir para o conhecimento sobre como alunos iniciantes em um curso de graduação aprendem a escrever resenhas acadêmicas, bem como discutir como o uso de modelos didáticos influenciam nesse processo. Especificamente, o presente estudo interessou-se por compreender como a Sequência Didática influencia a retextualização, entendida tanto como processo quanto como atividade, que os estudantes fazem de outros textos durante o processo de produção textual de uma resenha acadêmica, no que se refere ao aprendizado da configuração desse gênero e no que diz respeito ao aprendizado e uso da paráfrase. Antes da apresentação e discussão dos resultados, obtidos da análise dos dados coletados na fase de realização da pesquisa, se faz necessário discutir os conceitos e categorias com as quais este estudo operou, tanto na fase de ensino

quanto na de análise e discussão dos resultados. É exatamente da apresentação desses conceitos e dessas categorias que trata este capítulo.

Desde a implantação dos Parâmetros Curriculares Nacionais no Brasil, na década de 90, as práticas de ensino de língua materna têm buscado focar-se no ensino dos gêneros orais e escritos. A perspectiva predominante no país, embora ainda não completamente digerida pelos professores da Educação Básica, e até por alguns da educação superior, é a da escola de Genebra, tendo em vista sua influência nesses documentos oficiais. (MACHADO, 2009b). Tal perspectiva tem se revelado, conforme relato de pesquisas recentes⁸, uma alternativa para se substituir o ensino tradicional, visto que esse não dá conta de abordar o texto na sala de aula, tendo em vista que ele não dá condições para o aluno desenvolver a capacidade de compreensão e escrita de gêneros textuais. De qualquer modo, a defesa de uma mudança nos parâmetros de ensino vigentes na década de 80 e a militância em prol de um trabalho adequado com o texto em sala de aula já vinha sendo feita por vários estudiosos (GERALDI, 1984, 2003; POSSENTI, 1997) antes mesmo da elaboração dos parâmetros em vigor. Fiorin, sobre a questão do tratamento dado ao texto nos anos 80, assim também se pronunciou:

A escola ensina os alunos a ler e a escrever orações e períodos e exige que interpretem e redijam textos. Algumas pessoas poderiam dizer que essa afirmação não é verdadeira, porque hoje todos os professores dão aulas de redação e interpretação de textos. Mas como é uma aula de redação? O professor põe um tema na lousa, pede que os alunos escrevam sobre ele, corrige erros localizados no nível da frase. A aula de interpretação de texto consiste em responder a um questionário com perguntas que não representam nenhum desafio intelectual ao aluno e que não contribuem para o entendimento global do texto. Muitas vezes, o professor não se satisfaz com os textos e os roteiros de interpretação dos livros didáticos, seleciona algum texto e faz uma bela interpretação em classe. Se o aluno lhe pergunta como enxergar numa produção discursiva as coisas geniais que ele nela percebeu, costuma apresentar duas respostas: para analisar um texto, é preciso ter sensibilidade; para descobrir os sentidos do texto, é necessário lê-lo uma, duas, três, n vezes. (FIORIN, 1984, p. 09).

Como se pode perceber pelas palavras de Fiorin, não se pode ensinar o texto investindo nas velhas táticas e procedimentos didáticos usados no ensino de língua. Tornar o texto um objeto de ensino implica tratá-lo com uma teorização mais adequada a sua natureza, bastante diferente em relação à da frase. Dentre as teorizações que ofereceram a possibilidade de dar um tratamento mais adequado ao texto em sala de aula em substituição ao fornecido

⁸ Por exemplo, as realizadas por Machado (1998), Gonçalves (2007), dentre outras.

pelo ensino tradicional, destaca-se a que ergueu o conceito de gênero. É desse conceito que se faz uma apresentação sumária na seção 2.1.

2.1 Gênero

Nesta seção, expõe-se o conceito de gênero e as abordagens teóricas utilizadas no trabalho de pesquisa e ensino desenvolvidos na turma pesquisada.

Os estudos contemporâneos dos gêneros textuais partem das considerações de Bakhtin. Inúmeros trabalhos de pesquisadores em diferentes partes do mundo têm se ocupado, com base nas considerações desse estudioso, da análise e do ensino dos gêneros, desenvolvendo, para essa finalidade, diferentes abordagens teóricas e metodológicas. Antes, porém, de iniciar a discussão do seu conceito, faz-se necessário informar a respeito das abordagens que inspiraram teórico-metodologicamente a realização deste estudo. Neste trabalho, duas abordagens foram usadas: a da Escola de Genebra e a de Swales. Essas foram escolhidas em razão de reconhecidamente centrarem suas preocupações na didatização bem como da sua influência nas pesquisas sobre o ensino dos gêneros no Brasil. Delas se falará separadamente neste texto logo depois de uma exposição geral do conceito de gênero apresentada a seguir.

Um dos aspectos relativos ao processamento textual que está contido dentro de um dos quatro grandes conjuntos de conhecimentos que se mobiliza, quer se esteja falando ou escrevendo, escutando ou compreendendo textos, diz respeito ao conhecimento dos modelos globais de texto. Neste conjunto de conhecimentos, estão incluídas “as regularidades de construção dos tipos e gêneros”. (ANTUNES, 2010, p. 42).

O conhecimento dos modelos globais de texto que incluem o conhecimento da questão dos tipos e gêneros vem ganhando cada vez mais espaço na academia. Segundo Marcuschi (2008) e Machado (2009a, 2009c), houve, nos últimos anos, uma explosão de trabalhos sobre o assunto. O próprio Marcuschi afirma que a questão dos gêneros textuais constitui uma temática que encontrou seu tempo. Isso se dá em razão, conforme Antunes (2010), de que o entendimento de que a ampliação da competência textual representa um dos objetivos centrais do ensino de língua e conduz inevitavelmente à conclusão de que se faz necessário ultrapassar o âmbito das considerações teóricas para alcançar o das ações de linguagem. (BRONCKART, 1999).

No campo do agir comunicativo, o que há, segundo o estudioso citado, é o gênero de texto. Temos, na verdade, conforme a argumentação de Antunes (2010, p. 43) a respeito dessa questão, “*textos em classes de gêneros*”, uma vez que”, por exemplo, como demonstra a autora, “dentro do gênero carta, temos diferentes perfis, conforme também diferentes propósitos: carta de apresentação, de convite, de cobrança, de solicitação, de agradecimento, de congratulação etc.” Este é o caso também de vários outros gêneros como a resenha, por exemplo, em que podemos ter diferentes perfis e propósitos relacionados a ela, tais como: as resenhas “Temáticas”, denominadas também por docentes e alunos de graduação como síntese crítica, solicitadas por professores como trabalho avaliativo aos seus alunos e que são elaboradas por esses estudantes para apresentarem e discutirem um mesmo assunto abordado em dois ou mais textos aos seus mestres; as “Resenhas de livro”, apresentadas em revistas semanais e redigidas por seus autores com o objetivo de informar o leitor sobre os recentes lançamentos do mercado editorial, fonográfico e cinematográfico e também convencê-lo a adquiri-los para a leitura, audição e/ou visualização; há também as “Acadêmicas”.

Estas últimas são encontradas na maioria das vezes em periódicos especializados. Sua finalidade é fornecer aos leitores uma visão panorâmica bem como uma avaliação de pesquisas divulgadas em livros, artigos de periódicos, relatórios científicos, monografias, dissertações e teses para que seus leitores, pesquisadores iniciantes ou veteranos, decidam ou não sobre a relevância de consultá-las. (MOTTHA-ROTH; HENDGES, 2010). Como se pode ver, o ensino do gênero resenha, ou de qualquer outro, nunca deve deixar de levar em conta que os gêneros são, concordando com Bakhtin (2001), “tipos relativamente estáveis de enunciado”, ou seja, que pode haver diferentes variações em sua constituição formal, seu conteúdo e estilo relacionados às diferentes utilizações que podem ser feitas deles nas esferas de atividade humana.

Com relação aos gêneros, Irandé lembra também que todos eles correspondem a modelos convencionais de comunicação, estabelecidos socialmente. Eles são reguladores da atividade social de uso da língua. Produzir um texto, de acordo com essa perspectiva, consiste, de acordo com a pesquisadora, em uma “operação de cumprir um certo modelo textual e, por outro lado, compreender um texto supõe” enquadrá-lo em um determinado gênero. (ANTUNES, 2010, p. 43).

Como se pode ver, o conhecimento dos gêneros é fundamental tanto para o processo de produção quanto para o de compreensão textual. E, se o conhecimento dos gêneros é tão

⁹ O itálico é da autora.

importante, qual ferramenta didática seria mais eficaz para auxiliar os alunos a adquirirem-no? Dentre as ferramentas disponíveis, há trabalhos que ressaltam a influência positiva da retextualização mediada por Sequências Didáticas nesse processo de aquisição de conhecimento¹⁰. No caso desta pesquisa, o trabalho desenvolvido teve como um de seus propósitos analisar e confirmar a influência da SD e do uso de modelos didáticos de gêneros no aprendizado da escrita de resenhas por alunos iniciantes na graduação em atividades de retextualização.

Outro aspecto dessa questão que oferece dificuldades a alguns professores e alunos diz respeito à distinção entre gêneros e tipos textuais. Com relação aos tipos de texto, Antunes argumenta que eles são de mais fácil demarcação do que os gêneros, em razão, segundo ela, de eles estarem sujeitos, em menor quantidade, a fatores de ordem pragmática. Eles são mais marcados por características de ordem linguística e estrutural, tais como a seleção lexical e a escolha dos tempos verbais, por exemplo. (ANTUNES, 2010; BRONCKART, 1999; KOCH; ELIAS, 2011). Segundo os autores citados, os tipos textuais se distribuem em cinco categorias: tipo narrativo, descritivo, expositivo, dissertativo e injuntivo. Cada tipo pode, segundo os autores, se inserir em diferentes gêneros no processo de produção textual. Um texto qualquer pode conter um ou mais tipos textuais. Tipos e gêneros não constituem, segundo Marcuschi (2002, 2008), categorias antagônicas ou dicotômicas: “os textos realizam gêneros e todos os gêneros realizam seqüências tipológicas diversificadas”. (2008, p. 160). Muitas das produções textuais realizadas por alunos iniciantes na graduação não são bem sucedidas por falta de uma melhor compreensão dessa distinção.

Depois de realizada uma pequena apresentação sobre os conhecimentos relativos às regularidades presentes nos modelos globais de texto, mais especificamente as relativas aos tipos e gêneros, temática que, como já dito, de acordo com Marcuschi (2008), citado anteriormente, encontrou seu tempo, torna-se interessante discutir a perspectiva para os estudos sobre o assunto que inspiraram este trabalho. A discussão que será apresentada em seguida inicia-se pela exposição sucinta da perspectiva de Bakhtin (2001), seguida pela de Swales (1998), finalizada com algumas considerações sobre a perspectiva oriunda das pesquisas realizadas pela Escola de Genebra.

Dentre os estudos realizados a respeito da questão, destacam-se os estudos desenvolvidos por Mikhail Bakhtin¹¹. Koch (2004), Koch e Elias (2010, 2011) afirmam que

¹⁰ Conferir o trabalho de Portugal (2010).

¹¹ Este estudioso é definido por Carlos Alberto Faraco (FARACO, 2007) como o responsável por uma oxigenação nas reflexões sobre tipos e gêneros, feitas no interior da linguística contemporânea.

os estudos atuais sobre a questão dos gêneros textuais partem do trabalho de Bakhtin (2001), que os define do seguinte modo:

Todas as esferas da atividade humana, por variadas que sejam, estão relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana [...]. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo temático e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais – mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Assim sendo, todos os nossos enunciados se baseiam em formas-padrão e relativamente estáveis de estruturação de um todo. (BAKHTIN, 2001 [1953], p. 179).

Dentre as diferentes perspectivas para o estudo dos gêneros que figuram no cenário mais recente das pesquisas realizadas na academia no Brasil, duas foram eleitas para orientar a realização deste trabalho: a de Swales e a da Escola de Genebra. As perspectivas sobre gêneros textuais expostas nessas duas abordagens teóricas podem, conforme se propõe neste estudo, ser aproximadas da de Bakhtin. A seguir, realizar-se-á uma breve exposição a respeito dos pressupostos de cada uma delas, iniciando pela abordagem de Swales.

2.2 Algumas considerações sobre a perspectiva de Swales quanto aos gêneros textuais

John M. Swales é o criador de uma das abordagens sócio-retóricas de gêneros textuais difundidas no Brasil. Seu trabalho centraliza suas preocupações na questão do ensino da escrita de gêneros textuais, razão pela qual está associado ao ensino de gêneros textuais para fins específicos. (HEMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005; MARCUSCHI, 2008; PORTUGAL, 2010).

De acordo com Herais e Biasi-Rodrigues, os trabalhos de pesquisa aplicada de Swales possuem, tal como este estudo, o objetivo de desenvolver nos estudantes os conhecimentos sobre os gêneros bem como a sua capacidade de escrever “textos que realizem de modo bem sucedido as características do gênero” (2005, p. 108-109), objeto das atividades de ensino desenvolvidas nas salas de aula de cursos de graduação. Inspirado em diferentes áreas das ciências humanas, Swales idealiza seu modelo para o estudo de gêneros textuais. (HEMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005; PORTUGAL, 2010). O estudioso, em seu trabalho (SWALES, 1990, p. 58.), define gênero do seguinte modo:

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos exemplares compartilham os mesmos propósitos comunicativos. Esses

propósitos são reconhecidos pelos membros mais experientes da comunidade discursiva original e constituem a razão do gênero. A razão subjacente dá o contorno da estrutura esquemática do discurso e influencia e restringe as escolhas de conteúdo e estilo. O propósito comunicativo é o critério que é privilegiado e que faz com que o escopo do gênero se mantenha enfocado estreitamente em determinada ação retórica compatível com o gênero. Além do propósito, os exemplares do gênero demonstram padrões semelhantes, mas com variações em termos de estrutura, estilo, conteúdo e público-alvo. Se forem realizadas todas as expectativas em relação àquilo que é altamente provável para o gênero, o exemplar será visto pela comunidade discursiva original como um protótipo. Os gêneros têm nomes herdados e produzidos pelas comunidades discursivas e importados por outras comunidades. Esses nomes constituem uma comunicação etnográfica valiosa, porém normalmente precisam de validação adicional. (SWALES, 1990, p. 58).¹².

A abordagem de gêneros textuais de Swales, que se revela no seu conceito de gênero textual (1990, p. 58) apresentado acima, configura-se como de grande relevância para o ensino de gêneros textuais, tendo em vista que, de acordo com esse estudioso, a conscientização linguística torna mais eficaz o processo de ensino/aprendizagem. (HEMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005; PORTUGAL, 2010; MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010; MARCUSCHI, 2008). No caso da escrita de gêneros acadêmicos com os quais muitas vezes o estudante não teve adequado contato, essa conscientização torna-se fundamental para o aprendizado das características de cada gênero.

Três conceitos básicos constituem, como se pode verificar na definição de gênero exposta anteriormente, o modelo para análise dos gêneros textuais proposto por Swales (1990): o de comunidade discursiva; o de gênero e o de tarefa. Dois dos três sofreram reformulações realizadas pelo estudioso em seus trabalhos posteriores, as quais serão discutidas sucintamente nas próximas linhas desta seção.

Para Swales (1990), que concebe o processo de produção textual como uma atividade social, realizada por comunidades, para as quais existem normas reguladoras desse processo que regem os discursos constituintes de seu comportamento social, o conceito de comunidade discursiva permite afirmar que o discurso de determinado grupo é revelador de seu comportamento social, tendo em vista que desvela os seus conhecimentos. (SWALES, 1990; HEMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005).

O conceito de comunidade discursiva permite afirmar também, conforme argumenta o estudioso, que essas convenções discursivas podem ser facilitadoras do processo de iniciação de novos integrantes em determinada comunidade. Esses novos integrantes são estimulados

¹² O conceito de gênero de Swales (1990), citado acima em português, consiste em uma tradução realizada por Barbara Herais e Bernadete Biasi-Rodrigues (2005).

pelos membros mais antigos a fazer uso apropriado das convenções discursivas reconhecidas por ela. (SWALES, 1990; HEMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005; PORTUGAL, 2010).

Todavia, como informado anteriormente, esse conceito, após a publicação de *Genre Analysis* no ano de 1990, teve que sofrer reformulações. Swales, em trabalhos posteriores¹³, discutiu problemas relacionados à sua definição de comunidade discursiva. O autor afirmou que um deles seria a dificuldade de realizar o reconhecimento dessas comunidades. Outro aspecto problemático da questão seria, segundo o estudioso, saber quais seriam os critérios mais adequados a serem utilizados para a definição da comunidade discursiva. (HEMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005; PORTUGAL, 2010).

O estudioso questiona-se, com relação a esses critérios, por exemplo, se as comunidades discursivas seriam identificadas de melhor modo: com base a) no estudo dos objetivos de pesquisa dos seus participantes; b) pela observação da metodologia de pesquisa comumente usada por eles; c) pela análise da frequência de comunicação ou d) pelo estudo das convenções discursivas compartilhadas pelos seus integrantes?¹⁴

Swales responde a essas questões enumerando seis características que podem definir o que é uma comunidade discursiva: 1. O conjunto de objetivos públicos comuns de seus membros; 2. Os mecanismos de comunicação entre os seus integrantes; 3. A descrição da função da troca de informações entre os membros; 4. A capacidade de desenvolvimento de um elenco de gêneros da comunidade; 5. O seu léxico e 6. O conhecimento privilegiado de alguns membros sobre o discurso e o conteúdo usado pela comunidade.

O debate em torno do conceito de comunidade discursiva, inaugurado após publicação de seu trabalho de 1990, levou Swales, como já dito, a revisá-lo nos seus textos publicados posteriormente (1992, 1993, 1998), segundo Herais e Biasi-Rodrigues (2005) e Portugal (2010). A seguir, apresenta-se sucintamente o processo de reformulação teórica realizado por Swales nesse conceito.

Ao discutir um dos aparentes pontos fracos do conceito inicial — o fato de a comunidade discursiva, inicialmente, ser concebida como um grupo estável, verdadeiro e marcado pelo consenso em suas posições — o estudioso faz um questionamento: Ela é um construto social ou uma ilusão útil para generalizações a respeito do mundo? Herais e Biasi-Rodrigues (2005) afirmam que, além deste questionamento, o conceito foi deixando de incorporar as ideias de novidade e avanço caracterizadores das comunidades. Uma conclusão

¹³ Swales (1992, 1993, 1998).

¹⁴ Para uma compreensão mais ampla da discussão em torno da questão do conceito de comunidade discursiva bem como da revisão dele feita por Swales, recomenda-se a leitura dos trabalhos posteriores do próprio autor (1992, 1993, 1998), de Marcuschi (2008), Herais e Biasi-Rodrigues (2005) e Portugal (2010).

do autor é a de que uma comunidade “persiste por instanciação e envolvimento, em vez de existir por associação e coletividade”. (1993, p. 696). Mesmo em sua versão anterior, o conceito já era útil para o trabalho pedagógico de ensino de gêneros para fins específicos pelo fato de prever que os gêneros são produzidos coletivamente. Como uma produção social, mesmo que haja variação em sua constituição, é possível para o aprendiz depreender as regras coletivas que estão envolvidas no processo de produção de um texto. A versão mais recente do conceito de comunidade discursiva permite também, no entender do autor deste estudo, realizar uma aproximação ainda maior com as ideias de Bakhtin, para quem eles são “tipos relativamente estáveis de enunciados/enunciação”.

Swales (1998) continua a reelaboração do conceito de comunidade, mantendo sua restrição sobre o modo como ele foi idealizado inicialmente em razão de não abrigar a existência de conflitos no interior das comunidades discursivas do trabalho de 1990. Também reconhece a falta de mecanismos para aferir a abrangência do conceito. O estudioso comenta também que há uma limitação observada na definição do conceito de comunidade de 1990 que diz respeito ao fato dessa aplicar-se só às comunidades já formadas. Reconhece que o conceito original serviu para a validação de grupos que já existiam, mas não fornecia mecanismos para compreender o processo de formação de novas comunidades discursivas. (HEMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005).

A partir das visões de James Porter (1992) e Killinsworth e Gilbertson (1992) de que as comunidades discursivas possuem princípios e práticas dotados de base linguística, retórica, metodológica e ética, e de que as comunidades podem se distinguir entre locais, nas quais os integrantes trabalham juntos, e globais, nas quais os participantes possuem um comprometimento com a diversidade de tipos de ações e discursos, independentemente do local e de com quem se trabalha, Swales (1998) elabora o conceito de comunidade discursiva de lugar. (HEMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005; PORTUGAL, 2010).

O estudioso a define como um coletivo de sujeitos que trabalham de modo regular juntos, que possui também uma noção dos objetivos propostos, que, embora em processo de evolução, pode ser definida como estável. De acordo com Swales (1998), esse coletivo desenvolve um conjunto de gêneros que possuem o propósito de orientar e monitorar os seus objetivos e propostas. Esses gêneros, de acordo com o estudioso, produzidos no interior dessa comunidade discursiva de lugar, possuem, para os seus integrantes mais experientes, características retóricas e discursivas evidentes. Esses membros creem que tais gêneros compõem uma rede interativa que possui também a função de validar as ações desenvolvidas

pela comunidade do lado de fora de sua esfera de atuação. (PORTUGAL, 2010; HEMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005). No ensino dos gêneros acadêmicos, esse conceito é muito útil, pois com ele é possível tornar visível para o estudante a razão dos gêneros terem formas diferentes dependendo de quem escreve e para quem ou quais grupos os gêneros textuais estão direcionados. Fica também mais fácil para os alunos entenderem as razões da existência de variações na materialização dos gêneros como uma resenha, por exemplo, como já se falou anteriormente.

Há, na comunidade de lugar, de acordo com Swales, consenso no que se refere aos seus níveis de produtividade, ritmos de trabalho, objetivos, suas expectativas, bem como sobre as relações existentes entre teoria e prática. Aqui também se faz importante salientar que o conceito se faz muito útil no processo de ensino-aprendizagem dos gêneros, tendo em vista que o professor de escrita acadêmica pode com ele demonstrar que redigir um texto implica muito mais que apenas dominar conhecimentos de natureza linguística. O aluno passa a ter consciência ainda de que dominar um gênero envolve também uma grande gama de conhecimentos extralinguísticos.

De acordo com o estudioso citado, a comunidade de lugar também é responsável pelo desenvolvimento de um léxico próprio. Essa comunidade também possui, de acordo com ele, uma visão bastante abrangente de seus valores de trabalho. Possui ainda noção de sua história, procurando fazer com que os membros iniciantes tomem conhecimento de suas tradições, inculcando neles as práticas discursivas que os seus membros mais experientes consideram como sendo as mais apropriadas para realizar os gêneros usados por ela em suas atividades. (SWALES, 1998, p. 204). Essa definição de comunidade permitiu também a Swales, segundo afirmam Herais e Biasi-Rodrigues (2005) e Portugal (2010), prever a existência de divergência, de falta de união ou mesmo de preconceito¹⁵ entre os integrantes da comunidade discursiva, não previstos na sua conceituação primeira.

Outro conceito importante no interior do modelo teórico elaborado por Swales (1990) na construção de seu conceito de gênero textual é o de propósito comunicativo. Em seus estudos recentes, esse estudioso tem priorizado o contexto em suas análises que focam os

¹⁵ Um aspecto interessante desta discussão é exatamente a possibilidade da existência de divergências ou mesmo de preconceitos com relação ao uso da linguagem ou ao uso e sequência de utilização dos passos retóricos que caracterizam um gênero. Um exemplo disso foi dado aos participantes deste estudo, quando o pesquisador e a professora regente trouxeram diferentes textos didáticos discorrendo sobre a conceituação de resenha. Na ocasião, os ministrantes mostraram aos alunos que muitas vezes os materiais didáticos não conceituam esse gênero do mesmo modo e que também nem mesmo os seus professores entenderiam, obrigatoriamente, esse gênero e sua finalidade do mesmo modo, embora se pudesse perceber que houvesse também semelhanças na maneira como esses docentes o conceberiam.

participantes bem como os elementos da situação de comunicação geradora do texto, somados a uma análise linguística, respaldada na perspectiva Sistêmico-Funcional de Halliday. (HEMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005; PORTUGAL, 2010).

Ainda nos anos 90, Swales já começava discutir as dificuldades de definir o conceito de propósito comunicativo, principalmente de identificar claramente qual seria o propósito de um exemplar de gênero textual. Na reavaliação do problema (ASKEHAVE; SWALES, 2001), o autor concluiu que o propósito comunicativo dificilmente seria suficiente para servir de critério básico para a conceituação de um gênero, tendo em vista o fato de ele ser menos visível que a forma. Sem contar também com o fato dos membros da comunidade discursiva com melhor conhecimento dos gêneros nem sempre compartilharem das mesmas opiniões quanto ao propósito atribuído a eles. (HEMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005). Atualmente, Swales defende o abandono do propósito comunicativo como um meio imediato para a realização da classificação de gêneros textuais. Ele é, na verdade, detectado por intermédio da análise do gênero. O propósito comunicativo não é mais visto como critério predominante, mas como um critério privilegiado que terá de levar em consideração o resultado da análise.

A identificação dos gêneros, considerando as reflexões e ponderações dos estudiosos citados no parágrafo anterior, pode ser feita, conforme eles mesmos propuseram, por meio de dois procedimentos de análise: um procedimento de caráter textual e outro com caráter contextual. A análise do propósito comunicativo, feita no interior do procedimento de caráter textual, é realizada, em conjunto com a da estrutura do gênero, seu conteúdo e estilo, em duas etapas. No processo de análise de caráter contextual, o propósito comunicativo permanece relevante na revisão do gênero. As outras etapas desse procedimento de análise são constituídas pela identificação da comunidade discursiva, dos seus valores e expectativas, bem como de seu repertório de gêneros textuais e dos traços que cada um deles possui. (HEMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005).

Investigar o texto em seu contexto, com um método de modalidades múltiplas, é, em síntese, o que os estudiosos Askehave e Swales (2001) propõem como estratégia de estudo e análise de gêneros. E foi esse tipo de análise que se buscou realizar nas produções textuais feitas pelos estudantes sujeitos desta pesquisa. Ela também foi objeto de ensino oferecido a eles durante a SD para que desenvolvessem a capacidade de realizarem-na como auxílio no processo de retextualização das suas primeiras versões das resenhas em versões finais. Esse auxílio foi baseado no Modelo CARS, elaborado pelo pesquisador para o ensino das

características genéricas de uma resenha escolar acadêmica. O Modelo CARS é assunto da seção 2.3.2, apresentada a seguir.

2.2.1 Algumas considerações sobre o modelo CARS e sua utilização nesta pesquisa

Nesta seção, apresentam-se algumas considerações a respeito do modelo CARS elaborado por Swales (1990). Realiza-se também uma exposição sobre os motivos que levaram a sua utilização na Sequência Didática desenhada para o ensino da resenha acadêmica, ofertado a uma turma de Português Instrumental participante desta pesquisa.

O modelo CARS foi elaborado com base nos resultados de um estudo de 48 introduções de artigos desenvolvido por Swales (1984 apud HEMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005). Posteriormente à publicação dessa pesquisa, o autor refinou seu modelo, analisando outras 110 introduções de artigos de diferentes áreas. (SWALES; NAJJAR, 1987 apud HEMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005). A análise dos resultados dessas pesquisas levaram-no a concluir que as introduções de artigos de pesquisa possuíam regularidade quanto à ocorrência de quatro movimentos ou passos retóricos: 1. Estabelecer o campo de pesquisa; 2. Sumarizar pesquisas prévias; 3. Preparar a presente pesquisa e 4. Introduzir a presente pesquisa.

Baseando-se na análise da experiência de outros pesquisadores que utilizaram o seu modelo, o estudioso revisou a primeira versão do CARS, o que resultou na redução da quantidade de movimentos retóricos de quatro para três. (HEMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005). A análise das dificuldades encontradas pelos utilizadores do primeiro modelo levou Swales (1990) a sofisticá-lo, dando-lhe possibilidades de desdobramento nos três movimentos retóricos que passaram a compô-lo. (HEMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005).

Na figura apresentada a seguir, é possível ver que o criador do modelo, embora tenha reduzido de quatro para três o número de movimentos retóricos, não tornou a sua versão remodelada menos complexa, mas apenas mais simples, pois acrescentou passos em cada um deles. Passos esses que não necessariamente ocorreram todos de forma obrigatória nas introduções analisadas em seu estudo.

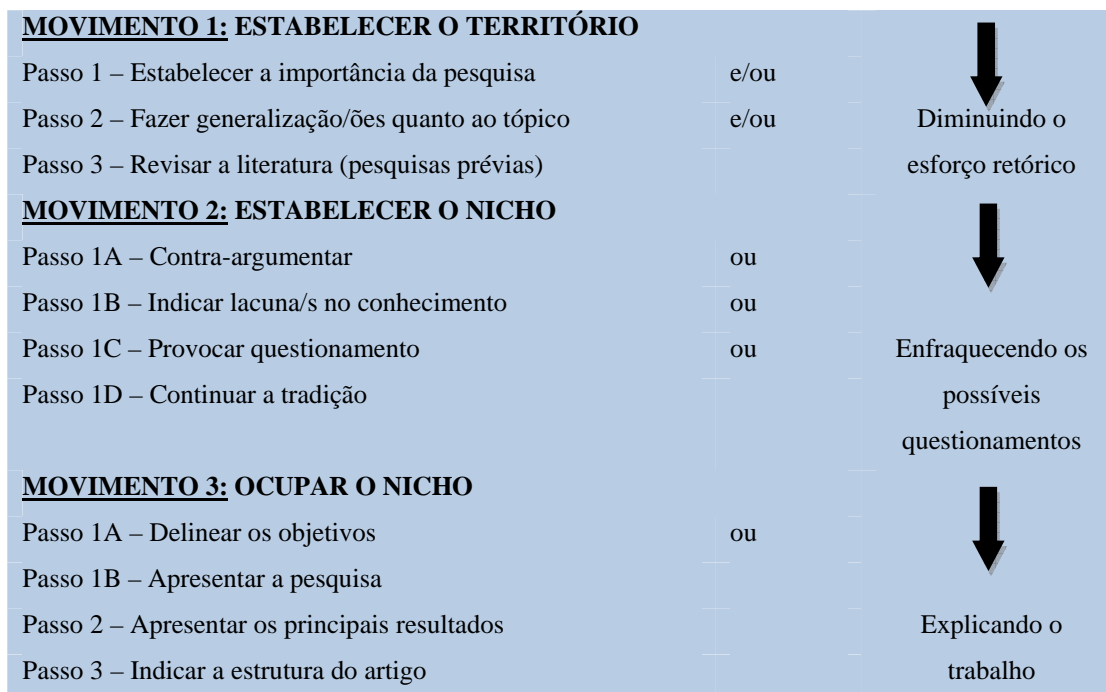


Figura 01 - Modelo CARS para introduções de artigos de pesquisa (SWALES, 1990, p. 141)

Pode-se observar que o modelo CARS, exposto na figura acima, é duplamente útil em se tratando do ensino da compreensão e da produção de gêneros acadêmicos orais e escritos. A primeira utilidade que se pode atribuir a ele diz respeito ao processo de análise, efetuado pelos aprendizes com a mediação de seus professores, da configuração dos gêneros textuais que circulam na esfera acadêmica, viabilizada por meio de sua utilização na análise dos textos produzidos pelos integrantes mais experientes dessa comunidade. A segunda refere-se ao processo de ensino, tendo em vista que esse modelo se torna uma ferramenta útil para alunos iniciantes no processo de aprendizado da produção e compreensão de gêneros textuais que são produzidos e circulam na comunidade discursiva em que estão se inserindo. Isso facilita a didatização, tendo em vista o fato de que pode servir de auxílio na descrição e assimilação das características desses gêneros por parte dos aprendizes.

No caso da produção de textos que circulam no universo da academia, uma das dificuldades dos alunos que se propõem escrevê-los está associada ao desconhecimento da configuração dos gêneros que tais textos materializam. Os gêneros, é bom lembrar, não são instrumentos/mega-instrumentos semióticos (SCHNEUWLY, 2004), tipos de enunciados/enunciação (BAKHTIN, 2001) ou categorias de eventos comunicativos (SWALES, 1990, 1998) estáveis, razão pela qual a análise de exemplares de gêneros em sala

de aula, realizada durante os módulos da SD com o auxílio desse modelo e do professor, podem contribuir efetivamente para facilitar o aprendizado discente das características dos gêneros que eles terão de aprender a produzir na Universidade, como é o caso da resenha acadêmica.

No caso da resenha acadêmica¹⁶, percebe-se rapidamente que o sujeito que se depara com a tarefa de redigi-la pela primeira vez logo se confrontará com a dificuldade de conceituá-la e construir uma representação do que terá que redigir para que seu texto seja considerado um exemplar genuíno desse gênero, tendo em vista a polissemia existente nos manuais de escrita acadêmica em torno de sua conceituação, como bem lembra Machado (2002).

Ao lhe ser solicitado escrever uma resenha, o redator iniciante poderá ter dúvidas quanto ao que produzirá, se redigirá, por exemplo: uma resenha temática, uma resenha publicitária (de livro, CD, DVD, Show, peça de teatro e/ou filme), uma resenha descritiva (definida também em alguns manuais como um tipo de resumo escolar acadêmico de livro, capítulo de livro, artigo acadêmico, monografia, dissertação e/ou tese), uma resenha acadêmica (de artigo, monografia, dissertação e/ou tese) etc., pois todos esses exemplares de gêneros podem ser, e de fato têm sido, nomeados por dicionários, manuais de redação, professores e alunos de graduação como sendo resenha.

Muitos alunos iniciantes nas práticas de letramento acadêmico não estão familiarizados com vários aspectos ligados à escrita da resenha (PORTUGAL, 2010), que é um gênero textual que tem sido muito solicitado nas práticas escolares e acadêmicas de letramento por professores que desejam avaliar a capacidade dos seus alunos de resumirem e opinarem sobre os textos lidos por eles nas disciplinas que estão cursando.

Eles estão mais familiarizados com o resumo simples, muitas vezes erroneamente chamado por alguns professores de redação escolar de resenha¹⁷, e, mais ainda, com um tipo de produção muito exercitada na escola durante a educação básica, classificada por Therezo (2006) como “colagem”, que é um tipo de produção textual no qual se transcreve trechos do

¹⁶ Neste trabalho, conforme exposto na introdução, concebe-se a resenha acadêmica como um gênero textual elaborado com a finalidade de apresentar, descrever, avaliar e recomendar ou não a leitura de um trabalho acadêmico escrito (artigo, ensaio, dissertação, tese, livro ou capítulo de livro). Essa definição de resenha apoia-se em Machado et al. (2004) e em Motta-Roth e Hendges (2010).

¹⁷ Alguns professores acham que não há sentido em distinguir resumo e resenha argumentando que ambos são escritos para resumirem o texto fonte. Todavia esquecem de que a resenha não possui como único objetivo resumir, na verdade, seu objetivo maior consiste em avaliar o texto resenhado. Quando os alunos são levados a pensar que resumo e resenha são a mesma coisa, o resultado disso pode ser a produção de textos que não realizem adequadamente a função que seus redatores gostariam que eles tivessem em determinado contexto interacional.

trabalho original e monta-se outro texto por meio da junção desses trechos transcritos. Essa prática é classificada na academia como cópia e é definida, nesse contexto, como um dos tipos de uso ilegal (denominado de plágio) das ideias de outros autores.¹⁸ (PORTUGAL, 2010; ROMANCINI, 2007).

Acreditou-se, ainda na fase de planejamento do presente estudo, que o uso do modelo CARS nas atividades de ensino desenvolvidas com os participantes, no caso específico do ensino da escrita do gênero resenha, trabalhado na SD desenvolvida para a realização deste trabalho, poderia auxiliá-los em suas dificuldades de descrever o texto que estivessem resenhando, resumir seu conteúdo e opinar sobre ele, tendo em vista que forneceria aos alunos uma percepção mais precisa da configuração do gênero que teriam de materializar por meio da escrita de seus textos. Em razão de esses estudantes não estarem familiarizados com a escrita de resenhas, foi-lhes oferecido um modelo, criado com base nos trabalhos de Swales (1990), Motta-Roth e Hendges (2010) e Portugal (2010), cujo objetivo consistiu em facilitar essa tarefa. O modelo que foi dado aos alunos é apresentado na tabela a seguir.

DESCRIZAÇÃO DOS PASSOS DE CADA MOVIMENTO		
N.º		
MOV. 01. Apresentar o objeto (artigo)		
Passo 01	Informar o tópico geral do artigo	
Passo 02	Definir público-alvo do artigo	e/ou
Passo 03	Apresentar as credenciais do autor do artigo	e/ou
Passo 04	Fazer generalizações sobre o tópico geral do artigo	e/ou
Passo 05	Inserir o artigo na área e na obra do autor	
MOV. 02. Descrever o objeto (artigo)		
Passo 06	Fornecer uma visão geral sumária da organização do artigo	e/ou
Passo 07	Sumarizar o tópico de cada seção por meio de apagamentos; substituições e paráfrases	e/ou
Passo 08	Citar material extra-textual (Preferencialmente usando paráfrase)	
MOV. 03. Avaliar o objeto (artigo)		
Passo 09	Realizar avaliação geral da obra (aspectos positivos e/ou negativos)	e/ou
Passo 10	Realçar aspectos positivos de parte(s) específica(s) do artigo	e/ou
Passo 11	Realçar aspectos negativos de parte(s) específica(s) do artigo	
MOV. 04. Recomendar ou não recomendar o objeto (artigo)		
Passo 12	Desqualificar/recomendar o artigo	ou
Passo 13	Recomendar o artigo apesar das falhas detectadas e expostas	

Tabela 01 - Modelo elaborado para orientar a análise e a escrita de resenhas

¹⁸ Este assunto ainda será objeto de discussão neste texto.

A utilização do modelo de resenha baseado no de Swales nesta pesquisa baseou-se na hipótese de que a análise das produções textuais dos participantes mais experientes da comunidade feita pelo professor na sala de aula, em conjunto com os alunos, nos módulos da Sequência Didática, com o auxílio do modelo CARS, poderia contribuir para o aprendizado discente no que diz respeito à realização daquilo que é esperado para o gênero pelos membros veteranos da comunidade discursiva acadêmica, além de servir como ferramenta de avaliação qualitativa do aprendizado dos alunos durante e ao final da realização de todo o trabalho.

Concluída a exposição sobre o Modelo CARS, faz-se a seguir uma apresentação de considerações a respeito da perspectiva da Escola de Genebra sobre os gêneros textuais e seu ensino.

2.3 Algumas considerações sobre a perspectiva da Escola de Genebra quanto aos gêneros textuais

A perspectiva teórica quanto aos gêneros textuais elaborada pela Escola de Genebra propõe que eles sejam estudados de um ponto de vista psicossociológico, construído no quadro do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD). (MACHADO, 2005). As considerações a respeito do conceito de gênero atribuídas a Bronckart devem, segundo Machado (2005, p. 237), ser vistas

de forma contextualizada, no quadro da psicologia da linguagem e da didática de línguas, tal como essas disciplinas foram sendo concebidas e desenvolvidas pelo grupo de pesquisadores da Unidade de Didática de Línguas da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Genebra.

Apresentados esses esclarecimentos iniciais, passa-se a delinear a perspectiva do Grupo de Genebra quanto aos gêneros e seu ensino.

Os pesquisadores da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Genebra, que se inspiram nos postulados de Vigotsky e Bakhtin, segundo Machado (2005), defendem a criação de uma ciência integrada do humano, que deve ter como objetivo central compreender as condições de emergência e funcionamento do pensamento humano consciente. Os gêneros de textos não são tomados nesse paradigma como objetos de análise principal. O ISD, em sua versão mais recente, tem como unidade de análise prioritária o agir humano nos discursos. (BRONCKART, 2006, 2008).

Os gêneros de textos são estudados em função do fato de serem vistos como reguladores e ao mesmo tempo produtos das atividades sociais de linguagem. (BRONCKART, 1999, 2006, 2009; MACHADO, 2005, 2009; SCHNEUWLY, 2004). Os autores citados consideram importante, no que se refere ao estudo do agir humano nos discursos, para os que desejam compreender a teoria interacionista sociodiscursiva, estabelecer uma diferenciação entre os termos “ação” e “atividade”. O conceito de ‘atividade’ designa uma leitura do agir possuidora de implicações nas dimensões motivacionais e intencionais de uma coletividade. Essas atividades constituem-se de “ações” atribuídas aos indivíduos. (MACHADO, 2005, p. 249). Essas “ações”, por sua vez, de acordo com a autora, são orientadas e sofrem a motivação dos objetivos implicados na antecipação e representação dos efeitos que causam na atividade social.

Os pesquisadores do grupo de Genebra veem no estudo da atividade social e seus produtos o princípio que permite explicar o agir individual. Sendo a atividade social mediada pela linguagem e as atividades de linguagem sua mediadora, o estudo dos gêneros de textos na perspectiva do ISD ganha destaque, pois, como já informado, eles são, ao mesmo tempo, reguladores e produtos das atividades de linguagem que são, por sua vez, mediadoras das atividades sociais. (MACHADO, 2005; KOCH, 2004).

O gênero é visto no interior desse paradigma como uma ferramenta da ação de linguagem (SCHNEUWLY, 2004). Por outro lado, os autores também reconhecem que, se ele é uma ferramenta de ação, a ação também o modifica. Pode-se perceber, nessa concepção, uma clara aproximação das ideias dos autores que a desenvolveram com as desenvolvidas por Bakhtin em seu conceito de gêneros apresentado anteriormente neste texto.

Schneuwly (2004) defende o ponto de vista de que apropriar-se de gêneros é um importante mecanismo de socialização que permite inserir os indivíduos nas atividades comunicativas desenvolvidas nas mais variadas esferas de atuação humana. Argumenta que sujeito, ação e instrumento, elementos caracterizadores de toda atividade humana, são contemplados na concepção de gêneros de Bakhtin. O gênero, segundo essa formulação, pode ser considerado como uma espécie de instrumento/mega-instrumento semiótico, tendo em vista que os enunciadores, nas situações de que participam, agem discursivamente, guiados por parâmetros contidos em cada gênero e auxiliados por essa ferramenta/mega-ferramenta.

De acordo com os pesquisadores da escola de Genebra, o domínio das situações comunicativas pode ser desenvolvido por meio do ensino-aprendizagem das capacidades exigidas para a produção de um gênero textual, tendo em vista que dominar o gênero implica,

consequentemente, o domínio de todos os seus parâmetros de funcionamento. (MACHADO, 2005; KOCH, 2004). Schneuwly (2004), por acreditar, segundo afirma também Koch (2004), que o domínio da maestria textual é algo que requer a intervenção ativa do professor com o desenvolvimento de práticas de ensino específicas, muito mais que o aprendizado de qualquer outro tipo de prática ou conduta humana, defende o ensino dos gêneros como sendo um modo concreto de empoderar professores e, fundamentalmente, seus alunos, no que diz respeito ao uso e produção de textos no contexto das práticas sociais nas quais atuam ou poderão vir a atuar.¹⁹

Um modo de tornar esses conhecimentos acessíveis aos alunos em diferentes momentos de sua trajetória estudantil, consiste no desenvolvimento de atividades de retextualização. Trata-se de conhecimentos importantes para que um indivíduo desenvolva sua capacidade crítica de compreensão bem como sua competência para produzir diferentes gêneros textuais. Para transformar um texto em outro, o aluno mobiliza, de modo simultâneo, todos os conhecimentos já discutidos até o presente momento.

2.4 Retextualização

Neste trabalho, retextualização é entendida como a transformação de um gênero textual em outro gênero textual (Dell'Isola, 2007), levando em consideração, do mesmo modo que Portugal (2010), Silva (2009), Marcuschi (2001), Matencio e Silva [s.d.], Matencio (2002) e Simões (2009), que, embora tenham visões diferentes sobre o conceito de retextualização, concordam que essa atividade coloca em evidência o funcionamento social da linguagem. Com base nos autores citados, se pode afirmar que todas as vezes que os sujeitos retextualizam, reelaboram o texto, inserindo, na nova produção textual resultante desse processo, uma nova forma de apresentação do conteúdo do texto base.

De acordo com Marcuschi (2001) e Portugal (2010), as primeiras considerações concernentes a essa temática surgiram nos estudos efetuados por Neuza Gonçalves Travaglia, em sua tese de doutoramento, de 1993, defendida no Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em uma reflexão realizada pela referida estudiosa a respeito do conceito de tradução. Para a autora, a tradução consiste em uma transposição textual que considera os critérios de textualidade,

¹⁹ Visando à didatização dos gêneros, os pesquisadores da Escola de Genebra desenvolveram o procedimento Sequência Didática, que será discutido com maior detalhe na seção sobre metodologia, do qual se fez utilização, nesta pesquisa, com o objetivo de avaliar sua influência sobre o aprendizado da configuração genérica da resenha e na utilização da paráfrase na retextualização desse gênero textual.

tendo em vista que “o tradutor **recoloca em texto**²⁰ numa outra língua a reconstrução de um sentido que faz a partir de uma textualização anterior”. (TRAVAGLIA, 1993, p. 63.).

No estudo aqui apresentado, se trabalhou com a noção de retextualização de Dell’Isola (2007), que a define como

(...) um processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e evidencia uma série de aspectos da relação entre oralidade-escrita, oralidade-oralidade, escrita-escrita, escrita-oralidade. Retextualização é a refacção ou a reescrita de um texto para outro, ou seja, trata-se de um processo de transformação de uma modalidade textual em outra, envolvendo operações específicas de acordo com o funcionamento da linguagem. (p. 36).

Matencio e Silva [s.d., p. 01] e Matencio (2002) entendem as atividades de retextualização como o processo de produção de um texto a partir de outro(s) texto(s) que lhe(s) serve(m) de base. Segundo elas, nas atividades de retextualização, se podem identificar filiações culturais, ideológicas e representações conceituais dos sujeitos em processo de formação. Para as autoras, o investimento em atividades de retextualização, feito durante a formação docente inicial, contribui para a inserção dos professores em formação nas práticas linguageiras que pertencem ao domínio acadêmico em razão de elas lhes permitirem ter acesso a “modos de textualização dos saberes (um *saber dizer*²¹) e apropriar-se de conceitos e procedimentos acadêmico-científicos (um *saber fazer*)”. (p. 01).

A construção do aprendizado da escrita realiza-se, de acordo com Juliana Assis (2006, p. 118), “escrevendo/reescrevendo, numa ação orientada pela reflexão sobre os fatores lingüísticos, textual-discursivos e sociopragmáticos implicados nas condições de produção, circulação e recepção do texto a ser produzido.” Para a autora, o aprendizado da escrita deve ocorrer “em situações de uso da língua contextualmente situadas, precisamente significadas”. Ser consciente e ter conhecimento da atividade que tem pela frente são necessários para que o aprendiz realize de modo bem sucedido seu aprendizado.

Para retextualizar textos e inserirem-se em práticas discursivas do universo acadêmico, os escritores iniciantes fazem uso de estratégias de formulação textual e uma das mais produtivas é a paráfrase. Parafrasear pode ser uma atividade importante para o desenvolvimento da escrita e da leitura na academia. Além disso, ela pode ser usada por professores de língua materna como uma atividade didática de produção textual tanto para desenvolver quanto para verificar a leitura e a escrita de gêneros acadêmicos em atividades de

²⁰ Negrito da autora.

²¹ Itálicos das autoras.

retextualização de um gênero para outro, como, por exemplo, a transformação de um artigo acadêmico em resenha. É sobre a paráfrase que se discorrerá em seguida.

2.5 Paráfrase

A paráfrase tem sido definida nos dicionários²² de língua portuguesa como sendo o desenvolvimento ou interpretação de um texto sem alteração das ideias originais. Esses livros também a definem como tradução livre ou comenda. Ela reflete a compreensão textual. Consiste em um procedimento textual e lingüístico-discursivo. É definida por Garcez como um texto que apresenta as mesmas informações de outro texto por meio da utilização de outras palavras. De acordo com essa autora, o novo texto possui a mesma função, apresentando, todavia, uma forma de organização diferente. (GARCEZ, 2001, p. 57).

Köche et al. (2008) afirmam que parafrasear consiste em expressar as ideias de alguém utilizando, para esse fim, uma construção bem como um vocabulário próprio. As autoras afirmam ainda que a paráfrase pode viabilizar a construção de gêneros textuais que circulam na esfera acadêmica, tais como: o resumo, a resenha e o artigo acadêmico.

A paráfrase²³ é entendida, nesta pesquisa, como uma atividade de (re)formulação²⁴ textual. (RIBEIRO, 2001, 2006). Na escrita de resenhas, ela consiste em uma importante atividade de formulação textual usada por estudantes e pesquisadores na retextualização de um livro, capítulo, artigo acadêmico ou outro objeto (filme, programa de TV, CD de músicas de um cantor ou de um grupo musical, artigo de opinião publicado em mídia impressa ou virtual, ou outro produto da indústria cultural) para uma resenha, que tem como propósito, para o resenhador, documentar seu estudo e sua compreensão textual do gênero resenhado. Além disso, pode-se pretender apresentar e emitir uma avaliação a respeito do texto ou objeto

²² Pode-se mencionar aqui, por exemplo, o dicionário *Aurélio*.

²³ Convém lembrar que, apesar de muitas retextualizações serem construídas com uso de paráfrases, nem toda paráfrase pode ser considerada retextualização, pois retextualização é um conceito mais amplo que o de paráfrase, tendo em vista que produzir um texto para dizer o conteúdo de outro nem sempre resulta na materialização de um gênero textual diferente do gênero materializado pelo texto fonte.

²⁴ Neste trabalho, a paráfrase é vista como uma atividade de formulação textual. Utilizou-se (*re*) entre parênteses antes do termo *paráfrase* por compreender que esta atividade de formulação é usada também como atividade de reformulação textual em outros gêneros textuais e contextos de uso da linguagem. Alguns exemplos são dados por Ribeiro (2001, 2006) na análise de gêneros orais produzidos no contexto da academia: a aula, a reunião acadêmica e o seminário. Nesses gêneros, a paráfrase funciona também como atividade de reformulação que visa fortalecer, segundo a autora, a argumentação dos sujeitos no uso da língua feito por eles nesse contexto. Para a autora, mesmo estando limitada pelo contexto e pelo gênero, a paráfrase é uma estratégia que revela a subjetividade e a singularidade dos sujeitos no processo de elaboração desses gêneros. No caso dos gêneros resumo e resenha, a paráfrase é uma estratégia de formulação textual amplamente usada no processo de retextualização que resulta na produção desses gêneros.

fonte analisado com o objetivo de recomendá-lo ou não para a leitura e utilização por outros leitores que possam ter interesse no assunto tratado nele, ou para utilizá-la na escrita de artigos, dissertações e teses.

No processo de didatização de gêneros textuais acadêmicos, o ensino da paráfrase poderá ser desenvolvido pelo professor, no processo de retextualização, realizado por seus alunos, que favorece a escrita resumos, resenhas, artigos, teses, com o propósito de, por exemplo, auxiliar no aprendizado dos estudantes, no que se refere a reduzir ou ampliar o modo de apresentação das informações de outro texto para a criação de um novo. Usamos a paráfrase também, no caso da escrita acadêmica, devido à necessidade que temos de acomodar de modo sintético, em nossas produções textuais, o conteúdo de outros textos por nós consultados no processo de planejamento, realização e apresentação das nossas pesquisas. Não se pode perder de vista, também, que na elaboração de paráfrases as ideias do texto fonte sempre permanecem, na medida do possível, preservadas no novo texto.

O ensino e a elaboração de paráfrases enquanto prática pedagógica pode servir para o docente discutir com os estudantes inúmeros objetivos e propósitos comunicativos relacionados com elaboração de uma paráfrase, e um deles é, por exemplo, no caso da escrita de resenhas, revelar ao professor de uma determinada matéria tanto a capacidade de compreensão e síntese do texto base,²⁵ por parte do resenhador, como a sua capacidade de avaliá-lo criticamente.²⁶

A paráfrase é também uma estratégia de formulação textual que está intimamente relacionada com a argumentação. (RIBEIRO, 2001, 2006). O autor, ao usá-la, busca apoio na intertextualidade²⁷ explícita, aquela que se manifesta de modo bastante visível na superfície textual, na forma de remissões, alusões, paráfrases e citações (ANTUNES, 2010) usadas para construir um novo texto. Essa autora, a esse respeito, diz:

Vale ressaltar que nenhuma ocorrência de intertextualidade é gratuita ou aleatória. Ou seja, sempre que nos valem das palavras do outro, o fazemos com algum propósito, ou como estratégia para fins de algum efeito discursivo. (p. 77).

Ribeiro (2001) defende o mesmo princípio. Para ela, a paráfrase é uma estratégia de formulação textual que possui um propósito argumentativo. O processo de produção textual na perspectiva defendida pela autora é um ato de produção de natureza intertextual. Ainda

²⁵ Neste trabalho, usa-se a expressão texto-base como sinônima de texto-fonte.

²⁶ O trabalho de Ribeiro, por exemplo, estuda a paráfrase como uma atividade realizada pelo locutor com propósitos argumentativos.

²⁷ A intertextualidade ainda será objeto de discussão deste texto.

segundo Antunes (2010, p. 36), usamos outros textos para construirmos nossos próprios textos. Desse modo, a paráfrase é uma atividade de (re)formulação textual da qual fazemos uso para dizer, com outras palavras, o conteúdo de outros textos com um propósito comunicativo determinado. De acordo com as autoras recém citadas, podemos fazer uso da palavra do outro para defender determinada posição, para dar apoio a nossas concepções, nossos pontos de vista e para dar força a nossa argumentação. Antunes assim se pronuncia sobre essa questão:

Assim, podemos recorrer à palavra do outro para marcar determinado posicionamento, para apoiar nossas concepções, nossos pontos de vistas, para dar força a nossos argumentos, como se quiséssemos dizer que não somos apenas nós quem pensa assim ou diz o que nós dizemos. Também podemos recorrer à intertextualidade explícita para ampliar, para complementar, ou até mesmo para refutar o que o outro diz. (2010, p. 77).

No caso da produção de textos acadêmicos, pode-se dizer que boa parte deles, devido ao caráter intertextual de sua constituição, resulta de atividades de retextualização, nas quais a paráfrase atua como uma estratégia de formulação textual muito produtiva. Na resenha, objeto das atividades de ensino discutidas neste trabalho, por exemplo, isso fica bastante evidente, pois se trata de um texto que discorre sobre o conteúdo de outro, resumindo suas informações, avaliando seu conteúdo e recomendando ou não a leitura do texto-fonte, cujo conteúdo poderá vir a fazer parte de outros textos acadêmicos: artigos, monografias, dissertações e teses, como parte do relato de determinado pesquisador a respeito de outros textos que versam sobre determinado problema de pesquisa que está investigando.

Neste trabalho, defende-se a ideia de que a paráfrase, no contexto da escrita de gêneros acadêmicos, é muito mais que um exercício de ampliação de vocabulário como propõe alguns manuais de redação científica. Ela é uma importante estratégia de formulação textual que é usada durante a compreensão e a produção textual de gêneros acadêmicos. Defende-se também a ideia de que ela é importante no processo de retextualização de gêneros textuais. É pela crença nessa ideia que aqui se defende um estudo da utilização da paráfrase por alunos iniciantes na graduação, em atividades de retextualização do artigo acadêmico para a resenha mediadas por Sequências Didáticas.

De acordo com Eco (2009, p. 129), que também defende o ponto de vista, apresentado por Köche et al. (2008) e adotado neste trabalho, de que a paráfrase viabiliza a escrita de ensaios e teses acadêmicas, assim, podemos classificar os tipos de paráfrase em “Paráfrase honesta”, “Falsa paráfrase” e “Paráfrase quase textual”. Sem considerar a classificação

proposta por Eco, poder-se-ia acrescentar também que alguns iniciantes na tarefa de produzir um texto acadêmico, no que se refere ao uso das ideias de outros textos, fazem uso do que se denomina como “cópia”, ou seja, o ato de copiar trechos de um texto assumindo para si a autoria das ideias transcritas do trabalho de outro autor. (Essa é uma forma grave de plágio segundo professores de produção textual e pesquisadores que se ocupam dessa temática).

Na pesquisa apresentada neste trabalho, se optou por pensar uma classificação própria para esses tipos de uso das ideias de outros textos mais consoante com os objetivos deste estudo, que vai, por exemplo, do grau zero: a cópia (modo ilegal de usar a ideia dos outros na escrita de um texto), até o grau último: a reconstrução textual com referência autoral (maneira legal de usar ideias alheias presentes nos textos que lemos antes e durante o nosso processo de produção textual), que consiste em um modo de usar o conteúdo do texto original para cumprir objetivos determinados, que podem ser os mesmos ou opostos aos visados pelo autor do texto-fonte.

Em seguida, explicita-se mais detalhadamente a classificação proposta neste trabalho para o estudo do uso da paráfrase por alunos iniciantes na graduação, em suas atividades de retextualização de textos acadêmicos para resenhas. Iniciemos pela explicação do que seja o procedimento cópia.

Na cópia, se realiza uma transcrição de um trecho ou da íntegra do texto-fonte no novo texto criado a partir dele. Nesse procedimento ilegal, o sujeito assume para si a autoria do texto ou trecho copiado. Essa tem sido a forma mais grave de plágio com a qual professores de cursos de graduação afirmam se deparar quando leem os trabalhos de seus alunos. Abaixo está exposto um exemplo desse procedimento.

Texto original	Cópia
O resumo, a partir do esquema, reagrupa as idéias, rearticulando-as em novas orações e períodos, independentes do texto original, numa redação própria da pessoa que resume. (GARCEZ, 2001, p. 56).	O resumo, a partir do esquema, reagrupa as idéias, rearticulando-as em novas orações e períodos, independentes do texto original, numa redação própria da pessoa que resume.

Quadro 01 - Exemplo de cópia

Uma cópia seria, então, como já exposto anteriormente, uma transcrição de certas ideias, usando as palavras do próprio autor ou autora sem nenhuma referência textual, conforme o exemplo ilustrado no quadro.

Outro tipo de plágio se configuraria no que Eco (2009) chamaria de “falsa paráfrase”, ao que se prefere nomear, neste trabalho, de cópia com referência ao autor. No exemplo a seguir se demonstra esse procedimento.

Texto original	Cópia com referencia ao autor
O resumo, a partir do esquema, reagrupa as idéias, rearticulando-as em novas orações e períodos, independentes do texto original, numa redação própria da pessoa que resume. (GARCEZ, 2001, p. 56).	De acordo com Garcez, <i>o resumo, a partir do esquema, reagrupa as idéias, rearticulando-as em novas orações e períodos, independentes do texto original, numa redação própria da pessoa que resume.</i> (GARCEZ, 2001, p. 56).

Quadro 02 - Exemplo de falsa paráfrase

Como se pode observar, houve, nesse segundo caso, a intenção, por parte do autor do novo texto, de não cometer plágio, contudo o mesmo acaba enquadrado nessa situação por não haver usado as aspas no trecho em itálico, que não foi elaborado por ele, mas por Garcez. O correto seria o modo como está demonstrado no exemplo abaixo.

Texto original	Transcrição com referencia ao autor
O resumo, a partir do esquema, reagrupa as idéias, rearticulando-as em novas orações e períodos, independentes do texto original, numa redação própria da pessoa que resume. (GARCEZ, 2001, p. 56).	De acordo com Garcez, “o resumo, a partir do esquema, reagrupa as idéias, rearticulando-as em novas orações e períodos, independentes do texto original, numa redação própria da pessoa que resume”. (GARCEZ, 2001, p. 56).

Quadro 03 - Exemplo de transcrição com referência ao autor

Se o trecho transcrito ocupasse uma extensão maior que três linhas, o autor teria que realizar um recuo de quatro centímetros da margem de seu texto e transcrever o trecho citado em fonte menor do que a utilizada na digitação de seu texto. O autor poderia ter reescrito o trecho entre aspas do exemplo acima com suas próprias palavras, ou seja, poderia ter elaborado uma paráfrase que seria um modo legal de usar a ideia do autor do texto fonte desde que lhe fosse feita referência. Abaixo se expõe esse procedimento.

Texto original	Paráfrase com referencia ao autor
O resumo, a partir do esquema, reagrupa as idéias, rearticulando-as em novas orações e períodos, independentes do texto original, numa redação própria da pessoa que resume. (GARCEZ, 2001, p. 56).	De acordo com Garcez (2001, p. 56), quando resume um texto, o autor do resumo inicia sua redação com a elaboração de um esquema do texto original. Ao elaborar esse esquema, ele reagrupa e rearticula as ideias, criando outras frases em uma escrita própria que resultam em um novo texto a respeito da obra objeto do resumo.

Quadro 04 - Exemplo de paráfrase com referência ao autor

A seguir se exemplifica o que seria um caso sutil de plágio, a paráfrase sem referência ao autor.

Texto original	Paráfrase sem referência ao autor
O resumo, a partir do esquema, reagrupa as idéias, rearticulando-as em novas orações e períodos, independentes do texto original, numa redação própria da pessoa que resume. (GARCEZ, 2001, p. 56).	Quando resume um texto, o autor do resumo inicia sua redação com a elaboração de um esquema do texto original. Ao elaborar esse esquema, ele reagrupa e rearticula as idéias, criando outras frases em uma escrita própria e que resultam em um novo texto a respeito da obra objeto do resumo.

Quadro 05 - Exemplo de paráfrase sem referência ao autor

No caso das paráfrases com e sem menção do autor do texto parafraseado, podemos classificá-las com relação à quantidade de modificação sofrida pelo texto objeto da atividade de reformulação. O texto parafraseado pode sofrer modificação lexical, sem alteração em sua estrutura sintática; pode sofrer alterações sintáticas, mudança na ordem dos constituintes, por exemplo, somadas as mudanças lexicais ou pode ser totalmente reconstruído. (Esta última é a forma mais recomendada de paráfrase feita nos manuais de escrita acadêmica).

Essa reconstrução pode ampliar a extensão do texto-fonte ou diminuí-la. Essa ampliação ou redução que sofre em seu material linguístico, quando da realização da atividade de formulação parafrástica empreendida na utilização do conteúdo de um texto para a produção de outro, atende aos propósitos do autor do novo texto em uma dada situação de comunicação posta em prática em determinado contexto sócio-histórico. Abaixo se apresentam exemplos dos diferentes tipos de paráfrase quanto à quantidade de modificação realizada pelo parafraseador no texto-fonte.

O primeiro exemplo, exibido abaixo, mostra um tipo de paráfrase em que o parafraseador faz apenas a substituição de algumas palavras do texto original por outras sinônimas no texto parafraseado. Os sinônimos usados na modificação lexical estão em itálico.

Exemplo 01: Paráfrase com substituição lexical e com referência ao autor	
Texto original	Texto parafraseado
O resumo, a partir do esquema, reagrupa as idéias, rearticulando-as em novas orações e períodos, independentes do texto original, numa redação própria da pessoa que resume. (GARCEZ, 2001, p. 56).	De acordo com Garcez, o resumo, <i>partindo</i> do esquema, <i>reorganiza</i> as idéias, rearticulando-as em novas <i>frases</i> e períodos, <i>que não dependem</i> do texto original, <i>em uma escrita</i> própria do autor que resume. (GARCEZ, 2001, p. 56).

Quadro 06 - Exemplo de paráfrase com substituição lexical e com referência ao autor

O segundo exemplo apresenta um tipo de paráfrase em que é feito o mesmo procedimento de substituição lexical descrito no exemplo anterior, com a diferença que, no caso desta, o parafraseador assume como suas as idéias do texto parafraseado, tendo em vista que não faz menção ao autor do texto-fonte.

Exemplo 02: Paráfrase com substituição lexical e sem referência ao autor	
Texto original	Texto parafraseado (plágio)
O resumo, a partir do esquema, reagrupa as idéias, rearticulando-as em novas orações e períodos, independentes do texto original, numa redação própria da pessoa que resume. (GARCEZ, 2001, p. 56).	O resumo, <i>partindo</i> do esquema, <i>reorganiza</i> as ideias, rearticulando-as em novas <i>frases</i> e períodos, <i>que não dependem</i> do texto original, <i>em uma escrita</i> própria do autor que resume.

Quadro 07 - Exemplo de paráfrase com substituição lexical e sem referência ao autor

No exemplo três, apresentado a seguir, tem-se a exposição de um tipo de paráfrase no qual o parafraseador realiza, além da substituição de palavras do texto-fonte, uma modificação sintática no texto parafraseado, no qual também há referência ao autor do texto original.

Exemplo 03: Paráfrase com substituição lexical, modificação sintática e com referência ao autor	
Texto original	Texto parafraseado
O resumo, a partir do esquema, reagrupa as idéias, rearticulando-as em novas orações e períodos, independentes do texto original, numa redação própria da pessoa que resume. (GARCEZ, 2001, p. 56).	De acordo com Garcez, <i>partindo</i> do esquema, <u>o resumo rearticula as ideias, reorganizando-as</u> em novas <i>frases</i> e períodos, <u>em uma escrita própria do autor que resume e que não dependem</u> do texto original. (GARCEZ, 2001, p. 56).

Quadro 08 - Exemplo de paráfrase com substituição lexical, modificação sintática e com referência ao autor

No exemplo quatro, tem-se os mesmos tipos de modificação no material linguístico do texto original feitas no texto parafraseado exemplificadas no exemplo três, com a diferença que, no caso do exemplo quatro, o parafraseador não faz referência ao autor do texto original.

Exemplo 04: Paráfrase com substituição lexical, modificação sintática e sem referência ao autor	
Texto original	Texto parafraseado (plágio)
O resumo, a partir do esquema, reagrupa as idéias, rearticulando-as em novas orações e períodos, independentes do texto original, numa redação própria da pessoa que resume. (GARCEZ, 2001, p. 56).	<i>Partindo</i> do esquema, <u>o resumo rearticula as ideias, reorganizando-as</u> em novas <i>frases</i> e períodos, <u>em uma escrita própria do autor que resume e que não dependem</u> do texto original.

Quadro 09 - Exemplo de paráfrase com substituição lexical, modificação sintática e sem referência ao autor

O exemplo cinco, exposto a seguir, apresenta um tipo de paráfrase que é tido pelos especialistas como uma forma legal de usar as ideias de autores de textos consultados pelo parafraseador na produção de outro texto.

Exemplo 05: paráfrase com reconstrução textual, utilizando as próprias palavras e com referência ao autor	
Texto original	Texto parafraseado
O resumo, a partir do esquema, reagrupa as idéias, rearticulando-as em novas orações e períodos, independentes do texto original, numa redação própria da pessoa que resume. (GARCEZ, 2001, p. 56).	De acordo com Garcez (2001, p. 56), quando resume um texto, o autor do resumo inicia sua redação com a elaboração de um esquema do texto original. Ao elaborar esse esquema, ele reagrupa e rearticula as idéias, criando outras frases em uma escrita própria que resultam em um novo texto a respeito da obra objeto do resumo.

Quadro 10 - Exemplo de paráfrase com reconstrução textual e com referência ao autor

O último exemplo apresenta uma paráfrase com reconstrução textual em que há um caso de plágio, tendo em vista que o parafraseador não fez referência ao autor do texto original, assumindo as ideias dele como suas.

Exemplo 06: Paráfrase com reconstrução textual, utilizando as próprias palavras e sem referência ao autor	
Texto original	Texto parafraseado (Plágio)
O resumo, a partir do esquema, reagrupa as idéias, rearticulando-as em novas orações e períodos, independentes do texto original, numa redação própria da pessoa que resume. (GARCEZ, 2001, p. 56).	Quando resume um texto, o autor do resumo inicia sua redação com a elaboração de um esquema do texto original. Ao elaborar esse esquema, ele reagrupa e rearticula as idéias, criando outras frases em uma escrita própria e que resultam em um novo texto a respeito da obra objeto do resumo.

Quadro 11 - Exemplo de paráfrase com reconstrução textual e sem referência ao autor

Como abordado anteriormente, os propósitos comunicativos que mobilizam os esforços do sujeito na utilização da paráfrase nas suas retextualizações sofrem coerções: da situação de comunicação, do gênero, do suporte e do(s) interlocutor(es) previsto(s). Todos esses fatores, bem como o conhecimento e o domínio que o escritor iniciante possui sobre todos esses aspectos ligados ao processamento textual irão influenciar no uso da paráfrase.

Neste trabalho, partindo de uma visão enunciativa e discursiva das paráfrases conforme Ribeiro (2006), defende-se a ideia de que elas sejam reveladoras do trabalho realizado pelos sujeitos rumo à singularização das suas ações no que se refere a seu processo de criação textual. Na próxima seção, será realizada uma reflexão a respeito da intertextualidade e do uso da paráfrase na constituição da autoria no domínio dos gêneros textuais acadêmicos. Discutir-se-á também o modo como o sujeito constitui-se autor de seus textos acadêmicos ao usar adequadamente a paráfrase.

2.5.1 Considerações sobre intertextualidade e paráfrase na constituição da autoria

Koch, em decorrência da constatação do que ela denomina como necessária presença do outro em tudo que se diz e escreve, postula a existência de dois tipos de intertextualidade: uma em sentido amplo (*lato sensu*), que é constitutiva de qualquer discurso, e outra em sentido estrito (*stricto sensu*), que é atestada, de acordo com a autora, pela presença de um intertexto. (KOCH, 2004, 2007, 2008; KOCH; ELIAS, 2010, 2011).

Neste estudo, interessa-nos refletir a respeito da intertextualidade *stricto sensu*. Esse tipo de intertextualidade, de acordo com a estudiosa citada anteriormente, ocorre quando há um texto inserido em outro texto, denominado por ela de intertexto, que foi anteriormente produzido e que faz parte da memória coletiva de um grupo de interlocutores. A intertextualidade poderá manifestar-se no texto de modo implícito ou explícito, conforme argumenta a especialista. Será considerada implícita quando o intertexto for inserido no texto sem que seja feita nele menção da sua fonte. Nesse caso, a autora afirma que é esperado pelo produtor do texto que os seus leitores ou ouvintes sejam capazes de reconhecer a presença do intertexto. No que diz respeito à intertextualidade explícita, em seu trabalho de 2004, a autora afirma que:

A intertextualidade será explícita quando, no próprio texto, é feita menção à fonte do intertexto, como acontece nas citações, referências, menções, resumos, resenhas e traduções, na argumentação por recurso à autoridade, bem como, em se tratando de situações de interação face a face, nas retomadas do texto do parceiro, para encadear sobre ele ou contraditá-lo. (KOCH, 2004, p. 146).

As reflexões em torno do conceito de Intertextualidade apresentadas por Koch e Bazerman (2006) levam ao entendimento de que todo texto é constituído por muitos outros que o antecederam. Mas se todo texto, em sentido amplo ou estrito, é produzido com o auxílio de outros textos e as vozes dos autores desses ecoam nele, se poderia questionar então: Como fica a questão da autoria no domínio dos gêneros textuais acadêmicos? Como o sujeito enunciador de um texto que circula nessa esfera constitui-se autor de sua produção textual?

As questões levantadas no parágrafo anterior podem ser respondidas com as ponderações feitas por Bazerman (2006) e Ribeiro (2006). Para o primeiro, embora todas as palavras e frases que se usa já tenham sido ouvidas ou lidas antes, a originalidade do enunciador, como autor/produtor de textos, é oriunda das novas maneiras como ele organiza e adapta o material linguístico desses, para que se adéquem às situações de enunciação em que

ele interage verbalmente, bem como as suas necessidades e propósitos comunicativos específicos. Ele assim se pronuncia sobre a questão:

Quase todas as palavras e frases que usamos já havíamos ouvido ou visto antes. Nossa originalidade e nossa habilidade como escritores advêm das novas maneiras como juntamos essas palavras para se adequarem às situações específicas, às nossas necessidades e aos nossos propósitos específicos, mas sempre dependemos do repertório lingüístico comum que compartilhamos uns com os outros. (BAZERMAN, 2006, p. 87).

Ribeiro afirma que a autoria se constitui “a partir de um certo modo de dizer no interior de um dado gênero discursivo”. (2006, p. 93). De acordo com a estudiosa, a paráfrase pode revelar o trabalho realizado pelo sujeito, que constrói sua autoria, para singularizar suas ações enunciativas. Segundo ela, é desse modo que o sujeito, mesmo sofrendo as coerções que lhe são impostas pelo gênero correspondente à atividade social da qual ele participa, consegue impor sua singularidade, constituir-se autor ao fazer seu discurso distinguir-se de outros discursos produzidos por outros indivíduos no interior de um mesmo gênero.

As paráfrases são reveladoras do trabalho que o sujeito realiza em direção à singularização das suas ações. Desse modo, constrói-se um estilo, isto é, produz-se a diferença entre muitos discursos pertencentes a um mesmo gênero. Sendo assim, a autoria [...] se constitui a partir de um certo modo de dizer no interior de dado gênero discursivo. (RIBEIRO, 2006, p. 93).

Ainda de acordo com a autora citada, se pode afirmar que o processo autoral de um determinado sujeito não consiste apenas em uma ação de inscrição de seu dizer num determinado gênero. De fato, segundo ela, um sujeito constitui-se autor de seus textos na medida em que é capaz de, mesmo sofrendo as coerções impostas pelo gênero, encaminhar um projeto discursivo de modo particular. No caso da escrita de gêneros acadêmicos, o sujeito singulariza suas ações e estabelece-se como autor, tanto na variação que dá ao uso dos movimentos retóricos que constituem a configuração do gênero produzido, quanto com relação ao uso adequado da paráfrase.

Outra premissa defendida pela autora é a de que o insucesso na realização de um determinado projeto discursivo por um certo enunciador não está ligado apenas às dificuldades de natureza linguística relacionadas ao conhecimento e ao domínio gramatical esperado para determinada situação de interação, mas a condições sócio-históricas que podem ter, ou não, lhe permitido assumir sua posição autoral e que lhe tenha facultado fazer uso

adequado da palavra em determinado gênero, segundo ela, em decorrência de este não estar inscrito em suas práticas sociais (p. 91).

No âmbito da escrita acadêmica de resenhas, o insucesso dos alunos iniciantes na graduação pode estar ligado ao fato de esse gênero não estar inscrito de modo pleno nas práticas sociais desses sujeitos. Outros motivos, dentre outros que podem ser levantados para explicar o fato, podem estar ligados à polissemia de conceitos relativos a esse gênero que lhes são apresentados na escolarização básica, bem como a falta de ensino sistemático desse gênero, conforme expõe Machado (2004).

Em relação à escrita acadêmica, o problema do qual professores de graduação mais se queixam em relação ao trabalho desenvolvido por seus alunos diz respeito à prática do plágio e da cópia por parte desses, segundo Romancini (2007). Esse costume, segundo afirma o autor em seu artigo, é considerado pelos profissionais de ensino que atuam nessa esfera como sendo “uma praga”. Um fato já constatado por Portugal (2010) sobre essa questão é que a prática do plágio e da cópia nem sempre decorrem de atitudes que demandam somente de má fé dos alunos iniciantes na graduação.

Na verdade, esses, segundo argumenta Portugal, não possuem conhecimento suficiente sobre como fazer uso adequado das ideias presentes nos textos que leem em suas atividades de produção de gêneros textuais acadêmicos, devido a problemas ligados a dificuldades de compreensão do texto-fonte e do domínio da configuração genérica dos textos que necessitam produzir na academia, bem como da dificuldade concernente a revelar a fonte do intertexto. Sendo essas dificuldades decorrentes tanto da falta quanto do ensino inadequado dos gêneros textuais acadêmicos.

Nesse sentido, pode-se concordar com os autores citados que se faz necessário, como também já foi defendido neste trabalho, realizarem pesquisas que objetivem a elaboração e o teste de modelos didáticos para o ensino de gêneros textuais na esfera acadêmica. Pode-se também concordar com Portugal (2010) que o desenvolvimento de atividades de Retextualização mediadas por Sequências Didáticas podem ser uma alternativa viável para minimizar as dificuldades de aprendizagem de compreensão e escrita de alunos iniciantes na graduação, relativas à produção e à leitura dos textos que circulam nessa esfera de atividade.

Este trabalho partiu da asserção provisória de que uma das significativas dificuldades apresentadas por alunos iniciantes na graduação, no que se refere ao aprendizado e exercício de sua atividade autoral, diz respeito à dificuldade de utilização adequada da paráfrase na elaboração de seus textos acadêmicos. Este estudo, como já informado, objetivou testar a

influência do procedimento Sequência Didática no aprendizado e uso dessa estratégia de formulação textual bem como no conhecimento da configuração genérica da resenha acadêmica por parte dos participantes deste estudo. No Capítulo 3 a seguir, apresentam-se maiores considerações sobre os aspectos metodológicos norteadores deste estudo.

3 CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DOS ASPECTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresenta-se, inicialmente, uma introdução geral a respeito dos aspectos metodológicos norteadores da pesquisa apresentada e discutida neste trabalho. Nos últimos anos, tem-se percebido uma significativa evolução no conhecimento científico sobre o ensino e a aprendizagem de língua materna, sobretudo na perspectiva que se ocupa do estudo dos gêneros textuais. As teorias que se voltam para a compreensão dos aspectos que envolvem essa problemática evoluíram consideravelmente²⁸. O conhecimento produzido nas universidades, através das pesquisas desenvolvidas em seus programas de pós-graduação, como respostas aos inúmeros questionamentos levantados sobre o tema, constitui-se fonte de pesquisa acessada por pesquisadores e especialistas que se dedicam ao estudo dessa temática. (MACHADO; ABREU-TARDELLI; CRISTOVÃO, 2009). Essa grande diversidade de trabalhos, todavia, em sua maioria, tem focado apenas a educação básica.

Marinho afirma que há muita pesquisa sobre o ensino de língua materna produzida e sendo realizada no espaço da academia na perspectiva dos Gêneros Textuais no âmbito da educação básica. O mesmo não se pode dizer, segundo afirma ela, das pesquisas sobre o seu ensino e aprendizagem nos cursos de graduação. (MARINHO, 2010). De acordo com essa pesquisadora,

são inúmeros os trabalhos que discutem o ensino-aprendizado da leitura e da escrita no ensino fundamental e médio, no Brasil. Ao contrário, a escrita acadêmica não tem recebido a merecida atenção na universidade, seja do ponto de vista do ensino, seja como objeto de pesquisa. Em universidades estrangeiras, são muitas as publicações voltadas para o ensino e a pesquisa sobre a leitura e a escrita nos cursos de graduação e de pós-graduação, enquanto aqui essa produção ainda é tímida. (MARINHO, 2010, p. 365).

Considerando as afirmações acima, esta pesquisa buscou contribuir para o estudo do processo de ensino-aprendizagem da escrita acadêmica. Este estudo baseou-se em trabalhos de pesquisa pautados na Engenharia Didática. (GONÇALVES, 2007; DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004; MACHADO, et al., 2009; BRONCKART, 1999; PORTUGAL, 2010).

Os instrumentos usados na coleta e análise dos dados foram: questionários de sondagem e de compreensão; um artigo científico, através do qual foram trabalhadas atividades de compreensão e de retextualização em resenha, uma Sequência Didática,

²⁸ Conferir os trabalhos de Marcuschi (2002, 2008) e Dionisio, Machado e Bezerra (2007).

elaborada com base em Scheneuwly, Noverraz e Dolz (2004) e Machado (2004); e duas versões das resenhas produzidas pelos alunos participantes.

Embora os dados deste estudo inicialmente tenham recebido também um tratamento quantitativo, devido à necessidade de realizar o seu agrupamento prévio em categorias, utilizadas para tratamento qualitativo posterior, na etapa de análise, priorizou-se uma abordagem qualitativa. (FLICK, 2009; GIBBS, 2009; GODOY, 1995). Nesse paradigma de pesquisa, os dados têm como fonte direta o ambiente natural. Seu principal e essencial instrumento é o pesquisador. Os estudos que se pautam nessa perspectiva possuem caráter intuitivo e descritivo. Consideram-se também, como preocupações dos pesquisadores, os significados atribuídos pelos sujeitos à sua vida, bem como os sentidos atribuídos às coisas por eles. (GODOY, 1995).

Na sequência, apresentam-se as cinco seções em que está estruturada a segunda parte deste capítulo: 3.1 Os participantes do estudo realizado; 3.2 Considerações sobre o procedimento SD; 3.3 Instrumentos de coleta de dados; 3.4 Procedimentos de aplicação dos instrumentos de coleta e de análise dos dados obtidos e 3.5 Análise comparativa das produções textuais dos participantes do estudo.

3.1 Os participantes do estudo realizado

Como já informado anteriormente, este trabalho buscou estudar a influência do Procedimento Sequência Didática no uso e aprendizagem da paráfrase, na compreensão do gênero textual ou objeto resenhado e no aprendizado da configuração genérica da resenha acadêmica na retextualização, elaborada por alunos de graduação, matriculados em uma universidade pública, que estivessem em fase inicial de inserção nas práticas de escrita e compreensão de textos acadêmicos.

Assim, o grupo de participantes selecionados para a realização da pesquisa foi constituído por alunos iniciantes em cursos de graduação de uma Universidade Federal do interior de Minas Gerais, matriculados na disciplina Português Instrumental, ofertada no primeiro semestre letivo de 2011. Essa disciplina oferece suporte para que os estudantes tenham melhores condições de desenvolver suas habilidades de compreensão e produção dos gêneros de textos estudados e produzidos nas disciplinas ministradas nessa instituição. Ela possui objetivos semelhantes aos vislumbrados no presente estudo, tendo em vista o fato de procurar minimizar dificuldades de escrita e compreensão desses alunos. Os sujeitos

matriculados em Português Instrumental que concordaram em participar deste estudo constituem um grupo de 40 alunos de uma turma composta por 44 estudantes²⁹.

Do número total de sujeitos que participaram do estudo, 36 informaram ser calouros do Curso de Cooperativismo. Os outros quatro alunos são dos cursos de: Economia Doméstica, Ciências Contábeis, Educação Infantil e Bioquímica. A maioria deles informou ter cursado o Ensino Médio em escola pública.

São também participantes desta pesquisa o pesquisador e a professora regente de uma turma da disciplina Português Instrumental, que planejaram e ministraram conjuntamente as oficinas sobre a escrita do gênero resenha acadêmica. O pesquisador é professor de uma Universidade Federal da Região Norte do Brasil e aluno de Mestrado em Letras. A professora regente da disciplina atua na Graduação e Pós-Graduação da instituição em que esta pesquisa foi realizada. Ela é Doutora em Linguística e tem trabalhos publicados na área de Linguística Textual e Linguística Aplicada.

3.2 Considerações sobre o procedimento SD

O termo Engenharia Didática (ED) surge nos anos 80 como a denominação dada a um conjunto de procedimentos metodológicos direcionados inicialmente ao ensino de Matemática. (CRISTOVÃO; MACHADO, 2006; GONÇALVES, 2010; PORTUGAL, 2010). A Engenharia Didática é atualmente base do trabalho realizado pelo grupo de pesquisadores da Unidade de Didática das Línguas da Universidade de Genebra, desenvolvido para o ensino de gêneros textuais orais e escritos³⁰. De acordo com Gonçalves, o termo Sequência Didática surge no Brasil com a publicação dos PCNs³¹. Segundo ele, quando abordam o tratamento didático dos gêneros textuais, os PCNs, mesmo que “timidamente”, exploram as noções “de ‘projetos’ e ‘atividades sequenciadas’”. (2010, p. 14.).

Schneuwly, Dolz e Noverraz (2004) afirmam que as Sequências Didáticas são atividades planejadas que partem de um projeto didático que visa à apropriação das dimensões

²⁹ Vale lembrar que os participantes deste estudo assinaram um termo consciente, livre e esclarecido de consentimento (Anexo 01), que deu autorização, desde que fossem mantidas em segredo suas identidades, para a utilização de sua produção escrita nos estudos realizados. Além desse procedimento ético, se realizou também uma apresentação e discussão, com os alunos da turma pesquisada, dos resultados e considerações parciais do pesquisador sobre eles. Os participantes se mostraram satisfeitos com o que lhes foi apresentado e também agradecidos pelo trabalho desenvolvido com a turma, pelo pesquisador e pela professora regente. Eles expuseram esses sentimentos ao próprio pesquisador, no dia da apresentação e discussão dos resultados parciais da pesquisa, e também à professora regente, no final do semestre, durante a atividade de avaliação da disciplina coordenada por ela.

³⁰ Conferir Schneuwly e Dolz (2004).

³¹ Parâmetros Curriculares Nacionais (1998).

constitutivas de um gênero textual qualquer. Os principais objetivos das SDs são: propiciar situações efetivas de comunicação; favorecer a planificação dos textos; propiciar a produção e a compreensão de atividades diversas em relação aos gêneros de texto em estudo e desenvolver capacidades acionais, discursivas e linguístico-discursivas. O modelo didático para o ensino de gêneros textuais elaborado pelos autores citados acima pode ser resumido no diagrama a seguir.

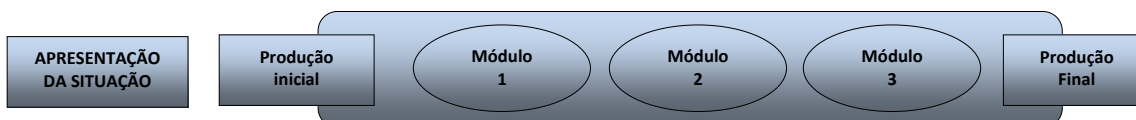


Diagrama esquemático da SD (SCHNEUWLY; DOLZ; NOVERRAZ, 2004)

Para estudar e compreender o impacto da proposta pedagógica oriunda do Interacionismo Sociodiscursivo (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004; BRONCKART, 1999) na superação das dificuldades dos alunos na produção de uma resenha acadêmica a partir de um artigo científico, no que se refere ao aprendizado e à utilização das paráfrases e das características do gênero ensinado, foi testado um Modelo Didático, elaborado pelo pesquisador com base em Schneuwly e Dolz (2004); Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004) e Swales (1990).

A seguir, apresenta-se uma descrição da Sequência Didática elaborada para o ensino do gênero resenha acadêmica, testada durante a nossa pesquisa. Em primeiro lugar, apresentam-se algumas considerações a respeito do procedimento e em seguida se descreve a SD. Explicitam-se, também, os passos dados na aplicação do modelo, bem como as adaptações efetuadas para a realização das oficinas de paráfrase no interior da SD. Os procedimentos de análise dos dados obtidos, na e após a realização das oficinas, são apresentados e discutidos na seção 3.4, dedicada à explicitação dos procedimentos de análise dos dados.

Uma Sequência Didática consiste em uma estrutura formada por três etapas interrelacionadas. Na primeira etapa, há uma primeira produção textual dos alunos com base apenas nos conhecimentos prévios que possuem sobre o gênero que deverá ser ensinado. A primeira escrita serve para avaliação das capacidades iniciais desses estudantes, bem como para identificar as suas dificuldades e planejar os módulos que objetivam contribuir para sua superação.³²

³² Conferir Machado (2009) e Schneuwly, Dolz e Noverraz (2004) para uma exposição detalhada de todas as etapas de uma SD.

Na segunda etapa da SD, desenvolvem-se os módulos planejados com base na análise da primeira produção, tal como exposto no diagrama. Nesses, os discentes realizam diferentes exercícios e atividades direcionadas para facilitar a apropriação das características fundamentais do gênero estudado. Na terceira e última etapa, os estudantes realizam uma produção final, na qual têm oportunidade de revisar, avaliar e retextualizar suas produções iniciais em versões finais que possam materializar, de modo mais pleno, as características do gênero ensinadas nos módulos. Essa etapa é concretizada com o auxílio de um modelo elaborado pelo pesquisador.

Assim, os alunos têm a oportunidade de colocar em prática, de modo consciente, todos os conhecimentos e procedimentos aprendidos nos módulos em função dos objetivos desenhados e das atividades que foram trabalhadas.

Apresenta-se, a seguir, o plano geral da Sequência Didática elaborada para o ensino da resenha acadêmica.

A SD desenvolvida para esta pesquisa constituiu-se de dez módulos. Antes da execução deles, porém, realizou-se a aplicação do questionário de sondagem, a leitura do texto de partida pelos participantes, a aplicação do questionário de compreensão, a apresentação da situação de produção e a escrita da primeira versão da resenha. Os objetivos dessas atividades iniciais foram identificar os conhecimentos e as capacidades que os participantes já possuíam sobre o processo de escrita do gênero resenha acadêmica e levantar informações que pudessem orientar o planejamento da SD.

No primeiro módulo, realizado após a análise das primeiras produções e dos questionários pelo pesquisador, o pesquisador e a professora regente discutiram, com os alunos participantes, as diferenças entre resumo e resenha na mídia. Essa discussão procedeu-se por meio da análise, realizada em classe coletivamente, de diferentes textos que materializam tais gêneros. Nosso objetivo principal era, confrontando uma variedade de exemplares desses textos, auxiliar os estudantes a delimitarem quais seriam as diferenças existentes entre resumo e resenha que eles necessitariam conhecer antes de retextualizarem suas primeiras versões da resenha acadêmica em versões finais.

No segundo módulo, se buscou, ao discutir com os alunos os formatos que as resenhas assumem em diferentes contextos de produção nos quais esse gênero se materializa, levar os participantes a entenderem que se faz necessário, ao produzir um exemplar desse gênero textual na academia, levar em conta, por exemplo, que estarão escrevendo uma resenha para

seu professor, que já leu o texto de partida e que deseja avaliar a capacidade de compreensão e avaliação desse texto pelo aluno.

Dialogou-se com os participantes, no terceiro módulo, a respeito do plano global de uma resenha acadêmica prototípica, adaptado dos trabalhos citados anteriormente com base nas análises coletivas feitas anteriormente dos exemplares desse gênero textual. Nesse diálogo com os alunos pesquisados, foi apresentado e discutido o Modelo baseado no CARS, criado pelo pesquisador para analisar as produções discentes e com o propósito de orientar a escrita de resenhas acadêmicas de artigos acadêmicos, mediada pela SD, bem como de auxiliá-los no seu processo de análise de suas primeiras produções e guiá-los no ato de retextualizá-las para as suas versões finais.

Por terem sido encontrados problemas de coesão textual nas primeiras produções dos participantes, no quarto módulo, discutiu-se com os estudantes sobre mecanismos de conexão e organizadores textuais com o objetivo de ajudá-los a melhor compreender a necessidade da sua utilização na escrita de gêneros textuais acadêmicos como a resenha para guiar o leitor durante o processo de compreensão desse gênero textual.

Já no quinto módulo, foi realizado, com os alunos pesquisados, um diálogo a respeito de como se manifesta a expressão da subjetividade do autor de uma resenha acadêmica. Um dos objetivos da realização desse módulo foi auxiliar os alunos no aprendizado das formas de polidez que um escritor pode usar em seu texto para não parecer ser, para seus leitores, nem agressivo, nem arrogante em seus comentários sobre o objeto resenhado. Além disso, se trabalhou com os estudantes diferentes modos de apreciação de um resenhador sobre o texto de partida por meio da análise de alguns exemplos.

Ainda neste módulo, foi também discutido o que é e como a paráfrase poderia ser usada na captação das ideias de outros textos que poderiam auxiliar no processo de argumentação e defesa de pontos de vistas avaliativos sobre o texto-fonte no processo de retextualização das versões iniciais em finais pelos participantes da pesquisa.

No sexto módulo, discutiu-se, em classe, os procedimentos de inserção de vozes ou, dito de outro modo, as diferentes formas de fazer menção ao dizer do autor do texto resenhado e, também, de outros autores usados para retextualizar a resenha. O objetivo dessa discussão foi dar destaque aos procedimentos de inserção de vozes realizados por diferentes resenhadores em diferentes exemplares de resenha. Discutiu-se, de modo especial, como se podem fazer diferentes formas de menção ao dizer do autor do texto resenhado e de outros autores na retextualização de uma resenha acadêmica. Discutiu-se também sobre como essa

questão é importante durante a elaboração e utilização da paráfrase na retextualização de gêneros acadêmicos como a resenha.

Discutiu-se com os participantes, no sétimo módulo, o gênero “Diário de leitura”, tal como descrito e exposto nos trabalhos de Machado (1998) e Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2006). Este módulo, que foi trabalhado logo nas primeiras semanas do primeiro semestre letivo de 2011, objetivou auxiliar os alunos no seu processo de desenvolvimento de uma leitura ativa, dialógica e opinativa dos textos da academia, por intermédio da utilização desse instrumento didático. Neste módulo, se buscou conscientizar os discentes sobre a importância de ler escrevendo e escrever lendo, tendo em vista o fato de leitura e escrita serem atividades interrelacionadas e complementares. Buscou-se também sensibilizar os participantes para o fato de que a escrita realizada em atividades de retextualização dos gêneros textuais lidos para outros, tais como o diário de leitura, poderia ajudá-los a melhor refletirem sobre o texto lido de forma que pudessem avaliá-lo e criticá-lo com maior segurança e desenvoltura.

No oitavo módulo, intitulado “Compreensão global do texto a ser retextualizado”, discutiu-se com os alunos sobre a prática de elaboração de esquemas e notas. Também foram apresentadas estratégias de leitura com o propósito de trabalhar com os participantes o plano global dos textos-fonte a serem retextualizados em resenha. Neste módulo, se trabalhou, também, a compreensão, entendida como atividade importantíssima para a realização bem sucedida de qualquer atividade de retextualização³³.

O nono módulo consistiu em uma exposição oral feita pelo pesquisador dos aspectos da escrita da resenha discutidos nos módulos anteriores e também em uma discussão conjunta de todos os aspectos da configuração genérica da resenha contidos no modelo elaborado pelo pesquisador, com base em Swales (1990), Motta-Roth e Hendges (2010) e Machado et al. (2004), bem como nas últimas orientações para a retextualização do gênero resenha. A lista de constatações, todavia, não foi usada pelos alunos na escrita da versão final de seus textos.

No último módulo, a SD foi encerrada com a realização pelos participantes da escrita da versão final da resenha. Após essa escrita, procedeu-se a uma análise comparativa entre as primeiras versões e as versões finais das produções textuais dos alunos para se observar a influência e o grau de relevância da SD no ensino da retextualização da resenha acadêmica a alunos iniciantes em cursos de graduação.

³³ Conferir Marcuschi (2001).

3.3 Instrumentos de coleta de dados

Nesta seção, realiza-se uma apresentação e descrição dos instrumentos de coleta dos dados utilizados neste estudo. Durante a pesquisa, os alunos tiveram que responder, inicialmente, a um questionário de sondagem sobre o gênero resenha. Depois, lhes foi apresentado o texto de partida das atividades de retextualização que culminariam na escrita desse gênero. O passo seguinte à apresentação, leitura e discussão do texto de partida foi a aplicação de um questionário de compreensão sobre esse texto, cujo objetivo foi avaliar o efeito das oficinas³⁴ de compreensão na leitura do texto-fonte, realizada pelos alunos antes da escrita da primeira versão da resenha. Após esse passo, foi apresentada a situação de produção do gênero e solicitado aos participantes a escrita da primeira versão do texto, que foi recolhida para análise, correção e planejamento dos módulos da SD. Concluídos tais módulos, os alunos escreveram a versão final da resenha. Para tanto, foram auxiliados pelo modelo e por observações do pesquisador a respeito da primeira versão, dos seus textos. Essas observações já tinham sido passadas aos alunos tanto por meio de bilhetes orientadores, quanto oralmente, durante a realização dos módulos.

O corpus estudado nesta pesquisa foi constituído pelos dados obtidos a partir dos questionários: o de sondagem sobre o gênero e o de compreensão a respeito do texto de partida e de textos produzidos pelos graduandos antes e depois das atividades que compuseram os módulos da SD. Abaixo se descreve cada um deles na ordem em que foram propostos aos participantes.

3.3.1 O questionário de sondagem

O primeiro instrumento de coleta de dados usado neste estudo foi o questionário de sondagem (Anexo 02). Ele possui dez questões nas quais os alunos foram solicitados a responder sobre a definição, finalidade, disciplinas e nível de formação em que escreveram a

³⁴ Nas oficinas foram abordados os seguintes conteúdos: “Diferentes percepções de leitura: a dos educadores; a da sociedade e a da mídia”; “O esforço de mudança: o papel dos professores, da sociedade e dos alunos”; “Tipos de conhecimentos necessários para a leitura: lingüísticos (semânticos; sintáticos; mórficos; fonológicos; ortográficos, etc); enciclopédicos (de mundo; gerais e específicos); textuais (relativos aos elementos de textualidade, aos tipos e gêneros)”; “As concepções de leitura e o papel que os objetivos de leitura exercem na compreensão textual”; “A importância das atividades pré-leitura no ajuste do foco e na definição dos objetivos de leitura”; “A importância de resumir e comentar textos para o processo de compreensão textual”; “A importância da prática da sublinha; da produção de notas; esquemas e textos usados para documentar a leitura” e “A escrita do diário de leituras como ferramenta para a construção de uma compreensão crítica, dialógica e ativa do texto lido”.

resenha, suas características e linguagem usada em sua escrita, o suporte e espaços em que achavam que ela circulava, bem como sobre a existência ou não de diferentes tipos de resenha. O objetivo era obter dos participantes da pesquisa informações a respeito dos seus conhecimentos prévios acerca do gênero textual que constituía o nosso objeto de estudo, como também de ensino, antes da realização da primeira produção e da aplicação dos módulos da SD.

3.3.2 Apresentação do texto de partida

O passo seguinte consistiu na apresentação, aos alunos participantes da pesquisa, do texto de partida: “As mídias na educação”, de José Manuel Moran (Anexo 03), para a realização das atividades de retextualização para resenhas — versões inicial e final.

Mais uma vez, destaca-se, neste trabalho, a importância da compreensão textual para o sucesso de qualquer atividade de retextualização que se vislumbre realizar em qualquer aula de produção textual. Realizou-se, nesta etapa, a leitura e discussão do texto-fonte em classe e, em seguida, aplicou-se o questionário de compreensão.

3.3.3 O questionário de compreensão

O segundo instrumento de coleta de dados usado na pesquisa foi o questionário de compreensão. Ele foi usado com o objetivo de verificar em que medida os sujeitos participantes do estudo teriam compreendido o texto de partida, bem como se haviam conseguido utilizar as estratégias de leitura apresentadas durante as oficinas de compreensão textual trabalhadas com eles. Esse questionário (Anexo 04), elaborado pelo pesquisador sobre o texto-fonte: o artigo “As mídias na educação”, de José Manuel Moran (Anexo 03), também possui dez questões.

As perguntas constantes nele solicitaram dos participantes respostas sobre o assunto do texto lido, bem como o uso de estratégias de leitura discutidas na oficina de compreensão. Elas exigiram que os sujeitos fizessem retomadas textuais e inferências sobre o texto-fonte para respondê-las. O uso desse instrumento justificou-se em função de se entender que um aspecto fundamental para a realização bem sucedida de qualquer atividade de retextualização é a compreensão eficiente do texto que lhe servirá de base.

3.3.4 A primeira produção da resenha

O terceiro instrumento usado na pesquisa: a primeira produção da resenha constituiu uma primeira tentativa de realização da escrita do gênero, pelos participantes, e forneceu dados ao pesquisador sobre as representações que eles possuíam, até então, sobre a configuração genérica do gênero textual resenha acadêmica. A partir desses dados, que nos revelaram algumas necessidades de aprendizagem dos alunos, foi possível planejar os módulos da SD.

Ao elaborarem uma primeira retextualização do artigo em resenha, os participantes, mediados pela intervenção interativa, fizeram uma revelação, para si mesmos e também para o pesquisador, das suas representações sobre o texto produzido, bem como sobre a atividade de produção textual. (SCHNEUWLY; DOLZ; NOVERRAZ, 2004). Por essa razão, a primeira produção, ou tentativa de escrita da resenha, constituiu quesito fundamental no uso da SD como metodologia de ensino desse gênero, tendo em vista o fato de o planejamento dos módulos que a compuseram terem sido elaborados com base nos problemas revelados na produção inicial. Os dados gerados pela análise da primeira escrita possibilitaram também realizar, posteriormente, comparações com a versão final do trabalho, apresentada pelos alunos após os módulos, tornando possível mensurar a evolução do aprendizado dos participantes da pesquisa.

3.3.5 A produção final da resenha

O último instrumento de pesquisa utilizado foi a produção final da resenha pelos participantes, após a realização dos módulos da SD. De acordo com Schneuwly, Dolz e Noverraz (2004, p. 106), a Sequência Didática “é finalizada com a produção final que dá ao aluno a possibilidade de por em prática as noções e os instrumentos elaborados separadamente nos módulos”.

Segundo os estudiosos citados, o professor, de posse dessa produção, terá condições de realizar uma avaliação somativa das capacidades adquiridas pelos estudantes. Assim, por intermédio da análise dos dados coletados com o uso desse instrumento, observou-se os resultados obtidos a partir da realização das atividades efetuadas em todos os módulos que propiciaram aos alunos terem maior domínio das capacidades requeridas para a produção textual do gênero ensinado.

3.4 Procedimentos de análise dos dados

A análise dos dados coletados foi feita seguindo-se procedimentos específicos de acordo com o instrumento de coleta utilizado. Nesta seção, será efetuada a apresentação e a descrição desses procedimentos. Inicia-se pelo questionário de sondagem (Anexo 02) sobre o gênero resenha. Em seguida, descrevem-se os procedimentos de análise dos dados do questionário de compreensão (Anexo 04), depois os da primeira produção do gênero e, por último, os da segunda versão da resenha.

3.4.1 A análise dos dados do questionário de sondagem

A partir das respostas dadas pelos participantes ao questionário de sondagem constituído de 10 perguntas (Anexo 02), foram gerados gráficos e tabelas e quantificaram-se as respostas dos alunos para categorizá-las, de modo a obter os dados estatísticos que pudessem auxiliar na realização de uma análise qualitativa que permitisse ao pesquisador obter uma leitura das representações prévias dos participantes acerca da configuração genérica de uma resenha escolar acadêmica.

A análise dos resultados obtidos com a aplicação desse instrumento foi realizada com o auxílio de tabelas, elaboradas com a finalidade de permitir quantificá-los, organizá-los e hierarquizá-los de modo a produzir números capazes de traduzir, como informado acima, a representação coletiva do grupo de participantes que responderam aos questionamentos a respeito do gênero resenha e sua produção. Os resultados obtidos serão apresentados mais adiante, no Capítulo 4 e discutidos no Capítulo 5.

3.4.2 A análise dos dados do questionário de compreensão

O questionário de compreensão (Anexo 04) possui, semelhantemente ao de sondagem, 10 questões: divididas em inferenciais e de retomada textual. A análise das respostas dadas pelos sujeitos da pesquisa foi realizada comparando-as com as respostas sugeridas pelo pesquisador para cada uma das questões.

Levando em consideração esse critério, tais respostas foram classificadas em respostas esperadas (RE), respostas satisfatórias (RS) e respostas não satisfatórias (RNS). Consideraram-se respostas esperadas (RE) aquelas que mais se aproximaram da que foi dada

pelo pesquisador. Foram classificadas como respostas satisfatórias (RS) as que atingiram as expectativas da maior parte dos participantes para o que se poderia considerar como respostas corretas, ou as que atenderam em torno de 50% dos critérios pensados para as respostas sugeridas. As respostas não satisfatórias (RNS) foram as que não atenderam às expectativas da maioria dos participantes ou as que satisfizeram a menos da metade dos critérios estabelecidos pelo pesquisador com relação às respostas sugeridas.

Após a categorização das respostas, procedeu-se à sua quantificação e posterior análise estatística dos dados obtidos. Essa categorização foi feita através de uma tabela, da seguinte forma: na primeira coluna, foram elencadas as respostas sugeridas e, na segunda, foram registradas as dadas pelos alunos, que foram, como já informado, classificadas em relação às sugeridas como: RE (Respostas Esperadas), RS (Respostas Satisfatórias) e RNS (Respostas Não Satisfatórias). Os resultados obtidos nesta etapa foram traduzidos em números, que geraram percentuais usados numa análise estatística, apresentada em gráficos. Os resultados obtidos encontram-se no Capítulo 4, com a devida análise no Capítulo 5.

3.4.3 A análise das primeiras produções

Na fase anterior à realização da SD, após a aplicação dos questionários de sondagem e compreensão, solicitou-se aos alunos que resenhassem o artigo “As mídias na educação” de José Manuel Moran, exatamente do modo como eles tinham afirmado entender como devesse ser produzida uma resenha escolar acadêmica no questionário de sondagem.

O objetivo dessa solicitação consistiu em obter informações para planejar os módulos da SD com base na análise da primeira versão das resenhas elaboradas pelos sujeitos da pesquisa. Eles já haviam tido contato com exemplares do gênero conforme informaram no questionário. Por isso, a análise da primeira produção também teve o objetivo de avaliar se esse contato propiciou algum efeito na primeira escrita do gênero resenha.

As produções iniciais foram recolhidas para posterior análise e correção interativa. As intervenções interativas nos textos dos participantes foram feitas de duas maneiras: pelo uso de bilhetes orientadores em seus textos e através de discussão com a classe dos problemas encontrados. As observações feitas nas primeiras produções foram sobre: desenvolvimento do tema, progressão textual, construção da coesão e da coerência, bem como todos os aspectos relativos à configuração genérica de uma resenha acadêmica.

A etapa seguinte do trabalho de análise das primeiras produções consistiu na elaboração de atividades de observação do gênero. O objetivo dessas atividades foi a realização da elaboração coletiva de uma linguagem técnica para descrever e discutir as características do gênero de texto estudado. Os problemas de configuração genérica e os que diziam respeito ao uso da paráfrase encontrados nas primeiras versões da resenha dos graduandos auxiliaram no desenvolvimento desta etapa, bem como nos módulos da SD trabalhada. O desenvolvimento dos módulos, em conformidade com os propósitos que motivaram a realização da presente pesquisa, levou em consideração as inadequações detectadas nos textos dos alunos.

Para auxiliar os alunos em suas dificuldades, elaboraram-se atividades voltadas para o ensino da reformulação textual de partes específicas do texto-fonte, começando com o ensino de estratégias usadas para sublinhar, esquematizar, sumarizar para, finalmente, parafrasear o(s) trecho(s) resumido(s) selecionado(s) do texto de partida para realizar a produção de um novo texto. Com o objetivo de discutir com os participantes o uso da paráfrase feito por eles na primeira escrita de suas resenhas, foi pensada uma categorização que objetivou descrever, de modo detalhado, os tipos de paráfrases encontradas em seus textos. O propósito dessa categorização foi avaliar a habilidade dos alunos no uso dessa estratégia em suas produções. Essa categorização foi usada, ainda, no planejamento dos módulos da SD bem como para avaliar se os sujeitos pesquisados conseguiriam utilizar os procedimentos ensinados na SD na reescrita das suas resenhas. As paráfrases analisadas nas produções dos alunos foram classificadas, tal como descrito e exemplificado no referencial teórico deste trabalho, como sistematizado no quadro a seguir.

PROCEDIMENTOS	DESCRIÇÃO DO PROCEDIMENTO USADO
CÓPIA	1. Cópia sem referência ao autor (1. CSRA)
	2. Cópia com referência ao autor (2. CCRA)
TRANSCRIÇÃO	Transcrição com referência ao autor
PARÁFRASE	1. Sem referência ao autor (1. PSRA)
	2. Com referência ao autor (2. PCRA)
	3. Com substituição lexical e sem referência ao autor (3. PCSLSRA)
	4. Com substituição lexical e com referência ao autor (4. PCSLCRA)
	5. Com substituição lexical, modificação sintática e sem referência ao autor (5. PSLMSSRA)
	6. Com substituição lexical, modificação sintática e com referência ao autor (6. PSLMSCRA)
	7. Com reconstrução textual, utilizando as próprias palavras e sem referência ao autor (7. PCRTXSRA)
	8. Com reconstrução textual, utilizando as próprias palavras e com referência ao autor (8. PCRTXCRA)

Quadro 12 - Categorização usada para analisar cópias, transcrições e paráfrases

Buscou-se, com o uso dessa categorização, observar a utilização do texto-fonte feita pelos participantes em sua primeira retextualização de um artigo acadêmico em resenha. A análise iniciou-se com a observação das informações do texto-fonte selecionadas pelos participantes, em seguida, observou-se também o modo como eles as apresentaram em suas primeiras produções. De posse dessas informações, procedeu-se à classificação das paráfrases utilizadas.

3.4.4 A análise das segundas produções

Após a realização da produção final pelos alunos pesquisados, foi realizada a análise comparativa, tanto da configuração genérica da resenha acadêmica, quanto da utilização da paráfrase, entre a primeira escrita do gênero e a escrita da versão final para verificar se a hipótese que afirma a relevância da SD no ensino de gêneros orais e escritos era verdadeira em se tratando de sua influência positiva no processo de retextualização da resenha acadêmica.

Antes da análise das segundas produções, foram desenvolvidos os módulos, tal como descrito nas considerações sobre o procedimento Sequência Didática, apresentadas anteriormente, que objetivaram trabalhar com os participantes conhecimentos necessários para retextualizar o artigo acadêmico de Moran em resenha que eles ainda não possuíam.

Para analisar se os participantes haviam desenvolvido o domínio relativo ao conhecimento da configuração genérica da resenha que constituiu objeto de ensino nos módulos, utilizou-se o modelo de resenha acadêmica de artigo acadêmico elaborado pelo pesquisador com base no CARS, idealizado por Swales. O modelo elaborado para a escrita do gênero resenha que serviu para analisar a sua configuração genérica foi usado, também, por parte dos participantes, como ferramenta para orientar a retextualização das suas primeiras produções nas últimas versões das resenhas, no final da SD.

Embora este trabalho tenha tido como orientação teórico-metodológica a abordagem do Interacionismo Sociodiscursivo³⁵, optou-se por construir um modelo pautado no de Swales (1990) e de Motta-Roth (2010) para analisar a configuração genérica das resenhas produzidas pelos alunos e, ao mesmo tempo, para orientá-los na sua reescrita. Essa opção se justifica porque foi o modelo eleito pelos sujeitos pesquisados como o de mais simples utilização. Para

³⁵ (BRONCKART, 1999; SCHNEUWLY; DOLZ, 2004; GONÇALVES, 2007)

a análise das paráfrases encontradas nas segundas produções, utilizaram-se os mesmos procedimentos descritos na seção anterior.

3.5 Análise comparativa das produções textuais

A análise comparativa das produções iniciais e finais das resenhas redigidas pelos participantes do presente estudo foi efetuada com o objetivo de aferir a evolução do seu aprendizado com relação ao domínio dos conhecimentos relativos à configuração genérica da resenha e ao uso adequado da paráfrase em seu processo de elaboração. O objetivo dessa análise foi verificar se a aplicação da SD e a utilização de um modelo didático elaborado para o ensino do gênero teriam sido relevantes para o aprendizado de aspectos relativos à escrita de resenha acadêmica de artigo científico por alunos iniciantes em práticas de letramento acadêmico.

Os dados estatísticos dos resultados obtidos foram expostos em quadros que permitiram aferir o aproveitamento dos participantes deste estudo no que se refere ao seu processo de aprendizagem dos conteúdos trabalhados.

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS

Apresentam-se, no presente capítulo, os resultados obtidos na análise do corpus, dispostos conforme o instrumento de coleta utilizado: 4.1 Questionário de sondagem, 4.2 Questionário de compreensão, 4.3 Ocorrências de movimentos retóricos na primeira e última versões das resenhas e 4.4. Ocorrências de paráfrase na primeira e última versões das resenhas.

4.1 Questionário de sondagem

O questionário de sondagem sobre a escrita do gênero resenha aplicado à turma pesquisada possui dez questões. Inicialmente, foi feito o seguinte questionamento: “Como você definiria o gênero resenha?” O objetivo dessa pergunta era conhecer, por meio da análise das respostas dadas por eles, os conceitos que possuíam sobre o gênero resenha acadêmica.

“Resumo” consistiu na definição dada por 28,58% dos alunos que responderam a essa questão. “Resumo com opinião” foi a definição dada por 62,85% dos participantes e 8,57% deles definiram resenha como um texto dissertativo, tal como exposto no gráfico da Figura 02 a seguir.

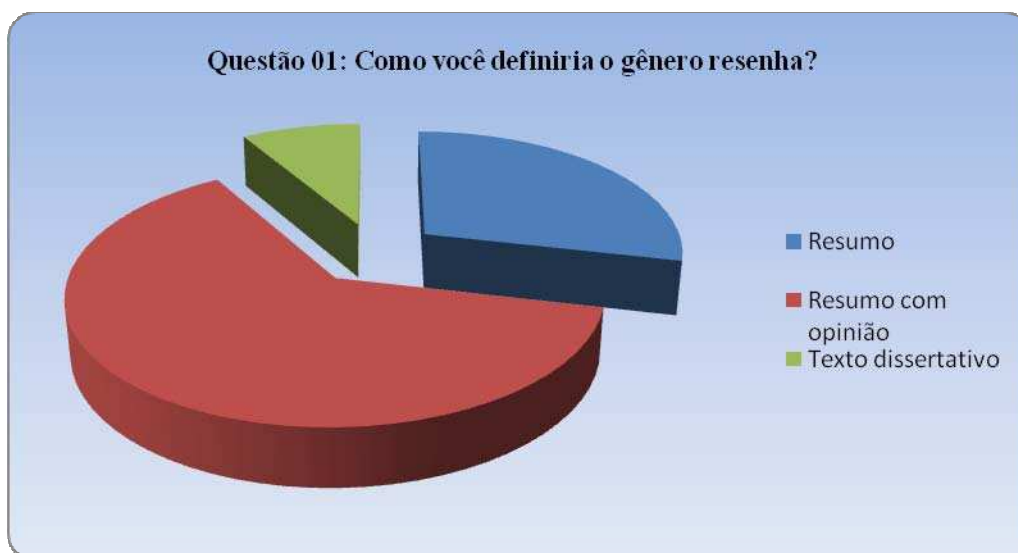


Figura 02 - Primeira questão do questionário de sondagem

A questão 02: “Com base na sua resposta a questão anterior aponte a finalidade da escrita de resenhas”, além de verificar qual finalidade os participantes pensavam ter a escrita

de resenhas, pretendeu identificar se os mesmos possuíam dificuldades no tocante à diferenciação dos gêneros resumo e resenha, tal como afirma Machado (2002) em seu artigo.

Os participantes apresentaram as seguintes respostas: “Compreender o texto” (22,86%), “Descrever o texto” (22,86%), “Descrever e criticar” (2,86%), “Criticar o texto” (28,58%), “Resumir e criticar” (11,42%), “Resumir” (8,57%) e “Não responderam” (2,86%).



Figura 03 - Segunda questão do questionário de sondagem

A questão 03: “Você já redigiu uma resenha? Se sim, em qual disciplina esta atividade lhe foi solicitada?”, dividida em duas partes, teve como objetivo verificar se os participantes pensavam já haver escrito uma resenha, bem como saber em qual disciplina essa atividade lhes teria sido solicitada. As respostas encontradas foram: “Sim” (54,28%) e “Não” (42,86%). Apenas um participante (2,86%) não respondeu a esse questionamento. As respostas dadas à primeira parte da questão revelam que quase metade dos alunos informaram não haver escrito uma resenha antes da realização desta pesquisa.

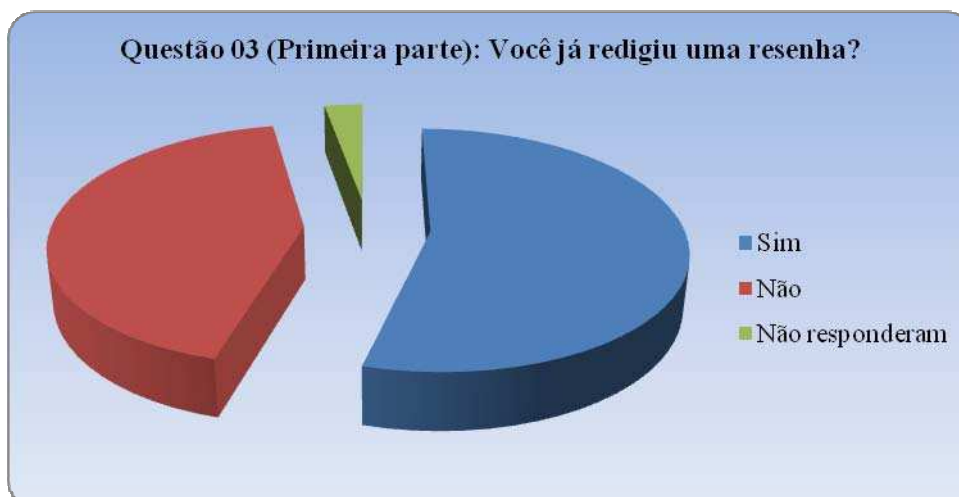


Figura 04 - Questão 03 do questionário de sondagem (Primeira parte)

A segunda parte da questão 03 (Figura 05) objetivou identificar a disciplina em que a atividade de escrita de resenha possivelmente teria sido solicitada. A disciplina Língua Portuguesa liderou as respostas com 66,67% das ocorrências. Políticas de Saúde, História, Geografia, Redação e Filosofia empataram com 4,76% das ocorrências para cada uma delas. Literatura (9,53%) ocupou a terceira colocação no que diz respeito à quantidade de respostas oferecidas, tal como está exposto no gráfico abaixo.



Figura 05 - Questão 03 do questionário de sondagem (Segunda parte)

Buscando ainda maior esclarecimento sobre a escrita do gênero resenha por parte dos participantes, elaborou-se outra questão, também dividida em duas partes: “Se sua resposta a questão anterior foi positiva, para qual matéria/disciplina você escreveu uma resenha pela

primeira vez e em qual nível de ensino?” Essa busca, como está sugerido em seu enunciado, esclarecimentos sobre a primeira vez bem como sobre o nível de ensino em que haviam escrito uma resenha.

A disciplina Língua Portuguesa (41,18%) mais uma vez liderou as ocorrências de respostas a esta questão. O número de estudantes que não responderam (44,11%) a este questionamento é pouco mais que três pontos percentuais maior que o da resposta mais recorrente. Literatura ocupou a terceira posição, respondendo por 5,89% das ocorrências. Empatadas na quarta colocação estão: Administração, Economia Rural e Filosofia com 2,94% de ocorrências cada uma. A segunda parte da questão 04, forneceu os seguintes resultados: “Ensino Fundamental” (5,6%), “Ensino Médio” (52,8%) e Não responderam (41,6%). Abaixo, no gráfico da Figura 06, se apresentam os resultados esquematizados para uma melhor visualização.

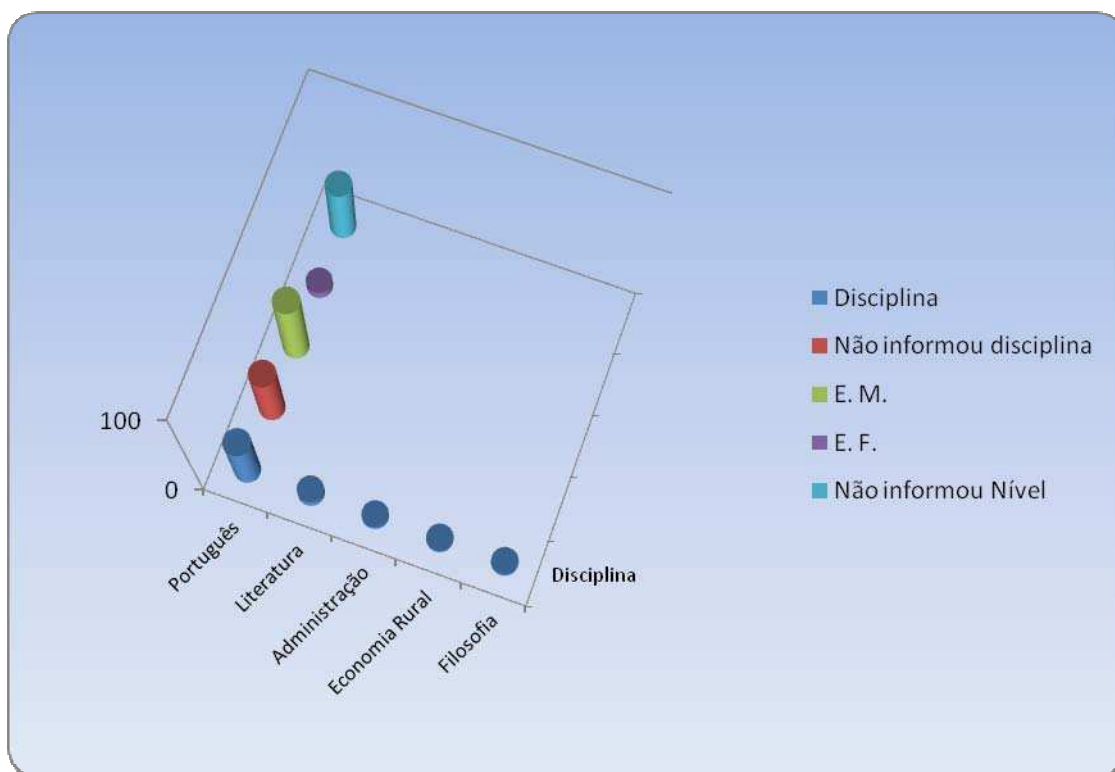


Figura 06 - Questão 04: A primeira disciplina e nível de ensino em que escreveram resenha

Com o propósito de tentar antecipar o que se poderia encontrar na análise das primeiras produções dos participantes, no que diz respeito ao conhecimento deles a respeito da configuração genérica da resenha acadêmica, elaborou-se a questão: “Quais características e critérios você considera fundamentais para que uma produção escrita seja considerada uma

resenha escolar/acadêmica?”. As respostas dadas pelos alunos foram categorizadas do modo como está exposto na Tabela 02.

Questão 05: Quais características e critérios você considera fundamentais para que uma produção escrita seja considerada uma resenha escolar/acadêmica?		
Respostas encontradas	Ocorrências	%
Apresentar as ideias principais do texto-fonte	10	15,5
Conter opinião do autor	10	15,5
Ter coerência	06	9
Ter clareza	06	9
Ter coesão	05	7,5
Linguagem formal	05	7,5
Ter objetividade	04	6
Adequação as normas gramaticais e ortográficas	04	6
Ser sucinta	03	4,3
Ter fidelidade ao tema	03	4,3
Análise do texto fonte	03	4,2
Não responderam	03	4,2
Possuir conclusão	02	3
Possuir introdução	01	1
Possuir desenvolvimento	01	1
Conter argumentação	01	1
Crítica	01	1

Tabela 02 - Questão 05 do questionário de sondagem

Os critérios mais mencionados pelos participantes foram, como se pode conferir na tabela acima: “Conter a opinião do autor” e “Apresentar as ideias principais do texto-fonte”, ambos com 15,5% das ocorrências cada. Os critérios e/ou características que ocuparam a segunda colocação na quantidade de ocorrências foram: “Ter coerência” e “Ter clareza” (9%). “Ter coesão” e “Linguagem formal”, com 7,5% das ocorrências, aparecem em terceiro lugar na lista de características fornecidas pelos participantes.

Dando continuidade aos questionamentos que objetivaram entender as perspectivas dos participantes sobre o que eles consideravam características do gênero, foi-lhes apresentada a questão: “Com base na resposta dada a questão anterior, qual linguagem, em sua opinião, deve ser utilizada na produção escrita de uma resenha escolar/acadêmica?”. Essa questão recebeu como respostas: “Linguagem culta” (77,15%), “Adequada ao interlocutor” (5,71%) e “Linguagem coloquial” (8,57%). Os participantes que não responderam a questão correspondem a 8,57% das ocorrências. O gráfico da Figura 07 permite uma melhor visualização desses resultados.



Figura 07 - Questão 06 do questionário de sondagem

Com a apresentação da questão 07, desejava-se dar início a um conjunto de questões que objetivavam aferir conhecimentos mais específicos a respeito da escrita e da configuração genérica da resenha, como: a existência de diferentes tipos de resenha, conforme existissem diferentes propósitos comunicativos para a sua escrita, bem como em relação ao tipo de suporte em que são apresentadas. A primeira questão que objetivou dar início aos questionamentos mais específicos sobre a escrita de resenhas teve a finalidade de verificar se os participantes pensavam haver diferentes tipos de resenhas foi: “Com base na sua resposta a questão anterior, se poderia falar na existência de diferentes tipos de resenha?”. Obteve-se como respostas: “Sim” (51,42%) e “Não” (28,58%). Os participantes que não souberam ou não responderam corresponderam a 20% das ocorrências.

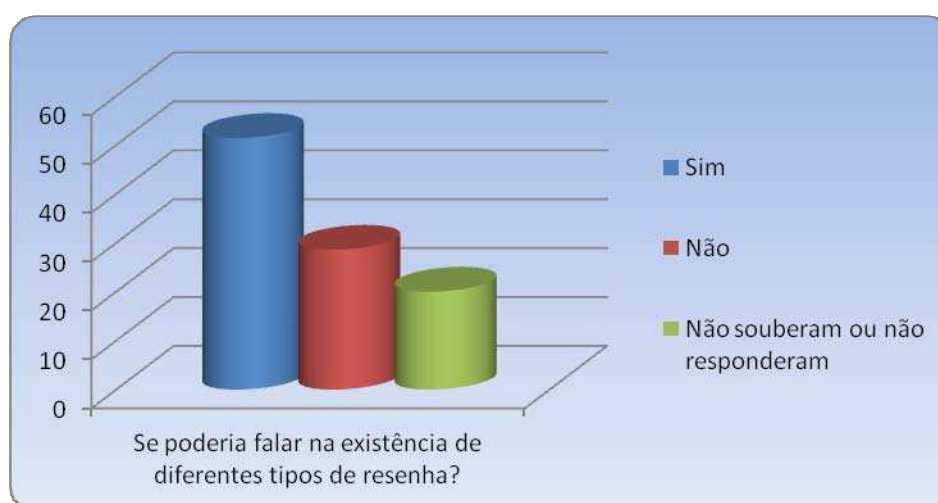


Figura 08 - Questão 07 do questionário de sondagem

Prevendo que os participantes fossem responder, em sua maioria, “Sim” à questão 07, elaborou-se a questão 08: “Se sua resposta foi sim, onde seria possível encontrá-los, caso você fosse indicar a leitura de cada um deles a alguém?”. O propósito, nesse caso, foi aferir o conhecimento deles acerca dos suportes em que os diferentes tipos de resenha que eles afirmaram existir são expostos. As respostas obtidas foram: “Revistas” (18,92%), “Jornais” (16,22%), “Páginas da internet” (2,7%) e os que não souberam ou não responderam representam 62,16% das ocorrências, como mostra o gráfico da figura a seguir.



Figura 09 - Respostas da questão 08 do questionário de sondagem

A nona questão objetivou aferir se os participantes consideravam haver diferença entre os demais tipos e a resenha acadêmica que constituiria objeto de ensino da Sequência Didática.

Novamente, os participantes que não responderam ao questionamento constituíram maioria (50%). A resposta mais recorrente diz que a diferença existente entre os demais tipos e a resenha acadêmica localiza-se na “Linguagem” usada em sua elaboração (20,46%). A terceira posição foi ocupada pela resposta “Forma” (11,37%). “Conteúdo” (9,09%), “Adequação às normas” (4,54%), “Modo de opinar sobre o texto” (2,27%) e “Não há diferenças” (2,27%) foram outras respostas dadas ao questionamento pelos estudantes. No gráfico apresentado abaixo, se pode ter uma boa visualização das concepções dos participantes a respeito da diferenciação dos tipos de resenha.

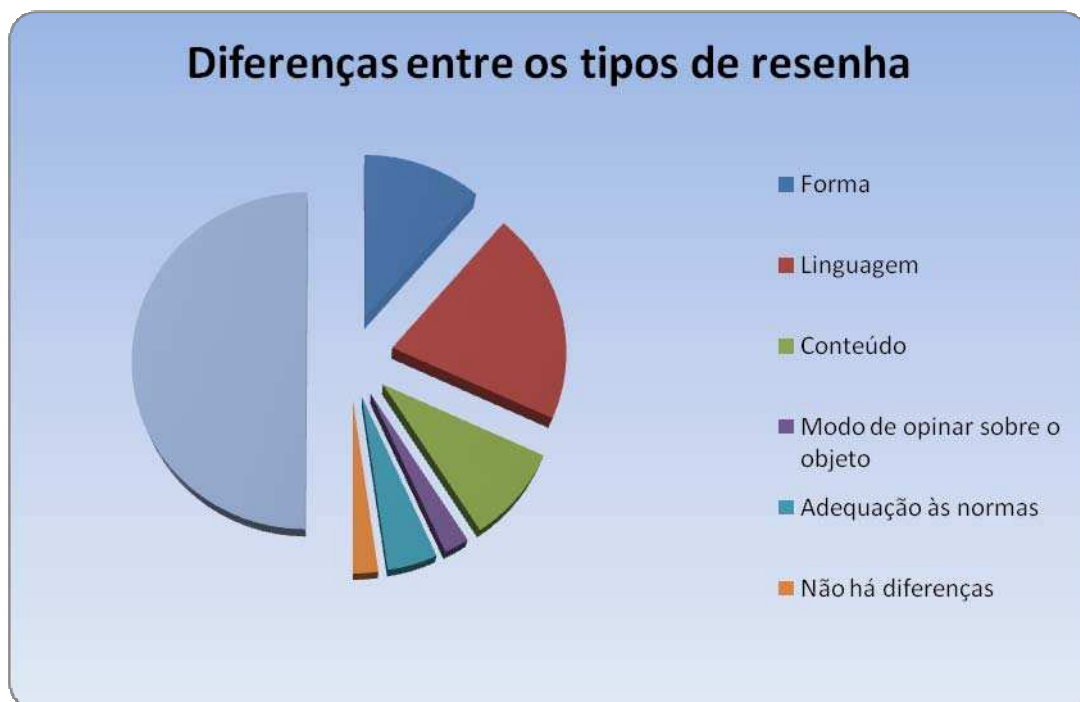


Figura 10 - Respostas da questão 09 do questionário de sondagem

Para finalizar os questionamentos sobre os conhecimentos dos participantes acerca da escrita do gênero resenha acadêmica e para analisar se os mesmos estavam convictos da existência de diferenças entre resumo e resenha, se fez a última pergunta: “E em relação ao resumo e a resenha, você acha que há diferença entre estes gêneros textuais? Se a resposta for sim, como você poderia diferenciá-los?”. As respostas à primeira parte da questão constam no próximo gráfico.

A resposta “Sim”, dada por 83,33% dos participantes, confirma que a maioria dos alunos da turma pesquisada acha que há diferenças entre resumo e resenha. Apenas 5,56% afirmaram pensar que não há diferença entre os dois gêneros. Os que não opinaram somam 11,11%, como se verifica no gráfico da Figura 11 a seguir.



Figura 11 - Respostas da Questão 10 (Primeira parte) do questionário de sondagem

A segunda parte da questão 10 foi elaborada com o objetivo de aferir como os participantes diferenciariam resumo de resenha. A maioria deles considerou o resumo e a resenha como sínteses de um objeto e que se diferenciam por conter ou não uma crítica ao texto de partida, como exposto no gráfico abaixo. As respostas dadas pelos participantes a esta parte do questionamento foram: “O resumo é uma síntese do texto fonte” (41,38%), “A resenha é uma síntese crítica do texto fonte” (39,66%) e outras respostas que somaram 18,96% das ocorrências.

O gráfico da Figura 12 apresenta uma visualização das características do resumo e da resenha eleitas pelos participantes como as que permitem diferenciar os dois gêneros. O resumo, definido em 41,38% das respostas “como uma síntese do texto fonte”, e a definição de resenha como “uma síntese crítica do texto fonte” em 39,66% revelam que a maior parte dos participantes, ao menos no plano teórico, consegue diferenciar resumo e resenha.



Figura 12 - Respostas da questão 10 (Segunda parte) do questionário de sondagem

O questionário de sondagem permitiu conhecer parte das concepções dos participantes sobre a escrita do gênero resenha. As respostas oferecidas por eles auxiliaram na antecipação do que poderia ser encontrado nas primeiras produções que norteariam o planejamento da Sequência Didática. Serviram também para estabelecer comparações com os resultados obtidos por meio da análise da primeira versão da resenha, solicitada aos alunos da turma pesquisada após a leitura do texto-fonte e aplicação do questionário de compreensão, cujos resultados são apresentados na próxima seção.

4.2 Questionário de compreensão

O segundo instrumento de coleta de dados usado na presente pesquisa consistiu na aplicação de um questionário de compreensão com dez questões a respeito do artigo científico: “As mídias na educação”, escrito por José Manuel Moran. Com o objetivo de avaliar o uso que os participantes fizeram das estratégias de leitura apresentadas nas oficinas de compreensão de textos acadêmicos, como também de aferir a sua capacidade de fazer inferências sobre o texto com base na leitura do título e das informações verbais sobre o autor, foi elaborada a questão 01 (Anexo 04). As respostas esperadas (RE) compreenderam a 8,12% das ocorrências, as satisfatórias (RS) e as não satisfatórias (RNS) empataram em porcentagem, equivalendo a 45,94% das ocorrências de respostas dadas à primeira questão. No gráfico abaixo, se pode visualizar melhor esses resultados.



Figura 13 - Respostas da questão 01 do questionário de compreensão

A questão 02 do questionário de compreensão foi elaborada com o propósito de se verificar a capacidade dos alunos participantes de identificar a função da epígrafe, bem como

de fazer previsões sobre o assunto tratado no texto com base na análise dela. Os que responderam de modo esperado corresponderam a 13,52% das ocorrências. As respostas satisfatórias responderam por 56,76% e as não satisfatórias corresponderam a 29,72% delas conforme pode ser visualizado no gráfico a seguir.

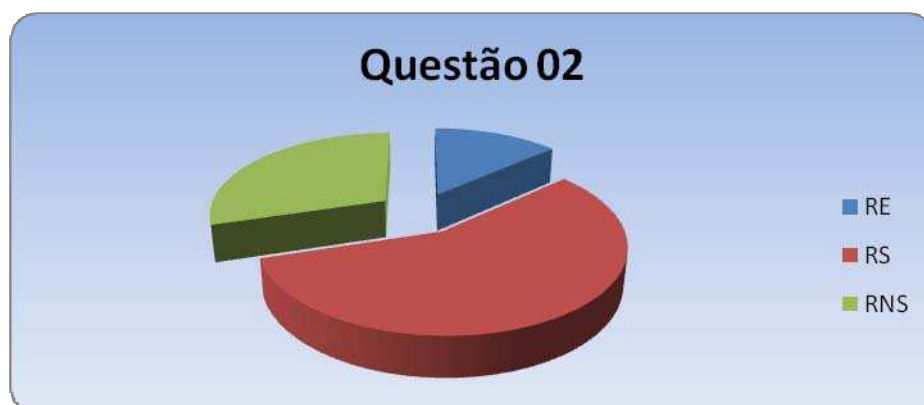


Figura 14 - Respostas da questão 02 do questionário de compreensão

A terceira questão objetivou verificar a capacidade dos participantes de fazer inferências sobre o texto com base nos conhecimentos e capacidades que demonstraram ao utilizar as informações do título e da epígrafe. Buscou-se, ainda, analisar a capacidade dos alunos de confirmar suas hipóteses, construídas nas inferências, e de identificar o objetivo do texto lido. As respostas esperadas oferecidas pelos participantes a este questionamento compreenderam 21,63% das ocorrências e as satisfatórias, a 51,35% do total. Já as respostas não satisfatórias responderam por 27,02% das respostas dadas pelos alunos da turma pesquisada.

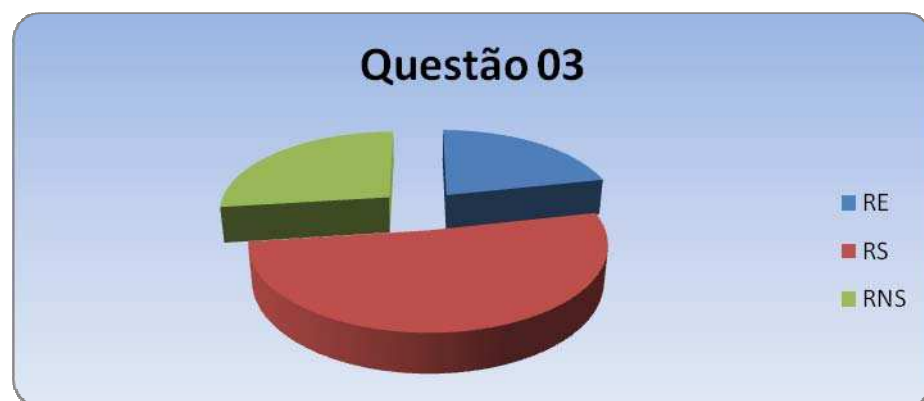


Figura 15 - Respostas da questão 03 do questionário de compreensão

Na questão 04 do questionário de compreensão, objetivou-se avaliar a capacidade dos participantes de fazer retomada textual de informações específicas do texto e de rerepresentá-las de forma sintética. Os resultados apontaram que 29,73% das ocorrências foram de respostas esperadas, 48,65% de respostas satisfatórias e apenas 21,62% de não satisfatórias como se pode conferir no gráfico apresentado na Figura 16.



Figura 16 - Respostas da questão 04 do questionário de compreensão

A questão 05 do instrumento objetivou verificar se os participantes conseguiriam localizar e realizar a retomada textual dos argumentos utilizados pelo autor no texto de partida para defender uma de suas teses sobre o assunto discutido por ele no texto-fonte. As respostas satisfatórias dadas à questão 05 foram fornecidas por 54,06% dos alunos da turma pesquisada. As não satisfatórias somaram 45,94% das ocorrências. Nesta questão não houve nenhuma ocorrência de resposta esperada. No gráfico exibido na Figura 17 pode ser feita uma melhor visualização dos resultados encontrados.



Figura 17 - Respostas da questão 05 do questionário de compreensão

A sexta questão elaborada para o questionário de compreensão possuiu também o objetivo de avaliar se os alunos integrantes da turma pesquisada seriam capazes de realizar a retomada textual de informações específicas, fornecidas pelo autor do texto-base, bem como a sua capacidade de rerepresentá-las sinteticamente em suas respostas. Os resultados obtidos, apresentados no gráfico da Figura 18, foram os seguintes: 13,52% das respostas dadas pelos sujeitos pesquisados foram consideradas esperadas, as respostas satisfatórias responderam por 24,32% das ocorrências e as não satisfatórias, por 62,16%.



Figura 18 - Respostas da questão 06 do questionário de compreensão

A questão 07 do questionário de compreensão buscou verificar a capacidade dos alunos da turma pesquisada de avaliar a viabilidade ou não de uma inferência sobre o texto, contida no enunciado da própria questão, e a de retomar, no artigo lido, argumentos do autor que pudessem ser usados por eles para sustentar ou refutar aquela inferência.

Essa questão, considerada um pouco mais difícil de responder que a anterior, pelo pesquisador, levou-o a supor que os resultados obtidos com a análise das respostas dadas a ela não seriam muito promissores. Todavia, como o gráfico a seguir permite visualizar, os números: 13,52% de respostas esperadas, 59,46% de respostas satisfatórias e 27,02% de respostas não satisfatórias, contrariando as expectativas negativas, revelaram-se promissores.



Figura 19 - Respostas da questão 07 do questionário de compreensão

A oitava questão elaborada para o questionário de compreensão também teve o objetivo de avaliar a capacidade dos participantes de retomar e sintetizar argumentos usados pelo autor do artigo no seu texto que pudessem justificar a definição de alfabetização elaborada por ele em seu trabalho.

Semelhantemente ao que ocorreu na questão anterior, os números apurados no processo de análise das respostas dadas ao questionamento pelos alunos: respostas esperadas (2,70%), respostas satisfatórias (51,36%) e respostas não satisfatórias (45,94%), apresentados no gráfico da Figura 20 a seguir, também surpreenderam positivamente o pesquisador.



Figura 20 - Respostas da questão 08 do questionário de compreensão

Na questão 09, buscou-se avaliar a capacidade dos participantes de localizar e apresentar, de modo sintético, a opinião do autor a respeito do modo como as mídias deveriam ser usadas no processo educativo. A habilidade de inferir, retomar e apresentar resumidamente as ideias principais do texto, antes um desafio aos sujeitos pesquisados, passou a fazer parte do repertório de recursos de compreensão da maior parte deles, como os

dados do gráfico a seguir comprovam: respostas esperadas (00%); respostas satisfatórias (59,46%) e respostas não satisfatórias (40,54%).



Figura 21 - Respostas da questão 09 do questionário de compreensão

A questão 10 teve o objetivo de verificar se os participantes seriam capazes de inferir, após a leitura do texto-fonte, a conclusão principal do autor a respeito do assunto discutido no artigo. A análise das respostas dadas pelos participantes revelou, mesmo havendo um percentual menor de respostas satisfatórias do que o das respostas não satisfatórias, números favoráveis.

O percentual de participantes que responderam de modo esperado a questão foi de 21,63%, o de respostas satisfatórias foi de 35,13% e as respostas não satisfatórias equivaleram a 43,24% do total de ocorrências. Como dito acima, mesmo este número sendo maior que o das respostas satisfatórias, não representa a maioria das ocorrências de respostas, pois se se somarem as respostas satisfatórias com as esperadas, obter-se-á um percentual maior de ocorrências (56,76%) em relação ao de não satisfatórias. No gráfico da Figura 22 apresentada a seguir isso fica evidenciado.



Figura 22 - Respostas da questão 10 do questionário de compreensão

A Figura 23 apresenta o gráfico que permite uma melhor visualização do desempenho da turma pesquisada no que se referiu à resolução das questões do questionário de compreensão. Das 370 respostas dadas pelos participantes aos questionamentos feitos sobre o texto de partida, sistematizadas no gráfico, 46 delas (12,44% das ocorrências) foram consideradas “Esperadas”, 180 (48,65%) foram classificadas como “Satisfatórias” e as 144 respostas restantes (38,91%) foram consideradas “Não Satisfatórias”. Os dados apurados na análise revelam que a maioria dos sujeitos pesquisados obtiveram êxito na tarefa que lhes foi solicitada quando da aplicação do instrumento de coleta de dados à turma.



Figura 23 - Quantificação das respostas dadas ao questionário de compreensão

Os números obtidos com a análise das respostas dos participantes ao questionário, como se pode ver, foram positivos, pois a soma de respostas esperadas com as satisfatórias (61,09%) é maior do que a quantidade de respostas não satisfatórias (38,91%). Na próxima seção, apresentam-se os resultados referentes à análise dos movimentos retóricos utilizados pelos participantes na produção das duas versões da resenha.

4.3 Ocorrências de movimentos retóricos na primeira e última versões das resenhas

Nesta seção, apresenta-se a primeira parte dos dados apurados dos textos escritos pelos alunos: os que dizem respeito à utilização dos movimentos retóricos relativos à configuração genérica da resenha acadêmica, obtidos com a análise das versões iniciais e finais desse gênero. Os dados computados durante a realização do processo de análise revelaram uma evolução, por parte dos sujeitos pesquisados, no que diz respeito à utilização de movimentos

retóricos em seus textos. As segundas versões registraram um número maior de ocorrências deles em relação às primeiras. Das 548 ocorrências encontradas no corpus composto pelas primeiras e últimas versões das resenhas escritas pelos participantes, 158 (28,82%) foram encontradas na primeira versão, as outras 390 (71,18%) foram registradas nas segundas. Vejamos a Figura 24.



Figura 24 - Ocorrências de movimentos retóricos nas duas versões da resenha

A seguir, apresentam-se, separadamente, os resultados de cada movimento retórico³⁶, iniciando pelo primeiro. Os dados relativos à utilização do movimento 01: “Apresentar o objeto (artigo)” apontam que houve um maior uso de seus passos na segunda versão das resenhas escritas pelos participantes do estudo. Os passos do movimento 01 apresentaram-se assim distribuídos na primeira versão: 18 ocorrências do passo 01: “Informar o tópico geral do artigo” (3,3%), 02 do passo 02: “Definir público-alvo do artigo” (0,3%), 01 do passo 03: “Apresentar as credenciais do autor do artigo” (0,2%) e 01 do passo 05: “Inserir o artigo na área e na obra do autor” (0,2%). Na segunda versão, o primeiro movimento retórico se realizou por meio de: 39 ocorrências do passo 01 (7,2%), 43 do passo 02 (7,8%), 29 do passo 03 (5,3%), 10 do passo 04: “Fazer generalizações” (1,9%) e 09 do passo 05 (1,65%). O gráfico da Figura 25 permite uma melhor visualização e o estabelecimento de uma comparação entre os passos usados para executar o movimento 01 nas duas versões do gênero escritas pelos alunos da classe pesquisada.

³⁶ Na tabela que consta no Anexo 05, visualiza-se a quantificação dos resultados referentes à utilização de cada movimento retórico, bem como os passos usados pelos participantes para executar cada um deles.

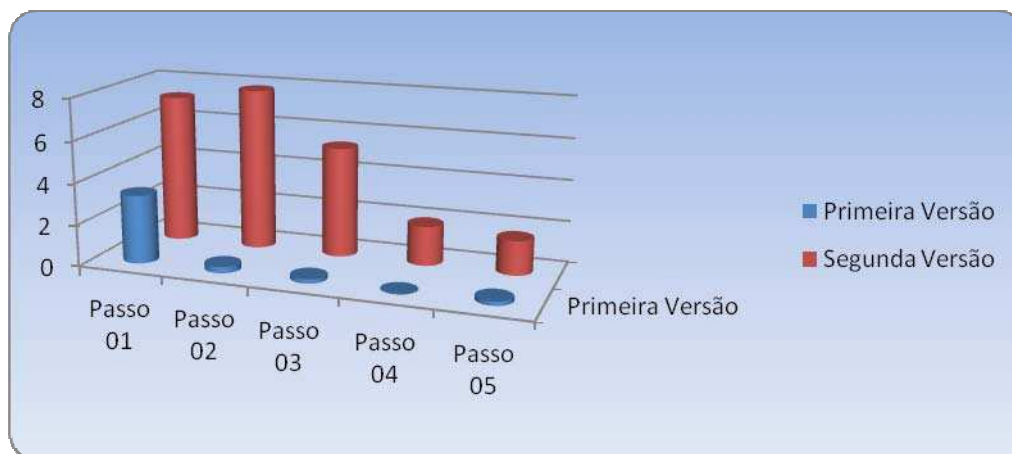


Figura 25 - Passos usados para realizar o movimento 01 nas duas versões da resenha

Com relação ao uso do movimento 02: “Descrever o objeto (artigo)”, os dados apurados revelaram uma ampliação na utilização dos passos que o realizam na escrita da segunda versão. O passo 06: “Fornecer uma visão geral sumária da organização do artigo” passou de nenhuma ocorrência (0%) na primeira versão para 31 (5,66%) na segunda. O passo 07: “Sumarizar o tópico de cada seção do artigo” ocorreu 123 vezes (22,5%) na primeira versão e 116 (21,2%) na segunda. Já o passo 08: “Citar material extratextual (Preferencialmente usando paráfrase)”, com 06 ocorrências (1,1%), só foi encontrado na segunda versão das resenhas. Isso fica bastante visível numa comparação entre as duas produções, feita por meio da leitura do gráfico exibido na Figura 26 apresentada a seguir.

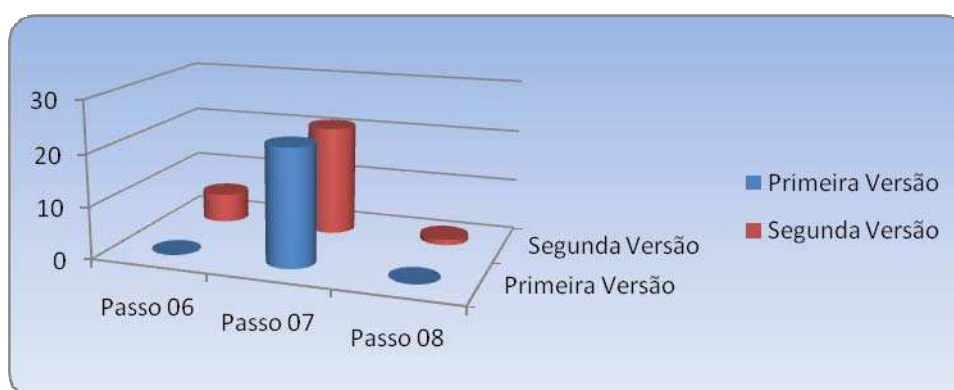


Figura 26 - Passos usados para realizar o movimento 02 nas duas versões da resenha

O uso do movimento 03: “Avaliar o objeto (artigo)” foi realizado com os passos: 09: “Realizar avaliação geral da obra (aspectos positivos e/ou negativos)”, que respondeu por 06 ocorrências nas primeiras produções (1,1%) e 64 nas segundas (11,6%); 10: “Realçar aspectos positivos de parte(s) específica(s) do artigo”, com 05 ocorrências nas primeiras (0,92%) e 04

nas segundas (0,72%) e com o passo 11: “Realçar aspectos negativos de parte(s) específica(s) do artigo”, que correspondeu a apenas 02 ocorrências (0,3%) nas primeiras produções.

Percebe-se, portanto, que o movimento 03 sofreu uma significativa ampliação na segunda versão das resenhas em relação à primeira. É o que se pode visualizar no gráfico exibido na Figura 27.

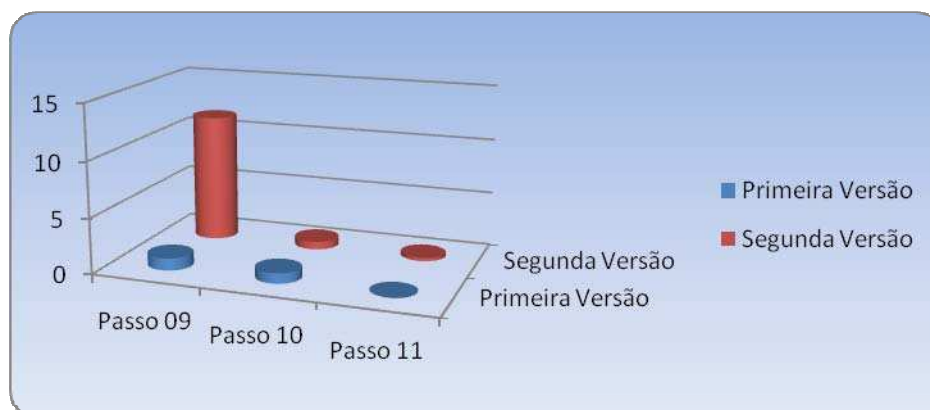


Figura 27 - Passos usados para realizar o movimento 03 nas duas versões da resenha

A ampliação verificada no uso do passo 09, de 06 (1,1%) ocorrências na primeira versão para 64 (11,6%) na versão final, confirma o efeito positivo da SD no desenvolvimento da habilidade de avaliar o objeto resenhado, por parte dos sujeitos pesquisados.

O quarto e último movimento retórico: “Recomendar ou não recomendar o objeto (artigo)” também registrou uma ampliação em sua ocorrência na segunda versão das resenhas escritas pelos participantes. O movimento 04 contabilizou: 02 ocorrências (0,3%) do passo 12: “Desqualificar/recomendar o artigo” na primeira versão e 31 (5,65%) na segunda. Já o passo 13: “Recomendar o artigo apesar das falhas detectadas e expostas” contabilizou 06 ocorrências (1,1 %) na segunda versão dos textos produzidos pelos participantes e nenhuma na primeira. O gráfico da Figura 28 permite uma melhor visualização desses resultados.

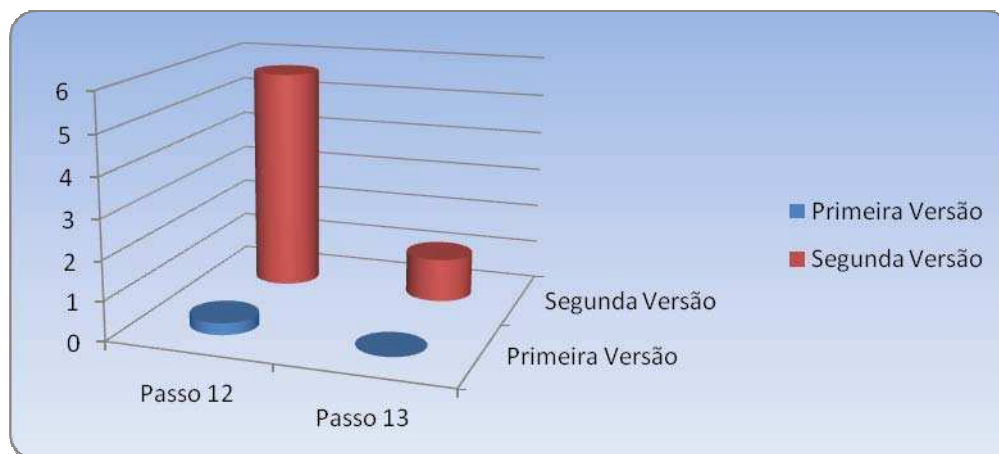


Figura 28 - Passos usados para realizar o movimento 04 nas duas versões da resenha

Os resultados obtidos com a análise comparativa das primeiras e segundas produções apontam que o procedimento Sequência Didática favoreceu o aprendizado da escrita do gênero que constituiu objeto de ensino e de pesquisa deste trabalho. O gráfico da Figura 29 permite uma visualização da utilização de todos os quatro movimentos, com seus respectivos passos, nas duas versões dos textos dos participantes.

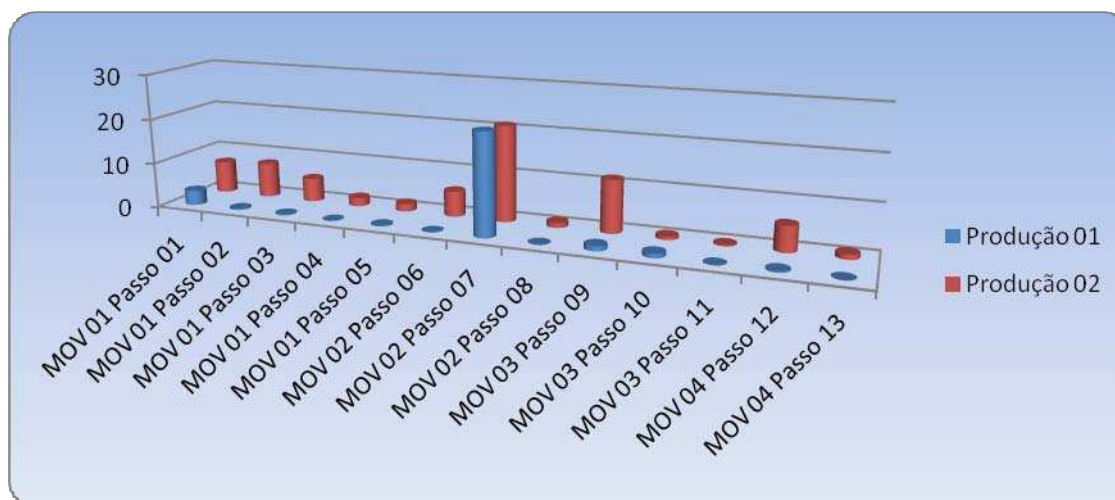


Figura 29 - As ocorrências de movimentos retóricos nas duas versões da resenha

Constatada a força da SD no aprendizado e no uso dos movimentos retóricos que configuram genericamente uma resenha, o próximo passo da pesquisa consistiu em investigar a influência desse procedimento no aprendizado e utilização das paráfrases nas atividades de retextualização realizadas pelos participantes. Na próxima seção, apresentam-se os resultados obtidos nessa etapa de análise.

4.4 Ocorrências de paráfrase na primeira e última versões das resenhas

Nesta seção, apresentam-se os resultados referentes à segunda etapa da análise realizada nas duas versões das resenhas escritas pelos participantes deste estudo quanto à utilização da paráfrase em cada uma delas.

Na tabela que consta no Anexo 07, apresentam-se os números apurados na análise das paráfrases dos trabalhos escritos pelos participantes deste estudo. Como se pode constatar pela leitura dos números expostos, a expectativa de que o procedimento Sequência Didática teria influência positiva no aprendizado da paráfrase se confirmou. Os dados, para uma melhor exposição, são exibidos em gráficos e separadamente nesta seção. A sua exemplificação e discussão, todavia, serão efetuadas no Capítulo 5.

O uso do procedimento cópia, considerado ilegal pela legislação brasileira³⁷ e também indesejável pelos professores que esperam que seus alunos sejam autores autônomos e capazes de usar de modo adequado, em suas produções textuais, as ideias dos textos que leem (ROMANCINI, 2007) teve 01 ocorrência (0,14% dos dados apurados do corpus) na primeira versão e nenhuma ocorrência na segunda, como revelaram os números computados na tabela em anexo. Índice considerado positivamente significativo.

A cópia com referência autoral, ausente na primeira versão dos textos dos participantes, correspondeu a apenas 01 ocorrência na segunda versão, após a realização da SD.

Considerado um modo adequado e legal de copiar e fazer uso de trechos dos textos lidos nos trabalhos produzidos pelos participantes, o procedimento transcrição sofreu uma ampliação de apenas uma ocorrência na primeira versão (0,14%) para 12 (1,7%) na segunda. Nesse caso, os resultados confirmam a influência positiva da SD na diminuição das cópias e na ampliação das transcrições. O gráfico exibido na Figura 30 permite uma melhor visualização dos dados apresentados.

³⁷ Trata-se da Lei n.º 9.610. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/19610.htm>. Acesso em janeiro de 2011.

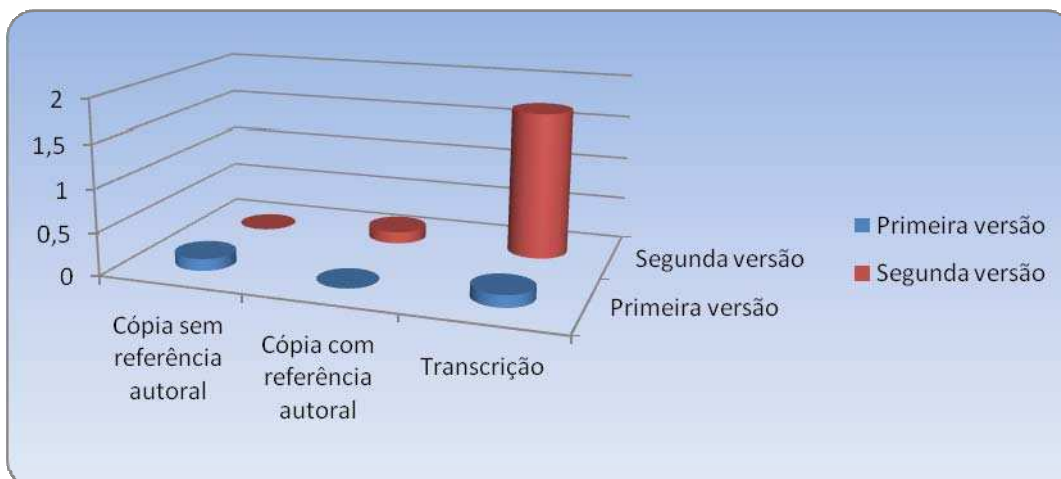


Figura 30 - Ocorrências de cópia e transcrição nas duas versões da resenha

Neste estudo, buscou-se também compreender como o procedimento SD influenciou a utilização da paráfrase com e sem menção ao autor do texto parafraseado nas produções textuais dos sujeitos pesquisados. O objetivo da análise desses dados consistiu em verificar comparativamente em que medida os participantes iriam optar por um dos dois tipos de paráfrase analisados na primeira e última produções.

Os dados apurados apontam que as paráfrases sem referência ao autor (1. PSRA) responderam por 109 ocorrências (15,5%) na primeira versão das resenhas e por 27 (3,9%) na segunda. Já as com referência autoral (2. PCRA) responderam por 54 ocorrências (7,6%) na primeira versão e por 154 (21,9%) na última. Os números comprovaram também os efeitos positivos da SD no que diz respeito ao uso adequado da paráfrase, tendo em vista que a paráfrase sem referência autoral (1. PSRA) sofreu uma significativa redução na segunda versão em comparação com as paráfrases com referência, como se pode confirmar com a visualização no gráfico da Figura 31 a seguir.

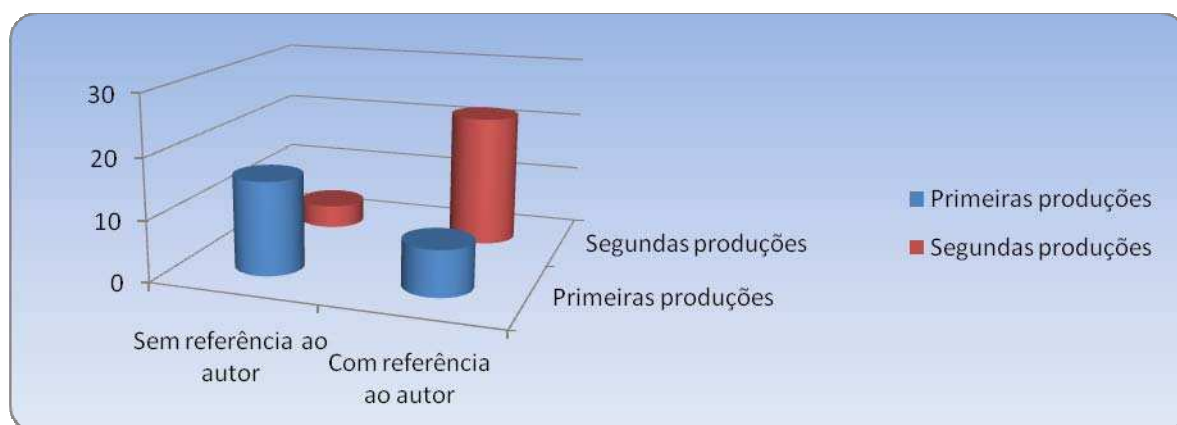


Figura 31 - Ocorrências de paráfrase com e sem referência autoral nas duas versões da resenha

A análise das paráfrases categorizadas como do tipo 03: com substituição lexical e sem referência ao autor (3. PCSLSRA) revelou que, tanto na primeira versão das resenhas, com 03 ocorrências (0,42%), quanto na segunda, nas quais não foi registrada nenhuma ocorrência, a utilização desse recurso inadequado foi bastante baixa nos textos escritos pelos participantes antes e após a SD para o ensino da escrita da resenha acadêmica. Constatou-se que houve também uma redução na utilização das paráfrases dos seguintes tipos: 05: com substituição lexical, modificação sintática e sem referência ao autor (5. PSLMSSRA), que teve suas ocorrências reduzidas de 32 (4,5%) na primeira versão para apenas 03 (0,44%) na final e 06: com substituição lexical, modificação sintática e com referência ao autor (6. PSLMSCRA), que foi reduzido de 11 (1,6%) para 09 (1,29%) ocorrências. No caso das paráfrases 04: com substituição lexical e com referência ao autor (4. PCSLCRA), a análise apontou que não houve registro de nenhuma ocorrência dela nas duas versões elaboradas pelos participantes. O gráfico exposto na Figura de número 32 exibida a seguir permite uma melhor visualização desses resultados.

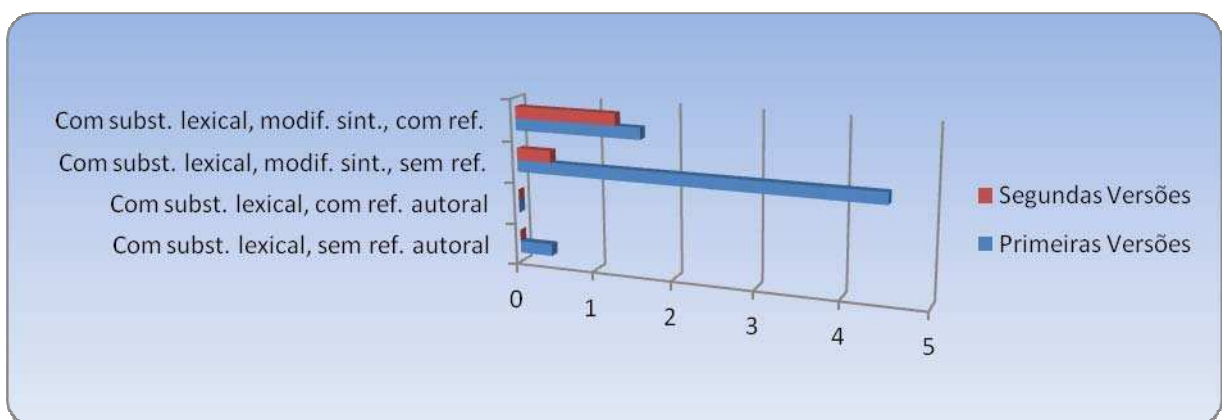


Figura 32 - As paráfrases com substituição lexical e modificação sintática nas duas versões das resenhas

As paráfrases categorizadas como 07: com reconstrução textual, utilizando as próprias palavras e sem referência ao autor (7. PCRTXSRA) computaram 74 ocorrências (10,6%) na primeira versão das resenhas elaboradas pelos participantes. Na segunda, o número de ocorrências desse tipo de paráfrase caiu para 24 (3,4%). Já as paráfrases 08: com reconstrução textual, utilizando as próprias palavras e com referência ao autor (8. PCRTXCRA), que computaram 43 ocorrências (6,1%) na primeira produção dos participantes do estudo, sofreram uma ampliação, computando um total de 145 (20,63%) na última versão. Como se

pode ver, os números apurados, mais uma vez, confirmam a influência positiva da SD na utilização e aprendizado da paráfrase pelos alunos, tendo em vista a redução sofrida nas reconstruções textuais sem referência autoral, acompanhada de uma ampliação significativa nas reconstruções com referência autoral, como ilustrado no gráfico a seguir.

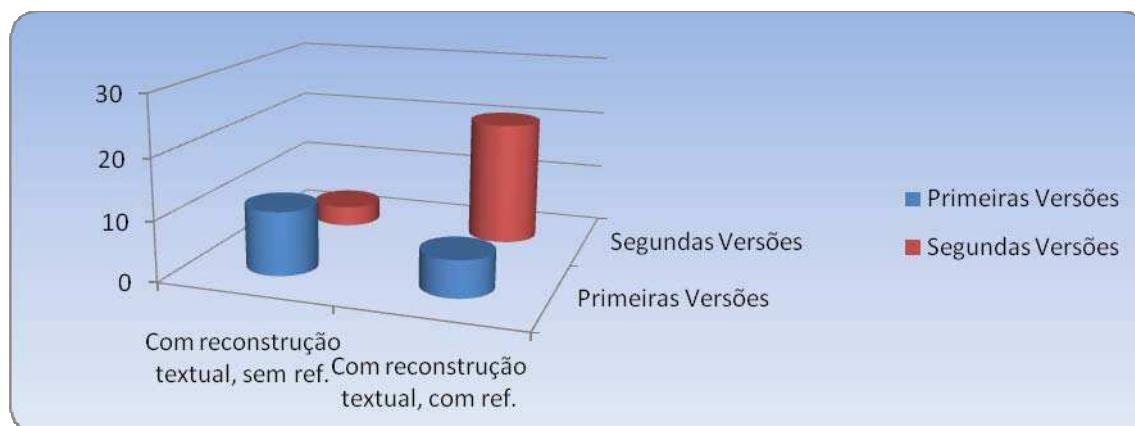


Figura 33 - As paráfrases com reconstrução textual nas duas versões das resenhas

O gráfico da figura 34 adiante permite uma visualização geral dos resultados apurados nesta etapa da análise dos dados. O procedimento cópia sem referência autoral (1. CSRA) foi zerado na segunda versão dos textos produzidos, acompanhado por um aumento no procedimento transcrição. As paráfrases sem referência autoral também sofreram uma redução significativa na segunda versão ao mesmo tempo em que as com referência ao autor ampliaram-se.

As paráfrases com modificação lexical, com e sem referência autoral e com modificação lexical e sintática, com e sem referência autoral também sofreram redução na segunda versão, após a SD, como já era esperado pelo pesquisador. As paráfrases com reconstrução textual e sem referência autoral também sofreram redução em seu uso na última versão dos textos dos participantes. Já as reconstruções textuais com referência registraram significativa ampliação, como já informado e como se pode visualizar no gráfico apresentado a seguir.

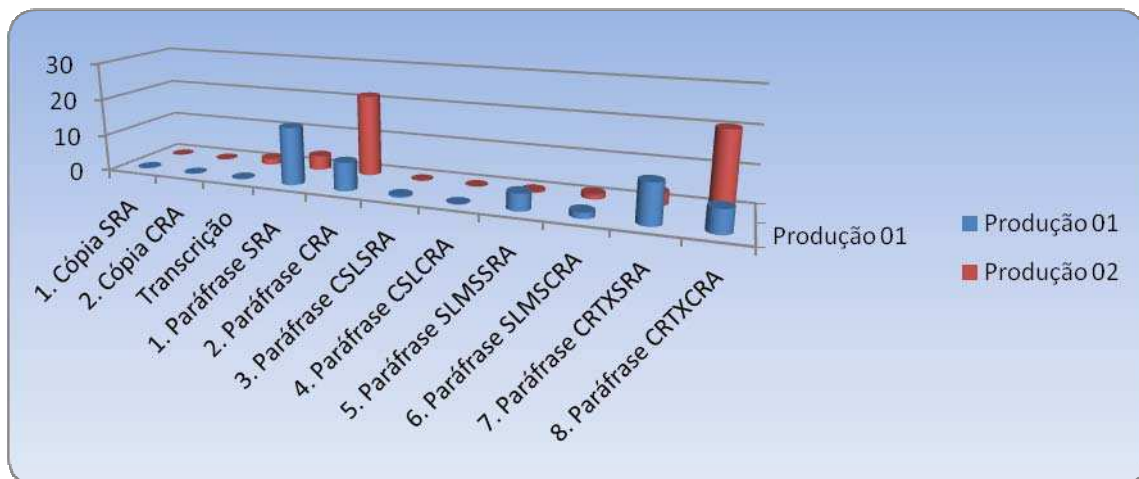


Figura 34 - Gráfico comparativo das paráfrases utilizadas nas duas produções

Apresentados os resultados apurados com a análise do corpus deste estudo, passa-se, a seguir, à sua discussão.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Discutem-se, neste capítulo, os resultados a partir da análise dos dados obtidos nesta pesquisa. Buscar-se-á apresentar aqui explicações sobre o modo como os resultados alcançados revelaram-se positivos no que se refere à influência da Sequência Didática na retextualização da resenha acadêmica, nos aspectos delimitados para a realização deste estudo e apresentados no capítulo de introdução: 1) aprendizado da configuração genérica, manifesto no uso pelos sujeitos pesquisados dos movimentos retóricos que a configuram; 2) atividade de compreensão do texto resenhado desenvolvida por eles e 3) aprendizagem e utilização da paráfrase na resenha.

Em primeiro lugar, apresenta-se a discussão sobre os questionários de sondagem e compreensão. Na sequência, discutem-se, com o uso de trechos de algumas das produções textuais dos participantes, uma evolução dos movimentos retóricos configuradores da resenha acadêmica da produção inicial para a versão final, realizadas antes e após os módulos da Sequência Didática, respectivamente. Finalizando a discussão, apresenta-se também uma evolução percebida nos textos dos participantes quanto ao aprendizado e à utilização da paráfrase.

5.1 Resultados do questionário de sondagem a respeito da escrita do gênero resenha

O questionário de sondagem foi aplicado com o objetivo de compreender as percepções que os participantes da pesquisa possuíam sobre a configuração do gênero resenha e seu processo de produção e circulação antes da realização das atividades da SD na turma pesquisada. A primeira pergunta que questionava os participantes a respeito de como definiam o gênero resenha obteve a definição “Resumo com opinião” (62,85% das ocorrências) como resposta mais predominante. Definir a resenha como um tipo de resumo (com opinião no caso deste trabalho) também foi uma resposta predominante na pesquisa de Portugal (2010).

Os dados obtidos confirmam, ainda, as afirmações de Machado (2002) sobre a polissemia existente no conceito de resumo que tem sido apresentado aos estudantes durante o seu processo de escolarização básica, bem como seu reflexo problemático no aprendizado da escrita acadêmica de gêneros diferentes dele, mas que possuem aspectos semelhantes, tendo em vista, no caso investigado, apontarem que os sujeitos que passam por este processo podem ver finalidades para a escrita do gênero resenha que são mais predominantes no gênero

resumo acadêmico. Um problema de se definir resenha como um tipo de resumo, como os participantes fizeram, reside no fato de se incorrer no risco de apagamento das diferenças fundamentais existentes entre os dois gêneros durante o seu processo de produção, pois, como se sabe, apesar de sintetizar o texto-fonte, a função principal da resenha consiste, predominantemente, em avaliar seu conteúdo e recomendar ou não a sua leitura, não em resumi-lo apenas.

O que se pôde perceber, nas respostas apresentadas para a questão 02, é que o que havia sido comentado pelo pesquisador anteriormente sobre as respostas da primeira questão, com relação ao problema de definir resenha como um tipo de resumo, mostrou-se verdadeiro, tendo em vista que a função que deveria ser apontada como predominante na resenha aparece junto com outras duas funções também atribuídas e mais predominantes na escrita de resumos. A hipótese de que a maioria dos participantes não possuiriam uma visão nítida da diferença entre resumo e resenha, levantada anteriormente à aplicação do questionário de sondagem, com base na leitura do trabalho de Machado (2002), acabou se confirmando nas respostas à segunda pergunta.

Mais da metade dos alunos (54,28%) afirmaram já haver escrito resenhas. Desse número, a maior parte (66,67%) afirmou ter escrito resenha na disciplina Língua Portuguesa durante o Ensino Médio. Trata-se de um dado positivo, pois aponta que os alunos, já na educação básica, estão começando a ser instruídos sobre a produção e compreensão de gêneros textuais que não constituíam antes objeto prioritário de ensino-aprendizagem em suas aulas. A ausência do Nível Superior nas respostas encontradas foi causadora de surpresa no pesquisador. Em outras pesquisas, como a de Portugal (2010), por exemplo, esse nível de ensino havia liderado as ocorrências de respostas dadas a questionamento semelhante. Todavia, tal fato não foi considerado anormal, tendo em vista que alguns cursos superiores diferem em relação aos outros quanto aos gêneros acadêmicos que introduzem no seu primeiro semestre de aulas. Na verdade, tal fato foi considerado interessante para a investigação aqui apresentada, pois tornaria possível revelar como seria a escrita da resenha acadêmica antes de seu processo de ensino no início da graduação.

A partir das respostas dadas à quinta questão, verificou-se quais critérios os alunos pesquisados apontaram como fundamentais para que um texto fosse considerado um exemplar do gênero resenha. As duas respostas mais recorrentes a essa pergunta foram: “Apresentar as ideias principais do texto-fonte” e “Conter opinião do autor”. Apenas um participante afirmou em sua resposta ser a crítica um critério fundamental para a escrita de resenhas. Os critérios

elencados pelos alunos revelaram novamente a sua dificuldade em delimitar a diferença entre resumo e resenha, tendo em vista que “conter a opinião do autor” e “apresentar as ideias do texto-fonte” constituem critérios para a escrita de resumos. As respostas dadas às cinco primeiras questões do questionário já permitiriam supor que as primeiras produções dos participantes poderiam não realizar todos os movimentos retóricos que configuram uma resenha acadêmica. Todavia, ainda se fazia necessário confirmar essa hipótese com a análise do restante das questões.

A maior parte dos participantes afirmou, na sua resposta à questão seguinte, que a linguagem que deveria ser usada na escrita de resenhas é a culta. Essa liderança da “Linguagem culta” nas respostas fornecidas já era esperada, tendo em vista que esse é um critério bastante discutido nas aulas de produção textual oferecidas na educação básica. “Linguagem adequada ao interlocutor” (5,71%) foi outra resposta que chamou a atenção, pois demonstrou que os dois participantes que a deram consideraram que o mais importante não é exatamente utilizar uma variedade de prestígio, mas usar a variedade linguística mais adequada aos participantes da interação mediada pelos textos que materializam as resenhas destinadas a diferentes tipos de leitores.

Além disso, no questionário, foram feitas perguntas sobre os conhecimentos mais específicos dos participantes a respeito da escrita e da configuração genérica da resenha, tais como: a existência de diferentes tipos de resenha, conforme existissem diferentes propósitos comunicativos para a sua escrita, bem como em relação ao tipo de suporte em que são apresentadas. A maioria dos participantes respondeu afirmativamente sobre a existência de diferentes tipos de resenha. Esse dado também foi considerado positivo, pois indica que mais da metade dos sujeitos pesquisados acreditam haver diferentes tipos de resenha. O passo seguinte da pesquisa foi avaliar, através da questão 08, como os participantes distinguiriam os diferentes tipos de resenha que eles afirmaram existir em resposta à questão anterior. As respostas mais predominantes foram: “Revistas” (18,92%), “Jornais” (16,22%) e “Páginas da internet” (2,7%). Os que não souberam ou não responderam equivaleram a 62,16% das ocorrências, como já apresentado. Chamou atenção o fato de a maioria dos participantes não possuir conhecimento a respeito de onde as diferentes resenhas poderiam ser encontradas. Isso revela uma possível falha no processo anterior de ensino desse gênero, algo que se buscaria corrigir nos módulos da SD, que seriam planejados posteriormente à análise dos questionários e das primeiras produções dos sujeitos pesquisados.

Quis-se, com a nona questão, saber se os participantes consideravam haver diferença entre os demais tipos e a resenha acadêmica que constituiria objeto de ensino da Sequência Didática. Novamente os alunos que não responderam constituíram maioria (50%). A resposta mais recorrente oferecida à questão, depois da ausência de respostas, foi que a diferença existente entre os demais tipos e a resenha acadêmica localizava-se na “Linguagem” usada em sua elaboração (20,46%). A terceira colocação nas respostas dadas foi ocupada pela resposta “Forma” (11,37%). “Conteúdo” (9,09%), “Adequação às normas” (4,54%), “Modo de opinar sobre o texto” (2,27%) e “Não há diferenças” (2,27%) foram outras respostas dadas pelos estudantes.

Os dados analisados permitiram concluir que os participantes possuíam dificuldades no tocante à identificação das diferenças existentes entre os tipos de resenha que eles afirmaram existir e a resenha acadêmica. O dado “Modo de opinar sobre o objeto”, com apenas uma ocorrência, permitiu também se chegar a tal conclusão, tendo em vista que essa seria, muito provavelmente, uma característica que receberia um número muito maior de ocorrências se tal questionamento fosse feito após a SD, uma vez que ela, segundo a hipótese inicial neste trabalho, propiciaria a construção de conhecimento sobre o gênero.

Na última questão, os participantes falaram sobre sua convicção a respeito da existência de diferenças entre resumo e resenha e como eles diferenciavam esses gêneros. Com relação a isso, os alunos, em sua maioria (83,33%), afirmaram haver diferenças entre resumo e resenha. As respostas à segunda parte do questionamento final: “resumo é uma síntese do texto-fonte” (41,38%) e “resenha é uma síntese crítica do texto-fonte” (39,66%) revelaram que, ao menos teoricamente, os que a responderam diferenciavam os dois gêneros.

As informações obtidas das respostas dadas ao questionário de sondagem permitiram detectar alguns dos problemas que receberam atenção posterior do pesquisador no planejamento dos módulos da Sequência Didática, tais como: as dificuldades dos sujeitos de estabelecer diferença entre resumo e resenha e de diferenciar a resenha em diferentes situações de produção. Tanto os módulos iniciais, dedicados a esclarecer esses aspectos da escrita de resenha quanto os outros, planejados após análise das primeiras produções, objetivaram trabalhar, com os alunos pesquisados, aspectos da escrita de uma resenha acadêmica ainda desconhecidos por eles.

5.2 Resultados do questionário de compreensão

Muitos professores, conforme já dito, solicitam a escrita de resenhas para avaliar a leitura e compreensão dos textos científicos trabalhados nas suas aulas. Todavia nem sempre o estudante recém chegado a um curso de graduação obtém sucesso na realização dessa atividade. Um problema que o aluno iniciante enfrenta ao retextualizar os textos que lê em resenhas diz respeito ao seu pequeno contato com os textos que terá que estudar em seu processo de formação na Universidade. Estudiosos têm apontado problemas com relação ao ensino da compreensão textual já na educação básica. (MARCUSCHI, 2008; DE PIETRI, 2007). As práticas de leitura ensinadas na educação básica nem sempre ajudam o aprendiz a realizar de modo adequado a tarefa de ler artigos, monografias, ensaios e teses, por exemplo. Para retextualizar um artigo em resenha, o aluno necessita antes compreendê-lo. Por isso, as oficinas de compreensão ministradas à turma pesquisada objetivaram auxiliar os alunos nas suas dificuldades com relação à leitura do texto-fonte que seria retextualizado para resenha.

Vale dizer que as dificuldades decorrentes de problemas na formação básica não se resolvem todas em apenas um semestre de curso, como os professores de cursos de graduação muitas vezes gostariam de ver acontecer. Todavia, acreditava-se que as oficinas de compreensão poderiam surtir efeitos positivos nas práticas de leitura dos sujeitos pesquisados. O uso do questionário de compreensão constituiu, portanto, ferramenta importante para avaliar o progresso dos alunos no aprendizado das estratégias ensinadas, bem como se haviam compreendido o texto de partida apresentado para a produção do gênero resenha acadêmica.

A questão 01 foi elaborada com o objetivo de avaliar o uso que os participantes fizeram de uma das estratégias de leitura ensinadas nas oficinas. Especificamente, se quis avaliar sua capacidade de fazer inferências sobre o texto com base na leitura do título e das informações verbais sobre o autor. Os resultados obtidos com a análise das respostas à primeira questão revelaram-se promissores, levando-se em consideração o fato de os participantes, antes da realização das oficinas de compreensão, terem demonstrado possuir dificuldades de compreensão textual no tocante à leitura de textos acadêmicos. A maior parte deles, logo no início das aulas, informou não saber o que seriam estratégias de leitura quando foram questionados se as conheciam e se faziam uso delas em suas atividades escolares antes de chegarem à universidade.

Somadas as respostas esperadas com as satisfatórias, chega-se a um total de 54,06% de sujeitos que conseguiram fazer uso das estratégias ensinadas nas oficinas de leitura, o que

mostra que houve uma significativa mudança nas práticas de leitura da maior parte dos alunos da turma pesquisada, no que diz respeito a fazer previsões sobre o texto lido com base nas informações do seu título e nas informações sobre o autor apresentadas no seu início. Todavia, os 45,94% das ocorrências de respostas não satisfatórias mostram também que as dificuldades com as quais os alunos chegam à Universidade, não se resolvem, de modo pleno, em apenas um semestre de curso. Deve ser levado em consideração também o fato de esses participantes ainda não possuírem domínio dos gêneros acadêmicos. Esse contato, que será ampliado ao longo do curso de graduação, dependendo da qualidade da mediação docente, minimizará, de modo sensível, os números negativos que podem ser encontrados na fase inicial de formação superior.

Nas oficinas de compreensão, discutiu-se também sobre a importância de os alunos prestarem atenção, durante a atividade de leitura, em outras informações utilizadas pelo autor em seu texto para fornecer pistas que permitiriam ao seu leitor fazer antecipações sobre o que seria discutido, conforme expôs Kleiman (1989b, 1992) e Koch e Elias (2010, 2011). A questão 02 objetivou avaliar a capacidade dos alunos de identificar a função dada pelo autor para a epígrafe no texto-fonte. Os números relativos a essa questão foram ainda mais promissores que os da questão anterior. Constatou-se que a maioria dos alunos foi capaz, após a realização das oficinas, de fazer inferências sobre o conteúdo do texto com base na leitura da epígrafe, bem como de identificar a função dada pelo autor do texto a ela. Esses números confirmaram o efeito positivo das oficinas de compreensão textual nos aspectos exigidos dos participantes nesta etapa da análise de sua compreensão do texto-fonte.

A terceira questão do instrumento também possuiu o objetivo de avaliar a capacidade dos participantes de fazer inferências sobre o assunto tratado no texto-fonte com base nas informações presentes no seu título e na sua epígrafe. Também se observou, nas respostas dadas a essa pergunta, que a maior parte dos participantes demonstrou capacidade de elaborar inferências a partir do texto. Vários autores³⁸ demonstram a importância de se refletir sobre o título do texto e seus elementos pré e pós-textuais no início, durante e após a realização da tarefa de leitura.

Com a questão 04, objetivou-se avaliar a capacidade dos alunos participantes de fazer retomada de informações do texto e rerepresentá-las sinteticamente em suas respostas. Ao ler um texto, o leitor necessita de realizar, de acordo com Koch e Elias (2010) e Kleiman (1992), associações das informações apresentadas nele com informações extraídas de seus

³⁸ Machado (1998); Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2006); Kleiman (1992); Koch e Elias (2010, 2011), por exemplo.

conhecimentos prévios sobre o assunto, buscando também compreender como as informações dadas pelo autor atingem o objetivo pretendido por ele. Semelhantemente ao constatado na análise das respostas das questões anteriores, os resultados apurados revelaram-se positivos, visto que o conhecimento apresentado nas oficinas concernente aos aspectos solicitados no questionamento foi utilizado de modo bem sucedido pelos participantes. A questão seguinte, que também objetivou avaliar a capacidade de fazer retomada e reapresentação de informações do texto-fonte, obteve resultados positivos semelhantes à anterior. A sexta questão também buscou avaliar a capacidade de fazer retomada e reapresentação de informações. No caso desta, os números foram um pouco menos favoráveis do que os das questões anteriores. Todavia, pode-se dizer que ainda assim notou-se uma evolução significativa da turma no que diz respeito à capacidade de retomar e reapresentar informações do texto lido.

Na sétima questão do questionário de compreensão, objetivou-se aferir a capacidade dos sujeitos de avaliar a viabilidade ou não de uma inferência sobre o texto contida no enunciado da própria questão e a de retomar, no artigo lido, argumentos do autor que pudessem ser usados por eles para sustentar ou refutar aquela inferência. Essa habilidade, de acordo com Koch e Elias (2010), demanda a capacidade do leitor de analisar mais cuidadosamente o texto em busca de afirmações do autor que possam ser usadas para sustentar ou refutar inferências feitas anteriormente por ele mesmo ou por outros leitores a respeito do texto. Os resultados apontaram que a maior parte dos alunos conseguiu, após as oficinas, realizar, de modo bem sucedido, o que fora solicitado na questão. Fato que confirmou a influência positiva das oficinas na atividade de compreensão do texto-fonte pelos participantes do estudo. As respostas dadas à questão seguinte também permitiram concluir que os participantes conseguiram retomar e sintetizar argumentos usados pelo autor do artigo que pudessem justificar a definição de alfabetização elaborada por ele em seu trabalho. Os resultados obtidos também surpreenderam positivamente o pesquisador, tendo em vista o fato de terem revelado que as oficinas de compreensão favoreceram o desenvolvimento, na maioria da turma, das capacidades demandadas.

Com a nona questão, se buscou avaliar a capacidade dos participantes de localizar e apresentar sinteticamente a opinião do autor a respeito do modo como ele acreditava que as mídias deveriam ser usadas no processo educativo. Apuraram-se resultados positivos na análise dos dados obtidos. Embora não tenha havido nenhuma resposta esperada, os resultados apontaram que a maioria dos alunos conseguiu atingir a média esperada. Os

números revelaram que a maioria dos participantes demonstrou possuir o domínio que se esperava que tivessem após a realização das oficinas. A habilidade de inferir, retomar e apresentar resumidamente as ideias principais do texto, antes um desafio aos sujeitos pesquisados, passou a fazer parte do repertório de recursos de compreensão da maior parte deles, visto que houve uma porcentagem significativa de Respostas Satisfatórias (59,46%).

Na questão 10, objetivou-se verificar se os alunos pesquisados seriam capazes de inferir, após a leitura do texto-fonte, a conclusão principal do autor a respeito do assunto discutido no artigo. A maior parte deles conseguiu realizar o solicitado na questão. Pode-se dizer que os números apurados foram, à semelhança dos da maioria das questões do questionário de compreensão, reveladores dos efeitos positivos das oficinas de compreensão textual na diminuição das dificuldades de leitura que os participantes apresentavam antes de sua realização. Após as oficinas, a maior parte dos alunos pesquisados demonstrou habilidade de fazer inferências sobre o texto, um aspecto fundamental do processo de compreensão.

A análise de todas as respostas dadas às dez questões do questionário de compreensão, por parte dos alunos da turma pesquisada, confirma o que se pôde perceber com as análises individuais de cada uma delas: que as oficinas foram favoráveis para a superação das dificuldades de compreensão textual apresentadas por eles quando do início das atividades do semestre, visto que a maioria deles conseguiu compreender o texto-fonte (TF) como era esperado. Os números (61,09%) referentes à quantificação das respostas do questionário são favoráveis. Todavia o número de respostas que não atenderam às expectativas, mesmo sendo bem menor, também foi expressivo. Tal fato, no entanto, não minimiza a importância e relevância, para a maioria dos alunos pesquisados, das atividades norteadas por uma concepção sociocognitivista e interacionista de língua³⁹ trabalhadas com eles nas oficinas de compreensão. Os resultados também demonstraram a relevância de se discutir com os estudantes iniciantes o processo de compreensão de textos acadêmicos no início da graduação, tendo em vista que eles chegam à Universidade com dificuldades em realizar adequadamente a leitura desses gêneros.

³⁹ (KOCH; ELIAS, 2010; KOCH, 2007; 2002; KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2007; MARCUSCHI, 2008)

5.3 Análise comparativa das ocorrências de movimentos retóricos detectados na primeira e última versões das resenhas dos participantes

Discute-se, nesta seção, a evolução que se percebeu na utilização pelos participantes da pesquisa dos movimentos retóricos que configuram o gênero resenha acadêmica de artigo acadêmico na retextualização da primeira para a última versão, após a realização da SD. Cada movimento pode ser realizado por um ou mais passos que podem ser utilizados de forma flexível pelo resenhador aprendiz, tendo em vista que poderá optar ou não pela utilização de todos eles no seu processo de produção textual.

Com o objetivo de visualizar quais são os elementos caracterizadores de uma resenha ressaltados nas produções dos alunos no que se refere ao uso dos movimentos retóricos da produção inicial para a final, discutir-se-á, a seguir, cada um deles separadamente através de exemplos extraídos dos textos produzidos pelos participantes. Para ser considerado uma resenha, o texto deve conter uma apresentação, uma descrição, uma avaliação e, finalmente, uma recomendação ou desqualificação do objeto resenhado. Vejamos como os alunos fizeram.

5.3.1 Movimento 1 - Apresentar o objeto (artigo)

Este movimento retórico, proposto no Modelo elaborado para a escrita do gênero resenha acadêmica, consiste na apresentação e contextualização do tema do texto que constitui o assunto tratado nela. Para a realização deste movimento, o Modelo elaborado pelo pesquisador com base em Swales (1990), Motta-Roth e Hendges (2010) e Portugal (2010), sugere a utilização de cinco passos que permitem ao resenhador alcançar seu objetivo de apresentar o texto-fonte. Os passos do movimento 01 são: 1) Informar o tópico geral do artigo⁴⁰; 2) Definir o público-alvo do artigo; 3) Apresentar as credenciais do autor do artigo; 4) Fazer generalizações e 5) Inserir o artigo na área e na obra do autor. O aluno, ao retextualizar o texto-fonte em resenha, não necessita realizar todos os passos. Ele poderá optar pelo uso de um ou mais deles. Todavia, quanto mais passos o aluno usar para resenhar o objeto, maior será sua chance de apresentá-lo bem. O quadro abaixo apresenta a evolução na

⁴⁰ Este é considerado um passo obrigatório para a realização deste Movimento. O resenhador poderá optar ou não pela utilização total ou parcial dos demais passos para concretizar a realização do Movimento 01. Todavia, os participantes foram alertados, durante os módulos, de que, mesmo não sendo obrigatória, a utilização dos outros passos é importante para que este Movimento seja plenamente realizado.

realização deste movimento na retextualização da primeira versão para a última, usando-se trechos⁴¹ de algumas produções como ilustração.

Movimento 01 - Apresentar o objeto (artigo)					
Primeira Versão			Versão Final		
Passo	Quant.	Exemplo	Passo	Quant.	Exemplo
01	18	O texto de José Manuel Moran faz o apanhado sobre um polêmico assunto: as mídias na educação. (MOV1) (Passo 01) (Participante 01)	01	39	O texto ‘As mídias na educação’, de José Manuel Moran, (...) trata de um assunto importante e polêmico: como integrar as mídias e a educação (MOV1) (Passo 01) (Participante 01)
02	02	(...) a todos tipos de leitores (MOV1) (Passo 02) (Participante 23)	02	43	(...) aos pais, professores e diretores das escolas (...) (MOV1) (Passo 02) (Participante 23)
03	01	Autor: José Manuel Moran (especialista em projetos inovadores na educação presencial e à distância) (MOV1) (Passo 03) (Participante 21)	03	29	Moran é especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância (...) (MOV1) (Passo 03) (Participante 21)
04	00		04	10	Os meios de comunicação desempenham um papel muito forte no cotidiano das pessoas. (MOV1) (Passo 04) (Participante 02)
05	01	O texto é uma matéria informativa, produzido por José Manuel Moran, um texto retirado do livro: Desafios na comunicação pessoal. 3ª ed. SP, Paulinas, 2007, p. 162-166. (MOV1) (Passo 05) (Participante 38)	05	09	Este artigo de Moran foi publicado em um site, juntamente com outras matérias dele. (MOV1) (Passo 05) (Participante 38)

Quadro 13 - Evolução do Movimento 01 exemplificada com trechos das produções dos participantes

Nas primeiras produções, o passo predominante na realização do movimento 01 foi exatamente o primeiro (com 18 ocorrências), exemplificado no quadro com o excerto extraído da produção do participante 01. Era esperado que a maioria das produções dos participantes apresentasse essa predominância na primeira versão, tendo em vista os dados do questionário de sondagem já haverem apontado que a maioria dos alunos da turma acreditava que apresentar o tema do texto-fonte consistia em um passo obrigatório para a realização desse movimento. Este passo, todavia, ficou ausente do restante da primeira versão. A análise da utilização dos passos revelou que a maioria dos alunos possuía pouco conhecimento de como realizar a apresentação do texto-fonte, tendo em vista o fato de haverem deixado de utilizar outros também considerados importantes para a realização do movimento que não ficariam de

⁴¹ Os textos do corpus foram transcritos exatamente como os alunos os escreveram.

fora de uma resenha elaborada por um membro mais experiente da comunidade discursiva na qual estavam buscando se inserir.

O passo 04 só foi utilizado pelos alunos na versão final da resenha. Atribuiu-se à ausência desse passo nas primeiras versões o fato de os participantes estarem iniciando em um curso de graduação e, por isso, não terem ou possuírem pouco conhecimento sobre o assunto do texto-fonte. Fazer generalizações sobre o assunto tratado no TF⁴² exige certa maturidade e um conhecimento maior sobre o conteúdo dele. Outro aspecto também importante para explicar a ausência desse passo diz respeito ao desconhecimento da própria possibilidade de realizá-lo, explicada pelo pouco contato dos participantes com bons exemplares do gênero na educação básica. Os alunos pesquisados foram orientados nos módulos da SD a respeito de como um resenhador pode ampliar seu conhecimento pesquisando sobre a temática na mídia impressa, audiovisual, ou mesmo em outros textos especializados e assim poder, na apresentação do objeto resenhado, fazer generalizações sobre o tema. Percebeu-se que a Sequência Didática teve influência favorável na utilização do passo 04 como se pode perceber no trecho da resenha do participante 02 (Quadro 13) e nas de outros alunos pesquisados (Anexo 09), que também o utilizaram nas últimas versões.

Os passos 02 (02 ocorrências), 03 (01 ocorrência) e 05 (01 ocorrência) ficaram quase ausentes da primeira versão. Após a análise das primeiras produções, se levantou a hipótese de a baixa utilização desses passos estar ligada ao fato de não serem usados na escrita de resumos simples⁴³, gêneros textuais com os quais os participantes demonstraram estar mais familiarizados do que com a escrita de resenhas acadêmicas. Algo demonstrado tanto na primeira produção, quanto nas suas respostas às questões do questionário de sondagem. Após a realização da SD, todos eles sofreram significativa ampliação na produção final⁴⁴.

O quadro 13 apresenta trechos extraídos dos textos dos alunos pesquisados, exemplificando os cinco passos na ordem em que foram previstos no modelo. Todavia, os passos do movimento 01 devido, muito provavelmente, à flexibilidade do modelo proposto, não ocorreram nas produções analisadas na ordem em que são propostos nele. Outros trabalhos (PORTUGAL, 2010; BIASI-RODRIGUES, 1998; HEMAIS; BIASI-RODRIGUES,

⁴² Texto Fonte.

⁴³ Therezo (2006) afirma que: “O resumo (simples) deve: Ser condensação do texto base; Conter, apenas, as idéias principais; Não conter informações subsidiárias; Não apresentar comentários pessoais do resumidor; Manter o tipo de composição do original (dissertação, narração, descrição); Ser escrito em nível padrão de linguagem; Ser redigido em terceira pessoa; Ser coeso, coerente, inteligível em si mesmo; Ser elaborado com redação própria (Frases intencionalmente copiadas devem ser consideradas transcrições e vir entre aspas). (...) Não se usa, em resumo, fazer referência do autor. (Ex. O autor diz que...)”

⁴⁴ Como se pode conferir no Quadro 13.

2005) também obtiveram resultados semelhantes aos deste estudo nesse aspecto. Esse fato confirma as afirmações desses estudiosos de que, embora o modelo seja uma ferramenta interessante tanto para a análise quanto para o ensino de gêneros, ele não é, como se diz na fala cotidiana, “uma camisa de força” no sentido de limitar ou anular a individualidade dos alunos pesquisados.

Os sujeitos que são membros de uma comunidade discursiva, como discutiu Swales (1998) na revisão do conceito de comunidade, na verdade, não utilizam os modelos e nem se adequam passivamente às normas estabelecidas. Os membros das comunidades buscam adequarem-se, ao produzir seus textos, às restrições previstas nos gêneros sem, contudo, abrirem mão de sua singularidade, um traço fundamental caracterizador de sua autoria, segundo afirma Ribeiro (2006). O quadro 14, exibido a seguir, exemplifica a variação observada na ordem de ocorrência dos passos do movimento 01 nos textos analisados, com trechos extraídos das duas versões da resenha do Participante 21.

Movimento 01 - Apresentar o objeto (artigo)			
Participante 21			
Primeira Versão		Versão Final	
Passo	Exemplo	Passo	Exemplo
03	Autor: José Manuel Moran (especialista em projetos inovadores na educação (...) presencial e à distância) (MOV1) (Passo 03)	01	‘As mídias na educação’, de José Manuel Moran, trata-se de um artigo que aborda a temática da utilização das mídias no processo educacional de crianças e jovens (MOV1) (Passo 01)
01	Moran trata, em seu texto, de como vem se dando a inserção das mídias na educação e a influencia que os meios de comunicação exercem sobre os jovens e crianças (MOV1) (Passo 01)	03	Moran é especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância (MOV1) (Passo 03)
		04	e aborda nessa obra, de forma muito interessante (MOV3) (Passo 09), temas importantes e polêmicos (MOV1) (Passo 04)
		02	para educadores, estudantes, diretores e interessados no assunto (MOV1) (Passo 02)

Quadro 14 - Exemplo da realização do movimento 01 nas duas versões da resenha de um participante

Já na sua primeira versão, o participante fez uso de dois (03 e 01) dos passos do primeiro movimento em uma ordem diferente da que ocorrem no modelo. Na sua versão final, o participante, semelhantemente ao que fez na anterior, usa esses e também os acrescentados em uma ordem diferente da prevista. Além de ampliar de dois para quatro o número dos passos usados, o aluno pesquisado, ao fazer generalizações sobre os temas abordados por Moran (Passo 04), avalia também o modo como o autor os apresentou (Passo 09). No modelo elaborado, a avaliação estaria prevista para ocorrer após a apresentação e descrição do objeto

resenhado. Essas opções de uso, entretanto, não descaracterizaram a produção final do participante, tendo em vista que ela pode ser caracterizada tranquilamente como um exemplar de resenha acadêmica de artigo. A evolução do participante 03 (Quadro 15), que passou de zero ocorrência de utilização de passos do movimento 01 para a ocorrência de quatro dos cinco previstos para ele, é ainda mais impressionante que a de P21⁴⁵ (Quadro 14).

Movimento 01 - Apresentar o objeto (artigo)			
Participante 03			
Primeira Versão		Versão Final	
Passo	Exemplo	Passo	Exemplo
01	Sem ocorrência	03	José Manuel Moran, especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância (MOV1) (Passo 03),
02	Sem ocorrência	05	autor do livro “Desafios na Comunicação Pessoal e a distância”, 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007 p. 162-166 de onde foi tirado o artigo ‘As mídias educam’(MOV1) (Passo 05),
03	Sem ocorrência	01	aborda o assunto de como as mídias educam e podem ser inseridas nas escolas no processo aprendizagem (MOV1) (Passo 01).
04	Sem ocorrência	02	Recomendo que professores leiam (Passo 02) (MOV1) este artigo e façam uso das mídias em suas aulas tornando-as mais prazerosas usando este recurso didático (Passo 12) (MOV4).
05	Sem ocorrência		

Quadro 15 - Exemplo da realização do movimento 01 nas duas versões da resenha de um participante

Com relação ao Passo 02, P03 optou, semelhantemente a outros participantes da pesquisa, por utilizá-lo no final da resenha, no interior do Passo 12 do movimento 04. Isso permitiu levantar a hipótese de que os participantes que fizeram essa opção pensaram que a indicação do público-alvo, prevista no Modelo na apresentação do TF, seria mais interessante de ser realizada na sua conclusão, no mesmo momento em que é feita a recomendação da leitura do objeto resenhado.

Pode-se dizer, em relação aos resultados discutidos até aqui, que a Sequência Didática inspirada em Schneuwly e Dolz (2004) e a utilização do Modelo tiveram influência positiva na retextualização da versão inicial para a final da resenha, no que se referiu à realização do movimento 01, confirmando o que outros citados no referencial teórico deste estudo (PORTUGAL, 2010; GONÇALVES, 2007, 2010) já haviam concluído.

⁴⁵ Participante 21.

5.3.2 Movimento 2 - Descrever o objeto (artigo)

Neste movimento, o resenhador realiza a descrição do texto-fonte. O seu objetivo é apresentar as partes que o compõem ao leitor, assim como relacioná-lo a outros textos que tratam da mesma temática. No nosso Modelo, estabeleceu-se que, para realizar o movimento 02, os participantes do estudo deveriam utilizar os seguintes Passos: 6) Fornecer uma visão geral e sumária da organização do artigo, 7) Sumarizar o tópico de cada seção do artigo e 8) Citar material extratextual (Preferencialmente usando paráfrase).

No Passo 06, os participantes deveriam descrever a organização geral do objeto, discorrendo sobre as partes que o compõem. No sétimo, deveriam resumir o conteúdo de cada tópico do TF descrito no Passo anterior. No oitavo, os alunos deveriam citar outros textos que tratam sobre o mesmo assunto, com o propósito de estabelecerem relação entre eles e o objeto resenhado. O Quadro 16 apresenta, com trechos de duas das produções textuais analisadas, exemplos da evolução dos sujeitos pesquisados na utilização dos Passos desse movimento retórico.

Movimento 02 – Descrever o objeto (artigo)					
Primeira Versão			Versão Final		
Passo	Quant.	Exemplo	Passo	Quant.	Exemplo
06	00	Sem ocorrências	06	31	O artigo é dividido em duas partes (MOV2) (Passo 06). (Participante 08)
07	123	A mídia educa de forma agradável, aconchegante, de maneira que a compreensão seja fácil, e a escola põe em prática, incorpora essa aprendizagem ao mundo (MOV2) (Passo 07). (...) (Participante 08)	07	116	Na primeira o autor nos fala que mesmo indiretamente, as mídias nos passam uma forma de educação, pois somos levados a pensar da maneira que a mídia nos passa (MOV2) (Passo 07) (...) (Participante 08)
08	00	Sem ocorrências	08	06	Além disso ‘a aplicabilidade das tecnologias de informação e comunicação favorecerá... a interação entre os alunos e professores na operacionalização de uma aula dinâmica e participativa’, como afirma Edivânia Correia (MOV2) (Passo 08) (Participante 08)

Quadro 16 - Evolução do movimento 02 exemplificada com trechos das produções dos participantes

O Passo 06, como se pode perceber, não teve ocorrência na primeira versão das resenhas analisadas. Isso reforçou uma hipótese levantada pela análise dos resultados da sexta questão do questionário de sondagem de que os alunos pesquisados poderiam não realizar

adequadamente a descrição das seções em que se dividia o TF na primeira versão de suas resenhas, devido à sua dificuldade inicial de retomar e rerepresentar informações mais específicas sobre o assunto tratado. O sexto passo sofreu significativa ampliação (de zero para 31 ocorrências) nas retextualizações da primeira versão após a SD. Os conhecimentos socializados nas etapas sobre compreensão e nos módulos da SD, as intervenções feitas pelo pesquisador, oralmente ou por escrito nos textos dos alunos, juntamente com a utilização do Modelo favoreceram um aumento na utilização desse Passo na última versão dos textos da maioria dos sujeitos pesquisados.

O Passo 07 sofreu mudança significativa quanto a sua qualidade. O problema encontrado no uso desse Passo na primeira escrita da resenha dizia respeito ao fato de a voz e as ações do autor do TF terem aparecido pouco. Embora este seja o assunto da seção 5.4, vale destacar aqui que a menção ao autor e a atribuição de ações a ele na descrição do TF constituíram-se nas transformações mais significativas ocorridas na segunda versão das resenhas analisadas quanto à utilização do sétimo passo, como o excerto das duas produções de P08 (Quadro 16) exemplifica.

A baixa ocorrência ou mesmo a inexistência de ocorrências do Passo 08 na primeira versão já era esperada, tendo em vista o fato de que este exige que o resenhador tenha conhecimento de outros textos que tratam sobre o assunto do TF. Como os alunos pesquisados eram iniciantes em um curso de graduação, já se imaginava que não tivessem um conhecimento aprofundado do assunto tratado no objeto resenhado. Após a realização dos módulos, todavia, era esperado que os resultados encontrados nos seus primeiros textos mudassem. E isso de fato ocorreu, pois o número subiu de zero para seis ocorrências, revelando uma ampliação significativa desse passo nas produções finais analisadas. Embora esse não possa ser considerado um número significativo de ocorrências, não se pode negar que a SD tenha tido uma influência positiva nas retextualizações realizadas, tendo em vista os participantes terem demonstrado, no início do semestre, pouco conhecimento e vivência no que se refere à prática de leituras polissêmicas, ou seja, aquelas em que se busca relacionar o que foi lido com outras leituras realizadas anteriormente.

5.3.3 Movimento 03 - Avaliar o objeto (artigo)

A avaliação do objeto resenhado constituiu o terceiro movimento retórico previsto no modelo elaborado para análise das produções dos alunos e também para a orientação das atividades de retextualização realizadas por eles após a apresentação dos módulos da SD. Ao

utilizar os Passos desse movimento, o resenhador apresenta para o leitor sua opinião sobre as ideias contidas no TF, destacando seus pontos positivos ou negativos, tanto em relação aos aspectos gerais quanto aos específicos. Os Passos previstos para a realização desse movimento são: 9) Realizar avaliação geral da obra (aspectos positivos e/ou negativos), 10) Realçar aspectos positivos de parte(s) específica(s) do artigo e 11) Realçar aspectos negativos de parte(s) específica(s) do artigo. O Quadro 17 apresenta exemplos da utilização dos Passos desse movimento.

Movimento 03 – Avaliar o objeto (artigo)					
Primeira Versão			Versão Final		
Passo	Quant.	Exemplo	Passo	Quant.	Exemplo
09	06	O texto abrange um assunto que quando discutido pode gerar diferentes opiniões. ele passa toda sua informação de forma explícita porém muito repetitivo tornando-o cansativo (Passo 09) (MOV3) (Participante 23)	09	64	O texto de José Manuel Moran, vale ressaltar que foi escrito de forma culta e atende as necessidades dos interessados pelo assunto (MOV3) (Passo 09). (Participante 23)
10	05	Quando ele cita que as crianças preferem aprender com as mídias e acham a escola chata, ele mostra a realidade, pois é mais interessante aprender se divertindo do que em uma sala de aula monótona (MOV3) (Passo 10) (Participante 05)	10	04	Moran está certo quando diz que deve-se relacionar mídias e escolas, é um processo muito importante na educação sim, porque as mídias estão sendo cada vez mais incluídas em nossas vidas em nosso dia-a-dia (MOV3) (Passo 10) (Participante 38)
11	00	Sem ocorrência	11	02	Apesar do autor citar muitos conceitos de integração das mídias nas escolas em sua primeira parte sendo que na segunda era específica desse assunto (MOV3) (Passo 11) não desmereceu sua obra, deixando muito claro seu objetivo que era mostrar o papel importante que as mídias podem proporcionar no contexto escolar (MOV3) (Passo 09) (Participante 25)

Quadro 17 - Evolução do movimento 03 exemplificada com trechos das produções dos participantes

No excerto usado para exemplificar a utilização do Passo 09, P23 avalia positivamente a obra resenhada como um todo, sem deixar de destacar uma característica negativa dela: “porém muito repetitivo tornando-o cansativo”. Na sua retextualização, resolve destacar que a linguagem do objeto resenhado é culta e que o assunto discutido atende as necessidades dos seus prováveis leitores, dando destaque apenas aos aspectos positivos do TF. Quando fizeram uso do Passo 10, P05 (primeira versão) e P38 (segunda versão) optaram por ressaltar e fazer elogios ao ponto de vista defendido pelo autor do TF com relação aos aspectos destacados por

eles. O passo 11 (com apenas duas ocorrências) deixa clara a preferência dos alunos da turma pesquisada por fazer apreciações de caráter menos comprometedor em relação ao texto resenhado, tendo em vista o fato de terem evitado fazer críticas negativas a aspectos específicos dele. Os participantes parecem ter entendido, com base na sua reflexão após os módulos, que, para criticar e ressaltar aspectos negativos de partes específicas do texto-fonte, teriam que possuir conhecimentos mais aprofundados do assunto tratado no objeto resenhado, fundamentado em outros trabalhos de estudiosos tão ou mais renomados que o autor do TF. Isso pode explicar a baixa ocorrência do décimo primeiro passo na versão final analisada.

Percebeu-se que a primeira versão das resenhas dos participantes apresentou poucas avaliações do artigo. Ela sofreu, todavia, considerável ampliação na última versão. O passo do movimento 03 que sofreu maior ampliação nas produções finais dos participantes deste estudo foi o nono. Tal preferência pela realização da avaliação com o uso desse passo na retextualização após uma SD também foi observado por Portugal (2010) em seu trabalho. Acredita-se que os motivos que levaram os participantes desta pesquisa a optar pela utilização do Passo 09 para realizar o movimento 03 tenham sido, em parte, semelhantes aos apurados por Portugal quanto ao fato de os alunos parecerem não querer correr o risco de se comprometerem ao destacar aspectos positivos e/ou negativos de partes específicas do objeto resenhado, levando em conta seu conhecimento relativamente pequeno sobre a temática abordada no TF e o fato de saberem que o autor possuía legitimidade para abordar o assunto.

As avaliações destacando partes específicas do TF foram, em sua maioria, positivas e solidárias às afirmações do autor do objeto resenhado. Isso demonstra que os estudantes preocuparam-se em ser cautelosos em sua crítica. Nos módulos da SD apresentada aos estudantes também foi discutido sobre a importância da polidez, entendida como necessária ao resenhador, para a construção de uma avaliação do texto-fonte que não desrespeitasse a legitimidade do autor do TF, levando em conta sua formação e experiência na área, para tratar dos assuntos abordados por ele em seu artigo. Acredita-se que isso também tenha tido influência nas avaliações realizadas pelos sujeitos na versão final, tanto na opção pelo Passo 09, quanto na baixa ocorrência de observações negativas sobre partes específicas do TF. A retextualização realizada pelo participante 05 (Quadro 18) mostra a substituição efetuada por ele na utilização dos Passos 10 e 09, usados na sua primeira versão, pelo Passo 09 na última.

Movimento 03 - Avaliar o objeto (artigo)			
Participante 05			
Primeira Versão		Versão Final	
Passo	Exemplo	Passo	Exemplo
Passo 10	Quando ele cita que as crianças preferem aprender com as mídias e acham a escola chata, ele mostra a realidade, pois é mais interessante aprender se divertindo do que em uma sala de aula monótona (MOV3) (Passo 10).	Passo 09	O artigo de Moran é plausível e interessante, fala sobre um assunto importante resalta um problema atual e dá soluções para esse problema, é um texto coeso e serve de referência (MOV3) (Passo 09)
Passo 09	Esse texto é interessante e mostra que adquirir conhecimento e habilidades com as mídias é importante, pois a educação é um processo de construção da consciência crítica (MOV3) (Passo 09).	Passo 10	Sem ocorrência

Quadro 18 - Exemplo da realização do movimento 03 nas duas versões da resenha de um participante

O nono passo dado por P05 foi realizado na sua versão final com afirmações ainda mais gerais do que as oferecidas na primeira, que apresenta uma conclusão (“pois a educação é um processo de construção da consciência crítica”), copiada do TF sem referência ao seu autor. Na sua retextualização, o estudante pesquisado optou por afirmar que o artigo era plausível e que falava de um problema atual, propondo soluções a ele. Pode-se afirmar, concluindo a discussão sobre o movimento 03, que a SD e o Modelo também foram favoráveis à sua utilização na retextualização da primeira na última versão das resenhas realizadas pelos participantes deste estudo.

5.3.4 Movimento 04 - Recomendar ou não recomendar o objeto (artigo)

O último movimento previsto no modelo para a elaboração de uma resenha acadêmica foi o quarto: a recomendação ou não do texto-fonte para os leitores que poderiam constituir o seu provável público-alvo. Ele poderia realizar-se com o uso do Passo 12 (Desqualificar/recomendar o artigo) ou com o 13 (Recomendar o artigo apesar das falhas detectadas em seu conteúdo e expostas pelo resenhador em sua resenha).

A ocorrência desse movimento na primeira versão das produções textuais foi bastante baixa (apenas 02 ocorrências do Passo 12). Houve uma ampliação de duas para 31 ocorrências do Passo 12 e de zero para seis do Passo 13 depois de efetuadas as atividades desenvolvidas nos módulos da SD. Semelhantemente ao ocorrido no uso dos outros movimentos retóricos analisados, nas segundas produções dos discentes pesquisados, o procedimento didático revelou-se favorável ao aprendizado e uso dos movimentos configuradores do gênero resenha.

O Quadro 19 apresenta exemplos da utilização dos passos necessários para realizar o movimento 04, extraídos das duas produções de participantes deste estudo.

Movimento 04 – Recomendar ou não recomendar o objeto (artigo)					
Primeira Versão			Versão Final		
Passo	Quant.	Exemplo	Passo	Quant.	Exemplo
12	02	A leitura do texto é indicada aos diversos públicos que estão ligados diretamente as escolas, como professores, diretores e visando também os chefes de Estado (MOV1) (Passo 02) para que possam fazer as melhorias propostas (MOV4) (Passo 12). (Participante 37)	12	31	O texto é de grande importância para alunos e professores (MOV1) (Passo 02), pois o assunto discutido é de grande importância para o avanço da educação no país (MOV4) (Passo 12) (Participante 12)
13	00	Sem ocorrência	13	06	No texto de Moran conseguimos observar a clareza dos assuntos relatados (MOV3) (Passo 09), mesmo havendo algumas repetições (MOV3) (Passo 09), é uma boa indicação (MOV4) (Passo 13) para os leitores em geral (MOV1) (Passo 02). (Participante 30)

Quadro 19 - Evolução do movimento 04 exemplificada com trechos de produções dos participantes

Conforme já havia sido discutido na seção em que se analisou a utilização dos passos do movimento 01, foi possível perceber a opção dos participantes por indicar o público-alvo do texto (Passo 02) no interior do movimento 04, tanto no interior do Passo 12, mais recorrente na última versão, como exemplificado no excerto de P37, quanto no interior do Passo 13 (ocorrido apenas seis vezes na versão final). Houve casos também em que os participantes fizeram a indicação do público-alvo e a recomendação do TF no mesmo período em que fizeram a conclusão da resenha, com a apresentação de uma avaliação geral da obra (Passo 09), na qual fizeram comentários gerais sobre os aspectos negativos, dando ênfase, contudo, aos aspectos positivos gerais do objeto resenhado. A partir daí, então, apresentaram a sua recomendação, tal como previsto no Passo 13 (recomendar apesar das falhas localizadas e discutidas), conforme exemplificado no excerto da segunda produção de P30 (Quadro 19). Os resultados são satisfatórios, pois apontam que a SD foi positiva para a ampliação do movimento 04 na versão final das resenhas elaboradas pelos participantes do estudo, indicando que a maioria deles aprendeu a utilizá-lo.

Os resultados deste estudo apontam, em relação à turma pesquisada, números ainda mais significativos dos que os obtidos por Portugal (2010) nas duas turmas que pesquisou em

relação ao movimento 04, tendo em vista que essa pesquisadora constatou ter havido uma baixa ocorrência do mesmo nas duas versões das produções dos sujeitos investigados por ela. Os participantes deste estudo, após a realização do procedimento SD, ampliaram significativamente o uso dos passos do quarto movimento nas suas retextualizações da primeira escrita de uma resenha acadêmica, como se pode perceber no exemplo extraído das produções de P19 (Quadro 20).

Movimento 04 - Recomendar ou não recomendar o objeto (artigo)			
Participante 19			
Primeira Versão		Versão Final	
Passo	Exemplo	Passo	Exemplo
12	Sem ocorrência	12	O artigo é, portanto, um referencial. Sendo de leitura obrigatória para todos os interessados no avanço educacional (MOV4) (Passo 12), como professores, alunos, educadores, ou até mesmo governantes (MOV1) (Passo 02).
13	Sem ocorrência	13	Sem ocorrência

Quadro 20 - Exemplo da realização do movimento 04 nas duas versões da resenha de um participante

O P19 em sua retextualização da primeira versão, após a realização da Sequência Didática e com o auxílio do Modelo, acrescentou o movimento 04 em sua versão final, com a utilização do Passo 12, inexistente na sua primeira produção. Outro fato, já comentado em relação a esse movimento retórico na discussão de exemplos anteriores, diz respeito à indicação do público-alvo (Passo 02) do objeto por P19, realizada na própria recomendação, tal como outros participantes deste estudo também fizeram, ao invés de na apresentação do TF, demonstrando a flexibilidade do Modelo no que diz respeito à ordem de ocorrência dos passos retóricos nos textos analisados, corroborando resultados de estudos como o de Biasi-Rodrigues (1998), concernentes ao uso das estratégias de condução da informação.

5.3.5 Comparação das duas versões das produções textuais dos participantes

De acordo com os estudos⁴⁶ apresentados e discutidos no referencial teórico deste trabalho, as atividades de retextualização de gêneros escritos podem ser favorecedoras do aprendizado dos conhecimentos necessários à produção desses. Levando-se em conta o fato de o aprendizado da escrita ser construído escrevendo e reescrevendo, por intermédio de um

⁴⁶ Assis (2006); Marcuschi (2001); Portugal (2010); Gonçalves e Bazarim (2009); Gonçalves (2007, 2010); Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004); Scheneuwly e Dolz (2004); Dell’Isola (2007), dentre outros.

trabalho pautado em um processo de reflexão, mediado pelo professor, a respeito dos fatores de ordem linguística, textual, discursiva, social e cognitiva que estão implicados nas condições de produção, recepção e circulação dos textos.

Os dados deste estudo, conforme se pôde observar nos exemplos apresentados, corroboraram a hipótese levantada acerca de que realização do procedimento Sequência Didática e a posterior atividade de retextualização da primeira produção, com o auxílio de um modelo didático, favoreceria uma produção bem sucedida da resenha acadêmica. Conforme demonstrado, houve, por parte dos participantes da pesquisa, inserção de movimentos e passos não encontrados nas primeiras versões, como também a ampliação de passos de movimentos que já haviam sido detectados anteriormente. Isso indica que alunos aprendizes necessitam de modelos para auxiliarem-nos no processo de reflexão sobre seus conhecimentos prévios, bem como sobre os conhecimentos novos construídos sobre o gênero durante a realização da SD. Conhecimentos esses necessários para que realizem suas retextualizações da versão inicial em final, como propuseram autores já citados.

Com o propósito de exemplificar a influência da SD na evolução da utilização dos movimentos retóricos, foram eleitas, de forma aleatória, a primeira e a última versão da resenha elaborada por um dos participantes desta pesquisa (P32).

Comparação da ocorrência dos movimentos retóricos nas duas versões da resenha de P32		
Primeira Versão	Comentários do pesquisador	Versão Final
Exemplo	Exemplo	Exemplo
<p>Resenha: As mídias na educação A sociedade está deslucrando com os novos meios de comunicação como o computador e a internet (MOV2) (Passo 07). Deixando de lado a televisão e o vídeo que segundo eles já estão ultrapassados (MOV2) (Passo 07). As novas tecnologias comunicacionais tem um papel importante no processo educacional. Pois através dela que as principais notícias são transmitidas para diferentes regiões do mundo. E com isso informações são adquiridas dentro de casa e levadas às escolas, é por isso que não se pode deixar de lado, a televisão, o vídeo, a internet, desde que sejam usados de forma correta (MOV2) (Passo 07). A escola deve saber inserir os novos meios de comunicação, saber aproveitá-los para que sejam aproximados a educação, e esta seja</p>	<p>Você tentou fazer uma paráfrase do início do texto de Moran, mas, além de fazer pequenas substituições de palavras do texto original, você não citou Moran como autor das ideias parafraseadas. Recomendo que você releia o módulo sobre paráfrase estudado na oficina (...), bem como os módulos sobre citação, atribuição de atos ao autor do texto resenhado para corrigir esses problemas (Comentários referentes aos dois primeiros parágrafos). Aqui você também parafraseou outro trecho do artigo, mas não citou o autor das ideias. Também já se passaram dois parágrafos e você ainda não apresentou nem o texto, nem o autor, nem o tópico central do artigo. (Comentários referentes ao terceiro parágrafo). Não se esqueça de citar o autor dessas ideias. (comentários referentes ao primeiro período do terceiro</p>	<p>MORAN, José Manuel. Artigo, As Mídias na educação extraído do livro: Desafios na comunicação pessoal. 3ª ed. São Paulo, Paulinas, 2007, p. 162-166. José Manuel Moran, especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância (MOV1) (Passo 03) trabalho em seu artigo 'As Mídias na educação', da inserção da tecnologia no meio escolar (MOV1) (Passo 01). O texto de Moran está voltado à aqueles inseridos no processo educacional (MOV1) (Passo 02). Moran divide seu texto em partes (MOV2) (Passo 06), primeiramente expõe a ideia de que as mídias tem um processo comunicacional mais envolvente, diferente dos métodos utilizados em sala (MOV2) (Passo 07). O autor forma que as mídias facilitam o processo de transmissão das informações, mas que os meios</p>

<p>um processo, completo, rico e estimulante, porque, se utilizado no processo educacional. Mas um fator importante que não pode ser deixado de lado é como esse meios são usados dentro de sala, pois o professor deve desempenhar funções que são essenciais dentro da sala como a leitura e a escrita. Desta forma as tecnologias podem ajudar bastante na educação de crianças e adultos (MOV2) (Passo 07).</p>	<p>parágrafo). Este período está incompleto. (Comentário referente ao segundo período do terceiro parágrafo). Somente neste último período você tentou apresentar o tópico central do artigo, mas, do modo como está apresentado, o assunto do período parece apenas ser mais um tópico secundário do artigo que você resumizou. (Comentários sobre o último período do terceiro parágrafo). Em seu texto faltam ser realizadas: uma descrição do artigo, uma avaliação de seu conteúdo, recomendar ou não sua leitura, bem como apresentar, de modo claro, o objetivo central que o autor atribui ao texto resenhado por você. Vale lembrar a necessidade de atribuir a autoria para as ideias resumidas do autor do texto resenhado, bem como de outros autores usadas em sua resenha.</p>	<p>tradicionais são necessários para relacionar e contextualizar essas informações (MOV2) (Passo 07). Moran diz ‘não se trata de opor esses meios... mas de integrá-los’. O autor defende que essa relação, pode ser pensada de três formas organizacional, que seja mais participativa, e interativa; de conteúdo, que trabalhe assuntos que desperte o interesse; e comunicacional, que incorpore a tecnologia junto a escola (MOV2) (Passo 07). Posteriormente (MOV2) (Passo 06), relata problemas que as escolas encontram, por não saber utilizar em sala de aula aquilo que as crianças já sabem, que trazem de casa, que aprendem com os pais e com a televisão (MOV2) (Passo 07). O artigo é complexo, em partes repetitivo, mas Moran atinge seu objetivo, ao expor sua ideia de integração da escola com a mídia (MOV3) (Passo 09). É recomendável a leitura do artigo, pois trabalha a educação como um processo que estimule o interesse em aprender, voltando-se para o presente e também para o futuro (MOV4) (Passo 12). Por XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX</p>
---	--	--

Quadro 21 - Comparação das duas versões das produções textuais de um dos participantes

Como se pode observar no quadro acima, o participante 32, à semelhança da maioria dos sujeitos pesquisados, não conseguiu apresentar adequadamente o objeto resenhado por ele em sua primeira tentativa de escrita da resenha. Após a análise, se constatou que seu texto não consistia em uma resenha, mas no que Therezo (2006) denominou de “paráfrase da colagem”. Esse é, segundo a autora, um tipo de produção no qual o objetivo do produtor do texto consiste em selecionar as informações mais importantes do texto-fonte na ordem em que seu autor as apresenta e parafraseá-las. Ao realizar essa atividade, o estudante pesquisado tentou, em relação ao que lhe foi solicitado antes da realização dos módulos, produzir um texto que pudesse ser considerado uma resenha por seus interlocutores (os membros da sua comunidade discursiva). Todavia, seu intento não logrou o êxito esperado, tendo em vista os procedimentos usados não serem suficientes para a realização da escrita de uma resenha.

O tipo de produção, elaborado por P32 em sua primeira versão, talvez pudesse ser aceito por alguns docentes, dependendo da concepção que possuem sobre o gênero e de seus

objetivos pedagógicos e se realizado no contexto das práticas de escrita na educação básica. No entanto, poderia certamente não receber a mesma acolhida pela maioria dos professores e outros interlocutores que estão inseridos no contexto das práticas de leitura e escrita na academia, devido, principalmente, ao fato de nesse tipo de produção não se apresentar o texto resenhado, não descrever o seu conteúdo, nem expor ao seu interlocutor como o mesmo é organizado pelo seu autor, não avaliar o conteúdo e não apresentar a recomendação ou desqualificação do texto-fonte. Finalmente, discutiu-se ainda com os participantes que esse tipo de produção não poderia ser considerada uma resenha também em decorrência de o estudante não ter feito referência ao autor das ideias discutidas no TF. Esses aspectos são essenciais para que uma produção textual seja aceita pela comunidade à qual é dirigida como uma resenha. Os seus membros, ao lerem um texto que materializa esse gênero, desejam visualizar as outras vozes que se manifestam nele.

Nas anotações realizadas pelo pesquisador nas primeiras produções (Conforme exemplificado no Quadro 21), devolvidas aos participantes posteriormente à realização da SD, objetivou-se, do mesmo modo que a apresentação do Modelo elaborado com base em Swales (1990), auxiliar os alunos em sua reflexão sobre suas primeiras produções com base nos conhecimentos adquiridos por eles durante a apresentação dos conteúdos abordados nos módulos. Isso se fez necessário para que eles realizassem, de modo bem sucedido, as suas retextualizações, acrescentando, na versão final, os movimentos retóricos ausentes na anterior. Como se pode observar no exemplo do quadro 21, o passo 07 (com quatro ocorrências na primeira versão de P32) respondeu pela ocorrência do movimento 02, o único encontrado na primeira tentativa de escrita realizada pelo participante. Após os módulos, esse aluno, auxiliado pelos comentários do pesquisador e também pelo Modelo, retextualizou sua primeira versão, acrescentando os movimentos 01, 03 e 04 em sua produção final. Isso significa que a discussão dos aspectos problemáticos no texto realizada nos módulos, como propuseram Gonçalves (2007, 2010) e Portugal (2010), bem como as observações realizadas no texto do participante, como propôs Assis (2006), foram favoráveis para a sua reflexão sobre sua primeira produção e para a retextualização bem sucedida de sua versão inicial em final.

Em relação ao segundo movimento, em que houve, na primeira versão da resenha, apenas a ocorrência do Passo 07, foi acrescentado o Passo 06 (com duas ocorrências), que, juntamente com as outras ocorrências do sétimo passo, resultou em uma descrição mais bem sucedida do TF por parte de P32. Em sua versão final, ele descreveu a organização do artigo e

sumarizou cada tópico, atribuindo ao autor autoria e responsabilidade pelo conteúdo descrito e apresentado, diferentemente do que havia feito anteriormente, quando o resumiu sem descrever nem atribuir a Moran a autoria dos trechos selecionados e parafraseados.

Embora esse aspecto seja objeto da próxima seção, convém dizer que melhorou significativamente a atribuição de ações ao autor e a apresentação de sua voz na versão final de sua resenha, elementos inexistentes na versão anterior. Algo semelhante ocorreu na maioria das últimas produções dos participantes deste estudo. Na sua primeira versão, as ideias e ações de Moran foram completamente apagadas por P32, o que poderia facilmente fazer com que o possível leitor idealizado para ela viesse a pensar que as ideias sintetizadas fossem do próprio resenhador aprendiz. A atividade de retextualização realizada após a SD, auxiliada pelas anotações do pesquisador e pela utilização do Modelo, favoreceu a escrita da resenha tendo em vista que três dos movimentos retóricos ausentes na primeira versão foram acrescentados na última, tal como ocorreu nas que servem de exemplo nesta seção.

Em relação ao movimento 01, a mudança no texto refletiu-se (conferir Quadro 21) no seu acréscimo na segunda versão da resenha do Participante 32, realizado com o uso dos Passos 03: “Apresentar as credenciais do autor do artigo”, 01: “Informar o tópico geral do artigo” e 02: “Definir público-alvo do artigo”, ocorridos nessa ordem na sua segunda versão. Em relação ao terceiro movimento, foi utilizado através do passo 09. Com relação ao quarto movimento, também ausente na primeira versão, se percebeu seu acréscimo com a utilização do Passo 12 na versão final do aluno.

Quanto à evolução dos movimentos retóricos observada nas produções analisadas, comparando-se as duas versões das resenhas dos participantes, o que os resultados apontaram foi, como já dito, que a atividade de retextualização mediada pela Sequência Didática favorece o aprendizado das habilidades necessárias, mas ainda não dominadas pelos alunos iniciantes, para a realização bem sucedida da escrita de gêneros textuais, como a resenha acadêmica, objeto deste estudo. Tais resultados corroboram as afirmações de Dell’Isola (2007), Portugal (2010), Gonçalves (2007) e de outros autores que tratam dessa questão, discutidos no referencial.

Os dados deste estudo, conforme exemplificado no Quadro 21 e em outros trechos das produções dos participantes desta pesquisa, exibidos neste texto (e em anexo), corroboram também as afirmações feitas por Marinho (2010) e por Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004) a respeito da necessidade de ensino sistemático dos gêneros acadêmicos, além de mais pesquisa sobre essa questão, tendo em vista a crença na existência de uma competência geral

para produzir todos os tipos de texto que, segundo elas, muitos professores de graduação possuem, não ter sido corroborada nem pelos dados das suas pesquisas, nem pelos desta, como já se havia hipotetizado anteriormente. Na próxima seção, discutir-se-á como a SD influenciou o aprendizado e a utilização da paráfrase na retextualização da resenha.

5.4 Análise comparativa das ocorrências de paráfrase detectadas na primeira e última versão das resenhas produzidas pelos participantes

O objetivo desta etapa da análise consistiu em obter dados que permitissem compreender o efeito do procedimento Sequência Didática⁴⁷ no aprendizado e utilização da paráfrase pelos participantes do estudo, na retextualização da resenha acadêmica. A motivação para a realização dessa análise deveu-se ao fato de o pesquisador crer, concordando com Portugal (2010), Silva (2009), Gonçalves (2007, 2008, 2010) e Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004), que o procedimento SD poderia ser relevante para a minimização ou superação das dificuldades dos alunos no que se refere à compreensão e utilização adequada das ideias de outros textos de outros autores em suas produções.

Os alunos iniciantes na graduação chegam nesta etapa de suas vidas escolares com muitas dificuldades de compreensão e produção textual trazidas da educação básica. Eles também se sentem confusos quanto ao que e como ler e escrever na academia. Os procedimentos e estratégias de leitura e de produção de textos que aprenderam com seus antigos professores, no ensino básico, pouco lhes podem auxiliar no aprendizado e desenvolvimento das novas tarefas com as quais se deparam quando ingressam na Universidade⁴⁸.

De absorvedores do conteúdo produzido por outros, veem-se agora na condição de graduandos, na obrigação de transformarem-se rapidamente em produtores de conhecimento já nos momentos iniciais de sua vida universitária. De leitores “passivos”, que eram anteriormente, passam a se sentir cobrados a se transformarem em leitores críticos e ativos, que devem dialogar com os autores que leem e, até mesmo, se necessário, questionar e discordar do que eles escreveram⁴⁹.

⁴⁷ (SCHENEUWLY; DOLZ, 2004; MACHADO; LOUSADA; ABREU-TARDELLI, 2004; GONÇALVES, 2007; GONÇALVES; BAZARIM, 2009; PORTUGAL, 2010.)

⁴⁸ Conferir os trabalhos de Silva (2009), Portugal (2010), Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004) e Marinho (2010) sobre essa questão.

⁴⁹ Maiores esclarecimentos sobre esta questão podem ser encontrados nos trabalhos de Severino (2007), Booth, Colomb e Williams (2008), Medeiros (2008), Köche, Boff e Pavani (2008) e Bazerman (2006).

Esse processo de transformação não é nem automático e nem fácil para os estudantes iniciantes em um curso de graduação. No que se refere à compreensão e produção dos textos que circulam no espaço da academia, os desafios que se impõem a esses sujeitos são muitos. Um dos mais importantes diz respeito ao fato de esses alunos não terem tido anterior contato com os gêneros peculiares a essa esfera de atividade humana e nem terem recebido ensino sistemático desses. (MACHADO; LOUSADA; ABREU-TARDELLI, 2004). Existem ainda as dificuldades enfrentadas por professores e alunos de graduação no que refere-se ao pequeno número de pesquisas realizadas no país sobre o ensino-aprendizagem da compreensão e escrita de gêneros acadêmicos. (MARINHO, 2010). Outra questão enfrentada pelos alunos iniciantes na escrita dos gêneros acadêmicos consiste na sua dificuldade em se constituírem como autores. (PORTUGAL, 2010).

Buscando compreender essas questões e com o objetivo de colaborar para minimizar as dificuldades com as quais se deparam alunos iniciantes de graduação no que se refere à escrita de resenhas acadêmicas, dedicou-se, nesta parte do estudo, a discutir a aprendizagem e a utilização da paráfrase no processo de elaboração desse gênero textual realizado pelos participantes desta pesquisa. Em seu trabalho, Portugal (2010) investigou a influência do procedimento SD na retextualização da resenha acadêmica no que se referia à manifestação da intertextualidade nos textos dos sujeitos da sua pesquisa. Ela constatou que o procedimento favoreceu a ampliação no uso de paráfrases, consideradas por ela como um dos tipos de intertextualidade presentes nas retextualizações efetuadas pelos alunos que analisou.

Todavia, como o foco da pesquisa dessa autora foi a intertextualidade e não a utilização da paráfrase, questões ficaram em aberto no que se refere ao efeito da SD no seu ensino e utilização. Por isso, empreendeu-se a análise aqui apresentada, pois acreditava-se, ainda mesmo na fase de planejamento, concordando com Ribeiro (2006), que, pela utilização da paráfrase, abrem-se possibilidades para os sujeitos que estão se inserindo nas práticas de letramento acadêmico de singularizarem suas ações na execução de um determinado projeto discursivo, por meio do uso de determinado gênero textual, e de se constituírem autores de seus textos nesse processo.

O objetivo das oficinas de paráfrase e compreensão, ministradas no interior dos módulos que compuseram a Sequência Didática consistiu em buscar promover uma ampliação na utilização da paráfrase entendida como uma verdadeira reconstrução textual do original, na qual o participante usa vocabulário próprio para dizer, por meio de outra formulação textual, o conteúdo do texto escrito por outra pessoa na mesma proporção em que se buscou levar os

sujeitos pesquisados a reduzir o número de cópias, falsas paráfrases — definidas, de acordo com Koch (2004), como aquelas em que o parafraseador faz pequenas modificações lexicais, ou lexicais e sintáticas no conteúdo original, na tentativa de fazer seus leitores pensarem que eles tenham, de fato, elaborado uma paráfrase dele — e plágios — considerados como as paráfrases (ou falsas paráfrases) em que não é feita menção ao autor do texto original. (KOCH, 2004; ECO, 2009; ROMANCINI, 2007). A seguir, discutem-se os resultados encontrados com exemplos de trechos dos textos elaborados pelos sujeitos pesquisados.

5.4.1 Cópia

Um recurso encontrado com frequência por professores nas primeiras produções escritas de alunos iniciantes na graduação é a “cópia”. Ela consiste na seleção e transcrição de trechos do texto-fonte para o texto produzido pelo aluno sem que seja dado crédito ao autor original pelas ideias que agora fazem parte do texto do aluno. (PORTUGAL, 2010). Nesta pesquisa, detectou-se, antes mesmo da fase de coleta de dados, que o informado pela pesquisadora citada era verdadeiro, todavia, como era esperado, a influência das oficinas de compreensão e paráfrase, ministradas pelo pesquisador e pela professora regente da turma, realizadas ainda nas primeiras aulas do semestre, surtiram efeitos positivos já na primeira versão das resenhas dos participantes como os exemplos a seguir demonstram.

5.4.1.01 Cópia sem referência ao autor (1. CSRA)

No caso da cópia sem referência ao autor, encontrada nas primeiras produções elaboradas pelos participantes, antes da escrita da primeira versão das resenhas, percebeu-se, como já foi dito, os efeitos positivos das oficinas de paráfrase ministradas no início do semestre nos textos elaborados pelos alunos antes da realização dos módulos planejados posteriormente a análise da primeira versão das resenhas analisadas.

Cópia sem referência ao autor (1. CSRA)			
Primeira Versão		Versão Final	
Quant.	Exemplo	Quant.	Exemplo
01	(...) promovendo o desenvolvimento da escrita e do raciocínio lógico (1. CSRA) (Participante 01)	00	Sem ocorrências

Quadro 22 - Exemplo de cópia sem referência

Como se pode perceber, as oficinas influenciaram positivamente a redução no uso desse procedimento nas duas versões da resenha elaboradas pelos participantes, como era esperado. A discussão a respeito da importância de dizer com as próprias palavras os trechos mais importantes do texto-fonte, bem como os problemas decorrentes de transcrevê-lo sem dar o devido crédito ao autor influenciaram os participantes a reduzirem a quase zero as ocorrências de cópia sem referência ao autor nas duas versões das produções analisadas.

5.4.1.02 Cópia com referência ao autor (2. CCRA)

Redução semelhante à ocorrida no procedimento cópia sem referência ao autor era esperada para o uso da cópia com referência autoral. A expectativa de que o mesmo ocorreria nas duas versões da resenha, tendo em vista a antecipação da oficina de compreensão e paráfrase, se confirmou como o exemplo a seguir ilustra.

Cópia com referência ao autor (2. CCRA)			
Primeira Versão		Versão Final	
Quant.	Exemplo	Quant.	Exemplo
00	Sem ocorrências	01	pois ele diz: antes da criança chegar à escola, já passou por processos de educação importantes: pela mídia eletrônica e pelo familiar (2. CCRA) (Participante 26)

Quadro 23 - Exemplo de cópia com referência autoral

Um fato que merece destaque no caso desse exemplo diz respeito ao tipo de cópia realizado em uma das produções na segunda versão das resenhas analisadas. Embora o aluno (P26) não tenha posto o conteúdo copiado entre aspas, o que caracterizaria o procedimento aqui descrito como transcrição, ele preocupou-se em citar o autor do TF. A ampliação da ocorrência de referência ao autor era esperada na versão final após a realização da SD. Embora esse mecanismo não seja tão correto quanto uma transcrição ou paráfrase com referência autoral, ele é mais apropriado, tendo em vista o não apagamento da voz autoral.

A justificativa para a redução no uso desse procedimento nas duas versões também pode ser atribuída às discussões realizadas com os alunos pesquisados, nas oficinas de compreensão e paráfrase realizadas nas primeiras semanas de aula do semestre, antes da realização dos módulos da SD sobre a escrita de resenha. A baixa ocorrência desse

procedimento na segunda versão (01 ocorrência) corrobora a afirmação de que as oficinas foram favorecedoras à redução no seu uso por parte dos participantes da pesquisa.

5.4.2 Transcrição com referência ao autor (TCRA)

O procedimento transcrição, que consiste na citação literal entre aspas de trechos do texto-fonte, foi apresentado aos participantes como uma opção mais viável que a cópia com e sem referência autoral. Esse procedimento valia tanto para trechos do TF quanto para outros textos que pudessem ser citados na resenha. Na primeira versão, ele foi pouquíssimo utilizado (apenas uma ocorrência). Na última, teve seu uso elevado para 12 ocorrências, conforme o quadro a seguir.

Transcrição com referência ao autor (TCRA)			
Primeira Versão		Versão Final	
Quant.	Exemplo	Quant.	Exemplo
01	Martin Barbero destaca que ‘a criança também é educada pela mídia, principalmente pela televisão’ (Transcrição) (Participante 11)	12	Além disso ‘a aplicabilidade das tecnologias de informação e comunicação favorecerá... a interação entre os alunos e professores na operacionalização de uma aula dinâmica e participativa’, como afirma Edivânia Correia. (TCRA) (Participante 08)

Quadro 24 - Exemplo do procedimento transcrição

Um dado que chama a atenção no Quadro 24 diz respeito à transcrição realizada por P11 em sua primeira versão da resenha. O aluno, embora tenha tido o cuidado de colocar entre aspas o trecho citado, erra ao atribuir a autoria do mesmo a Martin Barbero, autor da epígrafe do texto de Moran, o verdadeiro autor do trecho transcrito. Essa dificuldade de distinguir as diferentes vozes existentes no texto-fonte é uma evidência que atesta as inúmeras dificuldades com relação ao processo de compreensão textual trazidas pelos estudantes do Ensino Médio para a Universidade. O que também prova a relevância da realização de oficinas de leitura e compreensão de textos acadêmicos para alunos iniciantes na graduação. Em sua retextualização para a versão final, esse participante resolveu não mais utilizar a transcrição.

As oficinas de compreensão e paráfrase ministradas após a realização da primeira produção favoreceram a melhoria das produções discentes no que refere a esse aspecto. Uma prova disso pode ser encontrada na segunda versão da Participante 08, que, por sua vez, citou

adequadamente material extratextual para reforçar a tese defendida por Moran, com a qual ela demonstrou concordar ao realizar sua transcrição, indicando que o ensinado nas oficinas surtiu efeitos positivos na produção dos sujeitos pesquisados no que se refere ao uso adequado da transcrição de trechos do TF ou de outros textos que o corroborem. O participante 21 é outro exemplo (Quadro 25) da influência positiva do procedimento SD na utilização da transcrição com referência ao autor em substituição ao uso da cópia.

Transcrição com referência ao autor (TCRA) P21	
Primeira Versão	Versão Final
Exemplo	Exemplo
Sem ocorrências	Outra questão ressaltada por Moran é a necessidade de ‘estabelecer pontes efetivas entre educadores e meios de comunicação’ (MORAN, 2007) (TCRA) para que possam compreender melhor o processo de troca de informação e ‘seu significado dentro da nossa sociedade’ (MORAN, 2007) (TCRA).

Quadro 25 - Exemplo de transcrição nas produções de um participante

Como se pode observar no exemplo acima e também nas outras 11 ocorrências desse recurso nas segundas produções que constam nos anexos deste trabalho, após a concretização dos módulos, houve uma ampliação no uso da transcrição. Pode-se observar, nos dois exemplos apresentados, para confirmar ainda mais o que foi dito, que tanto P21 (Quadro 25) quanto P08 (Quadro 24) obedeceram aos critérios exigidos nesse tipo de citação, indicando o autor e a obra da qual as ideias foram transcritas, o que revela que o conteúdo apresentado nos módulos surtiram os efeitos esperados.

5.4.3 Paráfrase

A paráfrase foi também um mecanismo sobre o qual a SD teve influência significativa nas retextualizações realizadas pelos participantes deste estudo. Como se verá mais adiante, a SD teve influência tanto na quantidade de modificação lexical, sintática e textual realizada pelos participantes nos trechos selecionados por eles do TF, quanto na atribuição da voz e das ações autorais realizadas pelo autor dos trechos parafraseados do objeto resenhado. Os bilhetes orientadores escritos pelo pesquisador na primeira versão das resenhas, informando aos participantes sobre problemas encontrados nas suas primeiras produções, no que se refere

ao uso adequado da paráfrase, também os auxiliaram no seu processo de reflexão e na retextualização realizada após a SD.

Discute-se, a seguir, primeiramente a mudança sofrida nas paráfrases no que diz respeito à referência autoral, para depois se discorrer sobre a evolução percebida na quantidade de modificação que os participantes fizeram nos trechos selecionados por eles do texto-fonte antes e após a realização da SD, na primeira e última versões de suas resenhas.

5.4.3.01 Sem referência ao autor (1. PSRA)

Antes da realização do procedimento Sequência Didática, se percebeu, pela análise das primeiras produções dos participantes, uma predominância da utilização da paráfrase sem referência ao autor. O que constituiu um problema para eles, levando em conta que o que se espera, no contexto das práticas de escrita acadêmica, é que se faça referência aos outros textos em que o escritor se baseia. Todavia, após a SD, houve uma significativa diminuição desse recurso na versão final do gênero resenha elaborada pelos alunos da turma pesquisada. Abaixo se exemplifica o uso de tal recurso em trechos das duas produções de um dos participantes do estudo.

Paráfrase sem referência ao autor (1. PSRA)	
Primeira Versão	Versão Final
Exemplo	Exemplo
<p>A sociedade está deslumbrada com os novos meios de comunicação como o computador e a internet (5. PSLMSSRA) (1. PSRA). Deixando de lado a televisão e a vídeo que segundo eles já estão ultrapassados (5. PSLMSSRA) (1. PSRA). As novas tecnologias comunicacionais tem um papel importante no processo educacional. Pois através dela que as principais notícias são transmitidas para diferentes regiões do mundo. E com isso informações são adquiridas dentro de casa e levadas às escolas, é por isso que não se pode deixar de lado, a televisão, o vídeo, a internet, desde que sejam usados de forma correta (7.PCRTXSRA) (1.PSRA). A escola deve saber inserir os novos meios de comunicação, saber aproveitá-los para que sejam aproximados a educação, e ela seja um processo, completo, rico e estimulante, porque, se utilizado no processo educacional (5. PSLMSSRA) (1. PSRA) (...)</p> <p style="text-align: right;">(Participante 32)</p>	<p>José Manuel Moran, especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distancia trabalho em seu artigo ‘As Mídias na educação’, a inserção da tecnologia no meio escolar. O texto de Moran está voltado à aqueles inseridos no processo educacional (8.PCRTXCRA) (2. PCRA). Moran divide seu texto em partes, primeiramente expõe a ideia de que as mídias tem um processo comunicacional mais envolvente, diferente dos métodos utilizados em sala (8. PCRTXCRA) (2. PCRA). O autor informa que as mídias facilitam o processo de transmissão das informações, mas que os meios tradicionais são necessários para relacionar e contextualizar essas informações (8. PCRTXCRA) (2. PCRA). Moran diz ‘não se trata de opor esses meios... mas de integrá-los’ (TCRA) (...)</p> <p style="text-align: right;">(Participante 32)</p>

Quadro 26 - Exemplo de paráfrase sem referência ao autor

No caso do exemplo acima, a redução foi considerável, pois, na segunda versão da resenha, não foi localizada nenhuma paráfrase sem referência ao autor. Como se pode perceber, na segunda produção, o aluno faz referência ao autor, tanto atribuindo a ele a origem das ideias apresentadas no texto-fonte, quanto atribuindo ações a ele com respeito ao modo como organizou a exposição do tema abordado.

A redução desse tipo de paráfrase na última versão dos participantes foi bastante significativa, visto que eles entenderam, após as discussões nos módulos, a importância de fazer menção de diferentes formas ao autor do objeto resenhado. Isso corroborou a hipótese de que a SD favoreceria sua redução nas retextualizações dos alunos após sua apresentação. Como se viu, os participantes entenderam que a autoridade de um texto acadêmico é construída revelando para o leitor a teia intertextual composta pelo conjunto de textos usados para a sua produção.

5.4.3.02 Com referência ao autor (2. PCRA)

Ao contrário das paráfrases sem referência autoral, esperava-se uma ampliação na utilização das com referência ao autor depois de realizados os módulos da Sequência Didática. E a análise da segunda versão das resenhas confirmou essa expectativa. Abaixo se apresentam exemplos extraídos de trechos das duas versões elaboradas por um dos participantes deste estudo.

Paráfrase com referência ao autor (2. PCRA)	
Primeira Versão	Versão Final
Exemplo	Exemplo
<p>As novas tecnologias vêm como um advento na educação com a sua estética chamativa, porém as tecnologias não vão suprir a falta de infra estrutura nesse caso estas estariam apenas maquiando a realidade (7. PCRTXSRA) (1. PSRA).</p> <p>O modo tradicional de ensino não pode ser negligenciado, as aulas presenciais faz parte da construção do individuo com o seu desenvolvimento critico alem de sua socialização; A tendencia da sociedade é que de acordo com o surgimento de novas tecnologias é de substituir os antigos, a televisão ja esta sendo trocada pela internet (7. PCRTXSRA) (1. PSRA).</p> <p>A mídia é educadora abordando o cotidiano prezando o entreterimento, quando a criança chega na pré-escola já tem habilidade complexos para mudar a educação precesa de planejamento para</p>	<p>José Manuel Moran, professor da USP, especialista em educação presencial e a distância, relata em seu artigo ‘As mídias na educação’ a influência das novas tecnologias no ensino, seu texto é voltado para educadores e interessados nos ramos educacionais (2. PCRA) (8. PCRTXCRA).</p> <p>Moran na primeira parte do texto compara as novas tecnologias ao ensino tradicional, mostrando a estética sedutora das mídias, relatando a desvantagem que a escola tem nesse quesito e de forma retrógrada a importância do ensino escolar na formação do senso crítico do aluno (2. PCRA) (8. PCRTXCRA). Em seguida o autor defende uma integração das mídias na educação que se dá em três níveis: organizacional, uma escola mais integrada e preparada para os alunos; comunicacional, ensino com maior nível técnico e</p>

um balanceamento entre a tecnologia e a forma tradicional de ensino sendo que ambos precisam de estrutura educada (5. PSLMSSRA) (1. PSRA). (Participante 14)	atualizado; de conteúdo, ambiente escolar que participe da vida social dos alunos (6. PSLMSCRA) (2. PCRA). (Participante 14)
---	---

Quadro 27 - Exemplo de paráfrase com referência ao autor

A evolução na utilização da paráfrase com referência autoral foi bastante significativa na maioria das produções na segunda versão, após a realização da SD, como se pode perceber nos trechos da segunda versão de P14. O uso de paráfrases com referência ao autor foi ampliado de 54 nas primeiras produções para 154 na versão final. No caso do texto do aluno apresentado no Quadro 27, a evolução foi ainda mais significativa, pois ampliou a referência autoral nas suas paráfrases de zero, na sua primeira produção, para três, na sua produção final. A referência ao autor do texto-fonte foi um aspecto problemático encontrado na primeira versão das resenhas elaboradas antes da SD pelos participantes, tendo em vista o fato de haverem predominado nelas as paráfrases sem referência ao autor, conforme já exposto no Quadro 26, mesmo após a apresentação da primeira oficina de compreensão e paráfrase ministrada nas primeiras semanas de aula.

Isso ocorreu em função de que a utilização adequada desse recurso não é algo que se aprende rápido, devido ao fato de exigir a prática efetiva da escrita com uma reflexão sobre o processo de produção mediada pelo professor, realizada por meio da análise individual e coletiva das produções textuais, com sua posterior retextualização pelos estudantes. Por essa razão, se planejou trabalhar mais detalhadamente nos módulos os aspectos problemáticos encontrados nas produções dos alunos quanto ao como fazer menção ao autor do texto-fonte de diferentes formas, bem como das ações efetuadas por esse autor no objeto resenhado, além das orientações relativas à configuração genérica da resenha.

O que se observou na análise da primeira versão em relação à utilização da paráfrase foi que o conteúdo da primeira oficina (as diferentes formas de fazer menção ao autor e as suas ações no texto-fonte) pôde ser mais bem fixado pelos aprendizes porque a abordagem sobre ele partiu de uma análise e reflexão coletiva desses sujeitos sobre suas produções textuais. Isso foi feito da seguinte forma: a) mediação do pesquisador durante a realização dos módulos, b) atividade de retextualização auxiliada por um modelo específico e c) comentários do pesquisador anotados nos textos produzidos. Os dados apresentados e discutidos neste estudo corroboraram a influência positiva da reflexão sobre o processo de escrita das produções iniciais na escrita das produções finais. Essa influência já tinha sido discutida em

trabalhos apresentados no referencial teórico.⁵⁰ A seguir, discute-se como o procedimento Sequência Didática promoveu uma evolução na elaboração das paráfrases pelos alunos.

5.4.3.03 Com substituição lexical e sem referência ao autor (3. PCSLSRA)

A paráfrase com substituição lexical e sem referência autoral foi o primeiro tipo de paráfrase eleito para se observar nas primeiras produções dos alunos, tendo em vista que ela foi encontrada em suas primeiras produções realizadas antes da primeira oficina de paráfrase e da primeira tentativa de escrita da resenha. No início das atividades de pesquisa realizadas no primeiro semestre de 2011, durante o período de observação e contato com a turma pesquisada detectou-se, quase na mesma proporção do procedimento cópia, já discutido, a utilização da paráfrase com substituição lexical e sem referência ao autor (3. PCSLSRA).

Para alunos iniciantes na graduação, as primeiras práticas de escrita acadêmica caracterizam um período difícil, pois eles não estão acostumados com as práticas de letramento acadêmico. A paráfrase com substituição lexical é uma alternativa mais acessível para quem ainda não está habituado com a produção de textos acadêmicos. Esse tipo de paráfrase não demanda do parafraseador um esforço adequado de compreensão, análise e síntese do texto-fonte. O sujeito que a realiza seleciona trechos do trabalho lido e faz alterações de pequena monta no material selecionado com o objetivo de tentar fazer o texto modificado parecer de sua autoria.

Esse silenciamento da voz do autor do texto-base nem sempre é visto pelos estudantes iniciantes como um problema. Ele se realiza, muitas vezes, por meio da modificação lexical e é considerado por Therezo (2006) como inadequado, equivocado, um exercício não recomendável. É definido também como plágio por Eco (2009), Koch (2004) e Romancini (2007). Foi detectado na escrita de iniciantes nas práticas de letramento acadêmico, quando da produção de seus primeiros textos acadêmicos antes da primeira oficina de paráfrase. Evidentemente, o apagamento da voz do autor do texto-fonte, decorrente da falta de intimidade dos estudantes recém chegados a Universidade com os gêneros acadêmicos não se limitou a apenas esse tipo de paráfrase, como se discutirá na apresentação das outras categorias eleitas para este estudo.

No caso desta categoria de paráfrase em foco, os efeitos positivos gerados pela realização da primeira oficina sobre o tema já se manifestaram na primeira escrita da resenha,

⁵⁰ Portugal (2010); Gonçalves (2007, 2010); Matencio e Silva [s.d.]; Assis (2006); Marcuschi (2001); Simões (2009), por exemplo.

na qual foi registrado um número significativamente baixo de ocorrências dela. O quadro abaixo apresenta um exemplo desse mecanismo, extraído das produções dos participantes.

Paráfrase com substituição lexical e sem referência ao autor (3. PCSLSRA)			
Primeira Versão		Versão Final	
Quant.	Exemplo	Quant.	Exemplo
03	A Tv interpreta a vida de uma melhor e menos consativa com na sala de aula” (3. PCSLSRA) (1. PSRA). (Participante 03)	00	Sem ocorrências

Quadro 28 - Exemplo de uso da paráfrase com substituição lexical e sem referência autoral

Como se pode observar no Quadro 28, o exemplo extraído da primeira produção do Participante 03 corresponde a uma das três ocorrências de utilização dessa categoria de paráfrase. Conforme já se havia dito, esse é um forte indício da influência positiva da primeira oficina de paráfrase nas produções iniciais dos participantes. Eles foram instruídos quanto à importância de dar crédito, em suas resenhas, ao ator das ideias do texto-fonte, bem como de dar crédito a outros autores que tenham tido seus textos usados no processo de escrita da resenha. Os alunos pesquisados tiveram, na atividade de retextualização, oportunidades de refletirem sobre essas questões. Após os módulos da SD, esse tipo de paráfrase foi reduzido para zero ocorrência, demonstrando que o procedimento foi favorável a sua eliminação na versão final.

5.4.3.04 Com substituição lexical e com referência ao autor (4. PCSLCRA)

No caso das paráfrases com substituição lexical e com referência autoral, esperava-se também uma redução semelhante, tendo em vista que havia sido explicado aos participantes, nas oficinas, que ela era também um tipo irregular de paráfrase. Ela é menos irregular que a anterior, mas, de qualquer modo, devido à modificação no trecho do texto-fonte selecionado ser de pequena monta, não constitui uma paráfrase legítima, ou seja, não se configura uma reconstrução textual. Houve uma reflexão por parte dos alunos com relação a esse tipo de paráfrase. Eles entenderam que, mesmo havendo referência ao autor, esse tipo de paráfrase não possuía a quantidade de modificação necessária para ser uma reconstrução textual adequada do trecho do TF selecionado por eles. Essa reflexão dos participantes os levou a reduzir a zero essa categoria de paráfrase nas duas versões das suas produções.

5.4.3.05 Com substituição lexical, modificação sintática e sem referência ao autor (5. PSLMSSRA)

O problema relacionado à qualidade das paráfrases referente à quantidade de modificação feita pelos alunos no material selecionado do texto-fonte foi também significativamente minimizado. Discutiu-se, com os participantes, que, embora houvesse, neste tipo de paráfrase, maior quantidade de modificação no trecho selecionado do TF do que no caso dos dois tipos abordados anteriormente, esta também, não poderia ser considerada uma boa paráfrase, razão pela qual optaram por diminuir sua utilização.

Todavia, devido ao informado pelos alunos no questionário de sondagem, esperava-se que pudessem manifestar dificuldades em suas produções no que se referia a dar voz e descrever os atos do texto-fonte em suas resenhas, tendo em vista o fato de a maioria deles haver definido resenha como um tipo de resumo. O problema que os participantes enfrentaram ao confundirem a resenha com um tipo de resumo diz respeito ao fato de o conceito deste recobrir uma variedade de gêneros textuais (MACHADO, 2002), sendo que, em alguns deles, não se realiza a descrição da estrutura nem do conteúdo do TF, nem se apresenta claramente a voz do seu autor. Diz respeito, ainda, ao fato de sua definição equivocada tê-los levado a escrever uma produção textual que, além de não apresentar todos os movimentos retóricos que configuram uma resenha, não dá crédito nem atribui ao autor do TF a responsabilidade pelo conteúdo e pelo modo como ele está organizado. Levando em conta que os participantes conceituavam resenha como resumo, era esperado que suas paráfrases, embora já pudessem vir, por influência das primeiras oficinas, a apresentar maior quantidade de modificação nas partes do objeto selecionadas pelo sujeito, poderiam não apresentar uma redução tão significativa na ação de apagar a voz do autor do objeto resenhado.

Essa suspeita se confirmou no caso das paráfrases com substituição lexical, modificação sintática e sem referência ao autor do texto parafraseado. Se houve um número maior de ocorrências de modificação no material do texto-fonte em relação ao observado nas categorias anteriores, esse número não foi proporcional à elevação na atribuição de autoria às ideias parafraseadas na primeira versão das resenhas, tendo em vista que a paráfrase com modificação lexical e sintática e com referência autoral foi bastante inferior à categoria discutida nesta seção. O Quadro 29 apresenta exemplos deste tipo de paráfrase encontrado na primeira versão da resenha de um dos participantes deste estudo.

Paráfrase com substituição lexical, modificação sintática e sem referência ao autor (5. PSLMSSRA)	
Primeira Versão	Versão Final
Exemplo	Exemplo
A escola deve ser organizacional, menos centralizadora, menos autoritária, mais adaptada a cada indivíduo; deve ter conteúdo, uma escola que fala mais da vida, dos problemas que afligem os jovens, e deve ter nível comunicacional, incorporar todas as formas e técnicas da linguagem do Homem contemporâneo, valorizando a linguagem audiovisual (5. PSLMSSRA) (1. PSRA) (Participante 17)	Sem ocorrências (Participante 17)

Quadro 29 - Exemplo de paráfrase com substituição lexical, modificação sintática e sem referência ao autor

Após a realização da SD, era esperada uma significativa redução no uso da categoria de paráfrase exemplificada acima na versão final das resenhas dos sujeitos pesquisados. A redução deste tipo de paráfrase foi considerada importante, por motivos óbvios que se expõem aqui: o primeiro deles diz respeito à qualidade da modificação feita pelo parafraseador no trecho selecionado do TF, que faz nele apenas a substituição de algumas palavras por sinônimos, alterando, simultaneamente, a organização sintática com pequenas inversões na ordem de ocorrência dos constituintes do período selecionado. As modificações lexicais e sintáticas realizadas nas primeiras produções dos participantes, como dito a eles nos módulos, não eram suficientes para que um leitor a considere uma verdadeira reconstrução textual. A análise do corpus (Em anexo) confirmou as expectativas do pesquisador quanto à redução no uso desse recurso na última versão escrita pelos alunos da turma pesquisada, após a apresentação da Sequência Didática.

5.4.3.06 Com substituição lexical, modificação sintática e com referência ao autor (6. PSLMSCRA)

A paráfrase com substituição lexical, modificação sintática e com referência autoral foi outra categoria contemplada na análise das duas versões das resenhas elaboradas pelos participantes, antes e após a realização da Sequência Didática. Esse tipo é mais adequado por apresentar respeito aos direitos autorais, tendo em vista que o sujeito não silencia o autor do texto modificado lexical e sintaticamente. Entretanto, a transformação realizada pelo aluno nos trechos do texto-fonte selecionados também não é suficiente para que este novo texto seja

considerado pelos seus leitores mais experientes e críticos como sendo uma paráfrase adequada. Mesmo que essa constitua, de fato, uma produção que deva ser considerada como sendo uma retextualização⁵¹ empreendida no trecho selecionado do original pelo sujeito parafraseador.

As questões expostas no parágrafo anterior foram discutidas com os estudantes nos módulos, levando o pesquisador a supor que esse recurso teria ocorrência reduzida também na versão final das resenhas. Tais suposições, como o quadro abaixo exemplifica, se confirmaram.

Paráfrase com substituição lexical, modificação sintática e com referência ao autor (6. PSLMSCRA)			
Primeira Versão		Versão Final	
Quant.	Exemplo	Quant.	Exemplo
11	Ao longo do texto o autor mostra três níveis de mídias, o Organizacional (que é a escola ser mais participativa), de Conteúdo (que é próxima dos jovens) e o Comunicacional (que é a valorização da linguagem) (6. PSLMSCRA) (2. PCRA) (Participante 05)	09	Ele divide a relação comunicação e escola em três níveis. O primeiro é o organizacional, no qual a escola é mais participativa e adaptada a cada indivíduo. O segundo é o de conteúdo, no qual a escola se aproxima mais dos jovens. E o terceiro é o comunicacional que visa o conhecimento e incorporação das linguagens e técnicas utilizadas pelo homem (6. PSLMSCRA) (2. PCRA) (Participante 13)

Quadro 30 - Exemplo de paráfrase com substituição lexical, modificação sintática e com referência

Um fato que também merece destaque nos exemplos apresentados acima diz respeito à diferença de qualidade das paráfrases de P05 (primeira versão) e P13 (segunda versão). Mesmo usando o mesmo procedimento para parafrasear o mesmo trecho do TF, a paráfrase elaborada por P13 é melhor do que a elaborada por P05, tendo em vista que a mesma foi mais bem sucedida no que se refere ao uso dos conectivos e da pontuação. Na verdade, esses são outros aspectos que, embora não tenham constituído foco de discussão neste estudo, também foram influenciados positivamente pela SD, tendo em vista que se pôde perceber uma melhora na segunda versão dos alunos nesses aspectos. Isso nos permite visualizar a necessidade de futuras pesquisas que investiguem a influência da SD no aprendizado dos aspectos ortográficos, gramaticais e de aspectos ligados à textualização, tais como a coesão e a coerência. Sugestão, inclusive, dada por Portugal (2010) em seu trabalho.

⁵¹ Faz-se conveniente lembrar que, embora se possa afirmar que uma boa paráfrase seja uma retextualização, nem toda retextualização implica apenas parafrasear o texto de partida. A paráfrase no interior da atividade de retextualização consiste apenas em uma das suas estratégias.

5.4.3.07 Com reconstrução textual, utilizando as próprias palavras e sem referência ao autor (7. PCRTXSRA)

A análise dos dados revelou que a ocorrência de paráfrases com reconstrução textual foi significativa na primeira versão da resenha elaborada pelos participantes da pesquisa, confirmando os efeitos positivos da primeira oficina sobre a temática no que diz respeito ao uso dessa categoria de paráfrase. Contudo, a maior parte dessas paráfrases não fazia referência ao autor do texto-fonte, justificando a realização de outras discussões sobre a questão nos módulos da SD, planejados posteriormente à realização da primeira produção da resenha pelos alunos pesquisados.

Após os módulos, a expectativa do pesquisador era de que as reconstruções textuais sem referência autoral sofressem uma significativa redução na versão final. Mais uma vez, se percebeu a influência positiva da Sequência Didática na redução dessa categoria de paráfrase nas retextualizações dos discentes pesquisados. O quadro abaixo apresenta exemplos do uso dessa categoria de paráfrase, extraídos de trechos da primeira e última versões das resenhas de dois dos participantes deste estudo.

Paráfrase com reconstrução textual, utilizando as próprias palavras e sem referência ao autor (7. PCRTXSRA)			
Primeira Versão		Versão Final	
Quant.	Exemplo	Quant.	Exemplo
74	Essa grande influência que as mídias tem deveriam ser melhores aproveitadas dentro das salas de aula de forma que se possa explorar mais esta forma de ensino aproveitando a grande capacidade que certos tipos de mídia tem para prender a atenção dos alunos (7. PCRTXSRA) (1. PSRA) (Participante 34)	24	Pode-se afirmar que incluir as mídias na escola de qualquer maneira só para dizer que ela está presente não é o suficiente. É preciso capacitar os professores, apropriar o ambiente, para que esse ensino seja por inteiro eficaz (7. PCRTXSRA) (1. PSRA) (Participante 08)

Quadro 31 - Exemplo de paráfrase com reconstrução e sem referência

Mesmo não sendo o foco da discussão realizada nesta seção, não se pode deixar de mencionar que, na segunda versão, além de uma redução no uso de reconstruções textuais sem referência ao autor, houve também uma melhora nas paráfrases elaboradas pelos participantes em relação à coesão textual, concordância e adequação da linguagem ao que se espera de um texto acadêmico. A diferença entre a paráfrase da primeira versão de P34 e a da segunda produção de P08 é bastante evidente e exemplifica a evolução percebida nos textos

dos alunos. Esses dados também confirmam os efeitos positivos da SD na retextualização da resenha no que se refere ao uso da categoria analisada.

5.4.3.08 Com reconstrução textual, utilizando as próprias palavras e com referência ao autor (8. PCRTXCRA)

Ampliar o uso das paráfrases com reconstrução textual e com referência autoral, considerado neste estudo o tipo mais adequado, foi o principal objetivo das oficinas sobre paráfrase, ministradas antes e após a análise das primeiras produções dos participantes. A análise das últimas produções revelou que a Sequência Didática foi favorável à ampliação das reconstruções textuais com referência ao autor nas retextualizações realizadas pelos alunos das produções iniciais em finais. Abaixo se apresenta um exemplo extraído de trechos dos textos do corpus analisado.

Paráfrase com reconstrução textual, utilizando as próprias palavras e com referência ao autor (8. PCRTXCRA)			
Primeira Versão		Versão Final	
Quant.	Exemplo	Quant.	Exemplo
43	Moran ressalta também a relação dos meios de comunicação e a escola, mostrando como as escolas muitas vezes desprezam estes meios de seus métodos de ensino (2. PCRA) (8. PCRTXCRA), algo que eu considero muito grave pelo fato de se perder e muito ótimas formas de aprimoramento e melhoramento dos meios de ensino. (Participante 06)	145	José Manuel Moran, em seu texto as mídias da educação, aborda as questões das tecnologias não empregadas nas redes educativas, penetrando em fatores particulares brasileiros, relacionando educadores que não usam dos meios de comunicação digital para aperfeiçoar a aulas e fazem das escolas um lugar sombrio e monótono aos alunos (8. PCRTXCRA) (2. PCRA) (Participante 09)

Quadro 32 - Exemplos de paráfrase com reconstrução textual e com referência autoral

Como se pode observar acima, as reconstruções textuais com referência ao autor foram observadas nas duas versões das resenhas elaboradas pelos participantes do estudo. As 145 ocorrências dessa estratégia nas segundas produções analisadas contra as 43 detectadas nas primeiras confirmaram, não apenas que a SD favoreceu a ampliação das paráfrases, como também concluiu Portugal (2010), mas favoreceu também uma melhoria na qualidade das modificações textuais feitas pelos sujeitos nos trechos selecionados do texto-fonte, objeto da resenha. Para exemplificar essa evolução, realizar-se-á a seguir uma comparação entre as duas produções de um dos alunos pesquisados. A seleção das versões que servem como exemplo na próxima seção também foi aleatória.

5.4.3.09 Comparação das duas versões de produções textuais dos participantes

O procedimento Sequência Didática mostrou-se influente também em relação à aprendizagem e uso das paráfrases nas retextualizações realizadas pelos participantes da classe pesquisada. Trata-se de uma estratégia de formulação muito necessária e produtiva na escrita de gêneros acadêmicos como, por exemplo, a resenha que constituiu objeto deste trabalho.

A seguir, se apresenta uma análise comparativa das duas versões da produção textual de um dos participantes desta pesquisa com o propósito de ilustrar a evolução percebida na análise dos textos do corpus no que refere à aprendizagem e ao uso da paráfrase por parte dos discentes pesquisados.

Evolução na ocorrência de paráfrase nas duas versões da resenha de P02		
Primeira Versão	Comentários do pesquisador	Versão Final
Exemplo	Exemplo	Exemplo
<p>A mídia e a educação</p> <p>A análise dos métodos de educação, abordada no texto as mídias educam de Manuel Moran, nos leva a ser de um modo crítico de como as escolas utilizam, ou não, os meios de comunicação, na tentativa de educar seus alunos (8. PCRTXCRA) (2.PCRA). A maneira como a mídia educa é mais interativa, diferente da escola que de maneira indireta é distante e abstrata (7. PCRTXSRA) (1.PSRA). Em nível organizacional, de conteúdo, comunicacional podemos chegar a conclusão que se a escola quer ter mais êxito no ensino tem que estar mais organizada, ter mais interação e se comunicar de maneira interativa (7. PCRTXSRA) (1.PSRA). As tecnologias são pontes que abrem portas abrangentes para o ensino, e o processo de uma conscientização crítica se inicia a partir daí (7. PCRTXSRA) (1.PSRA). Níveis familiares são extremamente importantes para a educação, crianças hoje, que possuem formação intelectual desde cedo, apresenta resultados positivos, e fica claro que quando a mídia integra seu cotidiano, éla (trecho ininteligível) de maneira eficaz e</p>	<p>Esta frase está confusa. O verbo usado, “ser”, não faz sentido na frase em que é usado (Comentários sobre o primeiro período)</p> <p>Um problema, encontrado neste período e no que o antecede, diz respeito a não indicação da autoria das ideias apresentadas. Não está claro se as ideias são suas ou de Moran. Você deve citar o autor do texto resenhado de diferentes formas na resenha.</p> <p>Outro problema encontrado no texto é misturar suas ideias com as do autor do texto resenhado e de outros autores. Você deve deixar claro a quem pertencem as ideias sintetizadas em seu texto. (Comentários sobre o segundo período)</p> <p>Neste período você tenta sintetizar e parafrasear trechos do segundo tópico do texto de Moran, mas você não o apresenta, nem informa ao leitor a ideia central contida nele. Também não atribui a autoria das ideias sintetizadas ao autor do artigo. Você não realizou uma avaliação da obra, nem a recomendou ou não. (Comentários sobre o terceiro período)</p>	<p>As mídias na educação José Manuel Moran</p> <p>Os meios de comunicação desempenham um papel muito forte no cotidiano das pessoas. José Moran no seu artigo ‘As mídias na educação’ faz uma análise de como eles podem auxiliar os métodos de ensino a ter mais eficácia nos seus processos de educação (2. PCRA) (8. PCRTXCRA). E ele também cita como as mídias podem auxiliar na educação em conjunto com os meios de comunicação, organizando este processo em níveis de fácil entendimento (2. PCRA) (8. PCRTXCRA). No artigo é expresso de maneira direta como os meios de comunicação atingem com facilidade jovens e crianças e como eles podem educá-los (8. PCRTXCRA) (2. PCRA).</p> <p>O objetivo da escola é educar, ela segue um padrão rígido e muitas vezes conservador. Já a internet, a tv e outros meios de comunicar possuem uma maneira mais sedutora e envolvente, que consegue prender as pessoas, principalmente jovens e crianças (1. PSRA) (7. PCRTXSRA). Moran fala que existem 3 níveis de relação escola, comunicação e meios</p>

<p>eficiente (5. PSLMSSRA) (1. PSRA).</p>		<p>de comunicação, que são os níveis organizacionais, de conteúdo e comunicacionais, estes demonstram de uma maneira simples de como a escola deve interagir com as mídias (8. PCRTXCRA) (2. PCRA). Porém Moran expressa no artigo que esta relação escola mídias não é assim tão simples (2. PCRA) (8. PCRTXCRA), isto fica claro quando ele cita no artigo que ‘A relação comunicação-escola, uma relação difícil e problemática, mais absolutamente necessária para o enriquecimento de ambas...’ (TCRA) As tecnologias de hoje, são ferramentas indispensáveis para os professores, porém é ressaltado por Moran que ainda assim o professor é fundamental para ensinar e também educar as mídias no ensino de seus alunos (8. PCRTXCRA) (2. PCRA).</p> <p>A obra de Moran é bastante rica no aspecto de motivar os educadores de hoje a integrar as mídias nos processos de educação. Hoje as tecnologias são ferramentas para trazer e entreter os alunos, para fazer com que eles tenham vontade de aprender e buscar o conhecimento mais e mais. Quem deve fazer isto são as escolas junto com seus professores pois somente eles podem encurtar o caminho professor, escola, alunos e meios de comunicação.</p> <p>O artigo é muito interessante, Moran conseguiu expressar e explicar de maneira direta de como as mídias auxiliam na educação. Ele é de suma importância para os educadores, pois já passou da hora, de haver uma reformulação do cenário educacional brasileiro.</p> <p>XXXXXXXXX graduando do curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal XXXX (XXXX)</p>
---	--	--

Quadro 33 - Comparação das duas produções de P02 quanto ao uso da paráfrase

A primeira versão da resenha elaborada por P02 contém apenas uma paráfrase com referência ao autor, trata-se de uma reconstrução textual na qual o estudante apresenta uma síntese geral do conteúdo abordado no texto resenhado com o objetivo de apresentar ao seu interlocutor o tema central. Há, todavia, um problema nessa apresentação concernente ao uso inadequado de um verbo (“ser”) na reconstrução textual desse sujeito que, como o

pesquisador comentou, não estava fazendo sentido. Na sua segunda versão, além de ampliar de uma para seis ocorrências das paráfrases com reconstrução textual, o participante tem o cuidado de descrever nelas as ações do autor do texto, algo que estava ausente nas paráfrases usadas por ele na sua primeira produção.

Pode-se perceber, na segunda produção do participante, que os comentários feitos pelo pesquisador e também os módulos da SD tiveram uma influência muito significativa, tendo em vista que o participante utilizou-se da paráfrase com reconstrução textual com melhor desenvoltura do que o fez na primeira versão de sua produção. Percebe-se que a reconstrução sem referência, antes predominante (04 ocorrências), passou a apenas uma ocorrência em sua versão final. A paráfrase com substituição lexical e modificação sintática e sem referência autoral não muito bem sucedida que realizou em sua primeira escrita foi substituída por uma reconstrução textual mais adequada na sua versão final. O participante também demonstrou que os módulos fizeram a diferença no que concerne à transcrição de trechos do texto-fonte, tendo em vista que faz uso desse recurso da forma adequada na segunda versão da sua resenha. Pode-se ainda destacar que, após a SD, o participante ainda conseguiu, com o auxílio dos comentários e do Modelo, acrescentar os passos que o pesquisador havia avisado que estavam faltando em sua primeira produção, semelhantemente ao que ocorreu com a maioria dos alunos da turma.

O exemplo apresentado, tanto quanto os outros textos em anexo, atestam a influência positiva do Procedimento Sequência Didática na retextualização da resenha acadêmica, não apenas nesse aspecto, mas em todos os outros discutidos e apresentados na introdução deste trabalho. Na próxima seção, discutir-se-á como os resultados responderam às questões de pesquisa propostas. Também se apresentará sugestões para pesquisas futuras.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na introdução deste trabalho, foi apresentado o interesse principal que motivou sua realização: buscar compreender como a retextualização, entendida tanto como processo de produção textual, quanto como estratégia de ensino, é influenciada pelo uso do procedimento Sequência Didática (SD) no aprendizado da configuração genérica de uma resenha acadêmica. Aprendizado esse manifesto no uso dos movimentos retóricos que configuram esse gênero presentes em textos produzidos por alunos iniciantes em práticas de letramento acadêmico, no desenvolvimento da atividade de compreensão do texto resenhado e na aprendizagem e utilização da paráfrase pelos sujeitos da pesquisa na atividade de retextualização do gênero que constituiu nosso objeto de ensino e pesquisa.

Nesta seção, serão apresentadas as respostas que os resultados obtidos puderam fornecer para as questões de pesquisa das quais se ocupou este estudo. As considerações iniciam-se pela apresentação da resposta à primeira questão elaborada: “Como os alunos iniciantes matriculados no primeiro semestre de um curso de graduação produzem resenhas acadêmicas antes da oferta de ensino desse gênero na Universidade?” A análise das respostas dadas pelos participantes do estudo ao questionário de sondagem a respeito da escrita do gênero resenha auxiliou o pesquisador na compreensão parcial de como eles entendiam que deveria ser realizado o processo de escrita desse gênero de texto. A análise das primeiras produções dos alunos pesquisados permitiu complementar a compreensão obtida com a análise das respostas do questionário. O que se percebeu na primeira versão do gênero, elaborada antes da realização da SD, foi que os alunos não conseguiram, em sua maioria, produzir textos que se pudessem identificar como exemplares de resenhas acadêmicas.

A segunda pergunta, relacionada com a primeira, foi: “Que conhecimento e contato tiveram com esse gênero antes de chegarem a Universidade?”. Pôde-se perceber que a maioria dos sujeitos pesquisados tiveram pouco, ou mesmo nenhum, contato com exemplares do gênero resenha acadêmica antes da graduação. Também se pôde constatar que as práticas de letramento acadêmico que eles afirmaram ter vivenciado antes de sua chegada a Universidade não foram suficientes para que eles desenvolvessem uma percepção adequada sobre o gênero, onde ele circula e como ele poderia ser produzido. As respostas oferecidas revelaram que os participantes concebiam a resenha acadêmica como um tipo de resumo. A análise de suas primeiras versões, que buscou também responder à questão: “Como esse conhecimento influencia a escrita que fazem desse gênero antes de receberem ensino sistemático na

graduação?”, confirmou o que se suspeitou na análise dos dados do questionário de sondagem sobre o tipo de resumo que a maioria dos sujeitos entendia como sendo resenha.

A suspeita do pesquisador, que acabou se confirmando com a realização da análise dos dados do questionário e das primeiras produções, era a de que os participantes estariam mais habituados a escrever resumos simples por meio da utilização de paráfrases não muito bem elaboradas de trechos do texto-fonte selecionados por eles. Isso acabou respondendo também às questões: “Ao escreverem pela primeira vez em um curso de graduação uma resenha, eles utilizam paráfrases na atividade de retextualização que fazem dos textos que estão lendo para resenha?” e “Quais os tipos de paráfrase usados por esses alunos são mais predominantes em sua atividade de escrita de resenhas acadêmicas?”. No tipo de produção realizado pelos participantes, muitas vezes erroneamente denominado de resenha por seus professores nas salas de aula do Ensino Médio, não se exige do resenhador referência ao autor do texto-fonte, nem às ações deste, nem a como o conteúdo está organizado no texto, diferentemente do que é solicitado na escrita de uma resenha acadêmica.

Ao escreverem, pela primeira vez, uma resenha em um curso de graduação, antes de lhes ter sido oferecido ensino sistemático sobre isso, esses estudantes acabaram, em decorrência dos problemas discutidos anteriormente, não conseguindo elaborar uma produção textual que pudesse ser considerada um exemplar legítimo desse gênero textual. Isso confirmou as afirmações de Marinho (2010), Machado et alli (2004) e Portugal (2010) sobre a necessidade de realização de mais pesquisas sobre as práticas de ensino da escrita de gêneros acadêmicos nos cursos de Graduação e Pós-Graduação. Estudos citados no referencial teórico deste trabalho como, por exemplo, o de Gonçalves (2007) e o de Dell’Isola (2007), apontaram a retextualização de gêneros textuais mediada por Sequências Didáticas e o uso de modelos didáticos de gêneros como uma ferramenta relevante para o ensino-aprendizagem de gêneros escritos.

Buscando contribuir para o preenchimento dessa lacuna, neste estudo, como já foi informado, se buscou responder também aos seguintes questionamentos: “Como o procedimento Sequência Didática poderia influenciar no uso da paráfrase pelos estudantes participantes da turma pesquisada?”, “Como a SD influenciaria no aprendizado das capacidades necessárias para a retextualização de textos acadêmicos em resenhas?” e também “Como ela influencia o processo de compreensão pelos participantes do texto resenhado? É das respostas a essas questões que se ocupa a seguir.

Respondendo a primeira delas, percebeu-se, como exemplificado na seção de discussão, que o procedimento foi positivamente influente nas atividades de retextualização dos participantes do estudo após a realização dos módulos, tendo em vista que as paráfrases com reconstrução textual e com referência autoral foram ampliadas, ao mesmo tempo em que as menos elaboradas e sem referência autoral foram significativamente reduzidas. Isso também comprovou que as oficinas de compreensão, ministradas juntamente com as de paráfrase, antes dos módulos da SD, foram também favoráveis ao desenvolvimento da habilidade dos alunos de compreenderem e fazerem uso adequado das ideias do texto-fonte em suas resenhas.

As atividades de retextualização, mediadas pelo procedimento Sequência Didática, foram favoráveis ao ensino do gênero resenha acadêmica, tanto como processo quanto como atividade, confirmando resultados de trabalhos anteriores. (PORTUGAL, 2010; GONÇALVES, 2007). A maioria dos alunos da turma pesquisada demonstrou ter adquirido o conhecimento das características do gênero resenha. Tal fato confirmou que o procedimento SD; o uso do Modelo, em paralelo com as intervenções interativas em seus textos, feitas durante a realização dos módulos; como também o uso dos bilhetes orientadores contribuíram para uma melhoria na qualidade das produções textuais da maioria dos participantes.

As atividades de retextualização da primeira versão em final, mediadas por esses mesmos elementos interventores, viabilizaram também a construção de um processo de reflexão pelos participantes deste estudo que resultou em um aprendizado do comportamento social necessário para a escrita adequada de uma resenha acadêmica, corroborando também considerações feitas em estudos já citados anteriormente.

6.1. Considerações para futuras pesquisas

Como se pode perceber em relação aos participantes desta pesquisa, as atividades de retextualização, feitas pelos sujeitos pesquisados com algumas formas de mediação usadas pelo pesquisador, foram favoráveis à aprendizagem do gênero textual que constituiu objeto de ensino e de pesquisa deste estudo. Uma primeira sugestão para futuras pesquisas, considerando os resultados apresentados aqui, seria a de realização de pesquisas em outros cenários, como os do Ensino Fundamental e Médio, com outros gêneros textuais escritos, para avaliar os efeitos dessas atividades no aprendizado de cada um deles pelos alunos dessas esferas educacionais.

Neste estudo, também se percebeu uma evolução nas retextualizações dos alunos pesquisados em outros aspectos de suas produções, tais como: os relacionados com a correção gramatical e com a organização textual, que não constituíram foco de discussão desta pesquisa. Neste sentido, pode-se também sugerir, como o fez Portugal (2010), a realização de pesquisas futuras para compreender, com mais exatidão, como esse tipo de atividade pode influenciar as produções textuais de diferentes gêneros escritos por alunos de diferentes níveis de ensino e em diferentes disciplinas também nos aspectos mencionados neste parágrafo.

Também se percebeu, nesta pesquisa, como as intervenções interativas por meio de bilhetes orientadores escritos pelo pesquisador nos textos dos alunos se revelaram uma importante ferramenta pedagógica. Tais intervenções contribuíram para a reflexão dos estudantes sobre sua escrita e para a melhoria da qualidade dos textos produzidos por eles no processo de retextualização da primeira para a versão final de suas resenhas. Os bilhetes tratavam de relembrar aspectos trabalhados nos módulos, questionar sobre opções feitas pelos alunos nas suas produções e apresentar problemas na produção da forma como propõem Assis (2009) e Gonçalves (2007, 2009, 2010). Portanto, sugere-se aqui também a realização de pesquisas futuras, tanto na esfera acadêmica quanto na educação básica, sobre a influência desse importante recurso pedagógico no aprendizado da escrita de diferentes gêneros textuais.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ASKEHAVE, I.; SWALES, J. Genre identification and communicative purpose: a problem and a possible solution. *Applied Linguistics*, v. 22, n. 2, p. 195-212, 2001.

ASSIS, Juliana Alves. Aprender a ensinar: a correção de textos por professores em formação. In: I Congresso Latino-Americano de Formação de Professores de Línguas. **Anais**. Florianópolis, SC, 2006. Disponível em: <http://www.cce.ufsc.br/~clafpl/11_Juliana_Alves_Assis.pdf>.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Hermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2001 [1953].

BAZERMAN, Charles. *Gênero, agência e escrita*. HOFFNAGEL, Judith Chambliss; DIONISIO, Angela Paiva. (Orgs.). São Paulo: Cortez, 2006.

BIASI-RODRIGUES, B. *Estratégias de condução de informações em resumos de dissertações*. 1998. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

BOOTH, W. C.; COLOMB, G. G.; WILLIAMS, J. M. *A arte da pesquisa*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRONCKART, J. P. *Atividade de linguagem, textos e discursos*. Por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: EDUC, 1999.

BRONCKART, J. P. *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006.

BRONCKART, J. P. *O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

CRISTOVÃO, V. L. L.; MACHADO, A. R. A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 6, n. 3, p. 547-573, set./dez. 2006.

DE PIETRI, Êmerson. *Práticas de leitura e elementos para a atuação docente*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DELL'ISOLA, R. L. P. *Retextualização de gêneros escritos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências Didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. 22. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

FARACO, C. A. O estatuto da análise e da interpretação dos textos no quadro do Círculo de Bakhtin. In: GUIMARÃES, A. de M. M.; MACHADO, A. R.; COUTINHO, A. *O Interacionismo Sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 1984.

FLICK, Uwe. *Desenho da pesquisa qualitativa*. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.

FUCHS, C. *A paráfrase lingüística: equivalência, sinonímia ou reformulação?* Trad. de João Wanderley Geraldi. *Cadernos de estudos lingüísticos*, Campinas: Editora da UNICAMP, n. 8, p. 129-134, 1985.

GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. *Técnica de redação: o que é preciso saber para bem escrever*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GARCIA, Othon. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pesquisar*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1975.

GERALDI, João Wanderley. (Org.). *O texto na sala de aula. Leitura e produção*. Cascavel: Assoeste, 1984.

GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GIBBIS, Graham. *Análise de dados qualitativos*. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995.

GONÇALVES, Adair Vieira. 2007. 358 p. *Gêneros textuais e reescrita: uma proposta de intervenção interativa*. Tese de Doutorado, UNESP, (mimeo).

GONÇALVES, Adair Vieira. As listas de controle/constatações como ferramentas para a reescrita de gêneros. In: GONÇALVES, Adair Vieira; BAZARIM, Milene. (Orgs.). *Interação, gêneros e letramento: a (re) escrita em foco*. São Carlos, SP: Claraluz, 2009.

GONÇALVES, Adair Vieira. Gêneros textuais e reescrita: uma proposta de intervenção para o ensino de língua materna. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v. 10, n. 1, p. 13-42, jan./abr. 2010.

GUIMARÃES, A. M. M.; MACHADO, A. R.; COUTINHO, A. (Orgs.). *O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

HEMAIS, Barbara; BIASI-RODRIGUES, Bernadete. A proposta sócio-retórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

KILLINGSWORTH. M. J.; GILBERTSON, M. K. *Signs, Genres, and Communities in Technical Communication*. Amityville: Baywood, 1992.

KLEIMAN, A. Leitura e prática social no desenvolvimento de competências no ensino médio. In: BUZEN, C.; MENDONÇA, M. (Orgs.). *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 23-36.

KLEIMAN, A. *Leitura. Ensino e pesquisa*. Campinas: Pontes, 1989a.

KLEIMAN, A. *Texto e leitor*. Aspectos cognitivos da leitura. Campinas, SP: Pontes, 1989b.

KLEIMAN, A. *Oficina de Leitura: teoria e prática*. Campinas, SP: Pontes, 1992.

KOCH, I. G. V. *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, I. G. V. *O texto e a construção dos sentidos*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender os sentidos do texto*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

KÖCHE, Vanilda Salton; BOFF, Odete Maria Benetti; PAVANI, Cinara Ferreira. *Prática textual: atividades de leitura e escrita*. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 95-104.

MACHADO, A. R. *O Diário de leituras: a introdução de um novo instrumento na escola*. São paulo: Martins Fontes, 1998.

MACHADO, A. R. Revisitando o conceito de resumos. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna. Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.) *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MACHADO, A. R. Uma experiência de assessoria docente e de elaboração de material didático para o ensino de produção de textos na universidade. In: MACHADO, A. R.; ABREU-TARDELLI, L. S.; CRISTÓVÃO, V. L. L. (Orgs.). *Linguagem e Educação: o ensino e a aprendizagem de gêneros textuais*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009a.

MACHADO. A. R. O Interacionismo Sociodiscursivo no Brasil. In: MACHADO, A. R.; ABREU-TARDELLI, L. S.; CRISTÓVÃO, V. L. L. (Orgs.). *Linguagem e Educação: o ensino e a aprendizagem de gêneros textuais*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009b.

MACHADO, A. R. Colaboração e crítica: possíveis ações do linguista na atividade educacional. In: MACHADO, A. R.; ABREU-TARDELLI, L. S.; CRISTÓVÃO, V. L. L. (Orgs.). *Linguagem e Educação: o ensino e a aprendizagem de gêneros textuais*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009c.

MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. *Resenha*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MACHADO, A. R. A perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. *Diários de leitura para revisão bibliográfica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MACHADO, A. R.; ABREU-TARDELLI, L. S.; CRISTOVÃO, V. L. L. (Orgs.). *Linguagem e Educação: o ensino e a aprendizagem de Gêneros Textuais*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARINHO, Marildes. A escrita nas práticas de letramento acadêmico. *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*, Belo Horizonte, MG: ALAB/ Faculdade de Letras da UFMG, v. 10, n.2, p. 363-386, 2010.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meireles; SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. *Retextualização: movimentos de aprendizagem*. Artigo – Pós-Graduação em Letras, PUC-MG, Belo Horizonte, [s.d.] disponível em: <www.ich.pucminas.br/posletras/19.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2011.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. Atividades de (Re)textualização em práticas acadêmicas: Um estudo do resumo. In: *Scripta*, Belo Horizonte, v. 6, n.11, p.109-122, 2002.

MEDEIROS, João Bosco. *Redação científica: a prática de fichamentos, resumos e resenhas*. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. H. *Produção textual na universidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PORTER, J. E. *Audience and Rhetoric: an Archeological Composition of the Discourse Community*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1992.

PORTUGAL, Rosany Aparecida. 2010. A intertextualidade na retextualização da resenha acadêmica: o procedimento Sequência Didática. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Viçosa-MG: UFV, 2010.

POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1997.

RIBEIRO, Nilsa Brito. 2001. *A paráfrase: uma atividade argumentativa*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Campinas: UNICAMP, 2001.

RIBEIRO, Nilsa Brito. Autoria no domínio dos gêneros discursivos: paráfrase e estilo. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 6, n.1, p. 83-99, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0601/7%20art%205.pdf>>.

ROMANCINI, Richard. A praga do plágio acadêmico. *Revista Científica*, FAMEC/FAAC/FMI/FABRASP, v.06, n. 06, p. 44-48, 2007.

SALOMON, D. V. *Como Fazer uma Monografia*. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Adriana da. *A relação entre textualidade e modelos didáticos na retextualização de gêneros*. 2009. 11 f. Projeto de pesquisa (Linha 2: Linguística Aplicada: Ensino e Aprendizagem de Língua Materna e Estrangeira) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa-MG, 2009.

SIMÕES, D. M. P. Retextualização: a Internet como recurso didático-pedagógico. In: SANTOS, L.; SIMÕES, D. (Orgs.). *Ensino de português e novas tecnologias*. Coletânea de textos apresentados no I SIMELP. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2009.

SWALES, J. M. *Genre Analysis: English in Academic and Research Settings*. Cambridge: CUP, 1990.

SWALES, J. M. *Re-Thinking Genre: Another Look at Discourse Community Effects*. Trabalho apresentado no Re-Thinking Genre Seminar, Universidade de Carleton, Ottawa, 1992.

SWALES, J. M. *Genre and Engagement*. *Revue belge de philology et d'histoire*, v. 71, p. 687-698, 1993.

SWALES, J. M. *Other Floors, Other Voices: a Textography of a Small University Building*. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 1998.

THEREZO, Graciema P. *Como corrigir redação*. 5. ed. Campinas, SP: Alínea, 2006.

THEREZO, Graciema P. O resumo como prática de leitura e de produção de texto. *Revista de Letras PUC*, Campinas, v. 20, n.1, p. 20-43, dez.. 2001.

TRAVAGLIA, Neuza. 1993. 315p. *A tradução numa perspectiva textual*. Tese de Doutorado, USP. (mimeo).

ANEXOS

ANEXO 01 – Termo Consciente de Consentimento



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS MESTRADO EM LETRAS

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Estou ciente de que o objetivo desta pesquisa é estudar a paráfrase na retextualização do artigo acadêmico para a resenha na produção textual de alunos de graduação da Universidade Federal de Viçosa, matriculados na disciplina Português Instrumental, no primeiro semestre de 2011, elaborada antes e após realização de uma Sequência Didática sobre a escrita de resenhas acadêmicas.

Afirmo que minha participação é voluntária e que nenhum tipo de coação foi usado para obtê-la. Tenho conhecimento de que posso retirar meu consentimento e encerrar minha participação em qualquer etapa desta pesquisa.

Estou ciente também de que minhas respostas, escritas ou orais, bem como minha produção textual, serão divulgadas de forma anônima. Meu nome verdadeiro não será revelado, a não ser que eu prefira e manifeste minha preferência por escrito.

Tenho consciência de que trechos de minhas respostas aos questionários e entrevistas, bem como dos textos que produzi poderão ser utilizados em relatórios, comunicações científicas, apresentações e artigos sobre a pesquisa.

Manifesto, através deste documento, meu desejo de dar minha contribuição voluntária como participante nesta pesquisa.

Reconheço que recebi uma cópia do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Nome: _____

Assinatura: _____

Telefone: (____) _____ - _____

Endereço: _____

Data: ____/____/____

Em caso de dúvidas sobre esta pesquisa, favor entrar em contato com:

Prof. Esp. Itamar Zuqueto Serra Neto

Fone: (31) 9199-6469

e-mail: itamarserra@ufpa.br

Prof.ª Dr.ª Adriana da Silva

Fone: (31) 3899-1577

e-mail: adriasilva124@hotmail.com

ANEXO 02 – Questionário de sondagem

QUESTIONÁRIO DE SONDAÇÃO SOBRE O GÊNERO RESENHA

ALUNO (A): _____

CURSO: _____ **MATRÍCULA:** _____

ENSINO MÉDIO: _____ () PÚBLICA () PRIVADA

1. Como você definiria o gênero resenha?
2. Com base na sua resposta à questão anterior, aponte a finalidade da escrita de resenhas.
3. Você já redigiu uma resenha? Se sim, em qual disciplina esta atividade lhe foi solicitada?
4. Se sua resposta à questão anterior foi positiva, para qual matéria/disciplina você escreveu uma resenha pela primeira vez e em qual nível de ensino?
5. Quais características e critérios você considera fundamentais para que uma produção escrita seja considerada uma resenha escolar/acadêmica?
6. Com base na resposta dada à questão anterior, qual linguagem, em sua opinião, deve ser utilizada na produção escrita de uma resenha escolar/acadêmica?
7. Com base na sua resposta à questão anterior, se poderia falar na existência de diferentes tipos de resenha?
8. Se sua resposta foi sim, onde seria possível encontrá-los, caso você fosse indicar a leitura de cada um deles a alguém?
9. Se a resposta à questão 07 foi afirmativa, responda se, na sua opinião, há diferença entre os tipos de resenha que você conhece e a resenha escolar/acadêmica? Se há, quais seriam?
10. E em relação ao resumo e a resenha, você acha que há diferença entre esses gêneros textuais? Se a resposta for sim, como você poderia diferenciá-los?

ANEXO 03 – Texto de partida

As mídias na educação^[52]

José Manuel Moran

Especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância

jmmoran@usp.br

*Texto do meu livro **Desafios na Comunicação Pessoal**. 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 162-166.*

“A simples introdução dos meios e das tecnologias na escola pode ser a forma mais enganosa de ocultar seus problemas de fundo sob a égide da modernização tecnológica. O desafio é como inserir na escola um ecossistema comunicativo que contemple ao mesmo tempo: experiências culturais heterogêneas, o entorno das novas tecnologias da informação e da comunicação, além de configurar o espaço educacional como um lugar onde o processo de aprendizagem conserve seu encanto”.

Jesús Martín Barbero [\[2\]](#)

As mídias educam

01 Estamos deslumbrados com o computador e a Internet na escola e vamos deixando de lado a televisão e o vídeo, como se já estivessem ultrapassados, não fossem mais tão importantes ou como se já dominássemos suas linguagens e sua utilização na educação.

02 A televisão, o cinema e o vídeo, CD ou DVD - os meios de comunicação audiovisuais - desempenham, indiretamente, um papel educacional relevante. Passam-nos continuamente informações, interpretadas; mostram-nos modelos de comportamento, ensinam-nos linguagens coloquiais e multimídia e privilegiam alguns valores em detrimento de outros.

03 A informação e a forma de ver o mundo predominantes no Brasil provêm fundamentalmente da televisão. Ela alimenta e atualiza o universo sensorial, afetivo e ético que crianças e jovens – e grande parte dos adultos - levam a para sala de aula. Como a TV o faz de forma mais despretensiosa e sedutora, é muito mais difícil para o educador contrapor uma visão mais crítica, um universo mais mais abstrato, complexo e na contra-mão da maioria como a escola se propõe a fazer.

04 A TV fala da vida, do presente, dos problemas afetivos - a fala da escola é muito distante e intelectualizada - e fala de forma impactante e sedutora - a escola, em geral, é mais cansativa, concorda?. O que tentamos contrapor na sala de aula, de forma desorganizada e monótona, aos modelos consumistas vigentes, a televisão, o cinema, as revistas de variedades e muitas páginas da Internet o desfazem nas horas seguintes. Nós mesmos como educadores e telespectadores sentimos na pele a esquizofrenia das visões contraditórias de mundo e das narrativas (formas de contar) tão diferentes dos meios de comunicação e da escola.

05 Percebeu que na procura desesperada pela audiência imediata e fiel, os meios de comunicação desenvolvem estratégias e fórmulas de sedução mais e mais aperfeiçoadas: o ritmo alucinante das transmissões ao vivo, a linguagem concreta, plástica, visível?. Mexem com o emocional, com as nossas fantasias, desejos, instintos. Passam com incrível facilidade do real para o imaginário, aproximando-os em fórmulas integradoras, como nas telenovelas.

06 Em síntese, os Meios são interlocutores constantes e reconhecidos, porque competentes, da maioria da população, especialmente da infantil. Esse reconhecimento significa que os processos educacionais convencionais e formais como a escola não podem voltar as costas para os meios, para esta **iconosfera** tão atraente e, em consequência, tão eficiente. A maior parte do referencial do mundo de crianças e jovens provém da televisão. Ela fala da vida, do presente, dos problemas afetivos - a escola é muito distante e abstrata - e fala de forma viva e sedutora - a escola, em geral, é mais cansativa.

07 As crianças e jovens se acostumaram a se expressar de forma polivalente, utilizando a dramatização, o jogo, a paráfrase, o concreto, a imagem em movimento. A imagem mexe com o imediato, com o palpável. A escola desvaloriza a imagem e essas linguagens como negativas para o conhecimento. Ignora a televisão, o vídeo; exige somente o desenvolvimento da escrita e do raciocínio lógico. É fundamental que a criança aprenda a equilibrar o concreto e o abstrato, a passar da espacialidade e contigüidade visual para o raciocínio seqüencial da lógica falada e escrita. Não se trata de opor os meios de comunicação às técnicas convencionais de educação, mas de integrá-los, de aproximá-los para que a educação seja um processo completo, rico, estimulante. A escola precisa observar o que está acontecendo nos meios de comunicação e mostrá-lo na sala de aula, discutindo-o com os alunos, ajudando-os a que percebam os aspectos positivos e negativos das abordagens sobre cada assunto.

08 Precisamos, em consequência, *estabelecer pontes efetivas entre educadores e meios de comunicação*. Educar os educadores para que, junto com os seus alunos, compreendam melhor o fascinante processo de troca, de informação-ocultamento-sedução, os códigos polivalentes e suas mensagens. Educar para compreender melhor seu significado dentro da nossa sociedade, para ajudar na sua democratização, onde cada pessoa possa exercer integralmente a sua cidadania.

09 Em que níveis pode ser pensada a relação Comunicação, Meios de Comunicação e Escola? Entendemos que esta pode ser pensada em três níveis:

1. organizacional
2. de conteúdo
3. comunicacional

[52]Disponível em http://www.eca.usp.br/prof/moran/midias_educ.htm , acesso em 14 de abril de 2011.

- *no nível organizacional*: uma escola mais participativa, menos centralizadora, menos autoritária, mais adaptada a cada indivíduo. Para isso, é importante comparar o nível do discurso - do que se diz ou se escreve - com a práxis - com as efetivas expressões de participação.

- *no nível de conteúdo*: uma escola que fale mais da vida, dos problemas que afligem os jovens. Tem que preparar para o futuro, estando sintonizada com o presente. É importante buscar nos meios de comunicação abordagens do cotidiano e incorporá-las criteriosamente nas aulas.

- *no nível comunicacional*: conhecer e incorporar todas as linguagens e técnicas utilizadas pelo homem contemporâneo. Valorizar as linguagens audiovisuais, junto com as convencionais.

10 Tem-se enfatizado a questão do conhecimento como essencial para uma boa educação. É básico ajudar o educando a desenvolver sua(s) inteligência(s), a conhecer melhor o mundo que o rodeia. Por outro lado, fala-se da educação como desenvolvimento de **habilidades**: "Aprender a aprender", saber comparar, sintetizar, descrever, se expressar.

11 Desenvolver a inteligência, as habilidades e principalmente, as atitudes. Ajudar o educando a adotar atitudes positivas, para si mesmo e para os outros. Aqui reside o ponto crucial da educação: ajudar o educando a encontrar um eixo fundamental para a sua vida, a partir do qual possa interpretar o mundo (fenômenos de conhecimento), desenvolva habilidades específicas e tenha atitudes coerentes para a sua realização pessoal e social. [\[\[Ver o capítulo A comunicação na educação do livro Mudanças na comunicação pessoal de José Manuel Moran, São Paulo, Paulinas, 2000, páginas, 155-166\]\].](#)

13 A transmissão de informação é a tarefa mais fácil e onde as tecnologias podem ajudar o professor a facilitar o seu trabalho. Um simples CD-ROM contém toda a Enciclopédia Britânica, que também pode ser acessada on line pela Internet. O aluno nem precisa ir a escola para buscar as informações. Mas para interpretá-las, relacioná-las, hierarquizá-las, contextualizá-las, só as tecnologias não serão suficientes. O professor o ajudará a questionar, a procurar novos ângulos, a relativizar dados, a tirar conclusões.

14 Que outras contribuições as tecnologias podem dar ao professor? As tecnologias também ajudam a desenvolver habilidades, espaço-temporais, sinestésicas, criadoras. Mas o professor é fundamental para adequar cada habilidade a um determinado momento histórico e a cada situação de aprendizagem.

15 As tecnologias são pontes que abrem a sala de aula para o mundo, que representam, medeiam o nosso conhecimento do mundo. São diferentes formas de representação da realidade, de forma mais abstrata ou concreta, mais estática ou dinâmica, mais linear ou paralela, mas todas elas, combinadas, integradas, possibilitam uma melhor apreensão da realidade e o desenvolvimento de todas as potencialidades do educando, dos diferentes tipos de inteligência, habilidades e atitudes.

16 As tecnologias permitem mostrar várias formas de captar e mostrar o mesmo objeto, representando-o sob ângulos e meios diferentes: pelos movimentos, cenários, sons, integrando o racional e o afetivo, o dedutivo e o indutivo, o espaço e o tempo, o concreto e o abstrato.

17 A educação é um processo de construção da consciência crítica. Como então se dá esse processo? Essa construção começa com a problematização dos dados que nos chegam direta e indiretamente - através dos meios, por exemplo - recontextualizando-os numa perspectiva de conjunto, totalizante, coerente, um novo texto, uma nova síntese criadora. Essa síntese integra os dados tanto conceituais quanto sensíveis, tanto da realidade quanto da ficção, do presente e do passado, do político, econômico e cultural. Falamos assim, de uma *educação para a comunicação*. Uma educação que procura ajudar as pessoas individualmente e em grupo a realizar sínteses mais englobantes e coerentes, tomando como partida as expressões de troca que se dão na sociedade e na relação com cada pessoa; ajudar a entender uma parte dessa totalidade a partir da comunicação enquanto organização de trocas tanto ao nível interpessoal como coletivo.

18 A educação para a comunicação precisa da articulação de vários espaços educativos, mais ou menos formais: educação ao nível familiar, trabalhando a relação pais-filhos-comunicação, seja de forma esporádica ou em momentos privilegiados, em cursos específicos também. A relação comunicação-escola, uma relação difícil e problemática, mas absolutamente necessária para o enriquecimento de ambas, numa nova perspectiva pedagógica, mais rica e dinâmica. Comunicação na comunidade, analisando os meios de comunicação a partir da situação de uma determinada comunidade e interpretando concomitantemente os processos de comunicação dentro da comunidade. Educação para a comunicação é a busca de novos conteúdos, de novas relações, de novas formas de expressar esses conteúdos e essas relações.

19 A escola precisa exercitar as novas linguagens que sensibilizam e motivam os alunos, e também combinar pesquisas escritas com trabalhos de dramatização, de entrevista gravada, propondo formatos atuais como um programa de rádio uma reportagem para um jornal, um vídeo, onde for possível. A motivação dos alunos aumenta significativamente quando realizam pesquisas, onde se possam expressar em formato e códigos mais próximos da sua sensibilidade. Mesmo uma pesquisa escrita, se o aluno puder utilizar o computador, adquire uma nova dimensão e, fundamentalmente, não muda a proposta inicial.

Integrar as mídias na escola

20 Antes da criança chegar à escola, já passou por *processos de educação importantes: pelo familiar e pela mídia eletrônica*. No ambiente familiar, mais ou menos rico cultural e emocionalmente, a criança vai desenvolvendo as suas conexões cerebrais, os seus roteiros mentais, emocionais e suas linguagens. Os pais, principalmente a mãe, facilitam ou complicam, com suas atitudes e formas de comunicação mais ou menos maduras, o processo de aprender a aprender dos seus filhos.

21 A criança também é *educada pela mídia*, principalmente pela televisão. Aprende a informar-se, a conhecer - os outros, o mundo, a si mesmo - a sentir, a fantasiar, a relaxar, vendo, ouvindo, "tocando" as pessoas na tela, que lhe mostram como viver, ser feliz e infeliz, amar e odiar. A relação com a mídia eletrônica é prazerosa - ninguém obriga - é feita através da sedução, da emoção, da exploração sensorial, da narrativa - aprendemos vendo as estórias dos outros e as estórias que os outros nos contam.

22 Mesmo durante o período escolar a mídia mostra o mundo de outra forma - mais fácil, agradável, compacta - sem precisar fazer esforço. Ela fala do cotidiano, dos sentimentos, das novidades. A mídia continua educando como contraponto à educação convencional, educa enquanto estamos entretidos.

23 A educação escolar precisa *compreender e incorporar mais as novas linguagens*, desvendar os seus códigos, dominar as possibilidades de expressão e as possíveis manipulações. É importante educar para usos democráticos, mais progressistas e participativos das tecnologias, que facilitem a evolução dos indivíduos. O poder público pode propiciar o acesso de todos os alunos às tecnologias de comunicação como uma forma paliativa, mas necessária de oferecer melhores oportunidades aos pobres, e também para contrabalançar o poder dos grupos empresariais e neutralizar tentativas ou projetos autoritários.

24 Se a educação fundamental é feita pelos pais e pela mídia, *urgem ações de apoio aos pais para que incentivem a aprendizagem dos filhos desde o começo das vidas deles, através do estímulo, das interações, do afeto*. Quando a criança chega à escola, os processos fundamentais de aprendizagem já estão desenvolvidos de forma significativa. Urge também a *educação para as mídias*, para compreendê-las, criticá-las e utilizá-las da forma mais abrangente possível.

25 A educação para os meios começa com a sua incorporação na fase de alfabetização. Alfabetizar-se não consiste só em conscientizar os códigos da língua falada e escrita, mas dos códigos de todas as linguagens do homem atual e da sua interação. A criança, ao chegar à escola, já sabe ler histórias complexas, como uma telenovela, com mais de trinta personagens e cenários diferentes. Essas habilidades são praticamente ignoradas pela escola, que, no máximo, utiliza a imagem e a música como suporte para facilitar a compreensão da linguagem falada e escrita, mas não pelo seu intrínseco valor. As crianças precisam desenvolver mais conscientemente o conhecimento e prática da imagem fixa, em movimento, da imagem sonora ... e fazer isso parte do aprendizado central e não marginal. Aprender a ver mais abertamente, o que já estão acostumadas a ver, mas que não costumam perceber com mais profundidade (como os programas de televisão).

26 Antes de pensar em produzir programas específicos para as crianças, convém retomar, estabelecer pontos com os produtos culturais que lhes são familiares. Fazer re-leituras dos programas infantis, re-criação desses mesmos programas, elaboração de novos conteúdos a partir dos produtos conhecidos. Partir do que o rádio, jornal, revistas e televisão mostram para construir novos conhecimentos e desenvolver habilidades. Não perder a dimensão lúdica da televisão, dos computadores. A escola parece um desmancha-prazeres. Tudo o que as crianças adoram a escola detesta, questiona ou modifica. Primeiro deve-se valorizar o que é valorizado pelas crianças, depois procurar entendê-lo (os professores e os pais) do ponto de vista delas, crianças, para só mais tarde, propor interações novas com os produtos conhecidos. Depois podem-se exibir programas adaptados à sua sensibilidade e idade, programas que sigam o mesmo ritmo da televisão, mas que introduzam alguns conceitos específicos que, aos poucos, irão sendo incorporados.

[2] Jesús MARTÍN BARBERO. *Heredando el Futuro. Pensar la Educación desde la Comunicación*, in *Nómadas*, Bogotá, septiembre de 1996, n. 5, p. 10-22.

ANEXO 04 – Questionário de compreensão

Questão 01. De acordo com as estratégias de leitura discutidas nas oficinas anteriores deste curso, antes de realizar a leitura total de um texto, o leitor deve tentar identificar, através das informações verbais e não verbais: qual o tema do texto, os objetivos do autor, um resumo do assunto, dos argumentos e ou das teses do autor sobre o tema tratado, o resumo dos resultados obtidos no estudo, o público-alvo do texto etc. e conferir se suas hipóteses estão corretas durante e após leitura da obra. Em relação ao texto “As mídias na educação”, o que se pode inferir de seu título e das informações verbais sobre o autor, apresentadas no início do texto?

Resposta sugerida:

O título do artigo sugere que o texto discutirá o uso das mídias na educação. As informações verbais sobre o autor nos levam a crer que o enfoque do assunto abordado no texto será baseado no ponto de vista de um especialista em projetos inovadores na educação, tanto na modalidade presencial, quanto na modalidade à distância. Se levarmos em conta uma informação sobre o espaço do qual o artigo faz parte, conforme informado no texto, a obra “Desafios na comunicação pessoal”, poderemos supor que o texto irá apresentar argumentos favoráveis ao uso das mídias na educação, sem, contudo, deixar de realizar uma análise dos desafios que se impõem à escola no que diz respeito a essa questão.

Questão 02. Leia o trecho abaixo e responda a questão.

“A simples introdução dos meios e das tecnologias na escola pode ser a forma mais enganosa de ocultar seus problemas de fundo sob a égide da modernização tecnológica. O desafio é como inserir na escola um ecossistema comunicativo que contemple ao mesmo tempo: experiências culturais heterogêneas, o entorno das novas tecnologias da informação e da comunicação, além de configurar o espaço educacional como um lugar onde o processo de aprendizagem conserve seu encanto”.

Jesús Martín Barbero [2]

A epígrafe em um artigo, monografia, ensaio, dissertação ou tese, pode ter como um dos seus propósitos: realizar, por meio da citação de um trecho de texto de outro autor, um resumo do assunto tratado no texto, apresentar os principais argumentos defendidos no trabalho, ou a tese defendida pelo autor do novo texto. No caso do texto “As mídias na educação”, qual é a função dela?

Resposta sugerida: A epígrafe, no caso do artigo lido, sugere o enfoque que será dado pelo autor no que diz respeito ao tema proposto no título de seu texto. Seu objetivo parece ser o de tornar visível, para o leitor, as questões que serão discutidas no artigo, relativas ao como inserir na escola “um ecossistema comunicativo” (o uso integrado das mídias e tecnologias de informação e comunicação na educação) que contemple a um só tempo: “experiências culturais heterogêneas, o entorno das novas tecnologias de informação e da comunicação”, que possa, também, nesse mesmo tempo, segunda ele, configurar o espaço educativo como um lugar que preserve o encanto do processo de aprendizagem.

Questão 03. Com base na resposta à questão anterior e na leitura total do texto, escreva com suas palavras qual é o objetivo desse artigo. Ele coincidiu com o objetivo inferido por você a partir da leitura das informações constantes na epígrafe e no título do texto?

Resposta sugerida: O objetivo do texto parece ser o de discutir questões relativas ao uso das mídias na educação, bem como aos desafios impostos à escola com relação à utilização produtiva e relevante delas no processo de aprendizagem. Sim, o objetivo coincidiu com o que se pode inferir da leitura do título, da epígrafe e de todo o texto.

Questão 04. O autor afirma que as mídias educam e o fazem de modo diferente do que o faz a escola. Resuma, com suas palavras, o que o estudioso diz sobre o modo como as mídias educam e como a educação oferecida por elas se diferencia do tipo de educação oferecido na escola.

Resposta sugerida: As mídias ao buscarem, segundo o estudioso, “desesperadamente” a audiência dos seus telespectadores, desenvolvem ferramentas de sedução e estratégias de captar a atenção deles cada vez mais poderosas e eficazes. Dessa maneira, as informações que elas transmitem são absorvidas muito mais eficazmente pelos seus espectadores, que são entretidos enquanto recebem tais informações. A escola não dispõe de tais estratégias, de acordo com o estudioso, e tal fato a coloca em situação de desvantagem em relação aos meios de comunicação, pois o que é ensinado em sala de aula não recebe, por parte dos alunos, a mesma atenção e credibilidade que eles atribuem ao que é transmitido nos meios de comunicação audiovisuais.

Questão 05. “Precisamos [...] estabelecer pontes efetivas entre educadores e meios de comunicação”. Que argumentos o autor utiliza para defender essa tese?

Resposta sugerida: Para defender essa tese, o autor utiliza os argumentos elencados abaixo:

Para ele, em primeiro lugar, se faz necessário estabelecer tais pontes em razão de a escola ignorar os meios de comunicação audiovisuais quando exige de seus alunos apenas “o desenvolvimento da escrita e do raciocínio lógico”.

Levando em conta esse fato, o autor afirma que: “É fundamental que a criança aprenda a equilibrar o concreto e o abstrato, a passar da espacialidade e contiguidade visual para o raciocínio sequencial da lógica falada e escrita”.

Ao defender o que está apresentado acima, Moran deixa claro, em relação ao escrito no trecho entre aspas apresentado em seguida, que: “Não se trata de opor os meios de comunicação às técnicas convencionais de educação, mas de integrá-los, de aproximá-los para que a educação seja um processo completo, rico, estimulante.”

Como um último argumento em favor da necessidade de estabelecer pontes entre educadores e meios de comunicação, que será introduzido em seguida no seu trabalho, o estudioso chama a atenção ao que deve ocorrer, segundo ele, no espaço escolar em relação ao que se exhibe nas mídias, afirmando que: “A escola precisa observar o que está acontecendo nos meios de comunicação e mostrá-lo na sala de aula, discutindo-o com os alunos, ajudando-os a que percebam os aspectos positivos e negativos das abordagens sobre cada assunto.”

Questão 06. O autor fala de níveis nos quais a escola necessita transformar-se para que sua relação com a comunicação e com os meios de comunicação seja repensada. Resuma, com suas palavras, o que o autor diz sobre o assunto no texto “As mídias na educação”.

Resposta sugerida: O estudioso afirma que essa transformação pode ser pensada em três níveis: a) organizacional, b) de conteúdo e c) comunicacional. De acordo com Moran, uma escola, para transformar-se no nível organizacional em sua relação com a comunicação e com os meios, necessita “ser mais participativa, menos centralizadora, menos autoritária, mais adaptada a cada indivíduo”. No nível de conteúdo, a escola, de acordo com o especialista em projetos inovadores, deve “falar mais dos problemas que afligem os jovens”, deve estar mais afinada com os problemas da vida. Ela deve, segundo o pesquisador, “preparar para o futuro, estando sintonizada com o presente”. Moran acredita que se devem buscar, nos meios de comunicação, “abordagens do cotidiano e incorporá-las criteriosamente nas aulas”. Por fim, no nível comunicacional, o autor considera importante para a escola: “conhecer e incorporar todas as linguagens e técnicas utilizadas pelo homem contemporâneo. Valorizar as linguagens audiovisuais, junto com as convencionais”.

Questão 07. A partir da leitura do texto, se pode inferir que a integração da comunicação, meios de comunicação, tecnologias e educadores é um modo de viabilizar a educação, entendida como o processo de construção da consciência crítica? Se a resposta for sim, que argumentos podem ser levantados no texto para defender a validade da inferência? Caso a resposta seja negativa, justifique, com base no texto, sua resposta.

Resposta sugerida: Sim, se pode fazer tal inferência. Moran define a educação como “um processo de construção da consciência crítica”, que consiste, de acordo com o que está escrito em seu artigo, no processo de análise ou problematização e síntese dos dados com os quais os sujeitos interagem durante o processo de aprendizagem. Por permitirem, segundo afirma o autor, diferentes formas de construção de “sínteses englobantes” e de representação desses dados e dos resumos que são construídos por meio da análise deles, as mídias tornam-se importantes ferramentas desse processo, desde que sejam usadas adequadamente.

Questão 08. “Alfabetizar-se não consiste só em conscientizar os códigos da língua falada e escrita, mas dos códigos de todas as linguagens do homem atual e da sua interação”. Esta afirmação é feita pelo autor no tópico “Integrar as mídias na escola”. Que argumentos o autor apresenta a respeito desse tópico que o levam a definir desse modo o processo de alfabetização? Resuma-os com suas palavras.

Resposta sugerida: O uso adequado das mídias na educação passa pelo que o estudioso denomina de “educação para a comunicação”, que consiste num processo de construção das “sínteses englobantes” já referidas na resposta à questão anterior. Esse uso das mídias audiovisuais, que se torna, de acordo com Moran, uma importante ferramenta para a educação, necessita de uma redefinição do conceito de alfabetização. De acordo com o pesquisador, a educação para a comunicação requer um processo de alfabetização mais amplo, que consiste na aquisição crítica e domínio, por parte dos alunos, mediado pelo professor, dos códigos e linguagens desses veículos. Essa educação necessita, de acordo com o autor, da articulação de vários espaços educativos em que se trabalhe a comunicação entre pais e filhos, entre escola e comunicação e, por fim, a relação entre comunicação e comunidade. Nesse processo, a atuação do professor é fundamental, conforme argumenta o especialista em projetos inovadores.

Questão 09. Resuma, com suas palavras, como o autor pensa que deve ser realizada a utilização das mídias na educação.

Resposta sugerida: Nos últimos parágrafos do texto Moran, discute o modo como deve ser realizado o uso das mídias na educação. Mais do que não ignorá-las, a escola deve, de acordo com o pesquisador, aprender a valorizar do que os alunos gostam, não do seu ponto de vista, mas do deles. Deve apropriar-se delas sem descaracterizá-las, sem fazê-las perder o encanto que possuem para os estudantes. A escola, segundo o autor, não deve subestimar os conhecimentos e capacidades dos alunos, que, embora possam não saber usar adequadamente os códigos da escrita, já são capazes de ler e compreender textos audiovisuais completos como uma telenovela, por exemplo. Moran afirma ainda que a escola deve exercitar, em seu espaço, o uso das linguagens das mídias. Segundo ele, os alunos sentem-se mais motivados quando podem sistematizar e representar os conteúdos aprendidos em classe em outras linguagens.

Questão 10. Qual a conclusão do autor a respeito de toda a discussão realizada no texto? Resuma-a com suas palavras.

Resposta sugerida: A principal conclusão do autor diz respeito à necessidade de usar adequadamente as mídias na educação. Essa utilização passa por uma educação para a comunicação que compreende, segundo o autor, a interação entre comunicação, meios de comunicação com a educação em todos os espaços em que ela ocorre: o familiar, o escolar e o espaço social mais amplo, que passa, inevitavelmente, pelo ensino, aprendizagem e reflexão crítica sobre as linguagens das mídias e o modo como elas representam e transmitem o conhecimento aos seus espectadores.

ANEXO 05 – Tabela de contagem de ocorrências dos movimentos retóricos

Nº	DESCRIÇÃO DO PASSO REALIZADO EM CADA MOVIMENTO		1ª e 2ª VERSÕES			
			Ocorrências			
			Quant.		%	
			1ª	2ª	1ª Produção	2ª Produção
Passo 01	Informar o tópico geral do artigo		18	39	3,3	7,2
Passo 02	Definir público-alvo do artigo		e/ou 02	43	0,3	7,8
Passo 03	Apresentar as credenciais do autor do artigo		e/ou 01	29	0,2	5,3
Passo 04	Fazer generalizações		e/ou 00	10	0	1,9
Passo 05	Inserir o artigo na área e na obra do autor		e/ou 01	09	0,2	1,65
MOV. 02. Descrever o objeto (artigo)						
Passo 06	Fornecer uma visão geral sumária da organização do artigo		e/ou 00	31	0	5,66
Passo 07	Sumarizar o tópico de cada seção do artigo		e/ou 123	116	22,5	21,2
Passo 08	Citar material extratextual (Preferencialmente usando paráfrase)		e/ou 00	06	0	1,1
MOV. 03. Avaliar o objeto (artigo)						
Passo 09	Realizar avaliação geral da obra (aspectos positivos e/ou negativos)		e/ou 06	64	1,1	11,6
Passo 10	Realçar aspectos positivos de parte(s) específica(s) do artigo		e/ou 05	04	0,92	0,72
Passo 11	Realçar aspectos negativos de parte(s) específica(s) do artigo		e/ou 00	02	0	0,3
MOV. 04. Recomendar ou não recomendar o objeto (artigo)						
Passo 12	Desqualificar/recomendar o artigo		ou 02	31	0,3	5,65
Passo 13	Recomendar o artigo apesar das falhas detectadas e expostas		00	06	0	1,1
Total Parcial			158	390	28,82	71,18
Total Geral			548		100	

Tabela 03 - Contagem de ocorrências dos movimentos retóricos nas duas versões das resenhas

ANEXO 06 – Configuração genérica da resenha acadêmica de artigo

MOV. 01. Apresentar o objeto (artigo)		
Passo 01	Informar o tópico geral do artigo	
Passo 02	Definir público-alvo do artigo	e/ou
Passo 03	Apresentar as credenciais do autor do artigo	e/ou
Passo 04	Fazer generalizações sobre o tópico geral do artigo	e/ou
Passo 05	Inserir o artigo na área e na obra do autor	
MOV. 02. Descrever o objeto (artigo)		
Passo 06	Fornecer uma visão geral sumária da organização do artigo	e/ou
Passo 07	Sumarizar o tópico de cada seção por meio de apagamentos, substituições e paráfrases	e/ou
Passo 08	Citar material extratextual (Preferencialmente usando paráfrase)	
MOV. 03. Avaliar o objeto (artigo)		
Passo 09	Realizar avaliação geral da obra (aspectos positivos e/ou negativos)	e/ou
Passo 10	Realçar aspectos positivos de parte(s) específica(s) do artigo	e/ou
Passo 11	Realçar aspectos negativos de parte(s) específica(s) do artigo	
MOV. 04. Recomendar ou não recomendar o objeto (artigo)		
Passo 12	Desqualificar/recomendar o artigo	ou
Passo 13	Recomendar o artigo apesar das falhas detectadas e expostas	

Tabela 04 - Configuração genérica da resenha acadêmica de artigo

ANEXO 07 – Tabela de contagem de ocorrências das paráfrases

RECURSOS	DESCRIÇÃO DO RECURSO USADO	OCORRÊNCIAS			
		Prod. 1	Prod. 2	Prod. 1	Prod. 2
		Quant.	Quant.	%	%
CÓPIA	1. Cópia sem referência ao autor (1. CSRA)	01	00	0,14	0,0
	2. Cópia com referência ao autor (2. CCRA)	00	01	0,0	0,14
TRANSCRIÇÃO	Transcrição com referência ao autor	01	12	0,14	1,7
PARÁFRASE	1. Sem referência ao autor (1. PSRA)	109	27	15,5	3,9
	2. Com referência ao autor (2. PCRA)	54	154	7,6	21,9
	3. Com substituição lexical e sem referência ao autor (3. PCSLSRA)	03	00	0,42	0,0
	4. Com substituição lexical e com referência ao autor (4. PCSLCRA)	00	00	0,0	0,0
	5. Com substituição lexical, modificação sintática e sem referência ao autor (5. PSLMSSRA)	32	03	4,5	0,44
	6. Com substituição lexical, modificação sintática e com referência ao autor (6. PSLMSCRA)	11	09	1,6	1,29
	7. Com reconstrução textual, utilizando as próprias palavras e sem referência ao autor (7. PCRTXSRA)	74	24	10,6	3,4
	8. Com reconstrução textual, utilizando as próprias palavras e com referência ao autor (8. PCRTXCRA)	43	145	6,1	20,63
Total Parcial		328	375	46,6	53,4
Total Geral		703		100	

Tabela 05 - Contagem de ocorrências das paráfrases nas duas versões da resenha

ANEXO 08 – Cronograma de realização das atividades da Sequência Didática

SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O ENSINO DO GÊNERO RESENHA ACADÊMICA			
Atividades ou nome dos módulos	Número do módulo	Data da aplicação	Objetivo da atividade ou do módulo
Aplicação do questionário de sondagem, leitura do texto de partida, aplicação do questionário de compreensão, apresentação da situação de produção e escrita da primeira versão da resenha		02/05/11 04/05/11 09/05/11	Aferir os conhecimentos e as capacidades que os participantes já possuem sobre a escrita deste gênero e orientar o planejamento da SD.
Diferenciando o resumo da resenha na mídia	01	11/05/11	Pretende-se, neste módulo, confrontando uma variedade de gêneros textuais, delimitar quais são as diferenças existentes entre resumo e resenha.
As resenhas em diferentes situações de produção	02	16/05/11	Trabalhar com os estudantes as resenhas em diferentes contextos de produção. Discutir a necessidade de os alunos levarem em conta que estarão escrevendo uma resenha para seu professor, que já leu o texto de partida e deseja avaliar sua capacidade de compreensão e avaliação.
O plano global de uma resenha acadêmica (prototípica)	03	18/05/11	Propiciar aos alunos compreender o plano geral (plano textual) de uma resenha acadêmica (prototípica).
Os mecanismos de conexão: o uso dos organizadores textuais	04	18/05/11	O objetivo deste módulo consiste em trabalhar os mecanismos de conexão (organizadores textuais) e seus objetivos, dentre os quais, o de guiar o leitor.
A expressão da subjetividade do autor da resenha	05	23/05/11	Destacar formas de polidez do gênero textual em estudo e trabalhar diferentes modos de apreciação do resenhador sobre o texto de partida.
Procedimentos de inserção de vozes: diferentes formas de menção ao dizer do autor do texto resenhado e de outros autores	06	23/05/11	Dar destaque aos procedimentos de inserção de vozes. Serão discutidas, de modo especial, as diferentes formas de menção ao dizer do texto resenhado e de outros autores. Outra questão que receberá tratamento especial neste módulo é a paráfrase,

			uma importante estratégia de formulação.
O diário de leitura: ferramenta para uma leitura crítica do texto	07		Auxiliar os alunos no desenvolvimento de uma leitura ativa, dialógica e opinativa por intermédio do instrumento didático chamado “diário de leitura”.
A compreensão global do texto a ser resenhado	08		O objetivo do módulo consiste em trabalhar o plano global do texto de partida (capacidade discursiva).
Exposição oral dos aspectos da escrita da resenha discutidos nos módulos e discussão conjunta de todos os aspectos do modelo CARS para a escrita de resenhas acadêmicas de artigos, além das últimas orientações para a reescrita do gênero resenha.	09	25/05/11	Realizar uma discussão coletiva com todos os participantes a respeito das características peculiares ao gênero resenha trabalhadas nos módulos anteriores.
Escrita da versão final da resenha	10	30/05/11	Verificar a aprendizagem do gênero resenha depois da realização da Sequência Didática

ANEXO 09
EM CD-ROM

RESENHAS (ANÁLISE DOS MOVIMENTOS RETÓRICOS NAS DUAS VERSÕES)

ANEXO XX

RESENHAS (ANÁLISE DOS MOVIMENTOS RETÓRICOS NAS DUAS VERSÕES)

Participante 01: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

As mídias na educação

O texto de José Manuel Moran faz o apanhado sobre um polêmico assunto: as mídias na educação (MOV1) (Passo 01). Polêmico porque, enquanto para uns a escola tenha que desenvolver suas ideologias promovendo o desenvolvimento da escrita e do raciocínio lógico, para outros a escola precisa acompanhar os tecnologias permitindo que o computador, DVD, internet, vídeo e televisão sejam agregados à educação dentro da escola (MOV2) (Passo 07).

As tecnologias podem propiciar maior fluxo de informações, sem que o aluno precise ir a escola para isso. E a figura do professor é indispensável nesse momento, uma vez que é ele quem vai ensinar o aluno a aprender, questionar, sintetizar, descrever, se expressar e equilibrar as tecnologias e os estudos (MOV2) (Passo 07).

A escola tem o papel de receber e dar continuidade ao conhecimento e educação que a criança aprende pela mídia, assim a escola não vai ser entendida como ‘chata’ e vai ser aceita pela forma de viabilizar a educação (MOV2) (Passo 07).

Participante 01: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

Integração da educação e da tecnologia

MORAN, José Manuel. As mídias na Educação. Desafios na comunicação. 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 162-166.

O texto ‘As mídias na educação’ de José Manuel Moran, especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância (MOV1) (Passo 03), trata de um assunto importante e polêmico: como integrar as mídias e a educação (MOV1) (Passo 01).

Para moran, os meios de comunicação, televisão, DVD, cinema, vídeo, CD, computador e a internet, desempenham um papel importante na educação, isto porque esses meios de comunicação conseguem seduzir, mexer com o emocional e falar de forma mais impactante (MOV2) (Passo 07). A escola tem geralmente uma forma de ensinar mais chata e cansativa, e pouco utiliza dos meios de comunicação, que poderiam ser fortes aliados para ensinar crianças e jovens a ‘aprender a aprender’, a construir a consciência crítica, a desenvolver habilidades, a ‘conscientizar os códigos da língua falada e escrita, e os códigos de todas as linguagens do homem atual e da sua interação (MOV2) (Passo 07).

Jaques Gon Net com o livro Educação e Mídias participa das mesmas idéias de Moran quando ele diz que ‘as mídias são fatores novos muito importantes na socialização das novas gerações’(MOV2) (Passo 08).

Justifica-se esta idéia afirmando que os saberes evoluem e os valores se transformam e que se a escola, instituição tradicionalmente conservadora, não integrar esses novos saberes e valores como será capaz de promover a socialização formando utilizadores críticos, criativos e competentes capazes de dominar as tecnologias de informação (MOV2) (Passo 07).

Embora o texto de José Manuel Moran tratar o assunto de forma muito repetitiva, é uma obra de fácil entendimento, atual e leva o leitor a um pensamento crítico sobre o assunto (MOV3)

(Passo 09). O autor se impõe diante de sua abordagem demonstrando domínio no que ele escreveu, ocasionando uma leitura prazerosa e envolvente (MOV3) (Passo 09). O texto apresenta uma linguagem fácil de ser entendida (MOV3) (Passo 09), por isso recomendado a ser lido, principalmente para educadores, pais e filhos, e pessoas interessados na área da educação (MOV1) (Passo 02) e da tecnologia (MOV4) (Passo 12).

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Referências Bibliográficas

GONNET, Jacques. Educação e Mídias. Tradução Maria Luiza Bellone. S. P.: Editora Loyola, 2004.

Participante 02: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

A mídia e a educação

A análise dos métodos de educação, abordada no texto as mídias educam de Manuel Moran, nos leva a ser de um modo crítico de como as escolas utilizam, ou não, os meios de comunicação, na tentativa de educar seus alunos (MOV1) (Passo 01). A maneira como a mídia educa é mais interativa, diferente da escola que de maneira indireta é distante e abstrata (MOV2) (Passo 07). Em nível organizacional, de conteúdo, comunicacional podemos chegar a conclusão que se a escola quer ter mais êxito no ensino tem que estar mais organizada, ter mais interação e se comunicar de maneira interativa (MOV2) (Passo 07). As tecnologias são pontes que abrem portas abrangentes para o ensino, e o processo de uma conscientização crítica se inicia a partir daí (MOV2) (Passo 07). Níveis familiares são extremamente importantes para a educação, crianças hoje, que possuem formação intelectual desde cedo, apresenta resultados positivos, e fica claro que quando a mídia integra seu cotidiano, éla (trecho ininteligível) de maneira eficaz e eficiente (MOV2) (Passo 07).

Participante 02: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

As mídias na educação
José Manuel Moran

Os meios de comunicação desempenham um papel muito forte no cotidiano das pessoas (MOV1) (Passo 04). José Moran no seu artigo 'As mídias na educação' faz uma análise de como eles podem auxiliar os métodos de ensino a ter mais eficácia nos seus processos de educação (MOV1) (Passo 01). E ele também cita como as mídias podem auxiliar na educação em conjunto com os meios de comunicação, organizando este processo em níveis de fácil entendimento (MOV2) (Passo 07). No artigo é expresso de maneira direta de como os meios de comunicação atingem com facilidade jovens e crianças e como eles podem educá-los (MOV2) (Passo 06).

O objetivo da escola é educar, ela segue um padrão rígido e muitas vezes conservador. Já a internet, a tv e outros meios de comunicar possuem uma maneira mais sedutora e envolvente, que consegue prender as pessoas, principalmente jovens e crianças (MOV2) (Passo 07). Moran fala que existem 3 níveis de relação escola, comunicação e meios de comunicação, que são os níveis organizacionais, de conteúdo e comunicacionais, estes demonstram de uma maneira simples de como a escola deve interagir com as mídias. (MOV2) (Passo 07). Porém Moran expressa no artigo que está relação escola mídias não é assim tão simples, isto fica claro quando ele cita no artigo que 'A relação comunicação-escola, uma relação difícil e

problemática, mais absolutamente necessária para o enriquecimento de ambas...’ (MOV2) (Passo 07). As tecnologias de hoje, são ferramentas indispensáveis para os professores, porém é ressaltado por Moran que ainda assim o professor é fundamental para ensinar e também educar as mídias no ensino de seus alunos. (MOV2) (Passo 07)

A obra de Moran é bastante rica no aspecto de motivar os educadores de hoje a integrar as mídias nos processos de educação. Hoje as tecnologias são ferramentas para trazer e entreter os alunos, para fazer com que eles tenham vontade de aprender e buscar o conhecimento mais e mais (MOV3) (Passo 09). Quem deve fazer isto são as escolas junto com seus professores pois somente eles podem encurtar o caminho professor, escola, alunos e meios de comunicação.

O artigo é muito interessante, Moran conseguiu expressar e explicar de maneira direta de como as mídias auxiliam na educação (MOV3) (Passo 09). Ele é de suma importância para os educadores (MOV1) (Passo 02), pois já passou da hora, de haver uma reformulação do cenário educacional brasileiro (MOV4) (Passo 12).

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX graduando do curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal XXXXX (XXXX).

Participante 03: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

As Mídias Educam

Hoje em dia depois que as escolas adotaram os computadores com internet, não nos interessamos mais pelos vídeos e documentários que a professora passava na televisão (MOV2) (Passo 07).

As televisão, DVD, ou outros meios de comunicação audiovisuais, nos passam informações de maneira dinâmica, de uma maneira ou linguagem coloquial ou formal, assim aprendemos valores interpretados por outros (MOV2) (Passo 07).

Pela televisão vemos o mundo, e as informações de diversos lugares, assim nos atualiza, e instiga nosso lado afetivo, ético, assim os adultos o levam para sala de aula, pois ela seduz o aluno, além do mais a televisão interpreta de uma maneira mais influente e crítica (Passo 07) (MOV2).

A Tv interpreta a vida de uma melhor e menos cansativa com na sala de aula (Passo 07) (MOV2).

A televisão aborda o assunto com imagens que são mais fáceis de memorizar e associar e mexe com o imediato, já a escola exige o desenvolvimento da escrita e o raciocínio lógico, ela deveria abordar mais os termos que passam na TV, os aspectos positivos e negativos (Passo 07) (MOV2).

Professor e alunos deveriam, trabalhar juntos desenvolvendo os assuntos cotidianos, que deixe o aluno se expressar mais, tentar solucionar os problemas sociais que afetam a todos, os professores devem associar informações da TV e incorporá-las as aulas (Passo 07).

Ensinar é muito simples, um CD pode conter várias informações, mas se precisa do professor de um professor para abordar o tema, contextualizar e mostrar as várias formas de interpretação (MOV2) (Passo 07).

O professor não mostra o mundo, diante de várias visões e interpretações, associando-se as nossas opiniões formam um contexto (MOV2) (Passo 07).

O conhecimento se dá por meio de opiniões críticas ou afavores, e é isso que a TV nos oferece, vários pontos de vista (MOV2) (Passo 07).

Os professores deveriam adotar novas linguagens isso aumentará a motivação dos alunos, propondo trabalhos onde eles possam usar os meios audiovisuais (Passo 07) (MOV2).

Ela faz as crianças aprenderem, a memorização pois quando chegam na escolinha, ja sabem contar historinhas, telenovelas e isso é ignorado pelas escolas, que focam mas a escrita (Passo 07) (MOV2).

Participante 03: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

Tecnologia no processo de ensino aprendizagem

José Manuel Moran, especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância (MOV1) (Passo 03), autor do livro “Desafios na Comunicação Pessoal e a distância”, 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007 p. 162-166 de onde foi tirado o artigo ‘As mídias educam’(MOV1) (Passo 05), aborda o assunto de como as mídias educam e podem ser inseridas nas escolas no processo aprendizagem (MOV1) (Passo 01).

O artigo de Moran se divide em duas partes (Passo 06) (MOV2), na primeira fala de como as mídias estão presentes em nosso cotidiano e abordando assuntos de maneira mas atraente e sedutora do que na escola (MOV2) (Passo 07). Já na segunda parte fala de como professores deveriam associar as suas aulas e que professores deveriam valorizar conhecimentos e por uma educação adquirida pelas crianças através da mídia (MOV2) (Passo 07).

Moran aborda um tema bem discutido na atualidade e o faz de maneira clara com um vocabulário de fácil compreensão, apesar de um pouco repetitivo (Passo 09) (MOV3).

Recomendo que professores leiam (Passo 02) (MOV1) este artigo e façam uso das mídias em suas aulas tornando-as mais prazerosas usando este recurso didático (Passo 12) (MOV4).

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Participante 04: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

As mídias educam (José Manuel Moran)

Texto do livro Desafios na Comunicação Pessoal. 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007 p. 162 – 166.

A escola e os meios de comunicação

O computador e a internet está cada vez mais comum na sociedade, porém esquecemos da televisão e do vídeo como se eles estivessem ultrapassados. (MOV2) (Passo 07).

A televisão, o cinema retrata o cotidiano das pessoas, nos ensinam as linguagens coloquiais e tem entreterimento (novelas, desenhos) (MOV2) (Passo 07).

O que as crianças e jovens aprendem em sala de aula, em questão de minutos elas tem outro visão, se forem influenciadas pelas mídias. / Os meios de comunicação tem uma grande capacidade de influenciar os pensamentos das pessoas, principalmente os das crianças. Isso gera um conflito entre educadores e meios de comunicação (MOV2) (Passo 07).

A escola tem que interagir com os meios de comunicação, mostrando para os alunos as diferenças entre o mundo real e o virtual (MOV2) (Passo 07).

As tecnologias pode ajudar muito o professo a transmitir as informações desejadas, mas para interpretar e resolver as atividades a ajuda do professor é indispensável, O conjunto professor e meios de comunicação, possibilitam a melhor compreensão dos alunos (MOV2) (Passo 07).

Primeiramente as crianças são educadas pelos familiares e pela mídia, principalmente pela televisão. Elas aprendem com a mídia uma forma de vida mais fácil, agradável e sem precisar de fazer esforço, quando chegam na escola, começa a ver o mundo de outra forma, mais difícil e estressante (MOV2) (Passo 07).

Enfim, para as crianças adaptarem ao novo mundo escolar, deve se valorizar o que elas sabem primeiramente e acrescentando aos poucos conhecimentos específicos, que irá sendo incorporados por elas (MOV2) (Passo 07).

Participante 04: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

A educação e as tecnologias

O texto ‘As mídias na educação’, foi retirado do livro Desafios na Comunicação Pessoal. 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007, pág. 162-166 de José Manuel Moran (MOV1) (Passo 05).

O artigo ‘As mídias na educação’ começa com uma frase de Jesús Martin Barbero falando do desafio da inserção das mídias na educação convencional, e no decorrer do artigo Moran relata que a transmissão de informação é uma tarefa muito fácil quando conciliada com as tecnologias (MOV1) (Passo 01). O texto divide em duas partes: na primeira parte retrata a influência das mídias na educação das pessoas, e na segunda mostra as formas de conciliar as mídias com a educação (MOV2) (Passo 06).

O especialista em educação presencial e a distância (MOV1) (Passo 03) retrata que o conjunto de informações adquiridas no convívio social e o contato com as tecnologias são os aspectos fundamentais do conhecimento adquirido pelos educandos. Diz ainda que a sedução pelas tecnologias se faz de forma espontânea, como se fosse um fato natural, inevitável, como crescer (MOV2) (Passo 07).

Constata-se, que Moran conseguiu com repetidas idéias transmitir com clareza para os seus leitores, que as informações adquiridas é a soma da educação tecnológica mais a educação convencional, ou seja, é o poder e o saber da fala das mídias mais o saber da fala dos professores (MOV3) (Passo 09).

O texto de Moran é muito importante (MOV3) (Passo 09) e interessante, principalmente para membros de instituições de ensino (MOV1) (Passo 02), que devem absorver estes recursos apresentados por Moran e utilizá-los de forma que aumente os conhecimentos dos educandos (MOV4) (Passo 12).

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX LET 100/XXXX

Participante 05: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

As mídias na educação

No artigo “As mídias na educação” de José Manuel Moran, ele fala sobre as mídias que educam, sobre a relação dos meios de comunicação com a escola e prós e contras dessa evolução que ‘invade’ a escola (Passo 01) (MOV1).

Ao longo do texto o autor mostra três níveis de mídias, o Organizacional (que é a escola ser mais participativa), de Conteúdo (que é próxima dos jovens) e o Comunicacional (que é a valorização da linguagem) (MOV2) (Passo 07).

O autor também fala como a mídia eletrônica educa a criança antes mesmo que ela chegue a escola, e quando ela chega, já está tomada de valores impostos pela mídia (MOV2) (Passo 07).

Quando ele cita que as crianças preferem aprender com as mídias e acham a escola chata, ele mostra a realidade, pois é mais interessante aprender se divertindo do que em uma sala de aula monótona (MOV3) (Passo 10).

Embora muitos professores sejam a favor do ensino tradicional, o Moran fala do papel do professor em relação as tecnologias e como as mídias devem ser colocadas na escola, de maneira a fazer com que o aluno sinta vontade de aprender (MOV2) (Passo 07).

Esse texto é interessante e mostra que adquirir conhecimento e habilidades com as mídias é importante, pois a educação é um processo de construção da consciência crítica (MOV3) (Passo 09).

Participante 05: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

Texto resenhado: As Mídias na Educação

As mídias na Educação

(resenha)

A obra em questão é o artigo ‘As Mídias na Educação’ de José Manuel Moran. Referências bibliográficas usadas pelo autor do texto, Jesús MARTÍN BARBERO. Heredando el Futuro. Pensar la Educación desde la Comunicación, in Nómadas Bogotá, septiembre de 1996, n. 5, p. 10-22. Fonte: <HTTP://www.eca.usp.br/prof/moran/midias-educ.htm>.

O texto de Moran faz menção as novas tecnologias e como essas estão sendo inseridas na escola, ele fala também do papel da mídia na educação e como relacionar o ensino oriundo da mídia com o ensino dos professores (MOV1) (Passo 01).

Embora a internet e o computador sejam os meios mais utilizados na educação, os meios de comunicação audiovisuais desempenham um importante papel na aprendizagem dentro da sala de aula (MOV2) (Passo 07).

A fala da televisão é descontraída, atualizada e divertida, sendo assim, é ela que alimenta e atualiza o universo sensorial das pessoas no Brasil, e é através dela que os educandos criam valores e formam opiniões, transformando a tarefa dos educadores mais difícil, pois a fala da escola se torna mais cansativa (MOV2) (Passo 07).

No texto o autor propõe criar uma ponte para ligar os professores e as novas tecnologias, assim mostrando que essas podem dar diversas contribuições aos professores, ocasionando um ensino melhor e mais atualizado (MOV2) (Passo 07);

O artigo de Moran é plausível e interessante, fala sobre um assunto importante resalta um problema atual e dá soluções para esse problema, é um texto coeso e serve de referência (MOV3) (Passo 09)

Essa obra é indicada a todos (MOV4) (Passo 12) os professores e pessoas ligadas a educação (MOV1) (Passo 02), para que vejam as novas tecnologias como aliadas para educação e não como concorrentes.

José Manuel Moran nasceu, na Espanha, mas naturalizou-se brasileiro. É doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Atualmente é professor de Novas Tecnologias no Curso de Rádio e Televisão da Escola de Comunicação e Artes da USP e desenvolve pesquisas sobre como integrar a comunicação interpessoal e as novas tecnologias à educação (MOV1) (Passo 03).

Meu nome é XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX e sou acadêmica do curso Cooperativismo da Universidade Federal XXXX

Participante 06: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

O texto de José Manuel Moran, 'As mídias na educação', fala em seu primeiro momento da importância das mídias na formação educacional das pessoas e destaca a televisão assim como a internet, CD e DVD, mostrando como estes meios de comunicação tão importantes estão sendo cada vez mais, deixados de lado pelas escolas, mesmo tendo a capacidade de favorecer e muito o processo de ensino (MOV1) (Passo 01). **E este fato deve sim ser destacado pois mídias tão presentes em nosso dia a dia devem sim ser utilizadas nos processos de formação educacional nas escolas (MOV3) (Passo 10).**

Moran, ressalta também a relação dos meios de comunicação e a escola, mostrando como as escolas muitas vezes desprezam estes meios de seus métodos de ensino (MOV2) (Passo 07), algo que eu considero muito grave pelo fato de se perder e muito ótimas formas de aprimoramento e melhoramento dos meios de ensino (MOV3) (Passo 10). O autor ainda fala de três níveis de relação entre os meios de comunicação e a escola, o primeiro seria o organizacional que é aquele onde a escola é muito mais participativa, outro é o de conteúdo, ou seja aquela próxima dos jovens e tem ainda a comunicacional, que valoriza a linguagem (MOV2) (Passo 07). **Estes níveis citados pelo autor realmente existem e são de extrema importância para que ocorra uma relação produtiva entre a escola e os meios de comunicação (MOV3) (Passo 10).**

O autor ainda diz que as mídias devem ser integradas na escola, e que o professor deve participar deste processo de integração, utilizando as tecnologias das mídias como a internet, aproveitando as da melhor maneira possível (MOV2) (Passo 07). **Fato que eu concordo plenamente pois a participação do professor em meu ponto de vista nesta integração é fundamental (MOV3) (Passo 10).**

Participante 06: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

As mídias no processo de formação educacional Moran, José Manuel. Artigo, as mídias na educação retirado do livro desafios na comunicação pessoal. 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 162-166.

O artigo 'As mídias na educação', do especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância (Passo 03) (MOV1), José Manuel Moran **é estruturado em duas partes que abordam (MOV2) (Passo 06)** a interação das mídias na educação (MOV1) (Passo 01). Abordagem esta que interessa e muito a educadores e estudantes (MOV1) (Passo 02).

No decorrer de seu artigo o autor fala da importância das mídias na educação e que os professores devem integrá-las ao processo de formação educacional (MOV2) (Passo 07). Esta integração, segundo Moran, ocorreria em três níveis: o organizacional, no qual a escola é mais participativa, o de conteúdo, que se aproxima mais dos jovens e o comunicacional, com a valorização da linguagem (MOV2) (Passo 07). O autor aborda a participação do professor relacionada ao uso das tantas tecnologias, além de escrever que a educação é um processo de construção de consciência crítica, e que a interação entre mídias e educação deve ocorrer o mais cedo possível (MOV2) (Passo 07).

Encontra-se no artigo do Moran uma clareza na transmissão de suas idéias, porém acaba por ressaltá-las diversas vezes, tornando a leitura um tanto repetitiva (MOV3) (Passo 09). Mas este fato não desmerece em nada uma obra de tão boa qualidade (MOV3) (Passo 09).

Os escritos contidos neste artigo devem de fato servir como reflexão para a sociedade (MOV4) (Passo 12), pois trata-se de um assunto extremamente atual, e que é abordado de maneira muito precisa por um especialista no assunto (MOV3) (Passo 09).

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX, aluno do curso de Cooperativismo da Universidade Federal XXXX.

Participante 07: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

Resenha: ‘As mídias educam’ José Manuel Moran

Fascinados com as tecnologias que nos rodeiam começamos a deixar de lado coisas que agora achamos inúteis ou ultrapassadas, mas que antes tinham valor considerável a nós (MOV2) (Passo 07).

Os meios de comunicação audiovisual estabelecem maneiras de educar relevantes, nos mostrando e nos convencendo, na maioria das vezes, dos conceitos abordados por eles. A televisão tem um papel fundamental e muito importante em nossas vidas, fazendo com que nós nos tornemos praticamente escravos da própria, pois ela estabelece uma comunicação direta muito sedutora nos proporcionando uma certa confiabilidade que dificilmente será contraposta (MOV2) (Passo 07).

A Tv assim como outros meios de comunicação nos impacta de uma maneira muito contraditória a escola, nos proporcionando uma atenção digamos maior com assuntos e perspectivas que nos revelam um interesse e um entendimento muito grande, ao contrário da escola que é sempre monótona e extremamente cansativa pelo fato em que a velocidade e intensidade dos fatos é revelada. Os meios de comunicação desenvolveram maneiras mais aperfeiçoadas mechendo intensamente com o leitor (MOV2) (Passo 07).

As mídias nos revelam uma idéia de imagem impressionante, que nós a utilizamos no dia-a-dia de maneira bastante intensificada, ao contrário da escola que é muito distante e abstrata desvalorizando a imagem (MOV2) (Passo 07).

A escola precisa interagir de maneira mais aproximada aos meios de comunicação enriquecendo ainda mais o processo de aprendizagem. É um fato a ser trabalhado já que a mídia tenta se intrometer totalmente nas maneiras de educar (MOV2) (Passo 07).

Portanto, a escola e as mídias têm de trabalhar de maneira conjunta, não propiciando e nem desmerecendo técnicas educativas que proporcione uma maior compreensão e desenvolvimento educacional para o indivíduo, mas se contrapondo a uma alucinação deixando que o tal desenvolva seus próprios conceitos e maneiras de ver, seguir e a se praticar perante a sociedade (MOV2) (Passo 07).

Participante 07: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

Moran, José Manuel. *Desafios na comunicação pessoal*. 3ª Ed. São Paulo, 2007, p. 162-166.

Em seu artigo *As mídias educam*, Moran, especialista em projetos inovadores na educação presencial e à distância (MOV1) (Passo 03), retrata o fato de que com as novas tecnologias estamos deixando de lado meios comunicativos como a TV e o vídeo, como se não fossem mais de grande uso e que não seriam mais tão utilizados nas formas de educar (MOV1) (Passo 01).

O autor nos mostra em duas partes a importância desses meios comunicativos e sua relação na família e na maneira de educar (MOV2) (Passo 06). Com isso a TV, que é um dos meios comunicacionais mais relevantes, temos como exemplo pois a maneira como repassa as

informações é muito envolvente relacionando ao indivíduo uma interação íntima, diferente da escola onde a forma de procedimento comunicativo é desgastante. Devido a esses fatores de entretenimento as mídias tem seu público alvo baseado, em sua maioria, em crianças e jovens que na imagem e no movimento tem uma relação aproximadora e enriquecedora (MOV2) (Passo 07).

Essa interação das mídias com a educação e o cotidiano é muito interessante pois proporciona uma maior amplitude comunicacional levando o ser a pensar, agir, refletir e interagir mais com a realidade, facilitando também a escola em sua maneira de educar, tornando-se uma educação mais abrangente e ampla. (MOV2) (Passo 07)

Com isso é recomendável a educadores (MOV1) (Passo 02) esse artigo para haja uma reflexão e motivação em integrar esses meios comunicativos na escola, tornando um ensino mais plurificado e formando profissionais capazes e mais completos para o futuro (MOV4) (Passo 12).

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX GEO/XXXX

Graduando em Cooperativismo pela Universidade Federal XXXX – Minas Gerais. LET 100 01/06/2011

Participante 08: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

As mídias na educação

No texto, Moran fala da importância das mídias no processo de alfabetização, mostrando que os meios de comunicação e a escola deveriam andar juntas, já que um completa o outro (MOV1) (Passo 01).

A mídia educa de forma agradável, aconchegante, de maneira que a compreensão seja fácil, e a escola põe em prática, incorpora essa aprendizagem ao mundo (MOV2) (Passo 07).

Quando se diz mídia inclui-se todas mídias, e não apenas a internet, o cinema, os vídeos, o rádio, a TV, são também ótimas fontes de do conhecimento. E esses meios junto com o educador poderia levar a educação mais eficiente e agradável para a criança (MOV2) (Passo 07).

Incluir a mídia na escola de qualquer forma, só pra dizer que ela está sendo utilizada, sem capacitar os professores para que eles passem de maneira correta o ensino, incluindo no contexto educacional as várias formas de mídias (MOV2) (Passo 07).

Participante 08: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

Educação inovadora

No artigo ‘as mídias na educação’, José Moran nos passa que seria de importante relevância inserir, no processo de alfabetização e também nas outras fases da educação, as mídias (MOV1) (Passo 01), já que como afirma o autor, a educação feita aliada com as tecnologias é mais eficiente, pois chama mais a atenção dos alunos fazendo com que eles se interessem mais pelo assunto (Passo 04) (MOV1).

O artigo é de interessante leitura para educadores, alunos e pessoas interessadas nessa forma de educação, pois o autor aponta as melhores maneiras de se utilizar desse formato de educação para que se alcance resultados (MOV1) (Passo 02).

José Manuel Moran é especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância. Explicando assim a amplitude do conhecimento do assunto demonstrado no texto por ele (MOV1) (Passo 03).

O artigo é dividido em duas partes (MOV2) (Passo 06). Na primeira o autor nos fala que mesmo indiretamente, as mídias nos passam uma forma de educação, pois somos levados a pensar da maneira que a mídia no passa (MOV2) (Passo 07). Na segunda parte Moran cita a importância da inclusão das mídias no meio escolar. (MOV2) (Passo 07)

O especialista em educação, aponta também uma relação entre a comunicação e a escola, que levará essa inclusão ser eficiente quanto ao seu objetivo. Essa relação se dá em três níveis, organizacional, em que a escola passa a ser mais participativa e menos centralizadora; de conteúdo, que a escola busca poder falar dos problemas que afligem os jovens, e comunicacional, cujo a escola procura falar uma linguagem mais cotidiana. (MOV2) (Passo 07)

Pode-se afirmar que incluir as mídias na escola de qualquer maneira só para dizer que ela está presente não é o suficiente. É preciso capacitar os professores, apropriar o ambiente, para que esse ensino seja por inteiro eficaz (MOV2) (Passo 07). Além disso ‘a aplicabilidade das tecnologias de informação e comunicação favorecerá... a interação entre os alunos e professores na operacionalização de uma aula dinâmica e participativa’, como afirma Edivânia Correia (MOV2) (Passo 08). Apesar de algumas repetições de idéias, feita para dar ênfase, o artigo é uma grande fonte de informações sobre esse processo de inclusão das mídias (Passo 09) (MOV3).

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX – aluna de graduação na XXXX.

Participante 09: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

Resenha

O texto baseado nas tecnologias da educação de José Manuel Moram, aponta diversidades e novidades do mundo globalizado ‘As mídias na educação’ é um trecho da vida real, onde a TV toma mais espaço do que os pais (MOV2) (Passo 07). A educação está se inovando, tanto pela TV, ou mídias eletrônicas, quanto por aulas que já são desenvolvidas on-line, este sistema de educar se torna influente, quebrando barreiras sociais e econômicas e deixando de lado muitas questões familiares (MOV2) (Passo 07). Para melhor compor o quadro educativo brasileiro, necessita de incentivos governamentais, o país está em um crescimento acelerado, mas a educação ou o aprendizado, totalmente atrasado (MOV2) (Passo 07).

Participante 09: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

Resenha Let 100

A educação @.TV

José Manuel Moran, em seu texto as mídias da educação, aborda as questões das tecnologias não empregadas nas redes educativas, penetrando em fatores particulares brasileiros, relacionando educadores que não usam dos meios de comunicação digital para aperfeiçoar a aulas e fazem das escolas um lugar sombrio e monótono aos alunos (Passo 01) (MOV1).

Ao autor as mídias são as principais educadoras antes da escola, tendo conteúdo e prosperidade intelectual futura. Cabe ao educador aproveitar deste material, criar junto ao educando visões críticas e analíticas do mundo, orientando aos alunos formas diferentes de absorver a informação, fazendo gerar debates e estímulos, sendo possível a compreensão e falhas globais (MOV2) (Passo 07).

A dificuldade do texto, está relacionado a um conteúdo enorme, sem objetividade e mais importante, ele não é direto ao assunto tratado (MOV3) (Passo 09). Tem dificuldade em expor suas ideias, cria varias repetições, indo e voltando no mesmo conteúdo, entretanto é um artigo informativo, que deixa claro a situação e agravamento da educação com os educadores (Passo 09) (MOV3).

O artigo, as mídias da educação é um ótimo texto jornalístico (MOV3) (Passo 09), interessante para educadores (MOV1) (Passo 02) de todas as modalidades (MOV4) (Passo 13), apesar de não ter argumentos diretos, ocorre diversos erros gramaticais que deveria ser corrigidos. Para melhor entender o autor e suas ideias, ler o ultimo parágrafo já seria essencial (MOV3) (Passo 09).

Nome: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Curso: Cooperativismo

Participante 10: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

OBS.: A aluna não escreveu a primeira versão

Participante 10: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

Nos dias atuais vivemos sobre influência das mídias, que são as grandes formadoras de opinião, passam inúmeras informações de uma forma dinâmica e de fácil compreensão. esse meio oferece muitos recursos para serem explorados e integrados a educação moderna (MOV1) (Passo 04). moram em seu artigo 'A mídia educam' aborda o fato de que estamos nos esquecendo desse rico recurso audiovisual e que as escolas devem aderir a esses metodos que já estão presentes em nossas vidas desde pequenos (MOV1) (Passo 01) e são muito mais atraentes e podem ser uma ferramenta de auxilio para professores na dificil tarefa da construção de conhecimento de crianças e jovens e também grande parte dos adultos (MOV2) (Passo 07). De forma explicativa e detalhada (MOV3) (Passo 09) fica claro que é necessario que a escola passe por mudanças em varios niveis quanto organizacional, conteúdo e comunicacional (Passo 07) (MOV2).

Participante 11: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

As mídias na educação (José Manuel Moran)

Segundo o texto de Moran a interação de novas tecnologias nas escolas pode trazer um problema muito grande para a educação, que é uma certa camuflagem no aprendizado, ou seja, através dessas novas tecnologias o individuo não segue o modelo tradicional que é aprender, e tirar as dúvidas na sala de aula. Entretanto, estão procurando agregar essas tecnologias no processo de aprendizagem, para que obtenham um melhor sucesso (Passo 01) (MOV1).

As mídias educam (Jésus Martin Barbero)

O texto As mídias educam, aborda um fato muito interessante que é a forma em que a mídia influencia na educação, com seus pontos positivos e negativos. Esses contrastes aumenta ainda mais a dúvida gerada na maioria das pessoas, mídia está atrapalhando o processo de aprendizagem? Bem, depende do ponto de vista de quem analisa e daqueles que usam essa tecnologia no processo de educação (MOV2) (Passo 07).

Podemos destacar um ponto negativo do papel da mídia que seria usá-la mais que o próprio professor em sala de aula, substituindo assim o modo mais eficaz de educar, de ensinar e

aprender. Porém podemos destacar também um fator muito importante da mídia, que seria um modo de aumentar o fluxo de conhecimento sobre algo, fazer com que esse novo meio de ensinar tenha como objetivo, o mesmo que um professor teria sem sala de aula, abranger os conhecimentos na educação, isso é mostrado claramente quando o autor Martin Barbero destaca que ‘a criança também é educada pela mídia, principalmente pela televisão’ (MOV2) (Passo 07).

Portanto, dizer que a mídia é bom ou não para a educação, depende muito de quem a analisa e como analisa, independentemente da conclusão, a mídia vem crescendo a cada dia no cotidiano das pessoas, e que esse conhecimento venha ser positivo (MOV2) (Passo 07).

Participante 11: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

Educação e Tecnologia

José Manuel Moran especialista em projetos inovadores na educação presencial a distância (Passo03) (MOV1), publicou um artigo na qual aborda o tema as mídias na educação (Passo 01) (MOV1). A princípio, dá como a entender que ele pretende falar somente do vídeo e da televisão, porém no decorrer da descrição, percebe-se que seu objetivo é falar das mídias em geral, principalmente do computador (Passo 04) (MOV1).

Moran comenta em seu artigo da dificuldade em que a escola encontra em mesclar as novas tecnologias com o método utilizado para a educação (MOV2) (Passo 07). Para ele, é importante que se unem esses dois meios, pois, além de incentivar o interesse do aluno nos estudos, facilita o trabalho do professor, beneficiando ambos os lados (MOV2) (Passo 07).

Em decorrer desses objetivos, Moran torna seu texto um pouco repetitivo, centralizado nas mesmas idéias, com exceção do início, onde ele começa falando da substituição do vídeo e da TV, e logo em seguida foge dessa questão, passando a abordar a mídia como um todo (MOV3) (Passo 09).

Por fim, Moran teve um ótimo gosto quando escreveu sobre esse tema, levando em consideração o sistema educacional das novas gerações, procurando melhorar a educação e a visão de mundo tanto de quem educa, quanto de quem está sendo educado (MOV3) (Passo 09), ou seja, um texto que interessa aos pais, professores (MOV1) (Passo 02) e principalmente aos alunos (MOV4) (Passo 12).

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX, estudante de cooperativismo da Universidade Federal XXXX-MG.

Participante 12: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

As Mídias Educam

O autor, ao falar das mídias, tenta nos passar que elas tem um papel indireto em nossa educação (Passo 01) (MOV1), as mídias nos educam de forma menos cansativa que escola, pois as mídias fazem com que nos aprendemos de forma menos cansativa do que nas escolas, pois, nas escolas, as coisas são sempre iguais, onde professor passa no quadro e aluno copia. As mídias ajudam a começar educar as crianças de forma mais fácil, pois as imagens que passam na tela chamam a atenção das crianças (MOV2) (Passo 07).

Segundo o autor, as mídias educam do mesmo jeito, só que de forma mais diferentes, onde a gente tem vários modos de aprender. Segundo o texto as crianças já chegam na escola, com algum conhecimento, isso se dá devido as mídias; As crianças aprendem coisas nas mídias, através de desenhos e outras coisas (MOV2) (Passo 07).

Segundo o autor alfabetizar não é só ler e escrever, mas sim educar as pessoas para todas as linguagens do homem. O autor diz que na escola, que nas escolas, devemos valorizar o que as crianças gostam, pois se um professor da alguma coisa que as crianças gostam, a aula irá ficar melhor e mais lucrativa, ambos os lados (MOV2) (Passo 07).

Participante 12: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

Moran, José Manuel

Especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância (MOV1) (Passo 03).

Texto do meu livro Desafios na Comunicação Pessoal. 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 162-166.

Midias como forma de Educar

O texto de Moran, fala de assunto que é muito discutido em nosso dia-a-dia, as mídias, que segundo ele é super importante para o ensino de crianças, jovens e adultos (MOV1) (Passo 01).

O texto é dividido em duas partes (MOV2) (Passo 06). Na primeira, ele fala que parte da educação o desenvolvimento dos alunos da-se através da televisão, devido a atração que ela exerce sobre as pessoas (MOV2) (Passo 07). A segunda parte, o autor fala sobre a integração das mídias nas escolas, para que a educação torne-se um processo rico e estimulante para os alunos. Segundo Moran, ao integrar as mídias nas escolas, não será a solução para os problemas, mas ajudará bastante no avanço do ensino no país (MOV2) (Passo 07).

Na minha opinião, as escolas deveriam pesquisar os conteúdos das televisões em que cada idade se interessa mais, para conseguir a atenção dos alunos. **Eu concordo com Moran, quando ele fala sobre a introdução das mídias nas escolas, pois, tornara as aulas mais atrativas e produtivas para os alunos (MOV3) (Passo 10).**

O texto, é de grande importância para alunos e professores (MOV1) (Passo 02), pois o assunto discutido, é de grande importância para o avanço da educação no país (MOV4) (Passo 12).

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX.

Participante 13: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

As mídias e a educação

José Manuel Moran fala em seu texto da importância da TV na vida das pessoas. Ela as ajudam a se informar e a escola é considerada pelos alunos mais consativa. Faz uma crítica à escola dizendo que ela preza apenas a escrita e o raciocínio lógico (MOV1) (Passo 01).

Moran diz que a relação comunicação e escola tem três níveis. O primeiro é o organizacional, onde a escola é mais participativa e adaptada a cada pessoa. O segundo é o de conteúdo, onde há mais aproximação com os jovens. Os meios de comunicação são usados para passar o conteúdo das aulas para os alunos. O terceiro é o comunicacional, onde a linguagem é valorizada. Para o autor é preciso incentivar os alunos a usarem as mídias para a realização de trabalhos escolares (MOV2) (Passo 07).

De acordo com Moran as crianças também são educadas pela TV. Através dela, aprendem a fantasiar, a conhecer o mundo, pois ela fala do cotidiano. As escola precisa utilizar as mídias e

mostrar aos alunos como devem ser usada. Segundo o autor a instituição de ensino é vista como desmancha prazeres e é necessário tornar o aprendizado mais agradável e os professores devem ter habilidade para usar os meios de comunicação (MOV2) (Passo 07).

Participante 13: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

As mídias e a educação

MORAN, José Manuel. *As mídias na educação*. São Paulo, 2007.

No artigo 'As mídias na educação' José Manuel Moran escreve sobre o papel que as mídias desempenham em relação a educação (Passo 01) (MOV1). Trata-se de um texto destinado à alunos, professores, pais e pessoas que se interessem pelo assunto (MOV1) (Passo 02).

O texto é dividido em duas partes (MOV2) (Passo 06). Na primeira 'As mídias educam' o autor resalta a importância das mídias na vida das pessoas e que as escolas devem utilizar as mesmas no processo de aprendizagem dos alunos. Ele divide a relação comunicação e escola em três níveis. O primeiro é o organizacional, no qual a escola é mais participativa e adaptada a cada indivíduo. O segundo é o de conteúdo, no qual a escola se aproxima mais dos jovens. E o terceiro é o comunicacional que visa o conhecimento e incorporação das linguagens e técnicas utilizadas pelo homem (MOV2) (Passo 07). Na segunda parte 'Integrar as mídias na escola' o autor afirma que as mídias devem ser integradas nas escolas e que isso deve ser feito de forma que os alunos se sintam motivados à usá-las. Elas devem ser valorizadas pela entidade. (MOV2) (Passo 07).

Moran aborda os assuntos do texto de forma clara (MOV3) (Passo 09). **As pessoas que o lerem, não terão dificuldade para interpretá-lo (Passo 12) (MOV4).** Apesar de algumas informações se repetirem ao longo do artigo, o autor consegue alcançar o objetivo de mostrar que as mídias devem ser integradas na escola (Passo 09) (MOV3).

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Participante 14: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

As novas tecnologias vêm como um advento na educação com a sua estética chamativa, porém as tecnologias não vão suprir a falta de infra estrutura nesse caso estas estariam apenas maquiando a realidade (MOV2) (Passo 07).

O modo tradicional de ensino não pode ser negligenciado, as aulas presenciais faz parte do construção do individuo com o seu desenvolvimento critico alem de sua socialização; A tendencia da sociedade é que de acordo com o surgimento de novas tecnologias é de substituir os antigos, a televisão ja esta sendo trocada pela internet (MOV2) (Passo 07).

A mídia é educadora abordando o cotidiano prezando o entreterimento, quando a criança chega na pré-escola já tem habilidade complexos para mudar a educação precesa de planejamento para um balancemanto entre a tecnologia e a forma tradicional de ensino sendo que ambos precisam de estrutura educada (MOV2) (Passo 07).

Participante 14: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

Modernização do ensino (José Manuel Moran)

José Manuel Moran professor da USP especialista em educação presencial e a distância (MOV1) (Passo 03), relata em seu artigo 'As mídias na educação' a influência das novas

tecnologias no ensino (MOV1) (Passo 01), seu texto é voltado para educadores e interessados nos ramos educacionais (MOV1) (Passo 02).

Moran na primeira parte do texto (MOV2) (Passo 06) compara as novas tecnologias ao ensino tradicional, mostrando a estética sedutora das mídias relatando a desvantagem que a escola tem nesse quesito e de forma retrograda a importância do ensino escolar na formação do senso crítico do aluno (MOV2) (Passo 07). Em seguida o autor defende uma integração das mídias na educação (MOV2) (Passo 06) que dá em três níveis, organizacional um escola mais integrada e preparada para os alunos, comunicacional ensino com maior nível técnico e atualizado, de conteúdo ambiente escolar que participe da vida social dos alunos (MOV2) (Passo 07).

O autor apresenta em seu texto uma escrita repetitiva que para determinado público seria cansativa, porém interessante e bem argumentado (MOV3) (Passo 09).

Os problemas na educação definidos por Moran são relevantes e devem ser abordados nas mídias e por educadores e interessados no ensino (MOV4) (Passo 12).

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX estudante de graduação da universidade federal XXXX, primeiro período do curso de cooperativismo.

Participante 15: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

As mídias educam
José Manuel Moran

O autor ao redigir o texto quis nos passar a informação de que se incluirmos os mais novos meios tecnológicos em nosso cotidiano, internet, televisão poderemos ampliar nosso conhecimento, pois esses recursos chamam muito mais atenção das crianças abordam vários temas, assuntos que queremos ver, temos interesse em assistir se tornando prazeroso, relevante, divertido (Passo 01) (MOV1). Assim a escola fica desvalorizada, pois é vista, como, cansativa, exaustiva, chata, tornando para criança aos olhos dela não um dever de educar, mas sim uma obrigação para ela algo que ela não quer fazer e é obrigada, pois a mídia mostra uma coisa das escolas e a realidade é outra bem mais cansativa (Passo 07) (MOV2). A escola acha desnecessário a utilização de certos meios tecnológicos e enfatizam o desenvolvimento do raciocínio, a melhora da escrita, a desenvolver a própria inteligência (MOV2) (Passo 07).

A internet é o meio mais fácil dos professores, passarem o conteúdo para o aluno, pode ver tudo lá, o aluno se não quiser não precisa nem ir a aula, mas mesmo facilitando ainda esse meio é pouco usado (Passo 07) (MOV2).

O autor diz que se as escolas introduzissem meios como, trabalhos de dramatização, trabalhos a rádio, vídeos, assim o interesse dos alunos aumentam visivelmente, e sem fugir do foco que é aprender (Passo 07) (MOV2).

O texto nos prova que a criança mesmo antes de ir para a escola, ele já tem um conhecimento de mundo, aprende o que gosta, o que não gosta, e se acalmar vendo as coisas na TV. A mídia passa um 'ar' muito mais agradável que a escola (Passo 07) (MOV2).

Manuel Moran explica que tem que se montar uma adaptação entre a tecnologia e a escola, assim a criança podia se adaptar melhor a sua rotina, incorporando aos pouco o agradável ao necessário (Passo 07) (MOV2).

Participante 15: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

Será que assim é mais fácil educar?

Moran escreve um texto em que o assunto que se repete várias vezes em seu decorrer, trata-se como as novas tecnologias podem mudar o modo de aprendizado no mundo, melhorando a comunicação social (MOV1) (Passo 01).

Tentando nos convencer disto, ele nos mostra três sugestões do modo de educar, sempre enfatizando como seria mais fácil educar se esses meios fossem adotados pelas escolas, saindo da mesmisse cansativa de sempre (Passo 04) (MOV1).

Descreve ao longo de seu texto que sair um pouco do abstrato e do raciocínio, e deixando o computador e a TV ter maior participação, poderiam os professores prender mais a atenção das crianças, já que esses meios tecnológicos influenciam e fazem parte desde muito cedo em suas vidas, nelas (MOV2) (Passo 07). O autor afirma que esse meio pode ajudar aqueles que querem adquirir conhecimento e não dispõem de tempo para se dedicar, com a educação a distância isso se torna possível, pois como ele trata pode ser aplicado quando possível, pelo aluno (MOV2) (Passo 07).

José Moran está apostando, nesse modo de aprendizado, confiante que realmente irá acontecer, mas ele está muito seguro, deste modo de vida, será tão adaptável assim? (Passo 09) (MOV3)

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Participante 16: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

As mídias na Educação
(José Manuel Moran)

De acordo com o texto de José Manuel Moran os meios de informações e tecnologias enganam os problemas nas escolas, a modernização impede os meios culturais e de comunicação e além de mudar o modelo educacional (Passo 01) (MOV1).

As novas Tecnologias computador, Internet, e aprendizagem de indivíduo com esses meios de comunicação pode ser encontrado conteúdos apropriados para auxiliar na aprendizagem do indivíduos como programas culturais e programas educativos (MOV2) (Passo 07).

Os meios de comunicação e a escola: Os novos meios de comunicação e a escola devem trabalhar em conjunto sem deixar o espaço da escola como lugar de aprendizagem e cultura (MOV2) (Passo 07).

Participação da escola

A escola mais participativa para auxiliar o indivíduo com os novos meios de comunicação que abrem as portas de conhecimento para o mundo. O conteúdo oferecido nas redes de ensino devem aproximar os jovens, a comunicação tem que ser valorizada para que a linguagem também seja valorizada (MOV2) (Passo 07).

As Tecnologias devem ser inseridas como processo de construção no aprendizado, e compreender o uso nas mídias na escola (MOV2) (Passo 07).

Participante 16: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

As Mideas Educam

O artigo de José Manuel Moran, especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância (MOV1) (Passo 03) revelou que a utilização dos TICS (Tecnologias de informação e comunicação), na escola apresentando a professores e alunos as novas formas de tecnologias que estão sendo inseridas dentro da escola (Passo 01) (MOV1).

Em síntese Moran resalta a importância do educador que deve estar preparado para troca de informações como principal mediador dentro da escola garantindo a utilização de mídias para que os alunos venham a se integrar ao ambiente escolar (MOV1) (Passo 04). Para Moran a escola deve ser pensada em três níveis 'organizacional, de conteúdo e comunicacional' segundo esse modelo a escola deve ser mais participativa e menos centralizadora que almeje problemas do cotidiano e que possa oferecer recursos que valorizem a linguagem audiovisual ou convencional (MOV2) (Passo 07). Com a aplicação das novas tecnologias no ambiente escolar o professor tem que trabalhar essa informação para facilitar seu trabalho e perceber até que ponto a tecnologia pode contribuir para ajudá-lo estabelecendo a ponte de informação entre a sala de aula e o aluno (MOV2) (Passo 07). A escola deve exercitar novos meios que motivem os alunos na articulação de vários espaços educativos tanto no meio familiar quanto na própria escola. (MOV2) (Passo 07). No texto As mídias no contexto escolar de Edvânia Santos Correa Professora graduada em ciências biológicas /UFAL, Edvânia ressaltou de modo geral que as escolas estão buscando preparação para utilização das mídias na educação, investindo em formação contínua de professores através de cursos presenciais e a distância, transformando as salas de aula em ambientes virtuais (Passo 08) (MOV2).

As mídias contribuem para a preparação de professores e na aplicação de recursos dentro da escola, investir em sala de multimídia, biblioteca, sala de aula, permitirá a utilização desse conhecimento em favor da escola (MOV2) (Passo 07).

O acesso a informação no contexto escolar surge como desejo para educação e ao mesmo tempo é uma maneira de articular alunos e professores (MOV2) (Passo 07).

Para aqueles que se dispõem a lidar com a educação esse é um bom artigo (MOV4) (Passo 12) para professores, alunos interessados (MOV1) (Passo 02) no meio educacional e pessoas da área.

Participante 17: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

As mídias da Educação

As mídias Educam

Com a modernização do mundo, a educação vem evoluindo junto, deixando de lado a televisão e o vídeo como se não fosse mais importante (MOV2) (Passo 07).

Os meios de comunicação audiovisuais como a televisão ainda desempenham importante papel no aprendizado da escrita e da leitura (MOV2) (Passo 07).

A televisão ainda é um meio muito eficaz de aprender, de descobrir, ela prende a criança enquanto que a escola é um meio monótono e chato (MOV2) (Passo 07).

A procura pela audiência faz com que as emissoras desenvolvam métodos que prendam a atenção do telespectador, principalmente as crianças; com isso os educadores não podem dar as costas a este meio tão eficiente (Passo 07) (MOV2).

Os jovens se acostumaram a se espelhar na televisão para se expressar. A escola se desvaloriza a imagem e essas linguagens como erradas no aprendizado (MOV2) (Passo 07).

A escola deve ser organizacional, menos centralizadora, menos autoritária, mais adaptada a cada indivíduo; deve ter conteúdo, uma escola que fala mais da vida, dos problemas que afligem os jovens, e deve ter nível comunicacional, incorporar todas as formas e técnicas da linguagem do Homem contemporâneo, valorizando a linguagem audiovisual (Passo 07) (MOV2).

A tecnologia é um ótimo meio de se aprender mais nos não podemos nos esquecer dos métodos convencionais, com o quadro negro e o giz, se conseguimos juntar o antigo e o moderno teremos uma educação de qualidade para todos os níveis da sociedade atual (Passo 07) (MOV2).

Participante 17: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

Modernização e Tradição

‘As mídias na educação’, texto do livro Desafios na Comunicação Pessoal de José Manuel Moran (MOV1) (Passo 05) especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância (MOV1) (Passo 03), o autor vai tratar de duas partes neste texto (MOV2) (Passo 06), a primeira ele vai argumentar sobre o processo de que as mídias educam; já na segunda parte, sobre o processo de utilização destas mídias no processo de ajuda na formação educacional (MOV2) (Passo 07) (MOV1) (Passo 01).

Moran relata que o processo de modernização foi tão rápido que a tecnologia passou a fazer parte da nossa rotina, com isso os meios audiovisuais estão sendo deixados de lado, a televisão e o vídeo por exemplo (MOV2) (Passo 07). Estes importantes meios de comunicação no Brasil ainda desempenham importante papel no processo de opiniões e críticas no subconsciente das pessoas, a escola diferente destes meios, tenta educar de forma que o educando possa aprender a expressar suas próprias opiniões (MOV2) (Passo 07). José Moran ainda afirma em seu texto que para haver esta união de mídia e escola deve se levar em conta três níveis, o primeiro organizacional onde a escola seria mais participativa e menos autoritária, o próximo seria de conteúdo, escola que fala mais da vida e dos problemas que afligem os jovens é por último o terceiro, o comunicacional onde se utilizaria as técnicas tradicionais com as audiovisuais. (MOV2) (Passo 07)

Este texto é um excelente assunto a se tratar no processo de educação nos tempos atuais (MOV3) (Passo 09); já que o processo de modernização é inevitável, devemos encontrar uma maneira de conciliar esta tecnologia com os meios audiovisuais para um melhor aproveitamento ‘da construção da consciência crítica’ (José Moran), recomendar este texto (MOV4) (Passo 12) para Paes, professores, alunos e educadores (MOV1) (Passo 02) que queiram integrar esta união, é o mais correto a se fazer já que este processo de educação é longo.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX, graduando em cooperativismo 2011, aluno da disciplina LET100 (2011).

Participante 18: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

OBS.: O aluno não escreveu a primeira versão da resenha

Participante 18: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

O texto as mídias educam de José Manoel Moram para os leitores uma realidade que não é vista na sociedade. Hoje com o avanço das tecnologias, o DVD, videocassete, cd e cinema estão perdendo suas utilidades (MOV2) (Passo 07).

A televisão está presente no cotidiano dos jovens, como isso ela joga muitas informações que podem ser utilizadas para a educação dos mesmos. A TV é um meio menos cansativo, em relação à escola, e também muito mais sedutora (MOV2) (Passo 07).

Com a inclusão de tecnologia na escola, pode propiciar mais momentos agradáveis para o aluno, quebrando um mito que professor sabe tudo e aluno não sabe nada, e isso se torna um ponto positivo para melhorar a educação. Mas com essa inclusão os professores tem que ser mais bem preparados para não deixar a escrita e a leitura ficarem em segundo plano. Se houver o equilíbrio entre educadores e meios de comunicação concerteza melhorará a educação do país (Passo 07) (MOV2).

Participante 19: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

Resenha

Texto: As mídias educam

O texto, As mídias educam, questiona a inserção da mídia no processo de educação, defendendo que essa é a melhor forma de desenvolver um processo de aprendizagem nas escolas (MOV1) (Passo 01).

É importante a contribuição dada pelos meios de comunicação audiovisuais, e não podemos ignorar esses conhecimentos acumulados durante toda vida do indivíduo. No entanto é necessário a presença efetiva de um professor, para discutir com os alunos, e assim formar uma opinião critica de algo (Passo 07) (MOV2).

Portanto, é essencial a união da mídia, que educa transmitindo informações, com a escola, onde o professor discutirá essas informações, valorizando o conhecimento já adquirido e estimulando o aprendizado a partir desse (MOV2) (Passo 07).

Participante 19: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

Novos rumos para a educação

MORAN, José Manuel. ‘As mídias na educação’, do livro Desafios na Comunicação Pessoal. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 162-166.

O artigo de José Manuel Moran, ‘As mídias na educação’ aborda a importância da inserção das mídias no ensino escolar (MOV1) (Passo 01). Sendo ele, especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância (MOV1) (Passo 03), busca desenvolver o tema de forma objetiva e clara (MOV3) (Passo 09). Tornando-se assim um referencial (MOV4) (Passo 12) para nós alunos da disciplina LET 100, uma vez que estamos em processo de aprendizagem da escrita (MOV1) (Passo 02).

O texto é dividido em duas partes (MOV2) (Passo 06). Na primeira o autor mostra como as tecnologias, principalmente os meios de comunicação audiovisuais, estão sendo abandonadas pela escola. Defende ainda que essa relação possa ser pensada em três níveis: o organizacional, no qual a escola deverá ser mais participativa; o de conteúdo, o qual deverá tratar dos problemas a serem enfrentados na juventude; e o comunicacional, voltado para a

valorização das linguagens audiovisuais, sem abandonar o método antigo de ensino (MOV2) (Passo 07). Já na segunda parte, moran deixa claro a necessidade da junção entre as tecnologias e os meios convencionais da educação (MOV2) (Passo 07).

Podemos observar, com pesar, em alguns trechos, a tentativa do escritor em estabelecer uma comunicação com o leitor. No entanto, isso não fica claro, uma vez que, ocorre uma quebra repentina no discurso (MOV3) (Passo 09). Por outro lado, moran é bem sucedido em seu objetivo final, pois apesar de algumas falhas estruturais e repetições de idéias no decorrer do texto, o mesmo é feito de forma simples e direta, o que facilita o entendimento do leitor (MOV3) (Passo 09).

O artigo é, portanto, um referencial. Sendo de leitura obrigatória para todos os interessados no avanço educacional (MOV4) (Passo 12), como professores, alunos, educadores, ou até mesmo governantes (MOV1) (Passo 02).

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Estudante de graduação,
Cooperativismo, XXXX.

Participante 20: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

As mídias na educação

O que está influenciando e muito na educação, são as mídias, pois o computador, a internet e a televisão ajudam muito (Passo 07) (MOV2). Um dos problemas é que nem em todas as escolas enchem isso, elas tenham que entender que a mídia ajuda muito na educação, mas é claro que ela também tem o seu lado ruim (Passo 07) (MOV2).

Há três níveis de educação, o que se aproxima mais da mídia é o organizacional, pois a escola é mais participativa, menos controladora, menos autoritária, mais adaptada a cada aluno. Há também o conteúdo, que é mais próximo dos jovens, o meio de comunicação ajuda o professor a passar o conteúdo aos alunos mas mesmo assim não é tudo. É o comunicacional é que valoriza a linguagem (MOV2) (Passo 07).

O professor tem um papel fundamental pois a tecnologia a habilidade e o conteúdo está todo nele, pois será ele que vai passar isso para os alunos (MOV2) (Passo 07).

A escola precisa estimular o aluno cada vez mais por isso precisa exercitar a linguagem. A TV também educa a criança, pois por ela a criança aprende, informa-se, conhece o mundo e aprende a ser mais comunicativa, ela educa enquanto a criança aprende (MOV2) (Passo 07).

Participante 20: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

As mídias influenciam na educação

O artigo, As mídias educam de José Manuel Moran discute o tema das mídias que influenciam na educação, os seus meios de ensino e o contato com a mídia na educação (MOV1) (Passo 01), o texto é voltado para leitores, educadores, crianças, jovens e adultos que fazem parte deste meio educacional (MOV1) (Passo 02). Moran afirma que é fundamental sabermos aprender e equilibrar o concreto e o abstrato, para um raciocínio lógico de fala e escrita (MOV2) (Passo 07).

O artigo discute também o fato de os meios de comunicação terem suas formas de sedução e criando estratégias mais chamativas eles conseguem fazer com que as crianças e os jovens se acostumem a expressar de forma polivalente, tornando então a escola cansativa (Passo 07)

(MOV2). Moran comenta que é preciso educar os educadores para que compreendam melhor o processo de troca juntamente com os seus alunos (Passo 07) (MOV2).

Quando discutimos a relação entre comunicação, meios de comunicação e escola, Moran aponta três níveis. Organizacional que é o da escola participativa, adaptada a cada aluno, sendo menos centralizada e autoritária. O de conteúdo, que retrata os problemas que atingem os jovens, preparando-os para o futuro, e por fim o comunicacional que conhece e incorpora as técnicas e linguagens utilizadas pelo homem, valorizando as linguagens audiovisuais e as convencionais (MOV2) (Passo 07).

O artigo de Moran é bem centralizado ele mostra o lado bom e o lado ruim que mídia tem na educação (MOV3) (Passo 09), fazendo assim que o leitor possa refletir sobre o assunto e tirar suas próprias conclusões, dando a opinião dele e sugerindo novas idéias (MOV4) (Passo 12).

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Participante 21: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

Resenha

Livro: Desafios da Comunicação Pessoal – Texto – As mídias na educação (p. 162-166)

Autor: José Manuel Moran (especialista em projetos inovadores na educação presencial e à distância) (MOV1) (Passo 03). 3º edc., São Paulo: Paulinas, 2007

Moran trata, em seu texto, de como vem se dando a inserção das mídias na educação e a influencia que os meios de comunicação exercem sobre os jovens e crianças (MOV1) (Passo 01). Ele faz uma análise, da rápida mudança, do uso da televisão e do vídeo para a Internet e o computador (Passo 07) (MOV2).

Sendo que esse processo se deu de forma mal trabalhada e interferido na qualidade do processo de educação e ensino. Faz também uma comparação entre a linguagem utilizada na escola e a linguagem utilizada na mídia (MOV2) (Passo 07). Defendendo a integração das duas para tornar a escola e suas atividades mais interessantes e agradáveis, de forma que elas se tornem mais próximas da realidade vivida pelos educandos, assim como são apresentadas pelos meios de comunicação, ele apresenta algumas alternativas para sua efetivação (Passo 07) (MOV2).

O autor trata de forma bem interessante o tema, apresentando informações que são bem trabalhadas no discorrer do texto (Passo 09) (MOV2).

Participante 21: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

MORAN, José Manuel. As mídias na educação – 2007

Inovação na educação

‘As mídias na educação’, de José Manuel Moran, trata-se de um artigo que aborda a temática da utilização das mídias no processo educacional e crianças e jovens (MOV1) (Passo 01). Moran é especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância (MOV1) (Passo 03) e aborda nessa obra, de forma muito interessante (MOV3) (Passo 09), temas importantes e polêmicos (MOV1) (Passo 04) para educadores, estudantes, diretores e interessados no assunto (MOV1) (Passo 02).

O texto é estruturado em duas partes, que abordam dois temas distintos, mas que se relacionam no decorrer da obra (Passo 06) (MOV2). Na primeira parte ‘As mídias educam’ o

autor apresenta a relação entre as mídias, principalmente a televisão, no processo educacional de jovens e crianças. Ele faz também uma crítica à desvalorização dessas mídias e aponta para a importância de ajudar os educandos a desenvolver seu senso crítico, aprendendo a contextualizar e hierarquizar as informações que lhes são oferecidas (MOV2) (Passo 07). Outra questão ressaltada por Moran é a necessidade de ‘estabelecer pontes efetivas entre educadores e meios de comunicação’ (MORAN, 2007) para que possam compreender melhor o processo de troca de informação e ‘seu significado dentro da nossa sociedade’ (MORAN, 2007) (MOV2) (Passo 07). Na segunda parte, ‘Integrar as mídias na escola’, o autor resalta a importância dessa integração e introduz como se dá esse processo e formas de aproveitá-lo na alfabetização (MOV2) (Passo 07).

O texto de Moran faz uma relação muito interessante entre as temáticas educação e mídia (MOV3) (Passo 09). Sua proposta, apresentada no título, é bem trabalhada e nos leva a fazer reflexões importantes sobre o assunto (Passo 09) (MOV3). Porém na tentativa de ressaltar suas idéias, o autor acaba por repetir várias colocações durante a obra, o que pode ser mal visto por alguns leitores, mas de certa forma ajuda no entendimento do que é apresentado (Passo 09) (MOV3). Ele também utiliza alguns termos que requerem algum conhecimento prévio do leitor sobre o assunto, mas que podem ser entendidos através de rápidas pesquisas e contextualizações (Passo 09) (MOV3).

Para aqueles que se interessam pelo assunto (MOV1) (Passo 02) torna-se um leitura muito interessante, que pode levar a debates e reflexões muito enriquecedoras, não só dentro mas também fora da escola. (Passo 12) (MOV4).

Participante 22: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

OBS.: O aluno não escreveu a primeira versão da resenha.

Participante 22: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

MORAN, José Manuel. As mídias na educação. São Paulo: Paulina, 2007.

As mídias educam, de José Manuel Moran; doutor em comunicação pela USP (MOV1) (Passo 03), tem o propósito de falar da eficiência da mídia na educação e de propor que haja uma integração entre os recursos trazidos por ela nas escolas (MOV1) (Passo 01). Segundo Moran, as mídias possuem um papel relevante na educação, embora que indiretamente. Pois elas nos informam de todas as formas de ver o mundo, nos seduzindo melhor (MOV2) (Passo 07). Assim o doutor propõe que os educadores integrem os recursos das mídias nas escolas. Essa integração permite que as escolas melhorem em três níveis, classificados pelo autor: no nível organizacional; uma escola menos autoritária; no nível de conteúdo; uma escola que fale mais dos problemas dos jovens e no comunicacional, uma escola que valorize as linguagens audiovisuais (MOV2) (Passo 07). Com isso o autor afirma que as escolas seriam mais participativas na vida de seus alunos, integrando a mídia em seus ensinamentos (MOV2) (Passo 07). Moran, através de seu artigo, conseguiu conscientizar os leitores de que a educação pode ser melhorada se as escolas utilizassem as mídias para formar o senso crítico dos alunos ao invés de estarem preocupados em apenas alfabetizá-los (MOV3) (Passo 09). Porém ele esqueceu de pedir ao governo que investisse nas escolas para que elas possam conseguir essa integração (MOV3) (Passo 09)

Apesar de não trazer a solução completa para os problemas NE educação nas escolas (MOV3) (Passo 09), este artigo traz sugestões para profissionais e educadores (MOV1) (Passo 02), que pretendem melhorar sua forma de ensino (MOV4) (Passo 13).

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Participante 23: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

O texto retrata a influência da mídia como forma de educação e comunicação nas escolas (Passo 01) (MOV1). Ele ressalta três níveis: Organização, uma escola menos autoritária e mais próxima dos alunos; De conteúdo, tratando de assuntos pessoais e problemas; Comunicacional, valorizando linguagens audiovisuais (Passo 07) (MOV2).

Pode-se destacar como um segundo ponto de grande importância no texto, é a construção da educação das crianças na escola envolvendo a integração da mídia. Muitos pais e professores discriminam a introdução de tecnologias nas escolas, que por sua vez as ignoram (Passo 07) (MOV2).

O texto abrange um assunto que quando discutido pode gerar diferentes opiniões. Ele passa toda sua informação de forma explícita porém muito repetitivo tornando-o cansativo (Passo 09) (MOV3). Aconselhável (Passo 12) (MOV4) a todos tipos de leitores (MOV1) (Passo 02).

Participante 23: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

A influência das mídias na educação

José Manuel Moran, especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância (MOV1) (Passo 03), em um texto do seu livro Desafios na Comunicação social, abrange um tema interessante para ser discutido (MOV1) (Passo 05). O texto conhecido como As mídias educam relata a influência das mídias na educação de crianças e jovens e como elas podem ser introduzidas nas escolas (MOV1) (Passo 01).

Segundo o especialista, a televisão e o vídeo foram esquecidos com a evolução tecnológica (MOV2) (Passo 07). Ele afirma que os meios de comunicação audiovisuais desempenham um importante papel na educação, destacando a televisão como fonte de informação e que ela a cada dia mais aperfeiçoada consegue seduzir os telespectadores (Passo 07) (MOV2).

O autor dividido em três níveis essa relação meios de comunicação e escola: organizacional, de conteúdo e comunicacional. O primeiro trata-se de uma escola menos centralizadora e mais participativa, o nível de conteúdo uma escola que prepara o aluno para o futuro sintonizada no presente e por fim o nível comunicacional que incorpora a linguagem usada pelo homem contemporâneo (Passo 07) (MOV2).

Em uma segunda parte do texto em que o autor nomeia Integrar as mídias na Educação (MOV2) (Passo 06) ele afirma que as crianças chegam nas escolas com processos de educação importantes: familiares e a mídia eletrônica. Moran avalia como esses processos devem ser aproveitados nas escolas pelos professores, relacionando aquilo que é melhor para o aluno (Passo 07) (MOV2).

O texto de José Manuel Moran, vale ressaltar que foi escrito de forma culta e atende as necessidades dos interessados pelo assunto (MOV3) (Passo 09). Ele relata a importância das mídias na educação dos alunos de forma muito interessante, pois professores e pais não a favor desta ideia e mesmo que ela seja rejeitada por eles é a melhor forma de atrair os alunos para escola enfatizando a relação mídia, aprendizado (MOV3) (Passo 09).

A leitura do texto é indicada principalmente aos pais, professores e diretores das escolas (MOV1) (Passo 02), pois eles enxergarão de uma forma ampla a influência das mídias na educação (MOV4) (Passo 12).

Participante 24: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

As mídias educam (José Manuel Moran)

José Manuel Moral, descreve o papel que a mídia desempenha com relação a educação (MOV1) (Passo 01). Ele menciona também a tecnologia, onde surgem novos produtos, como computador, deixando outros aparelhos, como TV, deveocassete, como ultrapassado (Passo 07) (MOV2). Moran comenta a interação da mídia, e o sistema tradicional de ensino. Sendo aquele, utiliza uma linguagem mais simples, de fácil entendimento, caracterizando por ser persuasiva. Já a segunda usa uma linguagem mais complexa, um conteúdo mais cansativa, caracterizando por uma monotonia (Passo 07) (MOV2). O autor relata como o educador pode interagir com a mídia, e a tecnologia, para melhorar a qualidade de ensino, e a participação e interação do aluno (MOV2) (Passo 07). Com base no texto, pode-se concluir, que a mídia e a tecnologia são importantes para melhorar a forma de educar, com a aprendizagem do educador em usar esses meios gerando um melhor rendimento dos alunos, e uma melhor formação (Passo 07) (MOV2).

Participante 24: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

Resenha

A Inserção da Mídia na Educação

O texto As mídias na educação foi retirado do livro ‘Desafios na Comunicação Pessoal’. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 162-166 (MOV1) (Passo 05). De José Manuel Moran que é especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância (MOV1) (Passo 03). O texto traz consigo um tema atual, que é: ‘de que maneira a mídia educa’, e como pode ser inserida no processo educacional’ (Passo 01) (MOV1).

O autor divide o texto em duas partes; que são: ‘As mídias educam’ e ‘Integrar as mídias na escola’ (MOV2) (Passo 06). Na primeira parte Moran relata de que maneira as mídias educam, e baseia-se nos meios audiovisuais comentando a importância deles no processo educacional. Moran faz uma suposição de como as mídias e as escolas poderiam se integrar no processo de educacional e comunicacional, e divide em três níveis. O organizacional, que apresenta uma escola mais participativa. O conteúdo, no qual a escola aborde temas atuais, do cotidiano e falem da vida. E por fim, o nível comunicacional, ‘onde’ a escola incorpore todos os tipos de linguagem do homem moderno (Passo 07) (MOV2).

Na segunda parte o autor escreve de que forma as mídias podem ser inseridas nas escolas para interagir com os meios tradicionais de ensino (Passo 07) (MOV2). As idéias de Moran e de Ana Beatriz Carvalho (A educação a distância e a Democratização do conhecimento, 2006) se encontram nesse aspecto, no qual a autora defende a inserção das tecnologias para auxiliarem o professor no processo de transmissão de informações, onde cabe ao professor interagir com as mídias e interpretar as idéias centrais dos conteúdos transmitidos (Passo 08) (MOV2). Carvalho relata ainda de que forma eram feitas as pesquisas antigamente, que era necessário o auxílio de um enciclopédia; sendo que nos dias de hoje esse processo se tornou mais rápido e

fácil (MOV2) (Passo 08). Feita essa análise fica clara a importância da mídia na educação, de forma interagir com o professor para facilitar o acesso a informações, cabendo ao educador utilizar esse método de maneira correta, e eficiente (MOV3) (Passo 09).

Além dessa análise pode-se observar a linguagem utilizada pelo autor, na qual usa-se a repetição de palavras e uma construção morfológica um tanto inovadora (Passo 09) (MOV3). Porém essa observação em nada diminui o texto de Moran, que sobe inserir a seu texto de que maneira a mídia educa, de que forma ela pode ser inserida nas escolas, é claro no processo educacional (Passo 09) (MOV3). uma ótima fonte de reflexão (MOV4) (Passo 12) para professores, alunos (Passo 02) (MOV1), ou quaisquer interessados na inserção das mídias no processo educacional, e interessados pela educação a distância.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX graduando de cooperativismo da Universidade Federal XXXX, disciplina destinada a resenha LET 100, data 01 de junho de 2011.

Referências Bibliográficas:

Moran, José Manuel. As mídias na educação. 2007.

Carvalho, Ana Beatriz. A educação a Distancia e a Democratização do conhecimento. In: Carvalho, Ana Beatriz. UEPB, 2006, v.1 pg 47-58.

Participante 25: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

Resenha do texto ‘As mídias educam’

Texto baseado no artigo de José Manuel Moran ‘As mídias educam’

Estamos vivendo em uma época que a tecnologia esta muito avançada e globalizada, o computador, internet e outros meios vem ganhando força e tornando o vídeo casset em um objeto de pouca importância. As informações fluem rapidamente trazendo vários conhecimentos que passa fazer parte da nossa educação, com isso mudando a visão de suma importancia para cidadania (Passo 07) (MOV2).

A escola deve ser mais participativa no seu método de ensino para obter maior conhecimento de acordo com tudo aquilo que os jovens estão acostumados, para que isso ocorra é necessário maior qualificação do professores. Por outro lado as mídias têm um grande poder de manipular as pessoas. Levando as pessoas a fazer dramas que causa um grande impactos nas pessoas. Um exemplo disso são as novelas temáticas que fazem os telespectadores a pensar sobre aquela idéia como uma coisa boa para a sociedade, mesmo que não seja (Passo 07) (MOV2).

Participante 25: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

Resenha do texto do livro de José Manuel Moran Desafios na comunicação pessoal. 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007 p. 162-166.

A necessidade de mudanças nos conceitos de escolas

José Manuel Moran especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância e ex-professor da USP (MOV1) (Passo 03), em seu artigo tem como objetivo de mostrar a necessidade de integrar as mídias à educação (MOV1) (Passo 01), é um texto voltado para professores e profissionais da área (Passo 02) (MOV1).

De acordo com Moran os métodos de ensino utilizado pela escola convencional estão ultrapassados em relação a força inovadora das mídias, havendo a necessidade de rever os conceitos de ensino e criar formas capazes de usufruir das informações que chegam através de diversas mídias (MOV2) (Passo 07). Para contextualizar os dois o autor divide seu artigo em duas grandes partes: As mídias educam e integrar as mídias na escola (MOV2) (Passo 06), a primeira parte é subdividida em três níveis importantes que são: nível de conteúdo, nível comunicacional, nível organizacional buscando interligar entre si o funcionamento da escola com incorporação das mídias (MOV2) (Passo 07), a segunda parte trata-se de como a escola pode usufruir das tecnologias para criação de conhecimentos através de inovações em seus métodos de ensino (MOV2) (Passo 07).

Apesar do autor citar muitos conceitos de integração das mídias nas escolas em sua primeira parte sendo que na segunda era específica desse assunto (MOV3) (Passo 11) não desmereceu sua obra, deixando muito claro seu objetivo que era mostrar o papel importante que as mídias podem proporcionar no contexto escolar (MOV3) (Passo 09).

É um texto recomendado para professores e especialista da área (MOV1) (Passo 02) sendo forma de observar a grande necessidade de inovação dos metodos de ensino para proporcionar mudanças (MOV4) (Passo 12).

Resenhador: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX, estudante de graduação de cooperativismo pela Universidade Federal XXXX.

Participante 26: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

As mídias na educação

No artigo ‘As mídias educam’, fala muito sobre a educação que se pode ter através das mídias, como: o computador, internet, televisão e DVD (MOV1) (Passo 01).

Já na escola esses meios são muito pouco usados, pois os educadores possuem um método de ensino mais ‘antigo’ e preferem continuar usando-os, apesar que seus alunos já são bem atualizados à respeito de tecnologias avançadas (Passo 07) (MOV2). Integrar as mídias na escola seria bem melhor para a compreensão e uso de novas linguagens e a transmissão de informações para ajudar o professor a facilitar o ensino e até mesmo a melhorar o nível de educação dos professores (Passo 07) (MOV2).

A educação é um assunto muito delicado para criticar ou até mesmo fazer elogios, pois cada escola possui um método de ensino diferente e possui professores que são ou não atualizados nesse meio do avanço de tecnologias para o ensino.

Participante 26: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

As mídias estão presentes em nosso dia-a-dia

No livro ‘Desafios na comunicação Pessoal’. 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 162-166, no texto ‘As mídias na educação de José Manuel Moran (MOV1) (Passo 05).

Ele aponta o computador e a internet como meios de comunicação audiovisuais mais utilizados agora e também as pessoas estão deixando de lado os meios mais comuns como: TV, DVD, Cinema e vídeo, pois na internet encontra-se ‘tudo’ o que precisa (MOV1) (Passo 01).

Seu artigo possui cinco páginas bem elaboradas (MOV2) (Passo 06), e Moran critica as escolas por não adotarem o processo de educação mais evoluído e comum agora, pois ele diz:

antes da criança chegar à escola, já passou por processos de educação importantes: pela mídia eletrônica e pelo familiar. E antes de ir à escola, já começam a ver o mundo como ele é, então não é a escola que muda isso, ela ajuda na educação do jeito mais antigo, mas a educação vem de casa (MOV2) (Passo 07).

Essa obra é boa para entendermos um pouco sobre o quanto as mídias pode nos ajudar e sempre nos ajudou, pois possuem pontos positivos e negativos, e no geral nas escolas, os educadores por várias vezes tentam nos passar só os pontos negativos (Passo 09) (MOV3).

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

01 de junho de 2011, aluna da XXXX.

Na matéria de LET 100.

Participante 27: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

As mídias educam

Os meios de comunicação, como o computador e internet, principalmente, estão sendo importantes para a educação (MOV2) (Passo 07).

Ideal seria a integração desse meio nas escolas, onde o primeiro alvo seria o educando fazendo com que se aprenda como transmitir os assuntos necessários por determinados meios de comunicação e, conseqüentemente, a compreensão rápida e interessante dos alunos (MOV2) (Passo 07).

Essa nova forma estimularia mais os estudantes, pois, trataria de assuntos atuais, sendo de conhecimento e de vida pessoal e, logo tornaria um aspecto adaptado a cada indivíduo (Passo 07) (MOV2).

Portanto, as mídias na escola serviriam de compreensão e uso de novas linguagens por meio de novas formas de educação que, seria o moderno meio de comunicação (MOV2) (Passo 07).

Participante 27: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

As mídias na Educação

José Manuel Moran, especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância, é o autor do texto ‘As mídias na Educação’ (MOV1) (Passo 03). Ele retrata a importância da mídia no meio educacional (MOV1) (Passo 01).

Na primeira parte do texto, Moran afirma que os meios de comunicação, como TV, DVD, computador e internet, assumem um papel importante na educação (Passo 06) (MOV2).

A tv fala do presente e da vida alimentando um mundo sensorial, afetivo e ético das crianças e jovens, enquanto, a escola tem uma fala mais distante e intelectualizada (MOV2) (Passo 07).

Portanto a escola deveria ser mais participativa e menos centralizadora, falar dos problemas e da vida para preparar os jovens para o futuro e valorizar a linguagem audiovisual junto com a convencional (MOV2) (Passo 07).

Logo na segunda parte do texto, ‘Integrar as mídias na escola’, o autor diz que a mídia eletrônica é prazerosa, é feita de sedução e emoção, isso faz com que crianças e jovens aprendam a se informar e a conhecer o mundo (MOV2) (Passo 06).

Geralmente, o que as crianças adoram a escola questiona e detesta, logo, as escolas precisam compreender melhor novas linguagens e valorizar o que as crianças valorizam (MOV2) (Passo 07).

Apesar do texto ser cansativo (MOV3) (Passo 09), por apresentar ideias repetitivas, ele é ideal para estimular a atenção, principalmente (MOV4) (Passo 13), das escolas (MOV1) (Passo 02) para aderirem a uma fonte de educação.

Participante 28: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

As mídias na educação

As mídias sem dúvida nenhuma é uma grande forma de educação, levando em conta a internet, televisão e todos os meios comunicativos (Passo 07) (MOV2). Como a implantação desses meios comunicativos geram discórdia entre alguns, por outro lado existe a evolução e desenvolvimento de novos métodos educativos que contribuem positivamente para uma educação mais ampla, sem limite ao aprendizado (Passo 07) (MOV2).

Para a implantação dessa nova tecnologia são necessários elementos como professores qualificados, escolas que tenham uma boa infraestrutura, pois os alunos tem interesse em conhecer e trabalhar com coisas novas, a mídia de certa forma seduz o aluno (Passo 07) (MOV2).

Participante 28: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

Avanço no processo educacional

José Manuel Moran por ser especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância (MOV1) (Passo 03), expõe em seu texto argumentos que fundamentam suas ideias relacionadas a inclusão da mídia no processo educacional (Passo 01) (MOV1).

Acredita em um novo modelo educacional em que educadores e educandos caminhem juntos (Passo 04) (MOV1).

O texto do Moran é dividido em duas partes (MOV2) (Passo 06), a primeira parte Moran faz uma exposição mais geral do processo inovador, fala da grande influência que as pessoas tem relação aos meios comunicativos (tv, internet, vídeo entre outros). Define três níveis relacionados a escola, nível organização (uma escola mais participativa), nível de conteúdo (uma escola mais próxima aos jovens) e o nível comunicacional (valorizar a linguagem) (MOV2) (Passo 07) na segunda parte ele relata que a criança, já tem ou teve um contato, a escola apenas daria continuidade ao processo (MOV2) (Passo 07).

Os métodos educativos na escola deve sempre estar passando por um processo de inovação, pois a tecnologia cada vez mais avançada pode ser usada como auxílio ao desenvolvimento educacional. Moran de forma as vezes repetitiva expoe suas ideias sobre o novo modelo educacional (MOV3) (Passo 09).

Esse texto seria interessante aos educadores, estudantes e pessoas interessadas (MOV1) (Passo 02) à um novo modelo educacional, pois o autor refere-se a pontos que faz com que temos uma visão panorâmica do assunto (MOV4) (Passo 13).

Moran, José Manuel. 'As mídias na educação.'

Participante 29: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

De acordo com o texto os meios ajudam a comunicação nas escolas rompendo barreiras e dificuldades que influencia no raciocínio lógico desde da infância (Passo 01) (MOV1).

Para complementa, á evidencia de: três níveis; organizacional, conteúdo, comunicacional, tendo como principais aspectos na participação dos alunos valorizando a linguagem (MOV2) (Passo 07).

De um seto modo a tecnologia prejudica, interfere no papel do professor, enfraquece o modo pessoal do aluno com o professor. alem de facilitar o plágio por parte dos alunos e professores abusarem da tecnologia” (Passo 07) (MOV2).

Participante 29: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

As bases da midia para a educação

Moran, José Manuel. As mídias na educação. Artigo do livro, Desafios na Comunicação pessoal. 3^a Ed. São Paulo, paulinas, 2007, p. 162-166.

As mídias na educação, do José Manuel Moran; especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distancia (Passo 03) (MOV1). Este artigo informa os varios tipos de aprendizagem, com base nas tecnologias, para que os educadores e alunos possam expressar melhor seus conteúdos (Passo 01) (MOV1).

Na primeira seção ‘A mídia na educação’, Moran descreve que as tecninologias pouco recentes, não satisfazem mais a população, pelo fato de ser pouco utilizado hoje e poder dominar uma nova tecnologia ‘computadores e a Internet (MOV2) (Passo 06). Mas essa tecnologia pode desempenhar um papel importante para a educação, por exemplo, a comunicação audiovisual ajuda a introduzir um universo vasto de fantasias, desejo e emoções, que contribui para o ensino das crianças que estão na fase de aprendizagem (MOV2) (Passo 07). O autor ainda estabelece três fases em relação aos meios de comunicação: essas fases desenvolve uma participação mais interessante, entre alunos e professores, facilitando as tecnicas de comunicação, que são essenciais para a educação (MOV2) (Passo 07).

Moran em sua segunda seção, utiliza a integração das mídias na escola, de forma que os alunos expressar, interagir e evoluir, por meio da introdução dessas tecnologias na escola, sem desprezar os valores do ensino e da cultura (Passo 06) (MOV2) (MOV2) (Passo 07). É por causa disso, que muito educadores discordam dessa interferencia da mídia na educação (MOV3) (Passo 10).

O autor se atrapalha ao referir que ‘a televisão e o vídeo’, seja pou eficiente atrapalhando a educação, sendo exemplificado em varias partes do artigo como de grande importância(MOV3) (Passo 11). Por viese das duvidas, esse meios tecnológico pouco recente, são mais simples e barato, mas essenciais, comparado com, ‘o computador e a Internet’; este meio é mais caro, sendo pouca a introdução desse tipo de aparelho nas escolas publicas do Brasil (MOV3) (Passo 10). Moran expressa essas questoes alsenciando e individualizando vários fatores, alem de ocultar diversos problemas do cotidiano. Isso é decorrente pelo fato desse artigo ser tirado do livro ‘Desafios na comunicação pessoal’; que expresa na real totalidade, as dificuldades desse tema (MOV3) (Passo 09).

Concluimo que esse artigo e destinado a alunos e educadores (MOV1) (Passo 02), por ser uma base esencial para o entendimento introdutorio da midia na educação(MOV4) (Passo 13), mas indesejavel para os especialistas nessa área que podem interferir indiretamente com o autor deste artigo; por questoes mal relatadas (MOV4) (Passo 12).

Participante 30: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

Resenha

Influências da mídia

Para José Manuel Moran a mídia hoje em dia é a principal responsável pela educação de nossos filhos. É normal as crianças passarem a maior parte do seu tempo assistindo TV ou na frente do computador, pois ali elas encontram coisas novas diferentes, um modo de aprendizado e entretenimento bem mais convidativo que a escola. Com isto a escola se torna algo cada vez mais cansativa e desgastante, onde os educadores já não conseguem mais identificar seu verdadeiro papel frente a educação (MOV2) (Passo 07).

Participante 30: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

A utilização da mídia na educação

Segundo José Manuel Moran em ‘As mídias na educação’ artigo de seu livro ‘Desafios na Comunicação pessoal’. 3ª Ed. São Paulo, 2007 (MOV1) (Passo 05), precisamos estabelecer pontes entre educadores e meios de comunicação (MOV1) (Passo 04). Trata-se de um texto destinado a educadores, jovens e pais (Passo 02) (MOV1). O especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância (MOV1) (Passo 03), nos leva a refletir, e discutir a questão de como integrar as mídias na escola (Passo 01) (MOV1).

Seu artigo é dividido em duas partes (MOV2) (Passo 06), sendo a primeira ‘As mídias educam’ uma descrição rápida sobre o avanço tecnológico que estamos vivenciando (MOV2) (Passo 07). Ele ressalta ainda a relação meio de comunicação e escola em níveis, organizacionais – com uma escola mais participativa, conteúdo – com uma escola que fale da vida, comunicacionais – que valoriza as linguagens audiovisuais junto as convencionais (MOV2) (Passo 07). Logo após em ‘Integrar as mídias na escola’ (MOV2) (Passo 06) o autor descreve como deve ser feita esta integração (MOV2) (Passo 07). E possui ainda uma epígrafe de Jesus Martin Barbero que retrata ‘A simples introdução dos meios e das tecnologias na escola pode ser a forma mais enganosa de ocultar seus problemas’ [...] (MOV2) (Passo 07)

No decorrer de seu artigo o autor valoriza as integrações das mídias no meio educacional e a utilização das mesmas pelos educadores (MOV2) (Passo 07), o que é ressaltado também por Duarte em ‘Mídia audiovisual e formação de professores’ ‘[...] A necessidade de prepararmos os profissionais de comunicação para lidar de forma adequada e responsável, com os conteúdos veiculados pela mídia, sobretudo aquela direcionada a crianças e adolescentes [...]’ (MOV2) (Passo 08).

No texto de Moran conseguimos observar a clareza dos assuntos relatados (MOV3) (Passo 09), mesmo havendo algumas repetições (MOV3) (Passo 09), é uma boa indicação (MOV4) (Passo 13) para os leitores em geral (MOV1) (Passo 02).

Referências:

MORAN, José Manuel. ‘As mídias na educação’, texto do meu livro ‘Desafios na comunicação pessoal. 3ª Ed. São Paulo Paulinas, 2007, p. 162-166.

DUARTE, Rosália, ‘Mídia audiovisual e formação de professores’, retirado do <http://www.users.rdc.puc-rio.br>, acessado em 30/05/11

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX, graduando em bacharelado cooperativismo.

Participante 31: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

OBS.: O aluno não escreveu a primeira versão da resenha.

Participante 31: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

As mídias educam

Moran, José Manuel – Especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância (MOV1) (Passo 03).

No texto de José Manuel Moran ‘as mídias educam’, fala sobre a importância da televisão, o cinema e vídeos (os meios de comunicação audiovisuais), como um instrumento educativo marcante e que oferecem uma capacidade incrível de troca de informação através de nova e várias linguagens, além de apresentar novos modelos de comportamento (MOV1) (Passo 01).

O autor divide o texto em duas partes (MOV2) (Passo 06), mostrando a integração da mídia na escola e a integração da mídia no cotidiano das pessoas (MOV2) (Passo 07). Moran apresenta de modo que as mídias podem ser mais bem valorizadas nas escolas. Ele aconselha que os professores sejam a conexão entre as informações oferecidas por estes meios e os alunos (MOV2) (Passo 07). O que a escola impõe é o ensino que para os alunos é dado como desinteressante e o que falta é exatamente a integração com esses meios de comunicação e os métodos educacionais, a linguagem, os assuntos e as imagens que estimulam o interesse dos jovens e faz com que eles sejam mais participativos. A educação não é basicamente teorias e cálculos, ela flui do modo da compreensão do mundo e das pessoas (MOV2) (Passo 07).

Moran tenta abrir a cabeça do leitor para uma maior atenção aos conhecimentos provenientes dos meios de comunicação que segundo ele estão sendo desvalorizados (TV, vídeo, computador) e fazer que professores e alunos tenham uma maior integração com esses meios, mas o autor deixa claro que a escola não deixa de ser fundamental, que as mídias não são capazes de desenvolver a inteligência dos alunos. Cabe a escola interpretar, aconselhar, ensinar e contextualizar essas informações (MOV2) (Passo 07).

O texto é voltado para todos os profissionais da educação, pais e curiosos (MOV1) (Passo 02) com o objetivo de ter mais conhecimento sobre o tema e sobre as situações que podemos vivenciar no mundo relacionadas as mídias e os meios de comunicação nas escolas e na educação (MOV4) (Passo 12).

Participante 32: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

Resenha: As mídias na educação

A sociedade está deslucrada com os novos meios de comunicação como o computador e a internet (MOV2) (Passo 07).

Deixando de lado a televisão e o vídeo que segundo eles já estão ultrapassados (MOV2) (Passo 07).

As novas tecnologias comunicacionais tem um papel importante no processo educacional. Pois através dela que as principais notícias são transmitidas para diferentes regiões do mundo. E com isso informações são adquiridas dentro de casa e levadas às escolas, é por isso que não se pode deixar de lado, a televisão, o vídeo, a internet, desde que sejam usados de forma correta (MOV2) (Passo 07).

A escola deve saber inserir os novos meios de comunicação, saber aproveitá-los para que sejam aproximados a educação, e esta seja um processo, completo, rico e estimulante, porque, se utilizado no processo educacional. Mas um fator importante que não pode ser deixado de lado é como esses meios são usados dentro de sala, pois o professor deve desempenhar funções que são essenciais dentro da sala como a leitura e a escrita. Desta forma as tecnologias podem ajudar bastante na educação de crianças e adultos (MOV2) (Passo 07).

Participante 32: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

MORAN, José Manuel. Artigo, As Mídias na educação extraído do livro: Desafios na comunicação pessoal. 3ª ed. São Paulo, Paulinas, 2007, p. 162-166.

José Manuel Moran, especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância (MOV1) (Passo 03) trabalho em seu artigo 'As Mídias na educação', da inserção da tecnologia no meio escolar (MOV1) (Passo 01). O texto de Moran está voltado à aqueles inseridos no processo educacional (MOV1) (Passo 02).

Moran divide seu texto em partes (MOV2) (Passo 06), primeiramente expõe a ideia de que as mídias tem um processo comunicacional mais envolvente, diferente dos métodos utilizados em sala (MOV2) (Passo 07). O autor forma que as mídias facilitam o processo de transmissão das informações, mas que os meios tradicionais são necessários para relacionar e contextualizar essas informações (MOV2) (Passo 07). Moran diz 'não se trata de opor esses meios... mas de integrá-los'. O autor defende que essa relação, pode ser pensada de três formas organizacional, que seja mais participativa, e interativa; de conteúdo, que trabalhe assuntos que desperte o interesse; e comunicacional, que incorpore a tecnologia junto a escola (MOV2) (Passo 07).

Posteriormente (MOV2) (Passo 06), relata problemas que as escolas encontram, por não saber utilizar em sala de aula aquilo que as crianças já sabem, que trazem de casa, que aprendem com os pais e com a televisão (MOV2) (Passo 07).

O artigo é complexo, em partes repetitivo, mas Moran atinge seu objetivo, ao expor sua ideia de integração da escola com a mídia (MOV3) (Passo 09).

É recomendável a leitura do artigo, pois trabalha a educação como um processo que estimule o interesse em aprender, voltando-se para o presente e também para o futuro (MOV4) (Passo 12).

Por XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX.

Participante 33: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

O mau uso da tecnologia nas escolas, podem prejudicar a aprendizagem do aluno, a internet principalmente pode o tornar dependente deixando de lado outras formas de conhecimento (MOV2) (Passo 07).

A escola pode ser bem equipada, com as mais novas tecnologias, mas sem um bom uso pode acabar prejudicando, é preciso que aja uma interação entre aluno e professor para discutir avaliar e debater com outros alunos da sala (MOV2) (Passo 07).

A mídia não só prejudica mas pode ajudar na educação, utilizando de forma adequada e interagindo a mídia na escola para debater e aprender um pouco mais (MOV2) (Passo 07).

Participante 33: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

As mídias no processo de educação

MORAN, José Manuel. As mídias na educação, extraído do livro Desafios na Comunicação Pessoal. 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 162-166.

‘As mídias na educação’ de José Manuel Moran, especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distancia (MOV1) (Passo 03), trata em seu artigo da interação da mídia no processo educacional (MOV1) (Passo 01), um texto voltado para o meio educacional (MOV1) (Passo 02).

O autor divide sua obra em duas grandes partes (MOV2) (Passo 06). Na primeira demonstra a participação das mídias e tecnologias no meio educacional, mas que ainda não foram usadas de maneira adequada, Moran destacou três níveis para uma melhor interação entre mídias e escola: organizacional – escola mais participativa; de conteúdo – abordar assuntos do cotidiano e comunicacional – incorporar e valorizar as linguagens (MOV2) (Passo 07), na segunda parte apontou a importância da mídia no processo educacional (MOV2) (Passo 07).

Moran, ao decorrer do texto demonstrou uma escrita de forma repetitiva, e com ideias descentralizadas, mas que alcança seu objetivo, e aborda um assunto interessante sobre o meio escolar (MOV3) (Passo 09).

Um artigo recomendáveis (MOV4) (Passo 12) para todos que estejam envolvidos no meio educacional, curiosos, leitores e pesquisadores da área (MOV1) (Passo 02).

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX.

Participante 34: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

As mídias educam

Segundo o texto de José Manuel Moran, as mídias tem um importante papel na formação educacional, pois nós estamos o tempo todo em constante convivência com os mais diversos tipos de mídia, essas por sua vez vão inserindo em cada um alguma influência sobre os mais variados aspectos (MOV2) (Passo 07). Essa grande influência que as mídias tem deveriam ser melhores aproveitadas dentro das salas de aula de forma que se possa explorar mais esta forma de ensino aproveitando a grande capacidade que certos tipos de mídia tem para prender a atenção dos alunos (MOV2) (Passo 07).

Participante 34: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

As mídias no processo de educação

MORAN, José Manuel. As mídias na educação, texto do livro Desafios na Comunicação Pessoal. 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 162-166.

O artigo intitulado ‘As mídias na educação’ de José Manuel Moran, especialista na educação presencial e a distância (MOV1) (Passo 03), faz com que os leitores pensem um pouco sobre essa relação, mídia e educação (MOV1) (Passo 01).

Dividido em dois tópicos (MOV2) (Passo 06) bastante objetivos, possui uma linguagem simplificada que facilita o entendimento (MOV3) (Passo 09). No primeiro tópico, o autor nos mostra como estamos expostos à mídia desde nossa infância e como ela está presente em

nossa educação (MOV2) (Passo 07). Em seguida, aborda como esta poderia ser integrada ao sistema de ensino, ‘a educação escolar precisa compreender e incorporar mais as novas linguagens’ (pág. 165), pois de acordo com o autor, antes de irem para escola as crianças já sabem ler histórias complexas em forma de telenovelas, que são completamente ignoradas pelos educadores (MOV2) (Passo 07).

Constata-se, com pesar, que no intuito de deixar suas idéias bem expostas, Moran faz um texto um tanto repetitivo e que algumas tentativas de interação com o leitor podem dar margem para desviar do objetivo principal de seu artigo, mas esta pequena observação em nada diminui o vigor de suas idéias, que foram bem transmitidas, de forma clara com possibilidade de entendimento para um público amplo (MOV3) (Passo 09).

Dado o vasto conhecimento do autor, tendo em vista que as idéias expostas em seu artigo são de fato experiências que estamos vivenciando no momento (MOV3) (Passo 09), esta é uma leitura que não deve ficar restrita somente (MOV4) (Passo 12) nos meios acadêmicos, deve também chegar a todos que pensem a respeito do assunto (MOV1) (Passo 02), pois expõe questões realmente interessantes.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Graduando em Cooperativismo/XXXX 2011.

Participante 35: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

As mídias na educação

Nos dias atuais as mídias vem influenciando muito a educação (MOV2) (Passo 07).

O computador, a internet e a televisão entre outros está cada vez mais presente na vida de todos, tornando assim um grande meio de comunicação e de pesquisa, rápido e fácil (Passo 07) (MOV2).

Nem todas as escolas vêem a mídia como um meio de educar, mas deveriam, pois ela proporciona varias formas de mostrar e captar os mesmo objeto, facilitando assim o aprendizado do aluno (MOV2) (Passo 07). Mas para que isso ocorra é necessário que a escola acompanhe e que junte esse novo meio de educação com a educação convencional (MOV2) (Passo 07).

Participante 35: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

Um caminho certo

Moran, José Manuel. As mídias na educação, extraído do livro Desafio na Comunicação Pessoal. 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 162-166.

No texto, ‘As mídias na educação, José Manuel Moran especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância (MOV1) (Passo 03), aborda o uso dos meios de comunicação audiovisuais e sua influência no processo educacional (MOV1) (Passo 01). Sendo um artigo, cujo assunto, é voltado para educadores e interessados no assunto (MOV1) (Passo 02).

O autor apresenta a obra estruturada em duas partes (MOV2) (Passo 06): na primeira, Moran considera que as tecnologias ainda não foram adotadas adequadamente nas escolas. Defende ainda que essa relação pode ser estabelecida em três níveis: o organizacional, na qual a escola seja mais participativa, o conteúdo, que esteja próximo aos jovens, abordando temas do cotidiano, e o comunicacional, que proporcione a valorização das linguagens e a integração

das mídias no aprendizado (MOV2) (Passo 07). Já na segunda parte, Moran ressalta a importância da junção das mídias tecnológicas na sala de aula, visando um maior interesse dos alunos, devido ao fato delas estarem presentes nas suas vidas (MOV2) (Passo 07).

Por ser uma obra de tão boa qualidade, o texto conseguiu alcançar seu objetivo, embora a constante repetições de idéias e as falhas na estrutura. Levando assim visão mais crítica aos leitores, sobre a inclusão desses meios de comunicação social no ensino, e deixando de modo claro a sua opinião (MOV3) (Passo 09).

Nos escritos incluídos no artigo, estão relacionados diretamente com o meio acadêmico, sendo de suma conveniência para expor aos professores e as escolas (MOV1) (Passo 02), como é essencial a presença desses meios na educação escolar (MOV4) (Passo 12).

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Aluna da Graduação, do curso de Cooperativismo, da Universidade Federal XXXX.

Participante 36: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

OBS.: O aluno não escreveu a primeira versão da resenha.

Participante 36: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

O papel da mídia na educação

No texto ‘as mídias educam’ de José Manuel Moran, especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância (MOV1) (Passo 03), trata do processo de integração e ajuda das mídias na educação (MOV1) (Passo 01).

O autor divide o texto em duas partes (MOV2) (Passo 06), na primeira ele fala sobre pontos positivos e negativos da mídia no processo de educação e apresenta três níveis da relação comunicação e escola: organizacional, conteúdo e comunicacional (MOV2) (Passo 07), na segunda parte do texto ele fala como a mídia pode ser integrada na educação. Ele comenta que a escola não deve se opor as novas mídia, mas sim se aproximar, integrando pontos fortes de ambas para melhora da educação (MOV2) (Passo 07).

Moran expressa bem suas idéias e com elas tenta mostrar ao leitor que mídia e educação podem se unir (MOV3) (Passo 09). Ele fala muito sobre as mídias e não da importância para o professor, que exerce papel fundamental e não pode ser esquecido (MOV3) (Passo 09).

O texto é recomendado (MOV4) (Passo 12) e de grande valia para professores alunos e interessados no processo de melhora da educação (MOV1) (Passo 02).

Participante 37: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

Resenha Let 100

A obra de Moran ‘as mídias na educação’ trata-se de um tema em que na atualidade e de grande importância, nela é discutido a mudança na qual o computador e a internet está proporcionando na educação do jovens, substituindo até mesmo a televisão e os CDs e DVDs (MOV1) (Passo 01). As informações globais nas quais elas tendem a levar os jovens ampliando cada vez mais a sua capacidade de ter uma visão de mundo, assim ajudando na formação de um ser humano bom ou ruim (MOV2) (Passo 07).

No texto o autor faz uma relação entre a comunicação, meios de comunicação e a escola separando em três níveis: Organizacional, o conteúdo e a comunicação, ele foca nessas

questões principais como uma maior participação da escola, o dialogo sobre os problemas que afligem os jovens preparando-o para o futuro (Passo 07) (MOV2). Aspectos que para mim é de grande vantagem aplicar nas escolas, pois ajudará na formação de adultos mais informados e mais maduros e que possam enfrentar a sociedade (Passo 09) (MOV3).

A leitura do texto é indicada aos diversos públicos que estão ligados diretamente as escolas, como professores, diretores e visando também os chefes de Estado (MOV1) (Passo 02) para que possam fazer as melhorias propostas (MOV4) (Passo 12).

Participante 37: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

As Mídias a Favor da Educação

Moran, José Manuel. As mídias na educação.

O texto de Moran 'As mídias na educação' foi retirado do livro 'Desafios na comunicação pessoal' 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 162-166 foi publicado em um site na web (MOV1) (Passo 05). O autor é um Doutor em Ciências da Comunicação na USP (MOV1) (Passo 03), o assunto abordado nele é a grande melhoria que os meios audiovisual podem proporcionar se inserido nas escolas corretamente (MOV1) (Passo 01). A área em que ele circula é no meio escolar onde é bastante discutido (MOV1) (Passo 02).

José Manuel divide o texto em duas partes (MOV2) (Passo 06), na primeira ele fala sobre a forma em que os meios audiovisuais principalmente a TV seduzem e acabem chamando atenção das pessoas fazendo com que elas absorvam o conteúdo com mais facilidade sobre os assuntos nela tratado (MOV2) (Passo 07). Na segunda parte o autor diz que seria de uma grande importância a introdução desses meios nas escolas, pois assim tornaria o aprendizado mais interessante e de melhor qualidade (MOV2) (Passo 07).

É um texto em que alguns momentos Moran se torna um pouco repetitivo, pois fica voltando, a reformando o tema e acaba se perdendo em determinados parágrafos (MOV3) (Passo 09), mas o conteúdo do texto é bastante rico em informações e análise nas quais ele se propoz a fazer (MOV3) (Passo 09).

O público indicado para a leitura deste texto seria os alunos, pais, professores, diretores (MOV1) (Passo 02). Assim fazendo com que haja um entendimento de ambas as partes para que possa se chegar a uma conclusão sobre tal (MOV4) (Passo 12).

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX aluno de Cooperativismo/XXXX

Participante 38: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

O texto é uma matéria informativa, produzido por José Manuel Moran, um texto retirado do livro: Desafios na comunicação pessoal. 3ª ed. SP, Paulinas, 2007, p. 162-166 (MOV1) (Passo 05).

Ele aborda a questão de que as mídias educam: computadores, TV, DVD, internet, entre outras (MOV1) (Passo 01). Crianças hoje em dia aprendem a falar, com os programas de TV ou com o DVD animado passado pela mãe. O autor faz uma relação dos meios de comunicação e a escola, que se divide em três níveis, o organizacional no qual a escola se torna mais participativa, o de conteúdo no qual, os jovens ficam mais próximos da escola, dos professores e do que eles abordam, e o comunicacional, que valoriza a linguagem (MOV2) (Passo 07). Ele diz que a escola deve exercitar novas linguagens, propondo trabalhos de formatos atuais, como uma propaganda de rádio, um vídeo, ou outros meios (MOV2) (Passo 07).

A educação fundamental é feita pelos pais e pela mídia segundo o autor. As escolas devem trabalhar mais com as crianças e com a mídia, ela deve compreender e usar novas linguagens, diferentes da comunicação (MOV2) (Passo 07).

Não concordo que a mídia deve substituir o método de educação tradicional, ela deve e vai ser cada vez mais incluída sim na vida de alunos, mas pesquisas em livros, jornais, sem tudo ‘mastigado’ como aparece na internet, são métodos mais produtivos na minha opinião (MOV3) (Passo 09).

Deve-se incluir sim a mídia na educação, mas não tão radicalmente, quando copiávamos matéria do quadro, acredito que o nosso rendimento e compreensão nas aulas era muito maior e melhor do que quando tudo é praticamente passado em um data Show, principalmente em escolas de ensino fundamental e médio (MOV3) (Passo 09).

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX, estudante de cooperativismo

Participante 38: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

As mídias na educação

As mídias na educação, de José Manuel Moran, que é especialista em projetos inovadores na educação (MOV1) (Passo 03).

Moran fala na sua obra sobre como as mídias são incluídas na educação, nas escolas, na vida dos alunos hoje em dia (MOV1) (Passo 01). Ele relata que desde pequenos já passamos por um processo de aprendizagem, antes mesmo de entrar na escola, que é o das mídias (TV, DVD, etc) (Passo 07) (MOV2).

Já chegamos na escola aprendendo algo de forma, e os educadores não sabem lidar com isto na maioria das vezes, simplesmente passam por cima destas informações obtidas (MOV2) (Passo 07). Segundo ele entre professores e mídias devem existir uma ponte para interligar de alguma forma as informações que eles tem a passar, e envolvê-las no processo de aprendizado (MOV2) (Passo 07). Moran afirma também que a escola é mais cansativa, enquanto na TV eles ‘seduzem’ as pessoas a aprenderem com ela, fazem de tudo para ter uma audiência imediata e fiel (MOV2) (Passo 07). A escola precisa mostrar o que a TV mostra, e discutir, interagir com os alunos (MOV2) (Passo 07). Segundo ele existem três níveis em que pode ser pensada esta relação, que é o organizacional, o de conteúdo e o comunicacional (MOV2) (Passo 07).

Este artigo de Moran foi publicado em um site, juntamente com outras matérias dele (MOV1) (Passo 05).

Moran está certo quando diz que deve-se relacionar mídias e escolas, é um processo muito importante na educação sim, porque as mídias estão sendo cada vez mais incluídas em nossas vidas em nosso dia-a-dia (MOV3) (Passo 10). Mas devemos deixar claro também que, não podemos deixar a educação de antes para trás, livros, revistas como fontes de pesquisa, que são muito importantes também, melhor do que você for fazer um trabalho no ‘GOOGLE’ e achar tudo ‘mastigado’ lá. Deve-se ter muita cautela em relação a estes meios também (MOV3) (Passo 09).

Esta obra é muito útil (MOV4) (Passo 12) para professores e alunos (MOV1) (Passo 02), pois nos mostra pontos do cotidiano que devem mudar. Ela pode colaborar muito com nós mesmos, para separar as coisas, e saber-mos utilizar as mídias de forma correta, orientadores e educadores também, pois eles podem se auto-orientar por esta obra, baseando-se nestas informações. O único problema da obra é que Moran vai e volta muitas vezes no mesmo

ponto, para deixar claro o que ele quer explicar (MOV3) (Passo 09), mas é um artigo ótimo e recomendável (MOV4) (Passo 12).

Sou XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX, aluna de Graduação do curso de Cooperativismo, da Universidade Federal XXXX.

Participante 39: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

OBS.: A aluna não escreveu a primeira versão da resenha.

Participante 39: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

As mídias na escola

Moran, José Manuel, as mídias na educação artigo do livro desafios da comunicação pessoal, 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

Nesse artigo, as mídias educam de José Manuel Moran, ele expõe de forma detalhada como as mídias interferem na educação, podendo também ser muito útil (MOV1) (Passo 01).

O tema é de grande importância, porque ele trata da atualidade, de como ficamos ligados ao computador e acabamos deixando de lado a televisão e outros meios (Passo 04) (MOV1).

Podemos observar que a televisão retrata de uma certa forma, a vida, os problemas que nela ocorre (MOV2) (Passo 07). Outro ponto também muito importante é que a televisão acaba sendo uma fonte para o aprendizado, pois ela possui programas educativos onde se aprende novas informações e a conhecer o mundo de uma maneira que a escola talvez não consiga demonstrar, acabando assim ficando meio distante de quase tudo (Passo 07) (MOV2).

No artigo o autor também retrata de como a mídia poderia ajudar na educação, pois ela não é somente uma distração, com isso podemos estabelecer uma ponte entre educadores e quem será educado (MOV2) (Passo 07).

Apartir do momento que estudantes aprendem sobre meios e a produzir para os meios tornam-se indivíduos mais responsáveis não só com a escola mas também com a sociedade (MOV2) (Passo 07).

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX.

Participante 40: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

A mídia na educação (Jose Manuel Moran)

Desde que foi criado o mídia de forma geral foi utilizado em varios meios, Uma delas a educação. Os meios audiovisuais como televisão computador e internet contribuirão para o aperfeiçoamento da comunicação dentro de sala de aula (MOV2) (Passo 07).

A comunicação hoje em dia vai se tornando cada vez mais importante como forma de ensino nas escolas e universidades desenvolvendo a inteligencia de forma pratica e facil (MOV2) (Passo 07).

Porem deve ser analisado pois , é sim um meio de comunicação alternativo mas não se pode esquecer dos professores que sempre foram o fio condutor da educação desde o principio sem deixa de lado o afeto entre o educador e o educado (MOV2) (Passo 07).

Os professores e a mídia devem trabalhar juntos para contribuir o ensino interativo dessa nova geração (MOV2) (Passo 07).

Participante 40: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

Os meios de comunicação na escola

MORAN, José Manuel. As mídias educam. Artigo do livro Desafios na Comunicação pessoal. 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 162-166.

Em, As mídias educam, de José Manuel Moran, tem como propósito mostra aos leitores como os meios de comunicação desempenham um papel educacional importante nos dias de hoje (MOV1) (Passo 01). De forma bem clara e interpretativa (MOV3) (Passo 09), tem como publico alvo os estudiosos da área de ensino em geral (Passo 02) (MOV1).

Com base no assunto, Moran demonstra que as novas tecnologias estão sendo integradas na educação, por meios de comunicação audiovisuais, desenvolvendo um processo de aprendizagem inovadora para as crianças e jovens, que tem seu referencial tirado da televisão (Passo 07) (MOV2). Os professores não podem ser contrários a este meio de ensino tão eficiente e fácil de trabalhar, tendo sempre a dar ênfase no desenvolvimento da escrita e do raciocínio intelectualizado, transformando a escola em um ambiente monótono e abstrato (MOV2) (Passo 07).

Na segunda seção (MOV2) (Passo 06) entende-se, que as crianças antes de chegar à escola já desenvolveram um processo de aprendizagem eletrônica ou familiar. Desta forma, acredita-se que as crianças são movidas pela mídia, aprendendo a se informar, a sentir a fantasia, vendo ou ouvindo as pessoas na televisão enquanto estão entretidas com a programação (MOV2) (Passo 07).

Constata-se que o autor apresenta comentários bastantes relevantes sobre o papel do professor na hora de adéqua-se as novas tecnologias (MOV3) (Passo 09). Ao ver esta característica pode analisar que a educação de hoje já se faz uso destes instrumentos tecnológicos nas escolas e faculdades, desde o trabalho digitado ate os cursos a distancia, dentre outras. O autor exemplifica detalhes de forma vaga, porem não cita exemplos de como isso é feito ou posto em pratica (MOV3) (Passo 09).

Este artigo é de interesse importante (MOV4) (Passo 12) para professores, pesquisadores e planejadores da area da educação (MOV1) (Passo 02) que devem esta atento aos novos meios de comunicação, visando a tarefa de facilitar o trabalho dos educadores.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX.

ANEXO 10

EM CD-ROM

RESENHAS (ANÁLISE DAS PARÁFRASES NAS DUAS VERSÕES)

Anexo 10
Versões iniciais e finais das resenhas analisadas (Análise das Paráfrases)

Participante 01: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

As mídias na educação

O texto de José Manuel Moran faz o apanhado sobre um polêmico assunto: as mídias na educação (2.PCRA) e (8.PCRTXCRA). Polêmico porque, enquanto para uns a escola tenha que desenvolver suas ideologias promovendo o desenvolvimento da escrita e do raciocínio lógico (1.CSRA), para outros a escola precisa acompanhar os tecnologias permitindo que o computador, DVD, internet, vídeo e televisão sejam agregados à educação dentro da escola (7.PCRTXSRA) (1.PSRA).

As tecnologias podem propiciar maior fluxo de informações, sem que o aluno precise ir a escola para isso. E a figura do professor é indispensável nesse momento, uma vez que é ele quem vai ensinar o aluno a aprender, questionar, sintetizar, descrever, se expressar e equilibrar as tecnologias e os estudos (7.PCRTXSRA) (1.PSRA).

A escola tem o papel de receber e dar continuidade ao conhecimento e educação que a criança aprende pela mídia, assim a escola não vai ser entendida como ‘chata’ e vai ser aceita pela forma de viabilizar a educação” (7.PCRTXSRA) (1.PSRA).

Participante 01: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

Integração da educação e da tecnologia

MORAN, José Manuel. As mídias na Educação. Desafios na comunicação. 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 162-166

O texto ‘As mídias na educação’ de José Manuel Moran, especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância, trata de um assunto importante e polêmico: como integrar as mídias e a educação (2.PCRA) (8.PCRTXCRA).

Para moran, os meios de comunicação, televisão, DVD, cinema, vídeo, CD, computador e a internet, desempenham um papel importante na educação, isto porque esses meios de comunicação conseguem seduzir, mexer com o emocional e falar de forma mais impactante (2.PCRA) (8.PCRTXCRA). A escola tem geralmente uma forma de ensinar mais chata e cansativa, e pouco utiliza dos meios de comunicação, que poderiam ser fortes aliados para ensinar crianças e jovens a ‘aprender a aprender’ (TCRA), a construir a consciência crítica, a desenvolver habilidades, a ‘conscientizar os códigos da língua falada e escrita, e os códigos de todos as linguagens do homem atual e da sua interação’ (TCRA) (1.PSRA) (7.PCRTXSRA).

Jaques Gon Net com o livro Educação e Mídias participa das mesmas idéias de Moran quando ele diz que ‘as mídias são fatores novos muito importantes na socialização das novas gerações’ (TCRA).

Justifica-se esta idéia afirmando que os saberes evoluem e os valores se transformam e que se a escola, instituição tradicionalmente conservadora, não integrar esses novos saberes e valores como será capaz de promover a socialização formando utilizadores críticos, criativos e competentes capazes de dominar as tecnologias de informação (8.PCRTXCRA) (2.PCRA).

Embora o texto de José Manuel Moran tratar o assunto de forma muito receptiva, é uma obra de fácil entendimento, atual e leva o leitor a um pensamento crítico sobre o assunto. O autor

se impõem diante de sua abordagem demonstrando domínio no que ele escreveu, ocasionando uma leitura prazerosa e envolvente.

O texto apresenta uma linguagem fácil de ser entendida, por isso recomendado a ser lido, principalmente para educadores, pais e filhos, e pessoas interessados na área da educação e da tecnologia.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Referências Bibliográfica

GONNET, Jacques. Educação e Mídias. Tradução Maria Luiza Bellone. S. P.: Editora Loyola, 2004.

Participante 02: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

A mídia e a educação

A análise dos métodos de educação, abordada no texto as mídias educam de Manuel Moran, nos leva a ser de um modo crítico de como as escolas utilizam, ou não, os meios de comunicação, na tentativa de educar seus alunos (8.PCRTCRA) (2.PCRA). A maneira como a mídia educa é mais interativa, diferente da escola que de maneira indireta é distante e abstrata (7.PCRTCRA) (1.PSRA). Em nível organizacional, de conteúdo, comunicacional podemos chegar a conclusão que se a escola quer ter mais êxito no ensino tem que estar mais organizada, ter mais interação e se comunicar de maneira interativa (7.PCRTCRA) (1.PSRA). As tecnologias são pontes que abrem portas abrangentes para o ensino, e o processo de uma conscientização crítica se inicia a partir daí (7.PCRTCRA) (1.PSRA). Níveis familiares são extremamente importantes para a educação, crianças hoje, que possuem formação intelectual desde cedo, apresenta resultados positivos, e fica claro que quando a mídia integra seu cotidiano, éla (trecho ininteligível) de maneira eficaz e eficiente (5.PSLMSSRA) (1.PSRA).

Participante 02: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

As mídias na educação

José Manuel Moran

Os meios de comunicação desempenham um papel muito forte no cotidiano das pessoas. José Moran no seu artigo 'As mídias na educação' faz uma análise de como eles podem auxiliar os métodos de ensino a ter mais eficácia nos seus processos de educação (2.PCRA) (8.PCRTCRA). E ele também cita como as mídias podem auxiliar na educação em conjunto com os meios de comunicação, organizando este processo em níveis de fácil entendimento (2.PCRA) (8.PCRTCRA). No artigo é expresso de maneira direta de como os meios de comunicação atingem com facilidade jovens e crianças e como eles podem educá-los (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

O objetivo da escola é educar, ela segue um padrão rígido e muitas vezes conservador. Já a internet, a tv e outros meios de comunicar possuem uma maneira mais sedutora e envolvente, que consegue prender as pessoas, principalmente jovens e crianças (1.PSRA) (7.PCRTCRA). Moran fala que existem 3 níveis de relação escola, comunicação e meios de comunicação, que são os níveis organizacionais, de conteúdo e comunicacionais, estes demonstram de uma maneira simples de como a escola deve interagir com as mídias (8.PCRTCRA) (2.PCRA). Porém Moran expressa no artigo que está relação escola mídias

não é assim tão simples (2.PCRA) (8.PCRTCRA), isto fica claro quando ele cita no artigo que ‘A relação comunicação-escola, uma relação difícil e problemática, mais absolutamente necessária para o enriquecimento de ambas...’ (TCRA) As tecnologias de hoje, são ferramentas indispensáveis para os professores, porém é ressaltado por Moran que ainda assim o professor é fundamental para ensinar e também educar as mídias no ensino de seus alunos (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

A obra de Moran é bastante rica no aspecto de motivar os educadores de hoje a integrar as mídias nos processos de educação. Hoje as tecnologias são ferramentas para trazer e entreter os alunos, para fazer com que eles tenham vontade de aprender e buscar o conhecimento mais e mais. Quem deve fazer isto são as escolas junto com seus professores pois somente eles podem encurtar o caminho professor, escola, alunos e meios de comunicação.

O artigo é muito interessante, Moran conseguiu expressar e explicar de maneira direta de como as mídias auxiliam na educação. Ele é de suma importância para os educadores, pois já passou da hora, de haver uma reformulação do cenário educacional brasileiro.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX graduando do curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal XXXX (XXXX)

Participante 03 XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

As Mídias Educam

Hoje em dia depois que as escolas adotaram os computadores com internet, não nos interessamos mais pelos vídeos e documentários que a professora passava na televisão (5.PSLMSSRA) (1.PSRA).

As televisão, DVD, ou outros meios de comunicação audiovisuais, nos passam informações de maneira dinâmica, de uma maneira ou linguagem coloquial ou formal, assim aprendemos valores interpretados por outros (5.PSLMSSRA) (1.PSRA).

Pela televisão vemos o mundo, e as informações de diversos lugares, assim nos atualiza, e instiga nosso lado afetivo, ético, assim os adultos o levam para sala de aula, pois ela seduz o aluno, além do mais a televisão interpreta de uma maneira mais influente e crítica (5.PSLMSSRA) (1.PSRA).

A TV interpreta a vida de uma melhor e menos consativa com na sala de aula (3.PCSLSRA) (1.PSRA).

A televisão aborda o assunto com imagens que são mais fáceis de memorizar e associar e mexe com o imediato, já a escola exige o desenvolvimento da escrita e o raciocínio lógico, ela deveria abordar mais os termos que passam na TV, os aspectos positivos e negativos (5.PSLMSSRA) (1.PSRA).

Professor e alunos deveriam, trabalhar juntos desenvolvendo os assuntos cotidianos, que deixe o aluno se expressar mais, tentar solucionar os problemas sociais que afetam a todos, os professores devem associar informações da TV e incorporá-las as aulas (7.PCRTCRA) (1.PSRA).

Ensinar é muito simples, um CD pode conter várias informações, mas se precisa do professor de um professor para abordar o tema, contextualizar e mostrar as várias formas de interpretação (7.PCRTCRA) (1.PSRA).

O professor não mostra o mundo, diante de várias visões e interpretações, associando-se as nossas opiniões formam um contexto (7.PCRTCRA) (1.PSRA).

O conhecimento se dá por meio de opiniões críticas ou afavores, e é isso que a TV nos oferece, vários pontos de vista (7.PCRTCRA) (1.PSRA).

Os professores deveriam adotar novas linguagens isso aumentará a motivação dos alunos, propondo trabalhos onde eles possam usar os meios audiovisuais (7.PCRTXSRA) (1.PSRA). Ela faz as crianças aprenderem, a memorização pois quando chegam na escolinha, já sabem contar historinhas, telenovelas e isso é ignorado pelas escolas, que focam mais a escrita (7.PCRTXSRA) (1.PSRA).

Participante 03 XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

Tecnologia no processo de ensino aprendizagem

José Manuel Moran, especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância, autor do livro “Desafios na Comunicação Pessoal e a distância”, 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007 p. 162-166 de onde foi tirado o artigo ‘As mídias educam’, aborda o assunto de como as mídias educam e podem ser inseridas nas escolas no processo aprendizagem (2.PCRA)(8.PCRTCRA).

O artigo de Moran se divide em duas partes, na primeira fala de como as mídias estão presentes em nosso cotidiano e abordando assuntos de maneira mais atraente e sedutora do que na escola (2.PCRA)(8.PCRTCRA). Já na segunda parte fala de como professores deveriam associar as suas aulas e que professores deveriam valorizar conhecimentos e por uma educação adquirida pelas crianças através da mídia (2.PCRA)(8.PCRTCRA).

Moran aborda um tema bem discutido na atualidade e o faz de maneira clara com um vocabulário de fácil compreensão, apesar de um pouco repetitivo.

Recomendo que professores leiam este artigo e façam uso das mídias em suas aulas tornando-as mais prazerosas usando este recurso didático.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Participante 04: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

As mídias educam (José Manuel Moran)

Texto do livro Desafios na Comunicação Pessoal. 3ª Ed. São Paulo : Paulinas , 2007 p. 162 – 166.

A escola e os meios de comunicação.

O computador e a internet está cada vez mais comum na sociedade, porém esquecemos da televisão e do vídeo como se eles estivessem ultrapassados (5.PSLMSSRA) (1.PSRA).

A televisão, o cinema retrata o cotidiano das pessoas, nos ensinam as linguagens coloquiais e tem entreterimento (novelas, desenhos) (1.PSRA) (5.PSLMSSRA).

O que as crianças e jovens aprendem em sala de aula, em questão de minutos elas tem outra visão, se forem influenciadas pelas mídias. / Os meios de comunicação tem uma grande capacidade de influenciar os pensamentos das pessoas, principalmente os das crianças. Isso gera um conflito entre educadores e meios de comunicação (5.PSLMSSRA) (1.PSRA).

A escola tem que interagir com os meios de comunicação, mostrando para os alunos as diferenças entre o mundo real e o virtual (7.PCRTXSRA) (1.PSRA).

As tecnologias pode ajudar muito o professor a transmitir as informações desejadas, mas para interpretar e resolver as atividades a ajuda do professor é indispensável, O conjunto professor e meios de comunicação , possibilitam a melhor compreensão dos alunos (5.PSLMSSRA) (1.PSRA).

Primeiramente as crianças são educadas pelos familiares e pela mídia, principalmente pela televisão. Elas aprendem com a mídia uma forma de vida mais fácil, agradável e sem precisar

de fazer esforço, quando chegam na escola, começa a ver o mundo de outra forma, mais difícil e estressante (7.PCRTXSRA) (1.PSRA).

Enfim, para as crianças adaptarem ao novo mundo escolar, deve se valorizar o que elas sabem primeiramente e acrescentando aos poucos conhecimentos específicos, que irá sendo incorporados por elas (1.PSRA) (7.PCRTXSRA).

Participante 04: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

A educação e as tecnologias

O texto ‘As mídias na educação’, foi retirado do livro Desafios na Comunicação Pessoal. 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007, pág. 162-166 de José Manuel Moran.

O artigo ‘As mídias na educação’ começa com uma frase de Jesús Martín Barbero falando do desafio da inserção das mídias na educação convencional, e no decorrer do artigo Moran relata que a transmissão de informação é uma tarefa muito fácil quando conciliada com as tecnologias. O texto divide em duas partes: na primeira parte retrata a influência das mídias na educação da pessoas, e na segunda mostra as formas de conciliar as mídias com a educação (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

O especialista em educação presencial e a distância retrata que o conjunto de informações adquiridas no convívio social e o contato com as tecnologias são os aspectos fundamentais do conhecimento adquirido pelos educandos (2.PCRA) (8.PCRTCRA) . Diz ainda que a sedução pelas tecnologias se faz de forma espontânea, como se fosse um fato natural, inevitável, como crescer (8.PCRTCRA) (2.PCRA) .

Constata-se, que Moran conseguiu com repetidas idéias transmitir com clareza para os seus leitores, que as informações adquiridas é a soma da educação tecnológica mais a educação convencional, ou seja, é o poder e o saber da fala das mídias mais o saber da fala dos professores (2.PCRA) (8.PCRTCRA) .

O texto de Moran é muito importante e interessante, principalmente para membros de instituições de ensino, que devem absorver estes recursos apresentados por Moran e utilizá-los de forma que aumente os conhecimentos dos educandos.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX LET 100/XXXX

Participante 05: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

As mídias na educação

No artigo “As mídias na educação” de José Manuel Moran, ele fala sobre as mídias que educam, sobre a relação dos meios de comunicação com a escola e prós e contras dessa evolução que ‘invade’ a escola (8.PCRTCRA) (2.PCRA) .

Ao longo do texto o autor mostra três níveis de mídias, o Organizacional (que é a escola ser mais participativa), de Conteúdo (que é próxima dos jovens) e o Comunicacional (que é a valorização da linguagem) (6.PSLMSCRA) (2.PCRA) .

O autor também fala como a mídia eletrônica educa a criança antes mesmo que ela chegue a escola, e quando ela chega, já está tomada de valores impostos pela mídia (8.PCRTCRA) (2.PCRA) .

Quando ele cita que as crianças preferem aprender com as mídias e acham a escola chata, ele mostra a realidade, pois é mais interessante aprender se divertindo do que em uma sala de aula monótona (2.PCRA) (8.PCRTCRA) .

Embora muitos professores sejam a favor do ensino tradicional, o Moran fala do papel do professor em relação as tecnologias e como as mídias devem ser colocadas na escola, de maneira a fazer com que o aluno sinta vontade de aprender (8.PCRTCRA) (2.PCRA) .
Esse texto é interessante e mostra que adquirir conhecimento e habilidades com as mídias é importante , pois a educação é um processo de construção da consciência crítica”.

Participante 05: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

Texto resenhado: As Mídias na Educação
As mídias na Educação
(resenha)

A obra em questão é o artigo ‘As Mídias na Educação’ de José Manuel Moran. Referências bibliográficas usadas pelo autor do texto, Jesús MARTÍN BARBERO. Heredando el Futuro. Pensar la Educación desde la Comunicación, in Nómadas Bogotá, septiembre de 1996, n. 5, p. 10-22. Fonte: [HTTP://www.eca.usp.br/prof/moran/midias-educ.htm](http://www.eca.usp.br/prof/moran/midias-educ.htm).

O texto de Moran faz menção as novas tecnologias e como essas estão sendo inseridas na escola, ele fala também do papel da mídia na educação e como relacionar o ensino oriundo da mídia com o ensino dos professores (2.PCRA) (8.PCRTCRA) .

Embora a internet e o computador sejam os meios mais utilizados na educação, os meios de comunicação audiovisuais desempenham um importante papel na aprendizagem dentro da sala de aula. (2.PCRA) (8.PCRTCRA)

A fala da televisão é descontraída, atualizada e divertida, sendo assim, é ela que alimenta e atualiza o universo sensorial das pessoas no Brasil, e é através dela que os educandos criam valores e formam opiniões, transformando a tarefa dos educadores mais difícil, pois a fala da escola se torna mais cansativa. (7.PCRTCRA) (1.PSRA)

No texto o autor propõe criar uma ponte para ligar os professores e as novas tecnologias, assim mostrando que essas podem dar diversas contribuições aos professores, ocasionando um ensino melhor e mais atualizado; (2.PCRA) (8.PCRTCRA)

O artigo de Moran é plausível e interessante, fala sobre um assunto importante resalta um problema atual e dá soluções para esse problema, é um texto coeso e serve de referência

Essa obra é indicada a todos os professores e pessoas ligadas a educação, para que vejam as novas tecnologias como aliadas para educação e não como concorrentes.

José Manuel Moran nasceu, na Espanha, mas naturalizou-se brasileiro. É doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Atualmente é professor de Novas Tecnologias no Curso de Rádio e Televisão da Escola de Comunicação e Artes da USP e desenvolve pesquisas sobre como integrar a comunicação interpessoal e as novas tecnologias à educação.

Meu nome XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX e sou acadêmica do curso Cooperativismo da Universidade Federal XXXX.

Participante 06: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

O texto de José Manuel Moran , ‘As mídias na educação’, fala em seu primeiro momento da importância das mídias na formação educacional das pessoas e destaca a televisão assim como a internet, CD e DVD, mostrando como estes meios de comunicação tão importantes estão sendo cada vez mais, deixados de lado pelas escolas, mesmo tendo a capacidade de favorecer e muito o processo de ensino. (8.PCRTCRA) (2.PCRA) E este fato deve sim ser destacado pois mídias tão presentes em nosso dia a dia devem sim ser utilizadas nos processos de formação educacional nas escolas.

Moran, ressalta também a relação dos meios de comunicação e a escola, mostrando como as escolas muitas vezes desprezam estes meios de seus métodos de ensino (2.PCRA) (8.PCRTCRA) , algo que eu considero muito grave pelo fato de se perder e muito ótimas formas de aprimoramento e melhoramento dos meios de ensino. O autor ainda fala de três níveis de relação entre os meios de comunicação e a escola, o primeiro seria o organizacional que é aquele onde a escola é muito mais participativa, outro é o de conteúdo, ou seja aquela próxima dos jovens e tem ainda a comunicacional, que valoriza a linguagem (6.PSLMSCRA) (2.PCRA) . Estes níveis citados pelo autor realmente existem e são de extrema importância para que ocorra uma relação produtiva entre a escola e os meios de comunicação.

O autor ainda diz que as mídias devem ser integradas na escola, e que o professor deve participar deste processo de integração, utilizando as tecnologias das mídias como a internet, aproveitando-as da melhor maneira possível (2.PCRA) (8.PCRTCRA) . Fato que eu concordo plenamente pois a participação do professor em meu ponto de vista nesta integração é fundamental.

Participante 06: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

As mídias no processo de formação educacional Moran, José Manuel. Artigo, as mídias na educação retirado do livro desafios na comunicação pessoal. 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 162-166.

O artigo 'As mídias na educação', do especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância, José Manuel Moran é estruturado em duas partes que abordam a interação das mídias na educação (2.PCRA) (8.PCRTCRA). Abordagem esta que interessa e muito a educadores e estudantes.

No decorrer de seu artigo o autor fala da importância das mídias na educação e que os professores devem integrá-las ao processo de formação educacional (2.PCRA) (8.PCRTCRA). Esta integração, segundo Moran, ocorreria em três níveis: o organizacional, no qual a escola é mais participativa, o de conteúdo, que se aproxima mais dos jovens e o comunicacional, com a valorização da linguagem (8.PCRTCRA) (2.PCRA) . O autor aborda a participação do professor relacionada ao uso das tantas tecnologias, além de escrever que a educação é um processo de construção de consciência crítica, e que a interação entre mídias e educação deve ocorrer o mais cedo possível (2.PCRA) (8.PCRTCRA) .

Encontra-se no artigo do Moran uma clareza na transmissão de suas idéias, porém acaba por ressaltá-las diversas vezes, tornando a leitura um tanto repetitiva. Mas este fato não desmerece em nada uma obra de tão boa qualidade.

Os escritos contidos neste artigo devem de fato servir como reflexão para a sociedade, pois trata-se de um assunto extremamente atual, e que é abordado de maneira muito precisa por um especialista no assunto.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX, aluno do curso de Cooperativismo da Universidade Federal
XXXX

01/06/11

Participante 07: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

Resenha: 'As mídias educam' José Manuel Moran

Fascinados com as tecnologias que nos rodeiam começamos a deixar de lado coisas que agora achamos inúteis ou ultrapassadas (1.PSRA) (3.PCSLSRA), mas que antes tinham valor considerável a nós .

Os meios de comunicação audiovisual estabelecem maneiras de educar relevantes, nos mostrando e nos convencendo, na maioria das vezes, dos conceitos abordados por eles. A televisão tem um papel fundamental e muito importante em nossas vidas, fazendo com que nós nos tornemos praticamente escravos da própria, pois ela estabelece uma comunicação direta muito sedutora nos proporcionando uma certa confiabilidade que dificilmente será contraposta **(1.PSRA) (7.PCRTXSRA)**.

A Tv assim como outros meios de comunicação nos impacta de uma maneira muito contraditória a escola, nos proporcionando uma atenção digamos maior com assuntos e perspectivas que nos revelam um interesse e um entendimento muito grande, ao contrário da escola que é sempre monótona e extremamente cansativa pelo fato em que a velocidade e intensidade dos fatos é revelada. Os meios de comunicação desenvolveram maneiras mais aperfeiçoadas mecendo intensamente com o leitor. **(7.PCRTXSRA) (1.PSRA)**

As mídias nos revelam uma idéia de imagem impressionante, que nós a utilizamos no dia-a-dia de maneira bastante intensificada, ao contrário da escola que é muito distante e abstrata desvalorizando a imagem. **(1.PSRA) (7.PCRTXSRA)**

A escola precisa interagir de maneira mais aproximada aos meios de comunicação enriquecendo ainda mais o processo de aprendizagem. É um fato a ser trabalhado já que a mídia tenta se intrometer totalmente nas maneiras de educar. **(7.PCRTXSRA) (1.PSRA)**

Portanto, a escola e as mídias têm de trabalhar de maneira conjunta, não propiciando e nem desmerecendo técnicas educativas que proporcione uma maior compreensão e desenvolvimento educacional para o individuo, mas se contrapondo a uma alucinação deixando que o tal desenvolva seus próprios conceitos e maneiras de ver, seguir e a se praticar perante a sociedade. **(1.PSRA) (7.PCRTXSRA)**

Participante 07: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

Moran, José Manuel. *Desafios na comunicação pessoal*. 3ª Ed. São Paulo, 2007, p. 162-166.

Em seu artigo As mídias educam, Moran, especialista em projetos inovadores na educação presencial e à distância, retrata o fato de que com as novas tecnologias estamos deixando de lado meios comunicativos como a TV e o vídeo, como se não fossem mais de grande uso e que não seriam mais tão utilizados nas formas de educar. **(8.PCRTXCRA) (2.PCRA)**

O autor nos mostra em duas partes a importância desses meios comunicativos e sua relação na família e na maneira de educar. Com isso a TV, que é um dos meios comunicacionais mais relevantes, temos como exemplo pois a maneira como repassa as informações é muito envolvente relacionando ao individuo uma interação íntima, diferente da escola onde a forma de procedimento comunicativo é desgastante. **(2.PCRA) (8.PCRTXCRA)** Devido a esses fatores de entretenimento as mídias tem seu publico alvo baseado, em sua maioria, em crianças e jovens que na imagem e no movimento tem uma relação aproximadora e enriquecedora. **(7.PCRTXSRA) (1.PSRA)**

Essa interação das mídias com a educação e o cotidiano é muito interessante pois proporciona uma maior amplitude comunicacional levando o ser a pensar, agir, refletir e interagir mais com a realidade, facilitando também a escola em sua maneira de educar, tornando-se uma educação mais abrangente e ampla. **(1.PSRA) (7.PCRTXSRA)**

Com isso é recomendável a educadores esse artigo para haja uma reflexão e motivação em integrar esses meios comunicativos na escola, tornando um ensino mais plurificado e formando profissionais capazes e mais completos para o futuro.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX
GEO/XXXX

Participante 08: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

As mídias na educação

No texto, Moran fala da importância das mídias no processo de alfabetização, mostrando que os meios de comunicação e a escola deveriam andar juntas, já que um completa o outro. **(8.PCRTCRA) (2.PCRA)**

A mídia educa de forma agradável, aconchegante, de maneira que a compreensão seja fácil, e a escola põe em prática, incorpora essa aprendizagem ao mundo. **(1.PSRA) (7.PCRTCRA)**
Quando se diz mídia inclui-se todas mídias, e não apenas a internet, o cinema, os vídeos, o rádio, a TV, são também ótimas fontes de conhecimento. E esses meios junto com o educador poderia levar a educação mais eficiente e agradável para a criança **(7.PCRTCRA) (1.PSRA)**.

Incluir a mídia na escola de qualquer forma, só pra dizer que ela está sendo utilizada, sem capacitar os professores para que eles passem de maneira correta o ensino, incluindo no contexto educacional as várias formas de mídias **(1.PSRA) (7.PCRTCRA)**.

Participante 08: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

Educação inovadora

No artigo ‘as mídias na educação’, José Moran nos passa que seria de importante relevância inserir, no processo de alfabetização e também nas outras fases da educação, as mídias **(8.PCRTCRA) (2.PCRA)**, já que como afirma o autor, a educação feita aliada com as tecnologias é mais eficiente, pois chama mais a atenção dos alunos fazendo com que eles se interessem mais pelo assunto **(8.PCRTCRA) (2.PCRA)**.

O artigo é de interessante leitura para educadores, alunos e pessoas interessadas nessa forma de educação, pois o autor aponta as melhores maneiras de se utilizar desse formato de educação para que se alcance resultados. **(2.PCRA) (8.PCRTCRA)**

José Manuel Moran é especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância. Explicando assim a amplitude do conhecimento do assunto demonstrado no texto por ele.

O artigo é dividido em duas partes. Na primeira o autor nos fala que mesmo indiretamente, as mídias nos passam uma forma de educação, pois somos levados a pensar da maneira que a mídia nos passa. Na segunda parte Moran cita a importância da inclusão das mídias no meio escolar. **(8.PCRTCRA) (2.PCRA)**

O especialista em educação, aponta também uma relação entre a comunicação e a escola, que levará essa inclusão ser eficiente quanto ao seu objetivo. Essa relação se dá em três níveis, organizacional, em que a escola passa a ser mais participativa e menos centralizadora; de conteúdo, que a escola busca poder falar dos problemas que afligem os jovens, e comunicacional, cujo a escola procura falar uma linguagem mais cotidiana. **(2.PCRA) (8.PCRTCRA)**

Pode-se afirmar que incluir as mídias na escola de qualquer maneira só para dizer que ela está presente não é o suficiente. É preciso capacitar os professores, apropriar o ambiente, para que esse ensino seja por inteiro eficaz **(7.PCRTCRA) (1.PSRA)**. Além disso ‘a aplicabilidade das tecnologias de informação e comunicação favorecerá... a interação entre os alunos e professores na operacionalização de uma aula dinâmica e participativa’(Transcrição), como

afirma Edivânia Correia. Apesar de algumas repetições de idéias, feita para dar ênfase, o artigo é uma grande fonte de informações sobre esse processo de inclusão das mídias.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX – aluna de graduação na XXXX

Participante 09: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

Resenha.

O texto baseado nas tecnologias da educação de José Manuel Moram, aponta diversidades e novidades do mundo globalizado ‘As mídias na educação’ é um trecho da vida real, onde a TV toma mais espaço do que os pais (8.PCRTXCRA) (2.PCRA) . A educação está se inovando, tanto pela TV, ou mídias eletrônicas, quanto por aulas que já são desenvolvidas on-line, este sistema de educar se torna influente, quebrando barreiras sociais e econômicas e deixando de lado muitas questões familiares (1.PSRA) (7.PCRTXSRA). Para melhor compor o quadro educativo brasileiro, necessita de incentivos governamentais, o país está em um crescimento acelerado, mas a educação ou o aprendizado, totalmente atrasado (1.PSRA) (7.PCRTXSRA).

Participante 09: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

Resenha Let 100
A educação @.TV

José Manuel Moran, em seu texto as mídias da educação, aborda as questões das tecnologias não empregadas nas redes educativas, penetrando em fatores particulares brasileiros, relacionando educadores que não usam dos meios de comunicação digital para aperfeiçoar a aulas e fazem das escolas um lugar sombrio e monótono aos alunos (8.PCRTXCRA) (2.PCRA).

Ao autor as mídias são as principais educadoras antes da escola, tendo conteúdo e prosperidade intelectual futura (2.PCRA) (8.PCRTXCRA). Cabe ao educador aproveitar deste material, criar junto ao educando visões críticas e analíticas do mundo, orientando aos alunos formas diferentes de absorver a informação, fazendo gerar debates e estímulos, sendo possível a compreensão e falhas globais (1.PSRA) (7.PCRTXSRA).

A dificuldade do texto, está relacionado a um conteúdo enorme, sem objetividade e mais importante, ele não é direto ao assunto tratado, tem dificuldade em expor suas ideias, cria várias repetições, indo e voltando no mesmo conteúdo, entretanto é um artigo informativo, que deixa claro a situação e agravamento da educação com os educadores.

O artigo, as mídias da educação é um ótimo texto jornalístico, interessante para educadores de todas as modalidades, apesar de não ter argumentos diretos, ocorre diversos erros gramaticais que deveria ser corrigidos. Para melhor entender o autor e suas ideias, ler o último parágrafo já seria essencial.

Nome: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

MAT: XXXX José Manuel Moran

Curso: Cooperativismo

Dic. Let 100

Participante 10: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

OBS.: A aluna não escreveu a primeira versão da resenha.

Participante 10: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

Nos dias atuais vivemos sobre influência das mídias, que são as grandes formadoras de opinião, passam inúmeras informações de uma forma dinâmica e de fácil compreensão. esse meio oferece muitos recursos para serem explorados e integrados a educação moderna (7.PCRTXSRA) (1.PSRA). moram em seu artigo ‘A mídia educam’ aborda o fato de que estamos nos esquecendo desse rico recurso audiovisual e que as escolas devem aderir a esses métodos que já estão presentes em nossas vidas desde pequenos e são muito mais atraentes e podem ser uma ferramenta de auxílio para professores na difícil tarefa da construção de conhecimento de crianças e jovens e também grande parte dos adultos (8.PCRTCRA) (2.PCRA). De forma explicativa e detalhada fica claro que é necessário que a escola passe por mudanças em vários níveis quanto organizacional, conteúdo e comunicacional (7.PCRTXSRA) (1.PSRA).

Participante 11: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

As mídias na educação (José Manuel Moran)

Segundo o texto de Moran a interação de novas tecnologias nas escolas pode trazer um problema muito grande para a educação, que é uma certa camuflagem no aprendizado, ou seja, através dessas novas tecnologias o indivíduo não segue o modelo tradicional que é aprender, e tirar as dúvidas na sala de aula (8.PCRTCRA) (2.PCRA). Entretanto, estão procurando agregar essas tecnologias no processo de aprendizagem, para que obtenham um melhor sucesso (7.PCRTXSRA) (1.PSRA).

As mídias educam (Jésus Martin Barbero)

O texto As mídias educam, aborda um fato muito interessante que é a forma em que a mídia influência na educação, com seus pontos positivos e negativos (8.PCRTCRA) (2.PCRA). Esses contrastes aumenta ainda mais a dúvida gerada na maioria das pessoas, mídia está atrapalhando o processo de aprendizagem? Bem, depende do ponto de vista de quem analisa e daqueles que usam essa tecnologia no processo de educação (7.PCRTXSRA) (1.PSRA).

Podemos destacar um ponto negativo do papel da mídia que seria usá-la mais que o próprio professor em sala de aula, substituindo assim o modo mais eficaz de educar, de ensinar e aprender. (1.PSRA) (7.PCRTXSRA) Porém podemos destacar também um fator muito importante da mídia, que seria um modo de aumentar o fluxo de conhecimento sobre algo, fazer com que esse novo meio de ensinar tenha como objetivo, o mesmo que um professor teria sem sala de aula, abrangir os conhecimentos na educação (7.PCRTXSRA) (1.PSRA), isso é mostrado claramente quando o autor [Martin Barbero destaca que ‘a criança também é educada pela mídia, principalmente pela televisão’](#) (Transcrição).

Portanto, dizer que a mídia é bom ou não para a educação, depende muito de quem a analisa e como analisa, independentemente da conclusão, a mídia vem crescendo a cada dia no cotidiano das pessoas, e que esse conhecimento venha ser positivo (7.PCRTXSRA) (1.PSRA).

Participante 11: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

Educação e Tecnologia

José Manuel Moran especialista em projetos inovadores na educação presencial a distância, publicou um artigo na qual aborda o tema as mídias na educação (8.PCRTCRA) (2.PCRA). A princípio, dar como a entender que ele pretende falar somente do vídeo e da

televisão, porém no decorrer da descrição, percebe-se que seu objetivo é falar das mídias em geral, principalmente do computador (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

Moran comenta em seu artigo da dificuldade em que a escola encontra em mesclar as novas tecnologias com o método utilizado para a educação. (2.PCRA) (8.PCRTCRA) Para ele, é importante que se unem esses dois meios, pois, além de incentivar o interesse do aluno nos estudos, facilita o trabalho do professor, beneficiando ambos os lados (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

Em decorrer desses objetivos, Moran torna seu texto um pouco repetitivo, centralizado nas mesmas idéias, com exceção do início, onde ele começa falando da substituição do vídeo e da TV, e logo em seguida foge dessa questão, passando a abordar a mídia como um todo.

Por fim, Moran teve um ótimo gosto quando escreveu sobre esse tema, levando em consideração o sistema educacional das novas gerações, procurando melhorar a educação e a visão de mundo tanto de quem educa, quanto de quem está sendo educado, ou seja, um texto que interessa aos pais, professores e principalmente aos alunos.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX, estudante de cooperativismo da Universidade Federal XXXX-MG.

Participante 12: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

As Mídias Educam

O autor, ao falar das mídias, tenta nos passar que elas tem um papel indireto em nossa educação, as mídias nos educam de forma menos cansativa que escola, pois as mídias fazem com que nos aprendemos de forma menos cansativa do que nas escolas, pois, nas escolas, as coisas são sempre iguais, onde professor passa no quadro e aluno copia (8.PCRTCRA) (2.PCRA). As mídias ajudam a começar educar as crianças de forma mais facil, pois as imagens que passam na tela chamam a atenção das crianças (7.PCRTCRA) (1.PCRA)

Segundo o autor, as mídias educam do mesmo jeito, so que de forma mais diferentes, onde a gente tem varios modos de aprender (6.PSLMSCRA) (2.PCRA). Segundo o texto as crianças já chegam na escola, com algum conhecimento, isso se da devido as mídias; As crianças aprendem coisas nas mídias, atraves de desenhos o outras coisas (8.PCRTCRA) (2.PCRA). Segundo o autor alfabetizar não é so lêr e escrever, mas cim educar as pessoas para todas linguagens do homem (6.PSLMSCRA) (2.PCRA). O autor dis que na escola, que nas escolas, devemos valorizar o que as crianças gostam, pois se um professor da alguma coisa que as crianças gostam, a aula ira ficar melhor e mais lucrativa, ambos os lados (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

Participante 12: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

Moran, José Manuel

Especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância.

Texto do meu livro Desafios na Comunicação Pessoal. 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 162-166.

Mídias como forma de Educar

O texto de Moran, fala de assunto que é muito discutido em nosso dia-a-dia, as mídias, que segundo ele é super importante para o ensino de crianças, jovens e adultos (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

O texto é dividido em duas partes. Na primeira, ele fala que parte da educação o desenvolvimento dos alunos da-se através da televisão, devido a atração que ela exerce sobre as pessoas (8.PCRTCRA) (2.PCRA). A segunda parte, o autor fala sobre a integração das mídias nas escolas, para que a educação torne-se um processo rico e estimulante para os alunos (2.PCRA) (8.PCRTCRA). Segundo Moran, ao integrar as mídias nas escolas, não será a solução para os problemas, mas ajudará bastante no avanço do do ensino no país (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

Na minha opinião, as escolas deveriam pesquisar os conteúdos das televisões em que cada idade se interessa mais, para conseguir a atenção dos alunos. Eu concordo com Moran, quando ele fala sobre a introdução das mídias nas escolas, pois, tornara as aulas mais atrativas e produtivas para os alunos.

O texto, é de grande importância para alunos e professores, pois o assunto discutido, é de grande importância para o avanço da educação no país.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX.

Participante 13: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

As mídias e a educação

José Manuel Moran fala em seu texto da importância da TV na vida das pessoas. Ela as ajudam a se informar e a escola é considerada pelos alunos mais consativa (6.PSLMSCRA) (2.PCRA). Faz uma crítica à escola dizendo que ela preza apenas a escrita e o raciocínio lógico (2.PCRA) (6.PSLMSCRA).

Moran diz que a relação comunicação e escola tem três níveis. O primeiro é o organizacional, onde o escola é mais participativa e adaptada a cada pessoa. O segundo é o de conteúdo, onde há mais aproximação com os jovens. Os meios de comunicação são usados para passar o conteúdo das aulas para os alunos. O terceiro e o comunicacional, onde a linguagem é valorizada (6.PSLMSCRA) (2.PCRA). Para o autor é preciso incentivar os alunos a usarem as mídias para a realização de trabalhos escolares (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

De acordo com Moran as crianças também são educadas pela TV. Através dela, aprendem a fantasiar, a conhecer o mundo, pois ela fala do cotidiano. As escola precisa utilizar as mídias e mostrar aos alunos como devem ser usada (6.PSLMSCRA) (2.PCRA). Segundo o autor a instituição de ensino é vista como desmancha prazeres e é necessário tornar o aprendizado mais agradável e os professores devem ter habilidade para usar os meios de comunicação (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

Participante 13: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

As mídias e a educação

MORAN, José Manuel. *As mídias na educação*. São Paulo, 2007.

No artigo ‘As mídias na educação’ José Manuel Moran escreve sobre o papel que as mídias desempenham em relação a educação (8.PCRTCRA) (2.PCRA). Trata-se de um texto destinado à alunos, professores, pais e pessoas que se interessem pelo assunto.

O texto é dividido em duas partes. Na primeira ‘As mídias educam’ o autor ressalta a importância das mídias na vida das pessoas e que as escolas devem utilizar as mesmas no processo de aprendizagem dos alunos (8.PCRTCRA) (2.PCRA). Ele divide a relação comunicação e escola em três níveis. O primeiro é o organizacional, no qual a escola é mais

participativa e adaptada a cada indivíduo. O segundo é o de conteúdo, no qual a escola se aproxima mais dos jovens. E o terceiro é o comunicacional que visa o conhecimento e incorporação das linguagens e técnicas utilizadas pelo homem (6.PSLMSCRA) (2.PCRA). Na segunda parte ‘Integrar as mídias na escola’ o autor afirma que as mídias devem ser integradas nas escolas e que isso deve ser feito de forma que os alunos se sintam motivados a usá-las. Elas devem ser valorizadas pela entidade (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

Moran aborda os assuntos do texto de forma clara. As pessoas que o lerem, não terão dificuldade para interpretá-lo. Apesar de algumas informações se repetirem ao longo do artigo, o autor consegue alcançar o objetivo de mostrar que as mídias devem ser integradas na escola.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Participante 14: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

As novas tecnologias vêm como um advento na educação com a sua estética chamativa, porém as tecnologias não vão suprir a falta de infra estrutura nesse caso estas estariam apenas maquiando a realidade (7.PCRTCRA) (1.PSRA).

O modo tradicional de ensino não pode ser negligenciado, as aulas presenciais faz parte da construção do indivíduo com o seu desenvolvimento crítico além de sua socialização; A tendência da sociedade é que de acordo com o surgimento de novas tecnologias é de substituir os antigos, a televisão já esta sendo trocada pela internet (7.PCRTCRA) (1.PSRA).

A mídia é educadora abordando o cotidiano prezando o entretenimento, quando a criança chega na pré-escola já tem habilidade complexas para mudar a educação precisa de planejamento para um balanceamento entre a tecnologia e a forma tradicional de ensino sendo que ambos precisam de estrutura educada (5.PSLMSSRA) (1.PSRA).

Participante 14: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

Modernização do ensino
(José Manuel Moran)

José Manuel Moran professor da USP especialista em educação presencial e a distância, relata em seu artigo ‘As mídias na educação’ a influência das novas tecnologias no ensino, seu texto é voltado para educadores e interessados nos ramos educacionais.

Moran na primeira parte do texto compara as novas tecnologias ao ensino tradicional, mostrando a estética sedutora das mídias relatando a desvantagem que a escola tem nesse quesito e de forma retrograda a importância do ensino escolar na formação do senso crítico do aluno (2.PCRA) (8.PCRTCRA). Em seguida o autor defende uma integração das mídias na educação que dá em três níveis, organizacional um escola mais integrada e preparada para os alunos, comunicacional ensino com maior nível técnico e atualizado, de conteúdo ambiente escolar que participe da vida social dos alunos (6.PSLMSCRA) (2.PCRA).

O autor apresenta em seu texto uma escrita repetitiva que para determinado público seria cansativa, porém interessante e bem argumentado.

Os problemas na educação definidos por Moran são relevantes e devem ser abordados nas mídias e por educadores e interessados no ensino.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX estudante de graduação da universidade federal XXXX, primeiro período do curso de cooperativismo.

Participante 15: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

As mídias educam

José Manuel Moran

O autor ao redigir o texto quis nos passar a informação de que se incluirmos os mais novos meios tecnológicos em nosso cotidiano, internet, televisão poderemos ampliar nosso conhecimento, pois esses recursos chamam muito mais atenção das crianças abordam vários temas, assuntos que queremos ver, temos interesse em assistir se tornando prazeroso, relevante, divertido (8.PCRTCRA) (2.PCRA). Assim a escola fica desvalorizada, pois é vista, como, cansativa, exaustiva, chata, tornando para criança aos olhos dela não um dever de educar, mas sim uma obrigação para ela algo que ela não quer fazer e é obrigada, pois a mídia mostra uma coisa das escolas e a realidade é outra bem mais cansativa (7.PCRTCRA) (1.PSRA). A escola acha desnecessário a utilização de certos meios tecnológicos e enfatizam o desenvolvimento do raciocínio, a melhora da escrita, a desenvolver a própria inteligência (1.PSRA) (7.PCRTCRA).

A internet é o meio mais fácil dos professores, passarem o conteúdo para o aluno, pode ver tudo lá, o aluno se não quiser não precisa nem ir a aula, mas mesmo facilitando ainda esse meio é pouco usado (7.PCRTCRA) (1.PSRA).

O autor diz que se as escolas introduzissem meios como, trabalhos de dramatização, trabalhos a rádio, vídeos, assim o interesse dos alunos aumentam visivelmente, e sem fugir do foco que á aprender (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

O texto nos prova que a criança mesmo antes de ir para a escola, ele já tem um conhecimento de mundo, aprende o que gosta, o que não gosta, a se acalmar vendo as coisas na TV. A mídia passa um 'ar' muito mais agradável que a escola (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

Manuel Moran explica que tem que se montar uma adaptação entre a tecnologia e a escola, assim a criança podia se adaptar melhor a sua rotina, incorporando aos pouco o agradável ao necessário (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

Participante 15: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

Será que assim é mais fácil educar?

Moran escreve um texto em que o assunto que se repete várias vezes em seu decorrer, trata-se como as novas tecnologias podem mudar o modo de aprendizado no mundo, melhorando a comunicação social (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

Tentando nos convencer disto, ele nos mostra três sugestões do modo de educar, sempre enfatizando como seria mais fácil educar se esses meios fossem adotados pelas escolas, saindo da mesmisse cansativa de sempre (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

Descreve ao longo de seu texto que sair um pouco do abstrato e do raciocínio, e deixando o computador e a TV ter maior participação, poderiam os professores prender mais a atenção das crianças, já que esses meios tecnológicos influenciam é fazem parte desde muito cedo em suas vidas, nelas (8.PCRTCRA) (2.PCRA). O autor afirma que esse meio pode ajudar aqueles que querem adquirir conhecimento e não dispõem de tempo para se dedicar, com a educação a distância isso se torna possível, pois como ele trata pode ser aplicado quando possível, pelo aluno (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

José Moran está apostando, nesse modo de aprendizado, confiante que realmente ira acontecer, mas ele está muito seguro, deste modo de vida, será tão adaptável assim?

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Participante 16: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

As mídias na Educação

(José Manuel Moran)

De acordo com o texto de José Manuel Moran os meios de informações e tecnologias enganam os problemas nas escolas, a modernização impede os meios culturais e de comunicação e além de mudar o modelo educacional **(8.PCRTCRA) (2.PCRA)**.

As novas Tecnologias computador, Internet, e aprendizagem de indivíduo com esses meios de comunicação pode ser encontrado conteúdos apropriados para auxiliar na aprendizagem do indivíduos como programas culturais e programas educativos **(7.PCRTCRA) (1.PSRA)**.

Os meios de comunicação e a escola: Os novos meios de comunicação e a escola devem trabalhar em conjunto sem deixar o espaço da escola como lugar de aprendizagem e cultura **(1.PSRA) (7.PCRTCRA)**.

Participação da escola

A escola mais participativa para auxiliar o indivíduo com os novos meios de comunicação que abrem as portas de conhecimento para o mundo. O conteúdo oferecido nas redes de ensino devem aproximar os jovens, a comunicação tem que ser valorizada para que a linguagem também seja valorizada **(7.PCRTCRA) (1.PSRA)**

As Tecnologias devem ser inseridas como processo de construção no aprendizagem, e compreender o uso nas mídias na escola **(5.PSLMSSRA) (1.PSRA)**

Participante 16: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

As Mídias Educam

O artigo de José Manuel Moran, especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância revelou que a utilização dos TICs (Tecnologias de informação e comunicação, na escola apresentando a professores e alunos as novas formas de tecnologias que estão sendo inseridas dentro da escola **(8.PCRTCRA) (2.PCRA)**.

Em síntese Moran resalta a importância do educador que deve estar preparado para troca de informações como principal mediador dentro da escola garantindo a utilização de mídias para que os alunos venham a se integrar ao ambiente escolar **(8.PCRTCRA) (2.PCRA)**. Para Moran a escola deve ser pensada em três níveis 'organizacional, de conteúdo e comunicacional' segundo esse modelo a escola deve ser mais participativa e menos centralizadora que almeje problemas do cotidiano e que possa oferecer recursos que valorizem a linguagem audiovisual ou convencional. com a aplicação das novas tecnologias no ambiente escolar o professor tem que trabalhar essa informação para facilitar seu trabalho e perceber até que ponto a tecnologia pode contribuir para ajudá-lo estabelecendo a ponte de informação entre a sala de aula e o aluno **(2.PCRA) (8.PCRTCRA)**. A escola deve exercitar novos meios que motivem os alunos na articulação de vários espaços educativos tanto no meio familiar quanto na própria escola **(1.PSRA) (7.PCRTCRA)**. No texto As mídias no contexto escolar de Edvânia Santos Correa Professora graduada em ciências biológicas /UFAL, ressalta de modo geral que as escolas estão buscando preparação para utilização das mídias na educação, investindo em formação contínua de professores através de cursos presenciais e a distância, transformando as salas de aula em ambientes virtuais **(8.PCRTCRA) (2.PCRA)**.

As mídias contribuem para a preparação de professores e na aplicação de recursos dentro da escola, investir em sala de multimídia, biblioteca, sala de aula, permitirá a utilização desse conhecimento em favor da escola (7.PCRTXSRA) (1.PSRA).

O acesso a informação no contexto escolar surge como desejo para educação e ao mesmo tempo é uma maneira de articular alunos e professores (1.PSRA) (7.PCRTXSRA).

Para aqueles que se dispõem a lidar com a educação esse é um bom artigo para professores, alunos interessados no meio educacional e pessoas da área.

Participante 17: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

As mídias da Educação

As mídias Educam

Com a modernização do mundo, a educação vem evoluindo junto, deixando de lado a televisão e o vídeo como se não fosse mais importante (5.PSLMSSRA) (1.PSRA).

Os meios de comunicação audiovisuais como a televisão ainda desempenham importante papel no aprendizado da escrita e da leitura (5.PSLMSSRA) (1.PSRA).

A televisão ainda é um meio muito eficaz de aprender, de descobrir, ela prende a criança enquanto que a escola é um meio monótono e chato (5.PSLMSSRA) (1.PSRA).

A procura pela audiência faz com que as emissoras desenvolvam métodos que prendam a atenção do telespectador, principalmente as crianças; com isso os educadores não podem dar as costas a este meio tão eficiente (5.PSLMSSRA) (1.PSRA).

Os jovens se acostumaram a se espelhar na televisão para se expressar. A escola se desvaloriza a imagem e essas linguagens como erradas no aprendizado (5.PSLMSSRA) (1.PSRA).

A escola deve ser organizacional, menos centralizadora, menos autoritária, mais adaptada a cada indivíduo; deve ter conteúdo, uma escola que fala mais da vida, dos problemas que afligem os jovens, e deve ter nível comunicacional, incorporar todas as formas e técnicas da linguagem do Homem contemporâneo, valorizando a linguagem audiovisual (5.PSLMSSRA) (1.PSRA).

A tecnologia é um ótimo meio de se aprender mais nos não podemos nos esquecer dos métodos convencionais, com o quadro negro e o giz, se conseguimos juntar o antigo e o moderno teremos uma educação de qualidade para todos os níveis da sociedade atual” (7.PCRTXSRA) (1.PSRA).

Participante 17: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

Modernização e Tradição

‘As mídias na educação’, texto do livro Desafios na Comunicação Pessoal de José Manuel Moran especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância, o autor vai tratar de duas partes neste texto, a primeira ele vai argumentar sobre o processo de que as mídias educam; já na segunda parte, sobre o processo de utilização destas mídias no processo de ajuda na formação educacional (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

Moran relata que o processo de modernização foi tão rápido que a tecnologia passou a fazer parte da nossa rotina, com isso os meios audiovisuais estão sendo deixados de lado, a televisão e o vídeo por exemplo (8.PCRTCRA) (2.PCRA). Estes importantes meios de comunicação no Brasil ainda desempenham importante papel no processo de opiniões e críticas no subconsciente das pessoas, a escola diferente destes meios, tenta educar de forma

que o educando possa aprender a expressar suas próprias opiniões (7.PCRTXSRA) (1.PSRA). José Moran ainda afirma em seu texto que para haver esta união de mídia e escola deve se levar em conta três níveis, o primeiro organizacional onde a escola seria mais participativa e menos autoritária, o próximo seria de conteúdo, escola que fala mais da vida e dos problemas que afligem os jovens é por último o terceiro, o comunicacional onde se utilizaria as técnicas tradicionais com as audiovisuais (8.PCRTXCRA) (2.PCRA).

Este texto é um excelente assunto a se tratar no processo de educação nos tempos atuais; já que o processo de modernização é inevitável, devemos encontrar uma maneira de conciliar esta tecnologia com os meios audiovisuais para um melhor aproveitamento 'da construção da consciência crítica' (José Moran) (Transcrição), recomendar este texto para Paes, professores, alunos e educadores que queiram integrar esta união, é o mais correto a se fazer já que este processo de educação é longo.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX, graduando em cooperativismo 2011, aluno da disciplina LET100 (2011).

Participante 18: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

OBS.: O aluno não escreveu a primeira versão da resenha.

Participante 18: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

O texto as mídias educam de José Manoel Moran para os leitores uma realidade que não é vista na sociedade. Hoje com o avanço das tecnologias, o DVD, videocassete, cd e cinema estão perdendo suas utilidades (2.PCRA) (6.PSLMSCRA).

A televisão está presente no cotidiano dos jovens, como isso ela joga muitas informações que podem ser utilizadas para a educação dos mesmos. A TV é um meio menos cansativo, em relação à escola, e também muito mais sedutora (7.PCRTXSRA) (1.PSRA).

Com a inclusão de tecnologia na escola, pode propiciar mais momentos agradáveis para o aluno, quebrando um mito que professor sabe tudo e aluno não sabe nada, e isso se torna um ponto positivo para melhorar a educação (7.PCRTXSRA) (1.PSRA). Mas com essa inclusão os professores têm que ser mais bem preparados para não deixar a escrita e a leitura ficarem em segundo plano. Se houver o equilíbrio entre educadores e meios de comunicação a certeza melhorará a educação do país (7.PCRTXSRA) (1.PSRA).

Participante 19: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

Resenha

Texto: As mídias educam

O texto, As mídias educam, questiona a inserção da mídia no processo de educação, defendendo que essa é a melhor forma de desenvolver um processo de aprendizagem nas escolas (8.PCRTXCRA) (2.PCRA).

É importante a contribuição dada pelos meios de comunicação audiovisuais, e não podemos ignorar esses conhecimentos acumulados durante toda a vida do indivíduo (5.PSLMSSRA) (1.PSRA). No entanto é necessário a presença efetiva de um professor, para discutir com os alunos, e assim formar uma opinião crítica de algo (1.PSRA) (5.PSLMSSRA).

Portanto, é essencial a união da mídia, que educa transmitindo informações, com a escola, onde o professor discutirá essas informações, valorizando o conhecimento já adquirido e estimulando o aprendizado a partir desse (5.PSLMSSRA) (1.PSRA).

Participante 19: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

Novos rumos para a educação

MORAN, José Manuel. 'As mídias na educação', do livro Desafios na Comunicação Pessoal. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 162-166.

O artigo de José Manuel Moran, 'As mídias na educação' aborda a importância da inserção das mídias no ensino escolar (8.PCRTCRA) (2.PCRA). Sendo ele, especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância, busca desenvolver o tema de forma objetiva e clara. Tornando-se assim um referencial para nós alunos da disciplina LET 100, uma vez que estamos em processo de aprendizagem da escrita.

O texto é dividido em duas partes. Na primeira o autor mostra como as tecnologias, principalmente os meios de comunicação audiovisuais, estão sendo abandonadas pela escola (2.PCRA) (8.PCRTCRA). Defende ainda que essa relação possa ser pensada em três níveis: o organizacional, no qual a escola deverá ser mais participativa; o de conteúdo, o qual deverá tratar dos problemas a serem enfrentados na juventude; e o comunicacional, voltado para a valorização das linguagens audiovisuais, sem abandonar o método antigo de ensino (8.PCRTCRA) (2.PCRA). Já na segunda parte, moran deixa claro a necessidade da junção entre as tecnologias e os meios convencionais da educação (2.PCRA) (8.PCRTCRA).

Podemos observar, com pesar, em alguns trechos, a tentativa do escritor em estabelecer uma comunicação com o leitor. No entanto, isso não fica claro, uma vez que, ocorre uma quebra repentina no discurso. Por outro lado, moran é bem sucedido em seu objetivo final, pois apesar de algumas falhas estruturais e repetições de idéias no decorrer do texto, o mesmo é feito de forma simples e direta, o que facilita o entendimento do leitor.

O artigo é, portanto, um referencial. Sendo de leitura obrigatória para todos os interessados no avanço educacional, como professores, alunos, educadores, ou até mesmo governantes.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Estudante de graduação,
Cooperativismo, XXXX.

Participante 20: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

As mídias na educação

O que está influenciando e muito na educação, são as mídias, pois o computador, a internet e a televisão ajudam muito (7.PCRTXSRA) (1.PSRA). Um dos problemas é que nem em todas as escolas enchem isso, elas tenham que entender que a mídia ajuda muito na educação, mas é claro que ela também tem o seu lado ruim (1.PSRA) (7.PCRTXSRA).

Há três níveis de educação, o que se aproxima mais da mídia é o organizacional, pois a escola é mais participativa, menos controladora, menos autoritária, mais adaptada a cada aluno (5.PSLMSSRA) (1.PSRA). Há também o conteúdo, que é mais próximo dos jovens, o meio de comunicação ajuda o professor a passar o conteúdo aos alunos mas mesmo assim não é tudo (5.PSLMSSRA) (1.PSRA). É o comunicacional é que valoriza a linguagem (1.PSRA) (3.PCSLSRA).

O professor tem um papel fundamental pois a tecnologia a habilidade e o conteúdo está todo nele, pois será ele que vai passar isso para os alunos (1.PSRA) (5.PSLMSSRA).

A escola precisa estimular o aluno cada vez mais por isso precisa exercitar a linguagem. A TV também educa a criança, pois por ela a criança aprende, informa-se, conhece o mundo e

aprende a ser mais comunicativa, ela educa enquanto a criança aprende (5.PSLMSSRA) (1.PSRA).

Participante 20: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

As mídias influenciam na educação

O artigo, As mídias educam de José Manuel Moran discute o tema das mídias que influenciam na educação, os seus meios de ensino e o contato com a mídia na educação (8.PCRTCRA) (2.PCRA), o texto é voltado para leitores, educadores, crianças, jovens e adultos que fazem parte deste meio educacional. Moran afirma que é fundamental sabermos aprender e equilibrar o concreto e o abstrato, para um raciocínio lógico de fala e escrita (2.PCRA) (8.PCRTCRA).

O artigo discute também o fato de os meios de comunicação terem suas formas de sedução e criando estratégias mais chamativas eles conseguem fazer com que as crianças e os jovens se acostumem a expressar de forma polivalente, tornando então a escola cansativa (2.PCRA) (8.PCRTCRA). Moran comenta que é preciso educar os educadores para que compreendam melhor o processo de troca juntamente com os seus alunos (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

Quando discutimos a relação entre comunicação, meios de comunicação e escola, Moran aponta três níveis. Organizacional que é o da escola participativa, adaptada a cada aluno, sendo menos centralizada e autoritária. O de conteúdo, que retrata os problemas que atingem os jovens, preparando-os para o futuro, e por fim o comunicacional que conhece e incorpora as técnicas e linguagens utilizadas pelo homem, valorizando as linguagens audiovisuais e as convencionais (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

O artigo de Moran é bem centralizado ele mostra o lado bom e o lado ruim que mídia tem na educação, fazendo assim que o leitor possa refletir sobre o assunto e tirar suas próprias conclusões, dando a opinião dele e sugerindo novas ideias.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Participante 21: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

Resenha

Livro: Desafios da Comunicação Pessoal – Texto – As mídias na educação (p. 162-166)

Autor: José Manuel Moran (especialista em projetos inovadores na educação presencial e à distância). 3º edc., São Paulo: Paulinas, 2007

Moran trata, em seu texto, de como vem se dando a inserção das mídias na educação e a influência que os meios de comunicação exercem sobre os jovens e crianças. Ele faz uma análise, da rápida mudança, do uso da televisão e do vídeo para a Internet e o computador (2.PCRA) (8.PCRTCRA).

Sendo que esse processo se deu de forma mal trabalhada e interferido na qualidade do processo de educação e ensino (7.PCRTCRA) (1.PSRA). Faz também uma comparação entre a linguagem utilizada na escola e a linguagem utilizada na mídia (8.PCRTCRA) (2.PCRA). Defendendo a integração das duas para tornar a escola e suas atividades mais interessantes e agradáveis, de forma que elas se tornem mais próximas da realidade vivida pelos educandos, assim como são apresentadas pelos meios de comunicação, ele apresenta algumas alternativas para sua efetivação (2.PCRA) (8.PCRTCRA).

O autor trata de forma bem interessante o tema, apresentando informações que são bem trabalhadas no decorrer do texto.

Participante 21: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

MORAN, José Manuel. As mídias na educação – 2007

Inovação na educação

‘As mídias na educação’, de José Manuel Moran, trata-se de um artigo que aborda a temática da utilização das mídias no processo educacional de crianças e jovens. (8.PCRTCRA) (2.PCRA). Moran é especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância e aborda nessa obra, de forma muito interessante, temas importantes e polêmicos para educadores, estudantes, diretores e interessados no assunto.

O texto é estruturado em duas partes, que abordam dois temas distintos, mas que se relacionam no decorrer da obra. Na primeira parte ‘As mídias educam’ o autor apresenta a relação entre as mídias, principalmente a televisão, no processo educacional de jovens e crianças (8.PCRTCRA) (2.PCRA). Ele faz também uma crítica à desvalorização dessas mídias e aponta para a importância de ajudar os educandos a desenvolver seu senso crítico, aprendendo a contextualizar e hierarquizar as informações que lhes são oferecidas (2.PCRA) (8.PCRTCRA). Outra questão ressaltada por Moran é a necessidade de ‘estabelecer pontes efetivas entre educadores e meios de comunicação’ (MORAN, 2007) (Transcrição) para que possam compreender melhor o processo de troca de informação e ‘seu significado dentro da nossa sociedade’ (MORAN, 2007) (Transcrição). Na segunda parte, ‘Integrar as mídias na escola’, o autor resalta a importância dessa integração e introduz como se dá esse processo e formas de aproveitá-lo na alfabetização (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

O texto de Moran faz uma relação muito interessante entre as temáticas educação e mídia. Sua proposta, apresentada no título, é bem trabalhada e nos leva a fazer reflexões importantes sobre o assunto. Porém na tentativa de ressaltar suas idéias, o autor acaba por repetir várias colocações durante a obra, o que pode ser mal visto por alguns leitores, mas de certa forma ajuda no entendimento do que é apresentado. Ele também utiliza alguns termos que requerem algum conhecimento prévio do leitor sobre o assunto, mas que podem ser entendidos através de rápidas pesquisas e contextualizações.

Para aqueles que se interessam pelo assunto torna-se um leitura muito interessante, que pode levar a debates e reflexões muito enriquecedoras, não só dentro mas também fora da escola.

Participante 22: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

OBS.: O aluno não escreveu a primeira versão da resenha.

Participante 22: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

MORAN, José Manuel. As mídias na educação. São Paulo: Paulina, 2007

As mídias educam, de José Manuel Moran; doutor em comunicação pela USP, tem o propósito de falar da eficiência da mídia na educação e de propor que haja uma integração entre os recursos trazidos por ela nas escolas (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

Segundo Moran, as mídias possuem um papel relevante na educação, embora que indiretamente. Pois elas nos informam de todas as formas de ver o mundo, nos seduzindo

melhor (8.PCRTCRA) (2.PCRA). Assim o doutor propõe que os educadores integrem os recursos das mídias nas escolas. Essa integração permite que as escolas melhorem em três níveis, classificados pelo autor: no nível organizacional; uma escola menos autoritária; no nível de conteúdo; uma escola que fale mais dos problemas dos jovens e no comunicacional, uma escola que valorize as linguagens audiovisuais (8.PCRTCRA) (2.PCRA). Com isso o autor afirma que as escolas seriam mais participativas na vida de seus alunos, integrando a mídia em seus ensinamentos (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

Moran, através de seu artigo, conseguiu conscientizar os leitores de que a educação pode ser melhorada se as escolas utilizassem as mídias para formar o senso crítico dos alunos ao invés de estarem preocupados em apenas alfabetizá-los. Porém ele esqueceu de pedir ao governo que investisse nas escolas para que elas possam conseguir essa integração

Apesar de não trazer a solução completa para os problemas NE educação nas escolas, este artigo traz sugestões para profissionais e educadores, que pretendem melhorar sua forma de ensino.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Participante 23: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

O texto retrata a influência da mídia como forma de educação e comunicação nas escolas (8.PCRTCRA) (2.PCRA). Ele ressalta três níveis: Organização, uma escola menos autoritária e mais próxima dos alunos; De conteúdo, tratando de assuntos pessoais e problemas; Comunicacional, valorizando linguagens audiovisuais (6.PSLMSCRA) (2.PCRA).

Pode-se destacar como um segundo ponto de grande importância no texto, é a construção da educação das crianças na escola envolvendo a integração da mídia. Muitos pais e professores discriminam a introdução de tecnologias nas escolas, que por sua vez as ignoram (6.PSLMSCRA) (2.PCRA).

O texto abrange um assunto que quando discutido pode gerar diferentes opiniões. Ele passa toda sua informação de forma explícita porém muito repetitivo tornando-o cansativo. Aconselhável a todos tipos de leitores.

Participante 23: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

A influência das mídias na educação

José Manuel Moran, especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância, em um texto do seu livro Desafios na Comunicação social, abrange um tema interessante para ser discutido. O texto conhecido como As mídias educam relata a influência das mídias na educação de crianças e jovens e como elas podem ser introduzidas nas escolas (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

Segundo o especialista, a televisão e o vídeo foram esquecidos com a evolução tecnológica (8.PCRTCRA) (2.PCRA). Ele afirma que os meios de comunicação audiovisuais desempenham um importante papel na educação, destacando a televisão como fonte de informação e que ela a cada dia mais aperfeiçoada consegue seduzir os telespectadores (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

O autor dividido em três níveis essa relação meios de comunicação e escola: organizacional, de conteúdo e comunicacional. O primeiro trata-se de uma escola menos centralizadora e mais participativa, o nível de conteúdo uma escola que prepara o aluno para o futuro sintonizada no

presente e por fim o nível comunicacional que incorpora a linguagem usada pelo homem contemporâneo (6.PSLMSCRA) (2.PCRA).

Em uma segunda parte do texto em que o autor nomeia Integrar as mídias na Educação ele afirma que as crianças chegam nas escolas com processos de educação importantes: familiares e a mídia eletrônica (8.PCRTCRA) (2.PCRA). Moran avalia como esses processos devem ser aproveitados nas escolas pelos professores, relacionando aquilo que é melhor para o aluno (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

O texto de José Manuel Moran, vale ressaltar que foi escrito de forma culta e atende as necessidades dos interessados pelo assunto. Ele relata a importância das mídias na educação dos alunos de forma muito interessante, pois professores e pais não a favor desta ideia e mesmo que ela seja rejeitada por eles é a melhor forma de atrair os alunos para escola enfatizando a relação mídia, aprendizado.

A leitura do texto é indicada principalmente aos pais, professores e diretores das escolas, pois eles enxergarão de uma forma ampla a influência das mídias na educação.

Participante 24: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

As mídias educam (José Manuel Moran)

José Manuel Moral, descreve o papel que a mídia desempenha com relação a educação (8.PCRTCRA) (2.PCRA). Ele menciona também a tecnologia, onde surgem novos produtos, como computador, deixando outros aparelhos, como TV, videocassete, como ultrapassado (6.PSLMSCRA) (2.PCRA). Moran comenta a interação da mídia, e o sistema tradicional de ensino. Sendo aquele, utiliza uma linguagem mais simples, de fácil entendimento, caracterizando por ser persuasiva. Já a segunda usa uma linguagem mais complexa, um conteúdo mais cansativa, caracterizando por uma monotonia (8.PCRTCRA) (2.PCRA). O autor relata como o educador pode interagir com a mídia, e a tecnologia, para melhorar a qualidade de ensino, e a participação e interação do aluno (8.PCRTCRA) (2.PCRA). Com base no texto, pode-se concluir, que a mídia e a tecnologia são importantes para melhorar a forma de educar, com a aprendizagem do educador em usar esses meios gerando um melhor rendimento dos alunos, e uma melhor formação (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

Participante 24: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

Resenha

A Inserção da Mídia na Educação

O texto As mídias na educação foi retirado do livro ‘Desafios na Comunicação Pessoal’. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 162-166. De José Manuel Moran que é especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância. O texto traz consigo um tema atual, que é: ‘de que maneira a mídia educa’, e como pode ser inserida no processo educacional’ (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

O autor divide o texto em duas partes; que são: ‘As mídias educam’ e ‘Integrar as mídias na escola’. Na primeira parte Moran relata de que maneira as mídias educam, e baseia-se nos meios audiovisuais comentando a importância deles no processo educacional (8.PCRTCRA) (2.PCRA). Moran faz uma suposição de como as mídias e as escolas poderiam se integrar no processo de educacional e comunicacional, e divide em três níveis. O

organizacional, que apresenta uma escola mais participativa. O conteúdo, no qual a escola aborde temas atuais, do cotidiano e falem da vida. E por fim, o nível comunicacional, ‘onde’ a escola incorpore todos os tipos de linguagem do homem moderno (8.PCRTXCRA) (2.PCRA).

Na segunda parte o autor escreve de que forma as mídias podem ser inseridas nas escolas para interagir com os meios tradicionais de ensino (8.PCRTXCRA) (2.PCRA). As idéias de Moran e de Ana Beatriz Carvalho (A educação a distância e a Democratização do conhecimento, 2006) se encontram nesse aspecto, no qual a autora defende a inserção das tecnologias para auxiliarem o professor no processo de transmissão de informações, onde cabe ao professor interagir com as mídias e interpretar as idéias centrais dos conteúdos transmitidos (8.PCRTXCRA) (2.PCRA). Carvalho relata ainda de que forma eram feitas as pesquisas antigamente, que era necessário o auxílio de uma enciclopédia; sendo que nos dias de hoje esse processo se tornou mais rápido e fácil (8.PCRTXCRA) (2.PCRA). Feita essa análise fica clara a importância da mídia na educação, de forma interagi com o professor para facilitar o acesso a informações, cabendo ao educador utilizar esse método de maneira correta, e eficiente.

Além dessa análise pode-se observar a linguagem utilizada pelo autor, na qual usa-se a repetição de palavras e uma construção morfológica um tanto inovadora. Porém essa observação em nada diminui o texto de Moran, que sobe inserir a seu texto de que maneira a mídia educa, de que forma ela pode ser inserida nas escolas, é claro no processo educacional. uma ótima fonte de reflexão para professores, alunos, ou quaisquer interessados na inserção das mídias no processo educacional, e interessados pela educação a distância.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX graduando de cooperativismo da Universidade Federal XXXX, disciplina destinada a resenha LET 100, data 01 de junho de 2011.

Referências Bibliográficas:

Moran, José Manuel. As mídias na educação. 2007.

Carvalho, Ana Beatriz. A educação a Distancia e a Democratizaçao do conhecimento. In: Carvalho, Ana Beatriz. UEPB, 2006, v.1 pg 47-58.

Participante 25: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

Resenha do texto ‘As mídias educam’

Texto baseado no artigo de José Manuel Moran ‘As mídias educam’ (8.PCRTXCRA) (2.PCRA)

Estamos vivendo em uma época que a tecnologia esta muito avançada e globalizada, o computador, internet e outros meios vem ganhando força e tornando o vídeo casset em um objeto de pouca importância (5.PSLMSSRA) (1.PSRA). As informações fluem rapidamente trazendo vários conhecimentos que passa fazer parte da nossa educação, com isso mudando a visão de suma importancia para cidadania (7.PCRTXSRA) (1.PSRA).

A escola deve ser mais participativa no seu método de ensino para obter maior conhecimento de acordo com tudo aquilo que os jovens estão acostumados, para que isso ocorra é necessário maior qualificação do professores (7.PCRTXSRA) (1.PSRA). Por outro lado as mídias têm um grande poder de manipular as pessoas. Levando as pessoas a fazer dramas que causa um grande impactos nas pessoas. Um exemplo disso são as novelas temáticas que fazem os telespectadores a pensar sobre aquela idéia como uma coisa boa para a sociedade, mesmo que não seja (7.PCRTXSRA) (1.PSRA).

Participante 25: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

Resenha do texto do livro de José Manuel Moran Desafios na comunicação pessoal. 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007 p. 162-166.

A necessidade de mudanças nos conceitos de escolas

José Manuel Moran especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância e ex-professor da USP, em seu artigo tem como objetivo de mostrar a necessidade de integrar as mídias à educação, é um texto voltado para professores e profissionais da área (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

De acordo com Moran os métodos de ensino utilizado pela escola convencional estão ultrapassados em relação a força inovadora das mídias, havendo a necessidade de rever os conceitos de ensino e criar formas capazes de usufruir das informações que chegam através de diversas mídias (8.PCRTCRA) (2.PCRA). Para contextualizar os dois o autor divide seu artigo em duas grandes partes: As mídias educam e integrar as mídias na escola, a primeira parte é subdividida em três níveis importantes que são: nível de conteúdo, nível comunicacional, nível organizacional buscando interligar entre si o funcionamento da escola com incorporação das mídias, a segunda parte trata-se de como a escola pode usufruir das tecnologias para criação de conhecimentos através de inovações em seus métodos de ensino (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

Apesar do autor citar muitos conceitos de integração das mídias nas escolas em sua primeira parte sendo que na segunda era específica desse assunto não desmereceu sua obra, deixando muito claro seu objetivo que era mostrar o papel importante que as mídias podem proporcionar no contexto escolar.

É um texto recomendado para professores e especialista da área sendo forma de observar a grande necessidade de inovação dos metodos de ensino para proporcionar mudanças.

Resenhador: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX, estudante de graduação de cooperativismo pela Universidade Federal XXXX.

Participante 26: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

As mídias na educação

No artigo ‘As mídias educam’, fala muito sobre a educação que se pode ter através das mídias, como: o computador, internet, televisão e DVD (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

Já na escola esses meios são muito pouco usados, pois os educadores possuem um método de ensino mais ‘antigo’ e preferem continuar usando-os, apesar que seus alunos já são bem atualizados à respeito de tecnologias avançadas (7.PCRTCRA) (1.PCRA). Integrar as mídias na escola seria bem melhor para a compreensão e uso de novas linguagens e a transmissão de informações para ajudar o professor a facilitar o ensino e até mesmo a melhorar o nível de educação dos professores (7.PCRTCRA) (1.PCRA).

A educação é um assunto muito delicado para criticar ou até mesmo fazer elogios, pois cada escola possui um método de ensino diferente e possui professores que são ou não atualizados nesse meio do avanço de tecnologias para o ensino (7.PCRTCRA) (1.PCRA).

Participante 26: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

As mídias estão presentes em nosso dia-a-dia

No livro 'Desafios na comunicação Pessoal'. 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 162-166, no texto 'As mídias na educação de José Manuel Moran.

Ele aponta o computador e a internet como meios de comunicação audiovisuais mais utilizados agora e também as pessoas estão deixando de lado os meios mais comuns como: TV, DVD, Cinema e vídeo, pois na internet encontra-se 'tudo' o que precisa (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

Seu artigo possui cinco páginas bem elaboradas, e Moran critica as escolas por não adotarem o processo de educação mais evoluído e comum agora (8.PCRTCRA) (2.PCRA), pois ele diz: **antes da criança chegar à escola, já passou pro processos de educação importantes: pela mídia eletrônica e pelo familiar (2.CCRA)**. E antes de irem à escola, já começam a ver o mundo como ele é, então não é a escola que muda isso, ela ajuda na educação do jeito mais antigo, mas a educação vem de casa (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

Essa obra é boa para entendermos um pouco sobre o quanto as mídias pode nos ajudar e sempre nos ajudou, pois possuem pontos positivos e negativos, e no geral nas escolas, os educadores por várias vezes tentam nos passar só os pontos negativos.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

01 de junho de 2011, aluna da XXXX.

Na matéria de LET 100.

Participante 27: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

As mídias educam

Os meios de comunicação, como o computador e internet, principalmente, estão sendo importantes para a educação (7.PCRTCRA) (1.PSRA).

Ideal seria a integração desse meio nas escolas, onde o primeiro alvo seria o educando fazendo com que se aprenda como transmitir os assuntos necessários por determinados meios de comunicação e, conseqüentemente, a compreensão rápida e interessante dos alunos (7.PCRTCRA) (1.PSRA).

Essa nova forma estimularia mais os estudantes, pois, trataria de assuntos atuais, sendo de conhecimento e de vida pessoal e, logo tornaria um aspecto adaptado a cada indivíduo (1.PSRA) (7.PCRTCRA).

Portanto, as mídias na escola serviriam de compreensão e uso de novas linguagens por meio de novas formas de educação que, seria o moderno meio de comunicação (7.PCRTCRA) (1.PSRA).

Participante 27: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

As mídias na Educação

José Manuel Moran, especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância, é o autor do texto 'As mídias na Educação'. Ele retrata a importância da mídia no meio educacional (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

Na primeira parte do texto, Moran afirma que os meios de comunicação, como TV, DVD, computador e internet, assumem um papel importante na educação (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

A tv fala do presente e da vida alimentando um mundo sensorial, afetivo e ético das crianças e jovens, enquanto, a escola tem uma fala mais distante e intelectualizada (5.PSLMSSRA) (1.PSRA).

Portanto a escola deveria ser mais participativa e menos centralizadora, falar dos problemas e da vida para preparar os jovens para o futuro e valorizar a linguagem audiovisual junto com a convencional (5.PSLMSSRA) (1.PSRA).

Logo na segunda parte do texto, 'Integrar as mídias na escola', o autor diz que a mídia eletrônica é prazerosa, é feita de sedução e emoção, isso faz com que crianças e jovens aprendam a se informar e a conhecer o mundo (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

Geralmente, o que as crianças adoram a escola questiona e detesta, logo, as escolas precisam compreender melhor novas linguagens e valorizar o que as crianças valorizam (5.PSLMSSRA) (1.PSRA).

Apesar do texto ser cansativo, por apresentar ideias repetitivas, ele é ideal para estimular a atenção, principalmente, das escolas para aderirem a uma fonte de educação.

Participante 28: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

As mídias na educação

As mídias sem dúvida nenhuma é uma grande forma de educação, levando em conta a internet, televisão e todos os meios comunicativos (7.PCRTXSRA) (1.PSRA). Como a implantação desses meios comunicativos geram discórdia entre alguns, por outro lado existe a evolução e desenvolvimento de novos métodos educativos que contribuem positivamente para uma educação mais ampla, sem limite ao aprendizado (7.PCRTXSRA) (1.PSRA).

Para a implantação dessa nova tecnologia são necessários elementos como professores qualificados, escolas que tenham uma boa infra-estrutura, pois os alunos tem interesse em conhecer e trabalhar com coisas novas, a mídia de certa forma seduz o aluno (1.PSRA) (7.PCRTXSRA).

Participante 28: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

Avanço no processo educacional

José Manuel Moran por ser especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância, expõe em seu texto argumentos que fundamentam suas ideias relacionadas a inclusão da mídia no processo educacional (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

Acredita em um novo modelo educacional em que educadores e educandos caminhem juntos (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

O texto do Moran é dividido em duas partes, a primeira parte Moran faz uma exposição mais geral do processo inovador, fala da grande influência que as pessoas tem relação aos meios comunicativos (tv, internet, vídeo entre outros) (8.PCRTCRA) (2.PCRA). Define três níveis relacionados a escola, nível organização (uma escola mais participativa), nível de conteúdo (uma escola mais próxima aos jovens) e o nível comunicacional (valorizar a linguagem) na segunda parte ele relata que a criança, já tem ou teve um contato, a escola apenas daria continuidade ao processo (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

Os métodos educativos na escola deve sempre estar passando por um processo de inovação, pois a tecnologia cada vez mais avançada pode ser usada como auxílio ao desenvolvimento

educacional (8.PCRTCRA) (2.PCRA). moran de forma as vezes repetitiva expoe suas ideias sobre o novo modelo educacional.

Esse texto seria interessante aos educadores, estudantes e pessoas interessadas à um novo modelo educacional, pois o autor refere-se a pontos que faz com que temos uma visão panorâmica do assunto.

moran, José manuel. 'As mídias na educação.'

Participante 29: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

De acordo com o texto os meios ajudam a comunicação nas escolas rompendo barreiras e dificuldades que influencia no raciossino logico des da infancia (8.PCRTCRA) (2.PCRA). Para complementa, á evidencia de: três níveis; organizacional, conteúdo, comunicacional, tendo como principais aspectos na participação dos alunos valorizando a linguagem (5.PSLMSSRA) (1.PSRA).

De um seto modo a tecnologia prejudica, interfere no papel do professor, enfraquece o modo pessoal do aluno com o professor. alem de facilitar o plágio por parte dos alunos e professores abusarem da tecnologia (7.PCRTCXRA) (1.PSRA).

Participante 29: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

Nome: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

As bases da mídia para a educação

Moran, José Manuel. As mídias na educação. Artigo do livro, Desafios na Comunicação pessoal. 3ª Ed. São Paulo, paulinas, 2007, p. 162-166.

As mídias na educação, do José Manuel Moran; especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distancia. Este artigo informa os varios tipos de aprendizagem, com base nas tecnologias, para que os educadores e alunos possam expressar melhor seus conteúdos (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

Na primeira seção 'A mídia na educação', Moran descreve que as tecninologias pouco recentes, não satisfazem mais a população, pelo fato de ser pouco utilizado hoje e poder dominar uma nova tecnologia 'computadores e a Internet (8.PCRTCRA) (2.PCRA). Mas essa tecnologia pode desempenhar um papel importante para a educação, por exemplo, a comunicação audiovisual ajuda a introduzir um universo vasto de fantasias, desejo e emoções, que contribui para o ensino das crianças que estão na fase de aprendizagem (7.PCRTCXRA) (1.PSRA). O autor ainda estabelece três fases em relação aos meios de comunicação: essas fases desenvolve uma participação mais interessante, entre alunos e professores, facilitando as tecnicas de comunicação, que são essenciais para a educação (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

Moran em sua segunda seção, utiliza a integração das mídias na escola, de forma que os alunos expressar, interagir e evoluir, por meio da introdução dessas tecnologias na escola, sem desprezar os valores do ensino e da cultura. É por causa disso, que muito educadores discordam dessa interferencia da mídia na educação (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

O autor se atrapalha ao referir que 'a televisão e o vídeo', seja pou eficiente atrapalhando a educação, sendo exemplificado em varias partes do artigo como de grande importância. Por viese das duvidas, esse meios tecnológico pouco recente, são mais simples e barato, mas essenciais, comparado com, 'o computador e a Internet'; este meio é mais caro, sendo pouca a introdução desse tipo de aparelho nas escolas publicas do Brasil. Moran expressa essas questoes alsenciando e individualizando vários fatores, alem de ocultar diversos problemas do

cotidiano. Isso é decorrente pelo fato desse artigo ser tirado do livro ‘Desafios na comunicação pessoal;’ que expressa na real totalidade, as dificuldades desse tema. Concluimo que esse artigo e destinado a alunos e educadores, por ser uma base esencial para o entendimento introdutorio da midia na educação, mas indesejavel para os especialistas nessa área que podem interferir indiretamente com o autor deste artigo; por questoes mal relatadas.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Let 100/XXXX

Participante 30: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

Resenha Influências da mídia

Para José Manuel Moran a mídia hoje em dia é a principal responsável pela educação de nossos filhos (8.PCRTCRA) (2.PCRA). É normal as crianças passarem a maior parte do seu tempo assistindo TV ou na frente do computador, pois ali elas encontram coisas novas diferentes, um modo de aprendizado e entretenimento bem mais convidativo que a escola (7.PCRTCRA) (1.PSRA). Com isto a escola se torna algo cada vez mais cansativa e desgastante, onde os educadores já não conseguem mais identificar seu verdadeiro papel frente a educação (1.PSRA) (7.PCRTCRA).

Participante 30: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

A utilização da mídia na educação

Segundo José Manuel Moran em ‘As mídias na educação’ artigo de seu livro ‘Desafios na Comunicação pessoal’. 3ª Ed. São Paulo, 2007, precisamos estabelecer pontes entre educadores e meios de comunicação (8.PCRTCRA) (2.PCRA). Trata-se de um texto destinado a educadores, jovens e pais. O especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância, nos leva a refletir, e discutir a questão de como integrar as mídias na escola (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

Seu artigo é dividido em duas partes, sendo a primeira ‘As mídias educam’ uma descrição rápida sobre o avanço tecnológico que estamos vivenciando (8.PCRTCRA) (2.PCRA). Ele ressalta ainda a relação meio de comunicação e escola em níveis, organizacionais – com uma escola mais participativa, conteúdo – com uma escola que fale da vida, comunicacionais – que valoriza as linguagens audiovisuais junto as convencionais (6.PSLMSCRA) (2.PCRA). Logo após em ‘Integrar as mídias na escola’ o autor descreve como deve ser feita está integração (8.PCRTCRA) (2.PCRA). E possui ainda uma epígrafe de Jesus Martin Barbero que retrata ‘A simples introdução dos meios e das tecnologias na escola pode ser a forma mais enganosa de ocultar seus problemas’ [...] (Transcrição)

No decorrer de seu artigo o autor valoriza as integrações das mídias no meio educacional e a utilização das mesmas pelos educadores (8.PCRTCRA) (2.PCRA), o que é ressaltado também por Duarte em ‘Mídia audiovisual e formação de professores’ [...] A necessidade de prepararmos os profissionais de comunicação para lidar de forma adequada e responsável, com os conteúdos veiculados pela mídia, sobretudo aquela direcionada a crianças e adolescentes [...]’ (Transcrição).

No texto de Moran conseguimos observar a clareza dos assuntos relatados, mesmo havendo algumas repetições, é uma boa indicação para os leitores em geral.

Referências:

MORAN, José Manuel. 'As mídias na educação', texto do meu livro 'Desafios na comunicação pessoal. 3ª Ed. São Paulo Paulinas, 2007, p. 162-166.

DUARTE, Rosália, 'Mídia audiovisual e formação de professores', retirado do <http://www.users.rdc.puc-rio.br>, acessado em 30/05/11

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX, graduando em bacharelado cooperativismo.

Participante 31: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

OBS.: O aluno não escreveu a primeira versão da resenha.

Participante 31: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

As mídias educam

Moran, José Manuel – Especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância

No texto de José Manuel Moran 'as mídias educam', fala sobre a importância da televisão, o cinema e vídeos (os meios de comunicação audiovisuais), como um instrumento educativo marcante e que oferecem uma capacidade incrível de troca de informação através de nova e várias linguagens, além de apresentar novos modelos de comportamento (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

O autor divide o texto em duas partes, mostrando a integração da mídia na escola e a integração da mídia no cotidiano das pessoas (8.PCRTCRA) (2.PCRA). Moran apresenta de modo que as mídias podem ser mais bem valorizadas nas escolas (8.PCRTCRA) (2.PCRA). Ele aconselha que os professores sejam a conexão entre as informações oferecidas por estes meios e os alunos (8.PCRTCRA) (2.PCRA). O que a escola impõe é o ensino que para os alunos é dado como desinteressante e o que falta é exatamente a integração com esses meios de comunicação e os métodos educacionais, a linguagem, os assuntos e as imagens que estimulam o interesse dos jovens e faz com que eles sejam mais participativos (7.PCRTCRA) (1.PSRA). A educação não é basicamente teorias e cálculos, ela flui do modo da compreensão do mundo e das pessoas (7.PCRTCRA) (1.PSRA).

Moran tenta abrir a cabeça do leitor para uma maior atenção aos conhecimentos provenientes dos meios de comunicação (8.PCRTCRA) (2.PCRA) que segundo ele estão sendo desvalorizados (TV, vídeo, computador) e fazer que professores e alunos tenham uma maior integração com esses meios (8.PCRTCRA) (2.PCRA), mas o autor deixa claro que a escola não deixa de ser fundamental, que as mídias não são capazes de desenvolver a inteligência dos alunos. Cabe a escola interpretar, aconselhar, ensinar e contextualizar essas informações (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

O texto é voltado para todos os profissionais da educação, pais e curiosos com o objetivo de ter mais conhecimento sobre o tema e sobre as situações que podemos vivenciar no mundo relacionadas as mídias e os meios de comunicação nas escolas e na educação.

Participante 32: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

Resenha: As mídias na educação

A sociedade está deslumbrada com os novos meios de comunicação como o computador e a internet (5.PSLMSSRA) (1.PSRA).

Deixando de lado a televisão e a vídeo que segundo eles já estão ultrapassados (5.PSLMSSRA) (1.PSRA).

As novas tecnologias comunicacionais tem um papel importante no processo educacional. Pois através dela que as principais notícias são transmitidas para diferentes regiões do mundo. E com isso informações são adquiridas dentro de casa e levadas às escolas, é por isso que não se pode deixar de lado, a televisão, o vídeo, a internet, desde que sejam usados de forma correta (7.PCRTXSRA) (1.PSRA).

A escola deve saber inserir os novos meios de comunicação, saber aproveitá-los para que sejam aproximados a educação, e ela seja um processo, completo, rico e estimulante, porque, se utilizado no processo educacional (5.PSLMSSRA) (1.PSRA). Mas um fator importante que não pode ser deixado de lado é como esse meios são usados dentro de sala, pois o professor deve desempenhar funções que são essenciais dentro da sala como a leitura e a escrita. Desta forma as tecnologias podem ajudar bastante na educação de crianças e adultos (5.PSLMSSRA) (1.PSRA).

Participante 32: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

MORAN, José Manuel. Artigo, As Mídias na educação extraído do livro: Desafios na comunicação pessoal. 3ª ed. São Paulo, Paulinas, 2007, p. 162-166.

José Manuel Moran, especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distancia trabalho em seu artigo 'As Mídias na educação', da inserção da tecnologia no meio escolar. O texto de Moran está voltado à aqueles inseridos no processo educacional (8.PCRTXCRA) (2.PCRA).

Moran divide seu texto em partes, primeiramente expõe a ideia de que as mídias tem um processo comunicacional mais envolvente, diferente dos métodos utilizados em sala (8.PCRTXCRA) (2.PCRA). O autor informa que as mídias facilitam o processo de transmissão das informações, mas que os meios tradicionais são necessários para relacionar e contextualizar essas informações (8.PCRTXCRA) (2.PCRA). Moran diz 'não se trata de opor esses meios... mas de integrá-los' (Transcrição). O autor defende que essa relação, pode ser pensada de três formas organizacional, que seja mais participativa, e interativa; de conteúdo, que trabalhe assuntos que desperte o interesse; e comunicacional, que incorpore a tecnologia junto a escola (6.PSLMSCRA) (2.PCRA).

Posteriormente, relata problemas que as escolas encontram, por não saber utilizar em sala de aula aquilo que as crianças já sabem, que trazem de casa, que aprendem com os pais e com a televisão (8.PCRTXCRA) (2.PCRA).

O artigo é complexo, em partes repetitivo, mas Moran atinge seu objetivo, ao expor sua ideia de integração da escola com a mídia.

É recomendável a leitura do artigo, pois trabalha a educação como um processo que estimule o interesse em aprender, voltando-se para o presente e também para o futuro.

Por XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX.

Participante 33: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

O mau uso da tecnologia nas escolas, podem prejudicar a aprendizagem do aluno, a internet principalmente pode o tornar dependente deixando de lado outras formas de conhecimento (7.PCRTXSRA) (1.PSRA).

A escola pode ser bem equipada, com as mais novas tecnologias, mas sem um bom uso pode acabar prejudicando, é preciso que aja uma interação entre aluno e professor para discutir avaliar e debater com outros alunos da sala (7.PCRTXSRA) (1.PSRA).

A mídia não só prejudica mas pode ajudar na educação, utilizando de forma adequada e interagindo a mídia na escola para debater e aprender um pouco mais (5.PSLMSSRA) (1.PSRA).

Participante 33: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

As mídias no processo de educação

MORAN, José Manuel. As mídias na educação, extraído do livro Desafios na Comunicação Pessoal. 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 162-166.

‘As mídias na educação’ de José Manuel Moran, especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distancia, trata em seu artigo da interação da mídia no processo educacional, um texto voltado para o meio educacional (8.PCRTXCRA) (2.PCRA).

O autor divide sua obra em duas grandes partes. Na primeira demonstra a participação das mídias e tecnologias no meio educacional, mas que ainda não foram usadas de maneira adequada, Moran destacou três níveis para uma melhor interação entre mídias e escola: organizacional – escola mais participativa; de conteúdo – abordar assuntos do cotidiano e comunicacional – incorporar e valorizar as linguagens (8.PCRTXCRA) (2.PCRA), na segunda parte apontou a importância da mídia no processo educacional (8.PCRTXCRA) (2.PCRA)

Moran, ao decorrer do texto demonstrou uma escrita de forma repetitiva, e com ideias descentralizadas, mas que alcança seu objetivo, e aborda um assunto interessante sobre o meio escolar.

Um artigo recomendáveis para todos que estejam envolvidos no meio educacional, curiosos, leitores e pesquisadores da área.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Participante 34: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

As mídias educam

Segundo o texto de José Manuel Moran, as mídias tem um importante papel na formação educacional, pois nós estamos o tempo todo em constante convivência com os mais diversos tipos de mídia, essas por sua vez vão inserindo em cada um alguma influência sobre os mais variados aspectos (8.PCRTXCRA) (2.PCRA). Essa grande influência que as mídias tem deveriam ser melhores aproveitadas dentro das salas de aula de forma que se possa explorar mais esta forma de ensino aproveitando a grande capacidade que certos tipos de mídia tem para prender a atenção dos alunos (7.PCRTXSRA) (1.PSRA).

Participante 34: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

As mídias no processo de educação

MORAN, José Manuel. As mídias na educação, texto do livro Desafios na Comunicação Pessoal. 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 162-166.

O artigo intitulado ‘As mídias na educação’ de José Manuel Moran, especialista na educação presencial e a distância, faz com que os leitores pensem um pouco sobre essa relação, mídia e educação (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

Dividido em dois tópicos bastante objetivos, possui uma linguagem simplificada que facilita o entendimento. No primeiro tópico, o autor nos mostra como estamos expostos à mídia desde nossa infância e como ela está presente em nossa educação (8.PCRTCRA) (2.PCRA). Em seguida, aborda como esta poderia ser integrada ao sistema de ensino, ‘a educação escolar precisa compreender e incorporar mais as novas linguagens’ (pág. 165) (Transcrição), pois de acordo com o autor, antes de irem para escola as crianças já sabem ler histórias complexas em forma de telenovelas, que são completamente ignoradas pelos educadores (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

Constata-se, com pesar, que no intuito de deixar suas idéias bem expostas, Moran faz um texto um tanto repetitivo e que algumas tentativas de interação com o leitor podem dar margem para desviar do objetivo principal de seu artigo, mas esta pequena observação em nada diminui o vigor de suas idéias, que foram bem transmitidas, de forma clara com possibilidade de entendimento para um público amplo.

Dado o vasto conhecimento do autor, tendo em vista que as idéias expostas em seu artigo são de fato experiências que estamos vivenciando no momento, esta é uma leitura que não deve ficar restrita somente nos meios acadêmicos, deve também chegar a todos que pensem a respeito do assunto, pois expõe questões realmente interessantes.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Graduando em Cooperativismo/XXXX 2011.

Participante 35: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

As mídias na educação

Nos dias atuais as mídias vem influenciando muito a educação (7.PCRTXSRA) (1.PSRA).

O computador, a internet e a televisão entre outros está cada vez mais presente na vida de todos, tornando assim um grande meio de comunicação e de pesquisa, rápido e fácil (7.PCRTXSRA) (1.PSRA).

Nem todas as escolas vêem a mídia como um meio de educar, mas deveriam, pois ela proporciona varias formas de mostrar e captar os mesmo objeto, facilitando assim o aprendizado do aluno (7.PCRTXSRA) (1.PSRA). Mas para que isso ocorra é necessário que a escola acompanhe e que junte esse novo meio de educação com a educação convencional (7.PCRTXSRA) (1.PSRA).

Participante 35: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

Um caminho certo

Moran, José Manuel. As mídias na educação, extraído do livro Desafio na Comunicação Pessoal. 3^a Ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 162-166.

No texto, ‘As mídias na educação, José Manuel Moran especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância, aborda o uso dos meios de comunicação audiovisuais e sua influência no processo educacional. Sendo um artigo, cujo assunto, é voltado para educadores e interessados no assunto (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

O autor apresenta a obra estruturada em duas partes: na primeira, Moran considera que as tecnologias ainda não foram adotadas adequadamente nas escolas (8.PCRTCRA) (2.PCRA). Defende ainda que essa relação pode ser estabelecida em três níveis: o organizacional, na qual a escola seja mais participativa, o conteúdo, que esteja próximo aos jovens, abordando temas do cotidiano, e o comunicacional, que proporcione a valorização das linguagens e a integração das mídias no aprendizado (8.PCRTCRA) (2.PCRA). Já na segunda parte, Moran ressalta a importância da junção das mídias tecnológicas nas sala de aula, visando um maior interesse dos alunos, devido ao fato delas estarem presentes nas suas vidas (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

Por ser uma obra de tão boa qualidade, o texto conseguiu alcançar seu objetivo, embora a constante repetições de idéias e as falhas na estrutura. Levando assim visão mais crítica aos leitores, sobre a inclusão desses meios de comunicação social no ensino, e deixando de modo claro a sua opinião.

Nos escritos incluídos no artigo, estão relacionados diretamente com o meio acadêmico, sendo de suma conveniência para expor aos professores e as escolas, como é essencial a presença desses meios na educação escolar.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Aluna da Graduação, do curso de Cooperativismo, da Universidade Federal XXXX.

Participante 36: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

OBS.: O aluno não escreveu a primeira versão da resenha.

Participante 36: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

O papel da mídia na educação

No texto ‘as mídias educam’ de José Manuel Moran, especialista em projetos inovadores na educação presencial e a distância, trata do processo de integração e ajuda das mídias na educação (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

O autor divide o texto em duas partes, na primeira ele fala sobre pontos positivos e negativos da mídia no processo de educação e apresenta três níveis da relação comunicação e escola: organizacional, conteúdo e comunicacional (8.PCRTCRA) (2.PCRA), na segunda parte do texto ele fala como a mídia pode ser integrada na educação (8.PCRTCRA) (2.PCRA). Ele comenta que a escola não deve se opor as novas mídia, mas sim se aproximar, integrando pontos fortes de ambas para melhora da educação (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

Moran expressa bem suas idéias e com elas tenta mostrar ao leitor que mídia e educação podem se unir. Ele fala muito sobre as mídias e não da importância para o professor, que exerce papel fundamental e não pode ser esquecido.

O texto é recomendado e de grande valia para professores alunos e interessados no processo de melhora da educação.

Participante 37: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

Resenha Let 100

A obra de Moran 'as mídias na educação' trata-se de um tema em que na atualidade e de grande importância, nela é discutido a mudança na qual o computador e a internet está proporcionando na educação dos jovens, substituindo até mesmo a televisão e os CDs e DVDs (8.PCRTCRA) (2.PCRA). As informações globais nas quais elas tendem a levar os jovens ampliando cada vez mais a sua capacidade de ter uma visão de mundo, assim ajudando na formação de um ser humano bom ou ruim (5.PSLMSSRA) (1.PSRA).

No texto o autor faz uma relação entre a comunicação, meios de comunicação e a escola separando em três níveis: Organizacional, o conteúdo e a comunicação, ele foca nessas questões principais como uma maior participação da escola, o diálogo sobre os problemas que afligem os jovens preparando-o para o futuro (8.PCRTCRA) (2.PCRA). Aspectos que para mim é de grande vantagem aplicar nas escolas, pois ajudará na formação de adultos mais informados e mais maduros e que possam enfrentar a sociedade.

A leitura do texto é indicada aos diversos públicos que estão ligados diretamente as escolas, como professores, diretores e visando também os chefes de Estado para que possam fazer as melhorias propostas.

Participante 37: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

As Mídias a Favor da Educação

Moran, José Manuel. As mídias na educação

O texto de Moran 'As mídias na educação' foi retirado do livro 'Desafios na comunicação pessoal' 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 162-166 foi publicado em um site na web. O autor é um Doutor em Ciências da Comunicação na USP, o assunto abordado nele é a grande melhoria que os meios audiovisual podem proporcionar se inserido nas escolas corretamente. A área em que ele circula é no meio escolar onde é bastante discutido (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

José Manuel divide o texto em duas partes, na primeira ele fala sobre a forma em que os meios audiovisuais principalmente a TV seduzem e acabam chamando atenção das pessoas fazendo com que elas absorvam o conteúdo com mais facilidade sobre os assuntos nela tratado (8.PCRTCRA) (2.PCRA). Na segunda parte o autor diz que seria de uma grande importância a introdução desses meios nas escolas, pois assim tornaria o aprendizado mais interessante e de melhor qualidade (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

É um texto em que alguns momentos Moran se torna um pouco repetitivo, pois fica voltando, a reformando o tema e acaba se perdendo em determinados parágrafos, mas o conteúdo do texto é bastante rico em informações e análise nas quais ele se propoz a fazer.

O público indicado para a leitura deste texto seria os alunos, pais, professores, diretores. Assim fazendo com que haja um entendimento de ambas as partes para que possa se chegar a uma conclusão sobre tal.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX aluno de Cooperativismo/XXXX

Participante 38: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

O texto é uma matéria informativa, produzido por José Manuel Moran, um texto retirado do livro: Desafios na comunicação pessoal. 3ª ed. SP, Paulinas, 2007, p. 162-166.

Ele aborda a questão de que as mídias educam: computadores, TV, DVD, internet, entre outras (8.PCRTCRA) (2.PCRA). Crianças hoje em dia aprendem a falar, com os programas de TV ou com o DVD animado passado pela mãe (7.PCRTXSRA) (1.PSRA). O autor faz uma relação dos meios de comunicação e a escola, que se divide em três níveis, o organizacional no qual a escola se torna mais participativa, o de conteúdo no qual, os jovens ficam mais próximos da escola, dos professores e do que eles abordam, e o comunicacional, que valoriza a linguagem (8.PCRTCRA) (2.PCRA). Ele diz que a escola deve exercitar novas linguagens, propondo trabalhos de formatos atuais, como uma propaganda de rádio, um vídeo, ou outros meios (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

A educação fundamental é feita pelos pais e pela mídia segundo o autor (8.PCRTCRA) (2.PCRA). As escolas devem trabalhar mais com as crianças e com a mídia, ela deve compreender e usar novas linguagens, diferentes da comunicação (7.PCRTXSRA) (1.PSRA). Não concordo que a mídia deve substituir o método de educação tradicional, ela deve e vai ser cada vez mais incluída sem na vida de alunos, mas pesquisas em livros, jornais, sem tudo ‘mastigado’ como aparece na internet, são métodos mais produtivos na minha opinião.

Deve-se incluir sim a mídia na educação, mas não tão radicalmente, quando copiávamos matéria do quadro, acredito que o nosso rendimento e compreensão nas aulas era muito maior e melhor do que quando tudo é praticamente passado em um data Show, principalmente em escolas de ensino fundamental e médio.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX, estudante de cooperativismo

Participante 38: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

As mídias na educação

As mídias na educação, de José Manuel Moran, que é especialista em projetos inovadores na educação.

Moran fala na sua obra sobre como as mídias são incluídas na educação, nas escolas, na vida dos alunos hoje em dia (8.PCRTCRA) (2.PCRA). Ele relata que desde pequenos já passamos por um processo de aprendizagem, antes mesmo de entrar na escola, que é o das mídias (TV, DVD, etc) (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

Já chegamos na escola aprendendo algo de forma, e os educadores não sabem lidar com isto na maioria das vezes, simplesmente passam por cima destas informações obtidas (7.PCRTXSRA) (1.PSRA). Segundo ele entre professores e mídias devem existir uma ponte para interligar de alguma forma as informações que eles tem a passar, e envolvê-las no processo de aprendizado (8.PCRTCRA) (2.PCRA). Moran afirma também que a escola é mais cansativa, enquanto na TV eles ‘seduzem’ as pessoas a aprenderem com ela, fazem de

tudo para ter uma audiência imediata e fiel (8.PCRTCRA) (2.PCRA). A escola precisa mostrar o que a TV mostra, e discutir, interagir com os alunos (8.PCRTCRA) (2.PCRA). Segundo ele existem três níveis em que pode ser pensada esta relação, que é o organizacional, o de conteúdo e o comunicacional (6.PSLMSCRA) (2.PCRA).

Este artigo de Moran foi publicado em um site, juntamente com outras matérias dele.

Moran está certo quando diz que deve-se relacionar mídias e escolas, é um processo muito importante na educação sim, porque as mídias estão sendo cada vez mais incluídas em nossas vidas em nosso dia-a-dia. Mas devemos deixar claro também que, não podemos deixar a educação de antes para trás, livros, revistas como fontes de pesquisa, que são muito importantes também, melhor do que você for fazer um trabalho no 'GOOGLE' e achar tudo 'mastigado' lá. Deve-se ter muita cautela em relação a estes meios também.

Esta obra é muito útil para professores e alunos, pois nos mostra pontos do cotidiano que devem mudar. Ela pode colaborar muito com nós mesmos, para separar as coisas, e saber-mos utilizar as mídias de forma correta, orientadores e educadores também, pois eles podem se auto-orientar por esta obra, baseando-se nestas informações. O único problema da obra é que Moran vai e volta muitas vezes no mesmo ponto, para deixar claro o que ele quer explicar, mas é um artigo ótimo e recomendável.

Sou XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX, aluna de Graduação do curso de Cooperativismo, da Universidade Federal XXXX.

Participante 39: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

OBS.: A aluna não escreveu a primeira versão da resenha.

Participante 39: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

As mídias na escola

Moran, José Manuel, as mídias na educação artigo do livro desafios da comunicação pessoal, 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

Nesse artigo, as mídias educam de José Manuel Moran, ele expõe de forma detalhada como as mídias interferem na educação, podendo também ser muito útil (8.PCRTCRA) (2.PCRA). O tema é de grande importância, porque ele trata da atualidade, de como ficamos ligados ao computador e acabamos deixando de lado a televisão e outros meios (7.PCRTCRA) (1.PCRA). Podemos observar que a televisão retrata de uma certa forma, a vida, os problemas que nela ocorre (7.PCRTCRA) (1.PCRA). Outro ponto também muito importante é que a televisão acaba sendo uma fonte para o aprendizado, pois ela possui programas educativos onde se aprende novas informações e a conhecer o mundo de uma maneira que a escola talvez não consiga demonstrar, acabando assim ficando meio distante de quase tudo (7.PCRTCRA) (1.PCRA).

No artigo o autor também retrata de como a mídia poderia ajudar na educação, pois ela não é somente uma distração, com isso podemos estabelecer uma ponte entre educadores e quem será educado (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

Apartir do momento que estudantes aprendem sobre meios e a produzir para os meios tornam-se indivíduos mais responsáveis não só com a escola mas também com a sociedade (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX.

Participante 40: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Primeira Versão)

A mídia na educação (Jose Manuel Moran)

Desde que foi criada a mídia de forma geral foi utilizada em varios meios, Uma delas a educação (7.PCRTXSRA) (1.PSRA). Os meios audiovisuais como televisão computador e internet contribuirão para o aperfeiçoamento da comunicação dentro de sala de aula (7.PCRTXSRA) (1.PSRA).

A comunicação hoje em dia vai se tornando cada vez mais importante como forma de ensino nas escolas e universidades desenvolvendo a inteligencia de forma pratica e facil (7.PCRTXSRA) (1.PSRA).

Porem deve ser analisado pois, é sim um meio de comunicação alternativo mas não se pode esquecer dos professores que sempre foram o fio condutor da educação desde o principio sem deixa de lado o afeto entre o educador e o educado (7.PCRTXSRA) (1.PSRA).

Os professores e a midia devem trabalhar juntos para contribuir o ensino interativo dessa nova geração (7.PCRTXSRA) (1.PSRA).

Participante 40: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX (Segunda Versão)

Os meios de comunicação na escola

MORAN, José Manuel. As mídias educam. Artigo do livro Desafios na Comunicação pessoal. 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 162-166.

Em, As mídias educam, de José Manuel Moran, tem como propósito mostra aos leitores como os meios de comunicação desempenham um papel educacional importante nos dias de hoje. De forma bem clara e interpretativa, tem como publico alvo os estudiosos da área de ensino em geral (8.PCRTCRA) (2.PCRA).

Com base no assunto, Moran demonstra que as novas tecnologias estão sendo integradas na educação, por meios de comunicação audiovisuais, desenvolvendo um processo de aprendizagem inovadora para as crianças e jovens, que tem seu referencial tirado da televisão (8.PCRTCRA) (2.PCRA). Os professores não podem ser contrarios a este meio de ensino tão eficiente e fácil de trabalhar, tendo sempre a dar ênfase no desenvolvimento da escrita e do raciocínio intelectualizado, transformando a escola em um ambiente monótono e abstrato (6.PSLMSCRA) (2.PCRA).

Na segunda seção entende-se, que as crianças antes de chegar à escola já desenvolveram um processo de aprendizagem eletrônica ou familiar (6.PSLMSCRA) (2.PCRA). Desta forma, acredita-se que as crianças são movidas pela mídia, aprendendo a se informar, a sentir a fantasia, vendo ou ouvindo as pessoas na televisão enquanto estão entretidas com a programação (7.PCRTXSRA) (1.PSRA).

Constata-se que o autor apresenta comentários bastantes relevantes sobre o papel do professor na hora de adequar-se as novas tecnologias. Ao ver esta característica pode analisar que a educação de hoje já se faz uso destes instrumentos tecnológicos nas escolas e faculdades, desde o trabalho digitado ate os cursos a distancia, dentre outras. O autor exemplifica detalhes de forma vaga, porem não cita exemplos de como isso é feito ou posto em pratica.

Este artigo é de interesse importante para professores, pesquisadores e planejadores da area da educação que devem esta atento aos novos meios de comunicação, visando a tarefa de facilitar o trabalho dos educadores.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX.